

FRANCISCO DE ASSIS PORTUGAL GUIMARÃES

**RELÍQUIAS E RELICÁRIOS EM SALVADOR, BAHIA:
DEVOÇÃO E ARTE**

Tese apresentada à Escola de Belas Artes,
Universidade Federal da Bahia, como parte
dos requisitos para a obtenção do título de
doutor em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire

Salvador

2016

Guimarães, Francisco de Assis Portugal
Relíquias e relicários em Salvador, Bahia: devoção e arte /
Francisco de Assis Portugal Guimarães. – Salvador, 2016.
2 v. (521 f.)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire.
Tese (Doutorado - Artes Visuais) – Universidade Federal da
Bahia, Escola de Belas Artes, 2016.

1. Cristianismo. 2. Devoção. 3. Santo. 4. Arte. 5. Relíquia. 6.
Relicário. I. Freire, Luiz Alberto Ribeiro Freire. II. Título.

A Mariana, que me proporcionou a
grandeza de ser avô.

AGRADECIMENTOS

Neste trabalho, manifesto meus agradecimentos e gratidão a todos os que colaboraram na sua efetiva realização.

Ao Professor Doutor Luiz Alberto Ribeiro Freire, meu orientador, que, com olhar atento e crítico, me conduziu nesta longa caminhada, onde não faltou, inclusive, acolhimento e solidariedade.

A minha esposa, Maria José Bacelar Guimarães, pela sua inestimável ajuda, particularmente em tantas situações adversas ao longo do percurso, assim como pelo seu qualificado trabalho de revisão e normalização da tese.

Ao Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger que, generosamente, me apoiou, facilitando o acesso a diversas instituições religiosas soteropolitanas detentoras dos objetos sacros envolvidos na pesquisa.

Ao Dom Arquibade Emanuel D'Able do Amaral, OSB, do Mosteiro de São Bento da Bahia, que, solidário com as diretrizes da pesquisa, franqueou o acesso ao grupo de relicários que também compõem esta investigação.

Aos monges beneditinos, Dom Ivan Andrade, OSB, e Dom Anselmo Rodrigues, OSB, pela paciência e boa vontade me possibilitaram o acesso à reserva do Mosteiro, proporcionando-me local adequado para a seleção e documentação dos objetos estudados.

Ao restaurador Cosme Santiago Silva Filho, assim como ao museólogo Rui Oliveira Medrado, ambos funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pela incansável disposição e companheirismo em atender minhas constantes solicitações de acesso a documentos da referida instituição federal.

À Coordenadora do Setor de Restauração do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Cláudia Maria Guanaes de Aguiar Fausto, colega de trabalho, pela sua sempre prestimosa e preciosa ajuda em momentos decisivos e importantes do percurso.

À colega e amiga Belinda de Almeida Neves, pela colaboração e compartilhamento de informações relevantes, objetivando atingir e consolidar os resultados desejados neste trabalho.

À Professora Doutora Maria Hermínia Olivera Hernández, que iluminou meu caminhar com precisas sugestões no início dessa trajetória acadêmica.

Ao pároco Lázaro Silva Muniz da Catedral Basílica de Salvador, que permitiu, sem reservas, o acesso ao Busto-Relicário de São Francisco Xavier, para os necessários registros de análise.

Ao Doutor Paulo Sergio Peixoto de Araújo, Perito do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, pela imensa boa vontade e competência, que ajudou a clarear dúvidas importantes, por meio de análise e exame antropométrico em relíquia santoral.

Ao Doutor Paulo Sérgio Portela de Oliveira, diretor do Laboratório Central de Polícia Técnica do estado da Bahia, pela complementação da análise em fragmento craniano no referido laboratório.

A todos aqueles que direta ou indiretamente participaram das etapas de desenvolvimento da pesquisa, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Relíquias e relicários são objetos especiais por seu valor afetivo e/ou material, que compõem o cenário da devoção e da arte religiosa cristã. A pesquisa realizada teve como objetivo entender como as relíquias e os relicários constituíram-se e incorporaram, respectivamente, valores religiosos e estéticos, e como o fenômeno foi introduzido no Brasil, então colônia de Portugal, particularmente em Salvador, Bahia. O método adotado foi o analítico-sintético, de caráter exploratório, descritivo e explicativo. Os procedimentos técnicos envolveram a pesquisa bibliográfica e documental com base em material constituído, principalmente, de livros, artigos científicos, teses e documentos antigos. Para a coleta de dados, fez-se um levantamento das relíquias e/ou relicários existentes nas igrejas e conventos do Centro Histórico de Salvador e entorno, registrando-os em uma ficha contendo fotografias e informações individualizadas. Não se procedeu apenas a uma simples descrição e catalogação de um grupo de relicários, mas de ir além no sentido de alcançar, por meio de uma metodologia, uma análise detalhada desses objetos, além de compreender o seu significado como obra de arte na sua condição de documento cultural. Os resultados possibilitados pela pesquisa realizada, indicaram que as relíquias associadas à fé, à devoção, ao poder e temor que exerciam sobre os fiéis influenciaram na implantação e consolidação de uma moralidade cristã dos costumes em terras brasílicas nos primórdios da colonização. Promovidas e controladas pelos religiosos, eram apresentadas como pertencentes a homens e mulheres santificados pela Igreja Católica como exemplos de conduta e perfeição e que personificavam concretamente a santidade. Quanto aos relicários, indissociáveis das relíquias, encontrados em quantidade nas suas múltiplas representações, em instituições religiosas do Centro Histórico, foram registrados em um Inventário. As análises iconográfica e iconológica realizadas em um grupo específico desses objetos à luz do método de Panofsky, revelou seu conteúdo implícito como relevantes exemplares de arte detentores de valores estéticos próprios. Concluiu-se que, de fato, houve uma efetiva participação do aparato devocional das relíquias no projeto lusitano de conquista, como instrumentos eficazes utilizados pela Igreja Católica na implantação e consolidação da fé católica por meio da evangelização e na estruturação de uma assistência moral entre os brasis, objetivando catequizá-los e, ao mesmo tempo, torná-los súditos cristãos da Coroa portuguesa. Os relicários, nas suas diversas representações, configuraram-se como estruturas de caráter essencialmente artístico no contexto da arte sacra cristã.

Palavras-chave: Cristianismo. Devoção. Santo. Arte. Relíquia. Relicário.

ABSTRACT

Relics and reliquaries are objects that are special for their sentimental and/or material value, which compose the scenario of devotion and of Christian religious art. This study aimed to understand how the relics and reliquaries were constituted and incorporated, respectively, religious and aesthetic values and how the phenomenon was introduced to Brazil, then a colony of Portugal, particularly in Salvador, Bahia. The exploratory, descriptive and explanatory analytic-synthetic method was used. The technical procedures involved bibliographical and documentary research based on material consisting mainly of books, papers, theses and old documents. For data collection, there was a survey of the relics and/or reliquaries existing in churches and convents in the historic center of Salvador and surroundings, registering them in a file containing photographs and individual information. We went beyond a simple description and cataloging of a group of reliquaries, to achieve, through a methodology, a detailed analysis of these objects, and to comprehend their significance as works of art in their condition of cultural documents. The results enabled by the study indicate that the relics associated with the faith, devotion, power and fear that they held for the faithful, influenced the implementation and consolidation of a Christian morality of the customs in the Brazilian lands during the early days of colonization. Promoted and controlled by the clergy, they were presented as belonging to men and women sanctified by the Catholic Church as examples of behavior and perfection and who concretely embodied sanctity. The reliquaries, inseparable from the relics, found in quantity in their many representations, in religious institutions of the Historical Center, were recorded in an inventory. The iconographic and iconological analyzes performed on a specific group of these objects, considering the Panofsky method, revealed their implicit content as relevant examples of art with their own aesthetic values. It was concluded that, in fact, there was an effective participation of the devotional apparatus of the relics in the Lusitanian project of conquest, as effective instruments used by the Catholic Church in the implementation and consolidation of the Catholic faith through evangelization and the structuring of a moral assistance among the Brazilian peoples, aiming to catechize them and at the same time, make them Christian subjects of the Portuguese Crown. The reliquaries, in their various representations, are configured as essentially structures of artistic character in the context of Christian sacred art.

Key words: Christianity. Devotion. Saint. Art. Relic. Reliquary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Celebração litúrgica	24
Figura 2 – São Bernardo	25
Figura 3 – São Tomás de Aquino	26
Figura 4 – Corte celestial	26
Figura 5 – Sacrifício de Melquisedec	28
Figura 6 – Cristo confortado por Anjos	28
Figura 7 – São Bartolomeu	30
Figura 8 – São Francisco de Assis	30
Figura 9 – Milagre de Santo Antonio com os peixes	31
Figura 10 – Santo Ambrósio	32
Figura 11 – Morte de Santo Inácio	33
Figura 12 – O Todo-Poderoso	34
Figura 13 – Cristo com São Francisco de Assis	34
Figura 14 – Orações a santo mediador	36
Figura 15 – Missa	36
Figura 16 – Virgem Maria	37
Figura 17 – Herói grego – Perseu	38
Figura 18 – Meditação	38
Figura 19 – Santíssima Trindade	39
Figura 20 – Milagre de Santo Antônio	40
Figura 21 – Santo mártir e Virgem mártir	41
Figura 22 – Mártires do Japão	42
Figura 23 – São Francisco Xavier na Índia	43
Figura 24 – São Pedro e São Paulo	44
Figura 25 – Santo Atanásio	44
Figura 26 – Bispo	45
Figura 27 – São Gregório Magno	46
Figura 28 – Santo Anselmo	46
Figura 29 – Papa	46
Figura 30 – Santo Olavo	47
Figura 31 – Monge	48

Figura 32 – São Francisco de Assis e São Domingos	49
Figura 33 – Santa Clara de Montefalco	50
Figura 34 – Santa Catarina de Siena	50
Figura 35 – São Vicente Ferrer	50
Figura 36 – Santo Antônio de Pádua	50
Figura 37 – João Paulo II	51
Figura 38 – Padre Cícero	52
Figura 39 – Madre Paulina	53
Figura 40 – Frei Galvão	53
Figura 41 – Padre José de Anchieta	53
Figura 42 – Parte da tibia de Anchieta	53
Figura 43 – Irmã Dulce	54
Figura 44 – Menina Izildinha	55
Figura 45 – Antoninho Marmo	55
Figura 46 – Frei Damião	55
Figura 47 – Antônio Conselheiro	55
Figura 48 – Relíquia insigne (corpo incorrupto de Santa Josefina Bakhita)	58
Figura 49 – Relíquia notável	58
Figura 50 – Relíquia mínima	59
Figura 51 – Instrumentos da paixão de Cristo	59
Figura 52 – Relíquias	61
Figura 53 – Relíquias expostas	63
Figura 54 – Catedral de Amiens	63
Figura 55 – Procissão com relíquia	64
Figura 56 – Santiago de Compostela	64
Figura 57 – Relíquia por contato	66
Figura 58 – Santo Inácio de Loyola	69
Figura 59 – São João da Cruz	69
Figura 60 – Concílio de Trento	70
Figura 61 – Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia	71
Figura 62 – D. Sebastião Monteiro da Vide	71
Figura 63 – Capela das relíquias e detalhe – Mosteiro de Alcobaça, Portugal	72
Figura 64 – Santo Ambrósio	72

Figura 65 – Santo Agostinho	72
Figura 66 – Martyria	73
Figura 67 – Igreja da Armênia	74
Figura 68 – Pedra d’Ara com registro	75
Figura 69 – Santíssimo Sacramento	75
Figura 70 – Procissão	76
Figura 71 – Papa Leão XII	77
Figura 72 – Relíquia da Vera Cruz	77
Figura 73 – Papa Nicolau I	77
Figura 74 – Concílio de Tours	77
Figura 75 – Papa Alexandre III	83
Figura 76 – Purgatório	84
Figura 77 – Martin Lutero	86
Figura 78 – Erasmo de Rotterdam	86
Figura 79 – Lutero às portas da Catedral de Wittenberg	88
Figura 80 – Henrique VIII	89
Figura 81 – Jean Calvino	89
Figura 82 – Concílio de Latrão IV	90
Figura 83 – De Imitatione Christi	91
Figura 84 – Concílio de Constança	93
Figura 85 – Concílio de Trento	94
Figura 86 – Emblema da Companhia de Jesus	95
Figura 87 – Inquisição	95
Figura 88 – Papa Paulo III	95
Figura 89 – Papa Julio III	95
Figura 90 – Papa Pio IV	96
Figura 91 – Carlos Borromeu	96
Figura 92 – Catacumbas	97
Figura 93 – Dom Sebastião de Portugal	99
Figura 94 – Papa Sisto V	102
Figura 95 – São Vicente de Valência	103
Figura 96 – Santa Iria	103
Figura 97 – São Pantaleão	103

Figura 98 – Santa Auta	104
Figura 99 – D. João III	104
Figura 100 – São Roque	104
Figura 101 – Igreja de São Roque de Lisboa	104
Figura 102 – Relíquias dos Santos Mártires – Igreja de São Roque de Lisboa	105
Figura 103 – Relíquias das Santas Virgens – Igreja de São Roque de Lisboa	106
Figura 104 – Relicário do Presépio, Igreja de São Roque de Lisboa	106
Figura 105 – Braço-Relicário de São João Crisóstomo	106
Figura 106 – Relicários do altar de São Clemente, Igreja de Bom Jesus do Monte em Braga	107
Figura 107 – Mosteiro de Alcobaça, Portugal	108
Figura 108 – Detalhe de Relicários do Santuário das Relíquias, Mosteiro de Alcobaça, Portugal	108
Figura 109 – Imagem e Relíquia de São Teotónio, Portugal	109
Figura 110 – Santa Susana	110
Figura 111 – São Brás	111
Figura 112 – São Frutuozo	111
Figura 113 – Irmãos Coadjuutores Pero Correia e João de Souza	114
Figura 114 – Inácio de Azevedo e os trinta e nove jesuítas	115
Figura 115 – Padre Pedro Dias e outros jesuítas	115
Figura 116 – Marquês de Pombal	116
Figura 117 – Papa Pio IX	116
Figura 118 – São Francisco de Borja	117
Figura 119 – Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens	119
Figura 120 – São Maurício	122
Figura 121 – São Vital	122
Figura 122 – São Sebastião	123
Figura 123 – Santa Áurea	123
Figura 124 – Santa Córdula	123
Figura 125 – Caixa-Relicário	124
Figura 126 – Inscrições existentes na Caixa-Relicário	124

Figura 127 – São Francisco Xavier	126
Figura 128 – Santo Inácio de Loyola	126
Figura 129 – José de Anchieta	127
Figura 130 – Papa Urbano VIII	127
Figura 131 – Fachada e interior da Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus	128
Figura 132 – Fachada e interior do Mosteiro de São Bento da Bahia	129
Figura 133 – Busto-Relicário de Santa Bárbara	129
Figura 134 – Assinatura de Frei Agostinho da Piedade	129
Figura 135 – Busto-Relicário de Santa Catarina de Alexandria	129
Figura 136 – Fachada e Interior da Catedral Basílica de Salvador	130
Figura 137 – Altar dos Santos-Mártires e detalhe do armário que constitui a parte inferior – Catedral Basílica de Salvador	131
Figura 138 – Altar das Santas-Mártires e detalhe do armário que constitui a parte inferior – Catedral Basílica de Salvador	131
Figura 139 – Santa Apolônia	134
Figura 140 – Santa Ágata	
Figura 141 – Santa Inês	134
Figura 142 – Santa Luzia	134
Figura 143 – Santo Alexis	135
Figura 144 – Símbolo da Companhia de Jesus	135
Figura 145 – Padre Manoel da Nóbrega	136
Figura 146 – Beato Inácio de Azevedo	136
Figura 147 – Pedras d’Ara	139
Figura 148 – Busto-Relicário	144
Figura 149 – Relicário com relíquia	145
Figura 150 – Relicário em formato de igreja	145
Figura 151 – Relicário em formato de cofre	146
Figura 152 – Palácio do Escorial	146
Figura 153 – Filipe II de Espanha	147
Figura 154 – Imperador Constantino e Santa Helena	147
Figura 155 – Papa Urbano II	148
Figura 156 – Concílio de Clermont	149

Figura 157 – Basílica de São Pedro	149
Figura 158 – Sainte-Chapelle	149
Figura 159 – Urna relicário	150
Figura 160 – Braço relicário	150
Figura 161 – Tipologias de relicários antropomorfos	151
Figura 162 – Cristal de prata	158
Figura 163 – Oficina de ourives	159
Figura 164 – Placa de cobre com registros de ourives do ouro e da prata da cidade de Évora, Portugal	160
Figura 165 – Altar de prata da Capela do Santíssimo da Antiga Sé da Bahia	161
Figura 166 – Marcas de contrastaria	162
Figura 167 – Detalhes da ornamentação fitomorfa do busto-relicário de São Francisco Xavier	166
Figura 168 – Cabeça do busto-relicário de São Francisco Xavier	167
Figura 169 – Parte posterior da cabeça do busto-relicário de São Francisco Xavier	167
Figura 170 – Resplendor que ornamenta a cabeça do busto-relicário de São Francisco Xavier	167
Figura 171 – Detalhe da decoração central do resplendor	167
Figura 172 – Frente da indumentária do busto-relicário	168
Figura 173 – Lateral da indumentária do busto-relicário	168
Figura 174 – Cavidade no peito do busto-relicário	168
Figura 175 – Detalhe do relicário com relíquia de São Francisco Xavier	168
Figura 176 – Detalhe do friso em prata da 1ª base do busto-relicário de São Francisco Xavier (parte anterior)	169
Figura 177 – Detalhe do friso em prata da 1ª base do busto-relicário de São Francisco Xavier (parte posterior)	169
Figura 178 – Detalhe do friso da 2.º base do busto-relicário de São Francisco Xavier	170
Figura 179 – Lateral direita da charola com data de 1686	171
Figura 180 – Lateral esquerda da charola com data de 1855	171
Figura 181 – Detalhe da parte frontal da charola com pomba	171
Figura 182 – <i>Vera effigies</i> de São Francisco Xavier	172

Figura 183 – Pintura de São Francisco Xavier atribuída a Pedro Kano	173
Figura 184 – Basílica do Bom Jesus de Goa	173
Figura 185 – Túmulo de São Francisco Xavier	173
Figura 186 – Milagre da dulcificação da água do mar	174
Figura 187 – Milagre do caranguejo	174
Figura 188 – São Francisco Xavier com a flor de açucena, um de seus atributos	175
Figura 189 – Relíquia do braço de São Francisco Xavier	176
Figura 190 – Igreja // <i>Gesù</i> – Roma	176
Figura 191 – Cofre em prata com a sobrepeliz de São Francisco Xavier	177
Figura 192 – Imagem de São Francisco Xavier	178
Figura 193 – Medalha com efígie de São Francisco Xavier	178
Figura 194 – Morte de São Francisco Xavier	179
Figura 195 – Cristo Salvador do Mundo com santos jesuítas	179
Figura 196 – Nossa Senhora com o Menino, São Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola (santos jesuítas)	180
Figura 197 – Dom Romualdo Antonio de Seixas (16 ^o . Arcebispo da Bahia)	182
Figura 198 – Procissão de São Francisco Xavier	182
Figura 199 – Andor da Virgem da Conceição	182
Figura 200 – Relíquia mínima de Santa Luzia e detalhe	184
Figura 201 – Decoração da vestimenta do Busto-Relicário de Santa Luzia	185
Figura 202 – Detalhe da decoração da vestimenta do Busto-Relicário de Santa Luzia	185
Figura 203 – Arremate ao redor do pescoço do Busto-Relicário de Santa Luzia	186
Figura 204 – Dragonas sobre os ombros do Busto-Relicário de Santa Luzia	186
Figura 205 – Cartela renascentista que envolve a relíquia de Santa Luzia	186
Figura 206 – Cabeça em chumbo do Busto-Relicário de Santa Luzia	187
Figura 207 – Penteado da cabeça do Busto-Relicário de Santa Luzia	188
Figura 208 – Joias do Busto-Relicário de Santa Luzia	188
Figura 209 – Resplendor que orna a cabeça do Busto-Relicário de Santa Luzia	189
Figura 210 – São Gregório Magno (Papa)	190

Figura 211 – Visita de Santa Luzia e sua mãe ao túmulo de Santa Ágata	191
Figura 212 – Santa Luzia sobre as chamas	192
Figura 213 – Fim do martírio de Santa Luzia	192
Figura 214 – Ex-votos de Santa Luzia	193
Figura 215 – Igreja de Nossa Senhora do Pilar e Santa Luzia	194
Figura 216 – Procissão de Santa Luzia	195
Figura 217 – Iconografias de Santa Luzia: palma e par de olhos	195
Figura 218 – Santa Luzia resistindo aos esforços para movê-la	196
Figura 219 – Santa Luzia com seus atributos – palma e olhos.	197
Figura 220 – A Virgem, Santa Luzia e Santos	197
Figura 221 – Santa Luzia ante Pascásio	198
Figura 222 – Santa Luzia atada aos bois	198
Figura 223 – Enterro de Santa Luzia	199
Figura 224 – Última comunhão de Santa Luzia	200
Figura 225 – Santa Luzia	200
Figura 226 – Meia litúrgica	202
Figura 227 – Sandália pontifical	202
Figura 228 – Detalhe do volume contendo relíquia de Santo Amaro	203
Figura 229 – Detalhe da moldura em formato de cartela	203
Figura 230 – Decoração das reservas da parte lateral superior da perna	204
Figura 231 – Decoração das reservas da parte lateral superior da perna	204
Figura 232 – Decoração da liga próxima ao joelho	204
Figura 233 – Vedação em madeira revestida de veludo da parte superior da perna (verso)	205
Figura 234 – Vedação em madeira revestida de veludo da parte superior da perna (anverso contendo inscrição de reforma)	205
Figura 235 – Decoração da parte lateral do calçado	206
Figura 236 – Decoração da parte frontal do calçado	206
Figura 237 – Detalhe da decoração dos frisos da base	206
Figura 238 – Detalhe da decoração dos frisos da base	206
Figura 239 – Nicho da capela abacial do Mosteiro de São Bento que guarda a perna-relicário de Santo Amaro	207
Figura 240 – São Bento	207

Figura 241 – São Gregório Magno	207
Figura 242 - Santo Amaro	208
Figura 243 - São Plácido	208
Figura 244 – Peanha do Braço-Relicário com pés em volutas	211
Figura 245 – Braço e antebraço do Relicário	211
Figura 246 – Detalhe dos botões da camisa que veste o braço	211
Figura 247 – Detalhe da cógula sobreposta à camisa que veste o braço	211
Figura 248 – Mão desnuda que arremata o Braço-Relicário	211
Figura 249 – Cavidade que guarda o relicário	212
Figura 250 – Caixa circular que contém a relíquia	212
Figura 251 – Arremate da cercadura que decora a cavidade do relicário	213
Figura 252 – Tecido bordado com decoração de influência oriental	213
Figura 253 – Detalhe de seda adamascada	213
Figura 254 – Detalhe da decoração da base do relicário	214
Figura 255 – Detalhes frontal e lateral da mão do Braço-Relicário	214
Figura 256 – Abadia de Saint-Benoît-sur-Loire – França	215
Figura 257 – Sacro Speco – Itália	215
Figura 258 – Papa Paulo VI	216
Figura 259 – São Gregório Magno	216
Figura 260 – Abadia de Monte Cassino, Itália	217
Figura 261 – Medalha de São Bento frente e verso	218
Figura 262 – Base circular da Mão-Relicário	220
Figura 263 – Detalhe dos botões que prendem a camisa ao punho	220
Figura 264 – Detalhe do drapeado da camisa	221
Figura 265 – Brocado no gênero dos tecidos de época	221
Figura 266 – Detalhe da mão com orifício no centro	221
Figura 267 – Detalhe da mão com flecha cravada	221
Figura 268 – Detalhe do escrínio ovoide	222
Figura 269 – Detalhe do recipiente contendo a relíquia	222
Figura 270 – Detalhe da moldura que decora a cavidade que guarda a relíquia	223
Figura 271 – Detalhe da decoração do tecido que reveste o braço	223
Figura 272 – Detalhe da decoração da base do relicário	224

Figura 273 – Santo Ambrósio	225
Figura 274 – São Sebastião	225
Figura 275 – Diocleciano	225
Figura 276 – Maximiano	225
Figura 277 – Carino	225
Figura 278 – Basílica de São Sebastião	226
Figura 279 – Iconografias de São Sebastião	227
Figura 280 – Detalhe da decoração dos plintos	229
Figura 281 – Decoração do frontal da cruz-relicário	230
Figura 282 – Detalhe da decoração das reservas	230
Figura 283 – Detalhe da decoração do centro da cruz-relicário	230
Figura 284 – Detalhes da decoração das extremidades da cruz	231
Figura 285 – Detalhe da decoração da parte posterior da cruz	231
Figura 286 – Detalhe da decoração da parte posterior central da Cruz-Relicário	232
Figura 287 – Tipos de cruz	238

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	O “SANTO” NA DEVOÇÃO CRISTÃ	24
2.1	DO CULTO DOS SANTOS	33
2.2	SANTIDADE: IDEAL DA PERFEIÇÃO CRISTÃ	37
2.2.1	Modelos de santidade cristã	43
2.3	RELÍQUIAS: CORPOS SAGRADOS	56
2.3.1	Do culto das relíquias	64
3	CRÍTICA E AFIRMAÇÃO DO CULTO DAS RELÍQUIAS NO SÉCULO XVI	79
3.1	ANTECEDENTES	79
3.2	DECLÍNIO DO CULTO DAS RELÍQUIAS	82
3.3	RENOVAÇÃO DO CULTO DAS RELÍQUIAS	90
3.4	CULTO DAS RELÍQUIAS NO PORTUGAL PÓS CONCÍLIO DE TRENTO	98
4	CULTO DAS RELÍQUIAS NA BAHIA DO SÉCULO XVI	112
4.1	SANTIDADE E SEXUALIDADE	132
4.2	ASSISTÊNCIA MORAL EM TERRAS BRASÍLICAS	136
5	OS ESCRÍNIOS PRECIOSOS NA BAHIA	144
5.1	A NOBREZA DA PRATA	156
5.2	RELICÁRIOS DE PRATA: ANÁLISE ICONOGRÁFICA E ICONOLÓGICA	164
5.2.1	Busto-Relicário de São Francisco Xavier	164
5.2.2	Busto-Relicário de Santa Luzia	183
5.2.3	Perna-Relicário de Santo Amaro	201
5.2.4	Braço-Relicário de São Bento	210
5.2.5	Mão-Relicário de São Sebastião	219
5.2.6	Cruz-Relicário	228

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	247
	REFERÊNCIAS	254
	APÊNDICE A – MODELO DA FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	268
	APÊNDICE B - INVENTÁRIO DAS RELÍQUIAS E/OU RELICÁRIOS DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR E ENTORNO	269
	IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	270
	CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR	273
	IGREJA DE N.S. DA AJUDA	319
	IGREJA E CONVENTO N.S. DA CONCEIÇÃO DA LAPA	321
	IGREJA DE N.S. DA CONCEIÇÃO DA PRAIA	343
	IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO	345
	IGREJA DE N.S. DO ROSÁRIO DOS PRETOS	354
	IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO	356
	IGREJA DA ORDEM 3ª. DE SÃO DOMINGOS	364
	CAPELA DE S. PEDRO GONÇALVES DO CORPO SANTO	371
	IGREJA E CONVENTO DE SANTA TERESA D'ÁVILA	373
	IGREJA MATRIZ DE N.S. DO BOMFIM	375
	IGREJA E CONVENTO DE N.S. DO CARMO	377
	IGREJA E CONVENTO DE N.S. DA PIEDADE	395
	IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	447
	ANEXO A – LA INVOCACIÓN, VENERACIÓN Y RELIQUIAS DE LOS SANTOS, Y DE LAS SAGRADAS IMÁGENES	505
	ANEXO B – LAUDO DE EXAME ANTROPOMETRICO	508
	ANEXO C – LAUDO PERICIAL CGEN 2015 000644	519

1 INTRODUÇÃO

Os portugueses, nos primórdios do século XVI, eram protagonistas da odisseia das viagens ultramarinas, motivadas pela expansão do Império lusitano, que desejava ampliar seus domínios por meio da descoberta e da conquista de “novos mundos”, busca por riquezas, novas zonas de comércio, prestígio e honrarias pelos feitos militares e de navegação. Sem dúvida, essa expansão tinha também, no seu ideário, um propósito religioso, tendo em vista ser Portugal um dos países mais católicos do mundo. Com isso, a Coroa portuguesa garantiu à Igreja a missão de catequese dos conquistados, ampliando, desse modo, o corpo e a ação da cristandade.

A crise enfrentada pela Igreja Católica na Renascença em consequência dos estragos produzidos pela Reforma protestante, obrigou o mundo católico a reforçar sua doutrina, promovendo, por meio das conquistas, a expansão do cristianismo. Destaca-se nesse momento uma instituição religiosa de vanguarda, a Companhia de Jesus, cujos padres, com a formação humanista que possuíam, promoveram mudanças inovadoras no modelo e no método de realizar a catequese. Entre as atividades que lhe foram destinadas pela Igreja e garantidas pela Coroa estavam as da implantação e condução do processo de evangelização da América portuguesa.

A participação dos inicianos foi decisiva para o estabelecimento de alianças construídas entre os conquistadores portugueses e os brasis conquistados, fundamental para a consolidação dos interesses do poder civil, assim como do religioso, em terras do Novo Mundo, numa conveniente parceria.

O projeto dos jesuítas de sementeira e colheita da fé católica nas terras brasílicas foi motivado, inclusive, pelos ecos do Concílio de Trento, cujas diretrizes foram implementadas numa empreitada missionária nada fácil, árdua, porém persistente. Esses religiosos enfrentaram uma série de dificuldades e obstáculos inerentes à ocupação de um território desconhecido, de natureza exuberante e selvagem, imensamente distante dos limites geográficos da Europa.

Todavia, são inegáveis os resultados por eles obtidos na missão a que se propuseram de cristianização do território brasileiro. Para tal, utilizaram seus amplos conhecimentos de comunicação e estratégias de convencimento, inclusive, empregando diversos recursos pedagógicos de efeitos visuais impactantes. Dentre esses, destacaram-se, como objetos privilegiados, os preciosos e artísticos relicários com as sagradas relíquias de santos e santas, que representavam a materialização

da presença do sagrado em aura de profunda veneração e temor, capazes de obterem graças extraordinárias como intermediários poderosos junto ao mundo celestial.

Nesse contexto, relíquias e relicários, definidos como objetos preciosos pelo seu valor afetivo e/ou material, compõem parcela do cenário da devoção e da arte religiosa cristã.

A escolha do tema deu-se em função da quantidade, qualidade e diversidade desses objetos existentes nos interiores das igrejas e conventos soteropolitanos vinculados diretamente ao culto dos santos da Igreja Católica.

A temática é instigante não só pela força mística que representaram as relíquias, e de certa forma ainda representam, no imaginário coletivo, mas também pela beleza, riqueza e densidade da elaboração e representação dos relicários.

Constitui-se em problema de pesquisa: as relíquias e os relicários, aparatos religiosos e artísticos, foram utilizados pela Igreja Católica no processo de conquista espiritual e de formação moral no Novo Mundo, particularmente em Salvador, Bahia. Consideramos como hipóteses: a santidade e o martírio eram inseparáveis na consciência cristã nos primórdios do cristianismo; os relicários e suas relíquias eram vistos não somente como representações simbólicas espirituais, mas também como instrumentos de poder no contexto político-religioso de colonização portuguesa; o processo de renovação do culto das relíquias na Contrarreforma teve influência e rebatimento de Portugal na Colônia, particularmente em Salvador, Bahia; os relicários e as relíquias eram presenças indispensáveis nas procissões e no ritual dos ofícios religiosos cristãos; o desenho dos relicários assume valores estéticos próprios de cada época, amalgamando beleza e autenticidade.

A devoção, ao idealizar a santidade cristã, sugere outras questões que procuramos explicar neste trabalho: Que classe de santos personificou o ideal da perfeição cristã? O que são relíquias e como se classificam? O que são relicários e que valores revelam, para que possam ser considerados objetos de arte? Como se processou o culto das relíquias em Salvador, Bahia, no período da colonização? Como a Igreja entendia a castidade e a sexualidade? Como as relíquias influenciaram na formação de uma moralidade em terras brasílicas nos primórdios da colonização?

Tem-se como objetivo desta pesquisa entender como as relíquias e os relicários constituíram-se e incorporaram, respectivamente, valores religiosos e estéticos. As relíquias são avaliadas como marcos de referência, sob o ponto de vista da fé, do culto e da santidade e sua influência no processo de colonização brasileira.

Os relicários, nas suas múltiplas representações, são analisados como objetos especiais que refletem a importância das relíquias, destacando-se fatores que contribuíram na sua produção e historicidade no cenário da arte religiosa cristã, como estruturas de caráter artístico detentoras de valores estéticos próprios.

A importância deste estudo reside, sobretudo, no fato de possibilitar a compreensão do fenômeno, de modo geral, por meio de um conjunto de relíquias e relicários que subsistem, entendendo como foi introduzido no Brasil – particularmente em Salvador –, então colônia de Portugal. Além disso, fornece maiores dados e informações para um conhecimento mais abrangente acerca dessas representações na religiosidade baiana. É também de grande interesse por permitir a identificação e catalogação desses objetos sacros existentes em diversas instituições religiosas católicas soteropolitanas.

Para estabelecer o marco teórico, ou seja, para permitir uma aproximação conceitual, optou-se pelo método de pesquisa analítico-sintético, de caráter exploratório, descritivo e explicativo cujos propósitos principais são o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, a descrição de características dos objetos estudados, além da identificação dos fatores que contribuíram para a sua produção (GIL, 2002).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, recorreu-se à pesquisa bibliográfica e documental com base em material constituído, principalmente, de livros, artigos científicos, teses e documentos antigos.

Para a coleta de dados, fez-se um levantamento das relíquias e/ou relicários existentes nas Igrejas e Conventos do Centro Histórico de Salvador e entorno. Elaborou-se, como instrumento de recolha dos dados, uma ficha (Apêndice A) que registrou cada peça encontrada, tendo como suporte a documentação fotográfica individualizada, que permitiu a elaboração de um inventário. Em seguida foi selecionado, nesse universo, um específico grupo de relicários em prata, do século XVII, de propriedade do Mosteiro de São Bento e da Catedral Basílica de Salvador, para serem submetidos a criteriosa análise dos seus aspectos iconográficos e iconológicos, abrangendo as configurações material, formal, estilística, iconográfica e hagiográfica, com base no método de Erwin Panofsky (1995).

A proposta de Panofsky propicia o detalhamento da obra de arte em três níveis. No primeiro, ou nível pré-iconográfico, realiza-se a leitura do sentido fenomênico da imagem o que permite perceber-se a obra em sua forma mais elementar; no segundo, é possível a interpretação do significado iconográfico ou nível iconográfico da obra,

que avança em relação ao anterior, ao possibilitar o conhecimento do significado convencional ou secundário da obra; no terceiro, alcança-se o entendimento de seu conteúdo essencial, como expressão de valores ou nível iconológico, momento em que é possível alcançar o conhecimento da história pessoal, técnica e cultural para entender a obra, ou seja, trata-se de uma interpretação do seu significado intrínseco (CASTIÑEIRAS GONZÁLEZ, 2008).

A análise iconográfica apresenta duas perspectivas de igual importância e complementaridade: uma intrínseca e outra extrínseca. A primeira abrange o estudo da obra com o apoio da descrição e da análise de suas qualidades inerentes, envolve, portanto, a forma e o conteúdo, bem como o estudo das propriedades físicas (tamanho, materiais e técnicas), problemas de atribuição e datação, procedência, características formais, temática, simbolismo e função. A perspectiva extrínseca é mais ampla, pois aborda as circunstâncias de tempo e lugar, a biografia do artista, problemas artísticos relacionados com a psicologia e a psicanálise, bem como os determinantes sociais, culturais e das mentalidades (CASTIÑEIRAS GONZÁLEZ, 2008).

A iconologia, entendida inicialmente como uma “ciência das imagens”, utilizava as figuras para propagar ideias abstratas ou morais. A partir de finais do século XVII até a atualidade, o vocábulo ganhou a acepção de “representação alegórica”, sendo entendido como “método para o estudo da História da Arte”, influenciado pelas contribuições de Panofsky.

Ao criar o estudo conhecido como “iconologia ou história da arte interpretativa”, seguido na atualidade por grande número de pesquisadores, esse historiador alemão procurava relacionar a visão da obra de arte (suas propriedades estéticas) com situações históricas determinadas. Nessa perspectiva, a obra de arte deixa de ser “atemporal” e passa a ter um “tempo concreto”, de tal modo que, na sua contemplação, podem articular-se a imagem e as ideias (CASTIÑEIRAS GONZÁLEZ, 2008).

Para o alcance do objetivo geral, a investigação propõe-se a avaliar, do ponto de vista conceitual, o culto dos santos e a devoção às suas relíquias como elementos de suma importância no processo político-espiritual da Igreja Católica na colonização portuguesa, bem como analisar, utilizando o método Panofsky, um grupo de artísticos relicários de propriedade das instituições religiosas já mencionadas.

Como objetivos específicos, busca-se compreender a devoção cristã através do culto dos santos, das relíquias e dos relicários; caracterizar o ideal da perfeição cristã, reforçado pelos modelos de santidade; contextualizar o processo de declínio e

renovação do culto das relíquias na Reforma e na Contrarreforma, respectivamente, destacando, em particular, a renovação em Portugal e sua introdução em Salvador, Bahia; investigar as relíquias como elementos utilizados pelo catolicismo no processo de conquista das terras brasílicas pelos portugueses; avaliar as qualidades iconográfica e iconológica de um determinado grupo de relicários pertencentes ao Mosteiro de São Bento e à Catedral Basílica de Salvador; elaborar inventário das relíquias e/ou relicários existentes nas instituições religiosas do Centro Histórico de Salvador e entorno.

A exposição do assunto nas diversas seções e subseções desta tese envolverá os seguintes conteúdos: a devoção cristã e a caracterização do “ser santo”, destacando o seu culto, o ideal da perfeição cristã e os modelos de santidade; conceituação de relíquias e o seu culto; declínio e renovação das relíquias no contexto da Reforma e Contrarreforma, respectivamente, particularmente na renovação em Portugal e no traslado e implantação do culto das relíquias em Salvador, Bahia; entendimento do conceito adotado pela Igreja Católica acerca da santidade e da sexualidade e sua conseqüente assistência moral em terras brasileiras nos primórdios da dominação portuguesa; conceituação do que seja relicário e sua tipologia; análise iconográfica e iconológica dos relicários, objetos de estudo da pesquisa realizada: busto-relicário de Santa Luzia, perna-relicário de Santo Amaro, mão-relicário de São Bento, braço-relicário de São Sebastião e cruz-relicário de propriedade do Mosteiro de São Bento e busto-relicário de São Francisco Xavier, pertencente à Catedral Basílica de Salvador.

As Considerações Finais encerram a explanação, com a apresentação de uma síntese dos principais resultados e as conclusões que deles resultam, tendo em vista os objetivos propostos.

2 O “SANTO” NA DEVOÇÃO CRISTÃ

A palavra “devoção”, do latim *devotio,ónis*, etimologicamente, é descrita como a “[...] ação de se dedicar, voto com que alguém se dedica, se consagra, culto [...]” (HOUAISS, 2001). Também é entendida como: “[...] ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou entidade” (FERREIRA, 1975, p. 471); “[...] apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas; sentimento religioso, piedade” (HOUAISS, 2001). O termo revela ainda realidade que perpassa por toda a vida dos seres humanos, variando “[...] entre ação concreta, externa e sentido moral interior” (VALABEK, 2003, p. 321). Na linguagem clássica, caracteriza a ação de pessoas ou de coisas a se oferecer a divindades malignas para acalmá-las e conseguir constantes privilégios. Posteriormente, o termo é utilizado para indicar o louvor de vassalo à disposição de superior hierárquico. Nesta ligação, adquire um entendimento moral, caracterizando o estado de espírito de pessoa dedicada, isto é, o apego, a fidelidade, o respeito, enfim a devoção.

Na concepção cristã, devoção significa ações ritualísticas e litúrgicas, por meio das quais se procedem as homenagens à Divindade Suprema, como manifestação de submissão a ela. Exemplifica Valabek (2003) que a salmodia¹ e o sacrifício eucarístico caracterizam-se como devoção. Ressalta, porém, que o termo devoção é utilizado, de modo nem sempre muito claro, para caracterizar disposições internas, indispensáveis para se realizar condignamente a liturgia, que contém a fé, a dedicação, o fervor etc.



Figura 1 – Celebração litúrgica

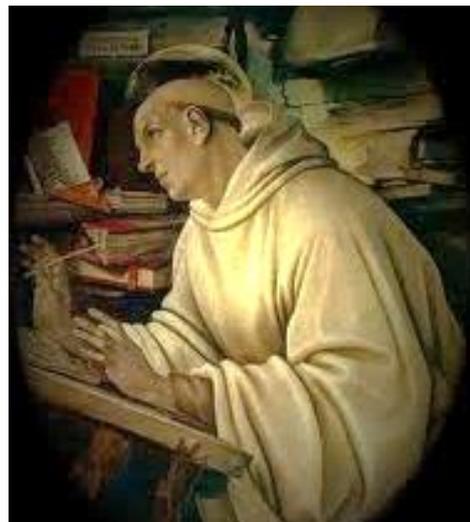
Fonte: DESAFIO CRISTÃO (2012).

¹ “maneira própria de cantar ou de recitar os salmos” (HOUAISS, 2009).

O autor prossegue, argumentando que os cristãos, tomando do entendimento da significação da dedicação dirigida ao superior, utilizam o termo “devoção” para referenciar a atenção devida em primeira instância ao Todo-Poderoso. Esse propósito transpõe o uso litúrgico, sendo compreendido como uma ação habitual e permanente no ser humano, que, com paixão, dedicação e constância, oferta a Deus os seus préstimos, manifestados de inúmeras maneiras. A devoção, nessa dimensão mais abrangente, aponta a intensidade da fé, a convicção da esperança e a intensidade da caridade. Em específicas ocasiões, a devoção pode estabelecer a renúncia da própria vida e, em paralelo, pode amparar o fiel, convocado a submeter-se. A devoção, com certeza, vincula à Divindade Suprema e ao seu desejo, distanciando os fiéis das dificuldades da vida e aproximando-os da fé.

Durante o medievo, a oração individual era tida como extensão da oração litúrgica. Por esta razão, lhe são imputados os mesmos propósitos. No decorrer dos anos, sobretudo nos mosteiros, a devoção passa a denotar também a energia da alma, cheia de exaltação por Deus, permitindo, inclusive, a São Bernardo colocar a devoção na direção da afetividade, autorizando, aos seguidores dessa doutrina, imaginarem a devoção como veículo eficaz de atingir a contemplação (VALABEK, 2003).

Figura 2 – São Bernardo



Fonte: Imagens (2013).

Na concepção franciscana, consoante o autor citado, a devoção encontra-se direcionada na figura central de Cristo e, persistindo na afetividade, seus adeptos reconhecem a devoção com os efeitos da intensa oração, impregnada pelo amor divino, contendo o clamor espiritual, o júbilo, o afeto etc.

São Tomás de Aquino, coerente com as ideias de sua teologia e espiritualidade, considera a devoção não como algo baseado na afetividade, mas como um dos atos interiores da virtude da religião que, por meio dessa virtude – concedida à pessoa humana como dádiva divina – submete a Deus a própria vontade. Assim, na sua essência, devoção não caracteriza, necessariamente, sentimentos, emoções. Mantém-se, portanto, como um ato de vontade, não podendo, com isso, ser dimensionada por sentimentos despertados (VALABEK, 2003).



Figura 3 – São Tomás de Aquino

Fonte: REVELACIONES (2007, p. 356).

As devoções são, necessariamente, condutas de piedade direcionadas a Deus, a Cristo, à Virgem e aos Santos. Elas, geralmente, são escolhidas com liberdade e respondem à exigência congênita de realizar a atitude interior de devoção. Em conformidade com o caráter do fiel e dos grupos religiosos, as devoções permitem ações concretizadas com júbilo e afeto, adequadas às várias dimensões dos mistérios da religião cristã (VALABEK, 2003).

Figura 4 –
Corte celestial



Fonte:
BETTENCOURT
(2011).

Deste modo, as devoções devem refletir as diversas dimensões do culto/serviço dirigido ao Senhor. São correlatas aos valores que estão presentes em todo ser humano. São parciais, mas, se consideradas pela Igreja, podem também conduzir o ser humano ao serviço do Todo-Poderoso. “Nesse sentido, as devoções específicas, especialmente aquelas que atingem proporções universais, evidenciam as realidades fundamentais da fé e as necessidades psicológicas do indivíduo e do grupo” (VALABEK, 2003, p. 322).

A Igreja Cristã chama a atenção dos seus seguidores para uma frágil e quase supersticiosa multiplicidade de devoções no exercício espiritual, apontando peculiaridades da sua legitimidade, caracterizada pela constância e pelo desapego em prol da vontade de Deus, confiança, pureza de sentimentos etc. Ao reunir essas atitudes, as devoções fortalecem a devoção e se constituem em meios de aproximação à união mais intensa com Deus (VALABEK, 2003).

Para tratar do conceito de “ser santo”, precisaremos detalhar, primeiramente, o significado do vocábulo “santo”. Uma das acepções encontradas no Houaiss, Villar (2000) para esse adjetivo, diz: “que pertence à religião ou aos ritos sagrados; relativo à divindade; que serve a uso sagrado”. Em Ferreira (1975, p. 1.280), “[...] ‘estabelecido segundo a lei’; ‘que se tornou sagrado’.” Em Guillois (1903, p. 100), encontramos a seguinte definição: “[...] a palavra *santo*, em latim *sanctus*, vem de *sanguine unctus*, purificado pelo sangue.”²

Entre os pagãos, só se considerava santo o que havia sido respingado com o sangue das vítimas. Na lei mosaica, santificavam-se as pessoas e as coisas aspergindo-as com o sangue das novilhas e dos carneiros oferecidos em sacrifício. No judaísmo, assim como no cristianismo, uma das mais importantes celebrações é a Páscoa. Ela está associada, nas duas religiões, ao derramamento do sangue. No judaísmo, na passagem da morte dos primogênitos do Egito, vinculada ao Êxodo. O Senhor recomenda a Moisés que os judeus deveriam marcar as portas de suas casas com o sangue dos cordeiros, para evitar a praga exterminadora – Ex. 12,12-14. No cristianismo, na passagem da Santa Ceia, Cristo diz aos apóstolos: “Esta taça é a nova Aliança em meu sangue derramado por vós.” – Lc. 22,19-20. (A BIBLIA TEB, 1995, p. 1.298). Reforça esse entendimento, a Epístola aos Hebreus 9, 22, que enuncia: “[...] segundo a lei, se purifica quase tudo, e sem efusão de sangue, não há remissão.” (A BIBLIA TEB, 1995, p. 1.482).

² Nesta e em todas as demais citações foi mantida a grafia original.



Figura 5 – Sacrifício de Melquisedec

Fonte: ESTUDIO SUD (2010).

Segundo essa etimologia, a Igreja Cristã denomina santos os chamados bem-aventurados que reinam no Céu, porque foram purificados de todos os seus pecados no sangue do Cordeiro Imaculado, isto é, de Jesus Cristo “[...] que nos amou e nos lavou em seu sangue.” (BÍBLIA TEB, 1995, p. 1.515). Também o santo Padre Vieira (2008, p. 102), no Sermão de Santo Inácio, faz referência aos santos e a Cristo, quando diz: “Bem sei que é melhor exemplar Cristo só que todos os santos juntos; mas também sei que, para ser santo, basta imitar um só santo que imitou a Cristo.”

Figura 6 – Cristo confortado por Anjos



Fonte: REVELACIONES (2007, p. 383).

“O que os latinos chamam santo (*sanctum*), chamam-lhe os gregos *âgios*, isto é, sem terra, *quasi sine terra*, nome que convém aos bem-aventurados [...]

porque já não pertencem à terra nem por suas ações, nem por seus desejos.”³ (GUILLOIS, 1903, p. 400). O santo era, portanto, um ser humano que intermediava a ligação do terrestre com o sobrenatural, como define André Vauchez (1989, p. 212): “O santo é um ser humano, através do qual se estabelece um contato entre o céu e a terra”. Também para Le Goff (1989, p. 24), santo significa “[...] acima de tudo um morto excepcional, testemunho da ‘carne impassível’ e cujo culto se desenvolve em torno do seu corpo, do seu túmulo e das suas relíquias.” Para a doutrina da Igreja Católica Romana, santos “[...] são aqueles que seguiram fielmente o exemplo de Cristo, oferecendo um glorioso testemunho do reino dos céus com o derramamento de seu sangue ou com o exercício heroico de virtudes” (SANTOS, 2000, p. 30).

Como enunciado, fica evidente a crença dos cristãos católicos em santos. Rezam para eles com veneração, preservam suas relíquias como algo precioso e divino, prestam-lhes homenagens dando seus nomes aos filhos e a templos. Entretanto, não são os únicos a reverenciar figuras desse porte. Outras religiões também prestam homenagem a pessoas e divindades consideradas especiais. Os budistas veneram seus *arahants*, seus *bodhisattvas*, os tibetanos, seus lamas; os Indus homenageiam e veneram um exército de divindades encarnadas e humanas divinizadas, inclusive seus gurus; os mulçumanos têm os *awiliya Allah*, considerados os amigos próximos da Divindade Suprema, assim como veneráveis mestres sufi; no judaísmo, apesar de os rabinos não incentivarem o culto a seres humanos vivos ou mortos, as figuras de Abraão e Moisés são bastante respeitadas e popularmente reverenciadas, assim como mártires variados, rabinos bem amados e os *Tsaddikim* (os justos). Nas outras religiões cristãs, a ortodoxa russa mantém uma determinada devoção a santos, sobretudo aos primeiros padres e mártires da própria igreja. Entre os evangélicos mais conservadores, presta-se uma atenção particular aos profetas do Antigo Testamento, assim como aos apóstolos do Novo. Quanto aos luteranos e anglicanos, registra-se algo assemelhado a culto, e conservam e mantêm dias santos de guarda e um calendário de santos (WOODWARD, 1992).

Constata-se que a figura do “santo” é bastante familiar a todas as religiões do mundo, com apenas uma diferença em relação à Igreja Católica, que possui um método ou processo formal, inclusive de continuidade meticulosamente racionalizado, de

³ *Quod latini appellant sanctum, graeci ágios dicunt, quasi sine terra; propterea beati in coelo vero nuncupantur santi, quia tam operis quam desiderii terreni omnino sunt expertes.*

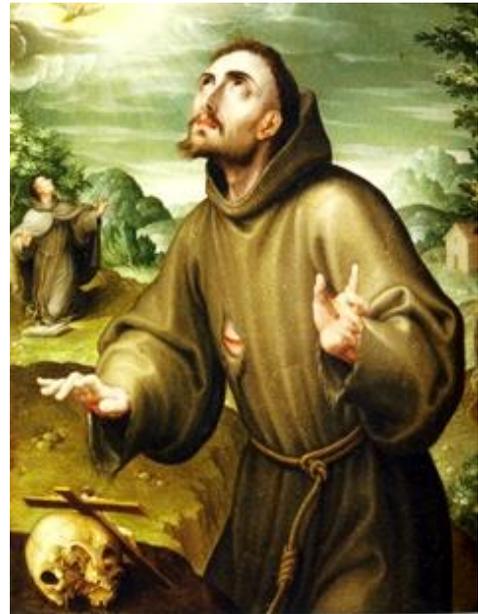
“produzir” santos. Assim, a doutrina eclesiástica da Igreja Católica avança além do conceito, determinando, inclusive, o cumprimento de certos procedimentos para o reconhecimento do “ser santo” por meio da canonização.



Figura 7 – São Bartolomeu

Fonte: REVELACIONES (2007, p.279)

Figura 8 – São Francisco de Assis



Fonte: REVELACIONES (2007, p. 356)

A este respeito, Oliveira (2000) informa que a partir do século XII, com o fim de evitar certos abusos, limitar exageros e equívocos, o reconhecimento do santo para o culto público – que nos primórdios do cristianismo era estabelecido sem maiores formalidades – passou a ser de competência exclusiva dos papas, por meio dos processos de beatificação e canonização, para que o candidato pudesse ser testado com bases seguras, tanto pelo exercício em alto grau das virtudes quanto pela realização de milagres que atestassem sua relação com o divino. A autora considera ainda que, nas canonizações, eram estabelecidas as linhas gerais da iconografia do novo santo, que definia os aspectos particulares, possibilitando sua identificação nas representações artísticas. Complementa Santos (2000, p. 32), acerca dessas normas eclesiásticas para o reconhecimento do “ser santo”:

[...] exige uma formalidade processual, com normas rígidas pelo direito canônico, significando, acima de tudo estar oficialmente incluído numa lista – cânon – de cristãos bem-aventurados, para os quais, a Igreja legítima, autoriza e recomenda a veneração pública aos seus fiéis.

Também Woodward (1992) reforça o processo de santificação, definindo que canonizar é um exercício póstumo que significa declarar que um ser humano é digno do culto público universal. Esse processo se concretiza por meio de uma declaração formal do papa de que determinada pessoa está com Deus. Devido a esta certeza – calçada no dogma da infalibilidade papal – os devotos podem, com convicção, pedir ao santo que faça a interseção junto a Deus em seu favor. O nome do santo é registrado na relação de santos da igreja e é elevado, deste modo, à honra dos altares, recebendo “[...] um dia do ano para a veneração litúrgica de toda a igreja” (WOODWARD, 1992, p. 17). Vauchez (1989) informa que, em fins da Idade Média, apesar de todo o cuidado por parte da Igreja Católica em disciplinar e controlar as canonizações por meio de um estatuto canônico, existiam sérias discordâncias entre a hierarquia eclesiástica e os fiéis a esse respeito, mantendo o povo, ainda naquela época, a sua prerrogativa de criar seus santos.

Entendemos que, a despeito de reflexões similares, a concepção dos teóricos sobre “ser santo” diferencia-se daquela manifestada pela Igreja Católica. As considerações apresentadas ainda nos permitem entender que o santo era um ser humano especial, representando o elo entre os mortais e o mundo celestial, por meio do qual a Divindade Suprema consentia que realizasse milagre sendo, assim, venerado após sua morte e conduzido à glória dos altares – por normas e procedimentos preestabelecidos pela Igreja Católica –, onde as pessoas buscam seu auxílio e proteção não só para as curas das enfermidades do corpo como também soluções para seus problemas existenciais e do cotidiano.

Figura 9 – Milagre de Santo Antonio com os peixes



Fonte: IMAGENS... (2013).

De acordo com Vauchez (1989), no decorrer dos tempos, sabe-se que, na história da Igreja, o conceito de santo variou conforme a necessidade. Entretanto, a partir dos primeiros séculos, o cristianismo preocupou-se em estabelecer gradativamente uma distinção entre o perfil de santo que caracterizasse a identidade da religião emergente e aqueles cultos denominados pagãos. Todavia, esclarece o autor citado que, na Antiguidade Tardia, existia uma crença bastante disseminada na existência de espíritos protetores dos mortais, como demônios, gênios, anjos etc. Quando se trata de humanos – os santos –, o modelo de relação que as gerações anteriores tinham mantido com seres espirituais, certos bispos do século IV, como Ambrósio de Milão e Paolino de Nola, influenciaram as comunidades cristãs para que acolhessem como mediadores os homens e as mulheres que, pelo seu exemplo de fé inabalável, mereceram a graça de ter a Divindade Suprema como seu protetor. Portanto, apesar de certas correlações superficiais, o culto dos santos e das santas nada tinha em comum com os heróis gregos e romanos.



Figura 10 – Santo Ambrósio

Fonte: LIVRES DE TODO MAL (2013).

Ao definir o perfil do santo, a Igreja, de forma inédita até então, ressalta a condição de que, necessariamente, o pretendente a “ser santo” tenha morrido como ser humano, seguindo o exemplo de Cristo e determinado na fidelidade à sua palavra. O santo, assim, alcança o privilégio de ser conduzido à glória do Paraíso e à suprema graça da vida eterna. Este entendimento é bem diferenciado da perspectiva das religiões pagãs, para as quais a morte era considerada barreira intransponível entre os seres humanos e os deuses.

Figura 11 – Morte de Santo Inácio



Fonte: REVELACIONES (2007, p. 403).

Para Vauchez (1989, p. 212):

[...] longe de constituir a moeda de troca da nova religião ou uma concessão da elite cristã às massas pagãs para fomentar a sua conversão, o culto dos mártires [santos] enraizou-se naquilo que o cristianismo tinha de mais autêntico e original em relação às outras religiões com as quais entrava em concorrência [...] o significado da morte, como um nascimento ao lado de Deus e a renovação do sacrifício salutar do único mediano [Cristo].

Essa discussão sobre o conceito de devoção, como também o de “ser santo”, conduz a outro processo que se desdobra na reflexão sobre o culto dirigido aos santos, objeto da próxima seção.

2.1 DO CULTO DOS SANTOS

Na doutrina da Igreja Católica, aos santos não se adora, pois eles nada mais são do que criaturas excepcionais. A *adoração* propriamente, segundo Guillois (1903), é um ato de humildade, de aniquilação da criatura na presença do Criador, a fim de reconhecer sua grandeza, sua excelência e o absoluto domínio que exerce sobre tudo o que existe. É, pois, evidente que não se pode adorar aos santos. Adorá-los seria reconhecer neles o que pertence a Deus. Seria render-lhes o culto supremo que a Igreja chama de culto de *latria*⁴ e, por consequência, seria praticar um ato de *idolatria*. Nem mesmo à Virgem, a Igreja recomenda esse culto, que é devido só a Deus.

⁴ “Veneração, culto de adoração a Deus” (HOUAISS; VILAR, 2001).

Figura 12 – O Todo-Poderoso



Fonte: WIKIPÉDIA (2013c).

Aos santos, portanto, por seus méritos e virtudes, é dado o direito de serem honrados e invocados como filhos dignos de Deus e como mediadores dos seres humanos junto a ele, que os elevou à relevância da glória, para recompensá-los por sua fidelidade “[...] de terem procurado em vida senão identificar-se com a pessoa de Cristo, pelo menos aproximar-se ao máximo dessa norma absoluta” (VAUCHEZ, 1989, p. 211). É por isso que a Igreja deu-lhes, desde os tempos apostólicos – e ensina os fiéis a dar – um culto religioso, instituiu festas em sua honra, celebrou suas virtudes em hinos, edificou templos e consagrou altares com sua invocação.



Figura 13 – Cristo com São Francisco de Assis

Fonte: RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA (2011).

Guillois (1903, p. 109) assim se refere aos santos:

Estes pés, nos diz uma voz, nunca se desviaram das veredas da justiça; estas mãos foram sempre inocentes, e puras; esta bocca só se abriu para louvar a Deus ou abençoar os homens, e conduzil-os ao bem; estes membros só se

empregaram na virtude e caridade; tal foi o procedimento dos santos; é assim que elles mereceram uma gloria eterna; imitae-os, segui o seu exemplo, e alcançareis a mesma felicidade.

No culto que se rende aos santos, que se chama *dulia*⁵, honra-se ao próprio Deus na invocação desses santos, porque reconhecemos que foi Deus quem os fez o que são; que sua santidade é uma emanção, uma expansão, um reflexo da santidade do Criador; que as virtudes que praticaram foram obras sua e que, ao premiar seus méritos, premiou seus próprios dons (GUILLOIS, 1903).

Pela estreita relação dos santos com o Todo-Poderoso, a Igreja recomenda que se deve invocar e recorrer a eles, pedindo sua proteção, seu auxílio, para se obter benefícios de Deus “[...] por seu Filho Nosso Senhor Jesus Christo, que é o nosso único Redemptor e Salvador” (GUILLOIS, 1903, p. 102), conforme postula o Concílio Tridentino, seção 25. É o que se tem praticado na Igreja desde os primeiros séculos.

Guillois (1903, p. 102) cita o “Sermão do Martírio”, de S. Ephraim:

Gloriosos mártires [...] ajudae-me com as vossas orações, a fim de que eu ache misericórdia no dia de juízo. Compadecidos da minha miseria, protegei-me ante o throno da majestade divina, para que por vossas orações eu obtenha salvar-me e participe comvosco da bemaventurança eterna.

O autor ressalta ainda trecho de uma das obras de Santo Agostinho: “Nós não oramos pelos santos martyres, mas recommendamo-nos ás suas orações” (GUILLOIS, 1903, p. 103). Observa-se, todavia, uma grande diferença entre as orações que se dirige a Deus e as que se dirige aos santos: pede-se a Deus que seja propício, que livre, que salve; pede-se aos santos que orem, que intercedam. Portanto, o ser humano dirige-se a Deus como ao autor da graça, para que ele mesmo dê o que reclamam as necessidades humanas. Dirige-se aos santos como a amigos bem-aventurados, para que obtenham, por seus méritos, o que só o Todo-Poderoso pode conceder.

Conforme entendimento da Igreja Católica, a invocação dos santos, longe de desagradar a Deus lhe é muito agradável. Prova disso são as graças extraordinárias e as curas milagrosas que milhares de vezes têm concedido por sua intercessão. Nada agrada tanto a Deus como a humildade, virtude que os seres humanos praticam quando recorrem às orações dos santos. Temerosos de que não sejam atendidos em oração direta ao Todo-Poderoso, valem-se dos santos como mediadores, para que lhes peçam o socorro de que precisam (KECHEISEN, 1958).

⁵ “*Dulia* - que venera anjos e santos. ETIM gr. *Doúleios*, a, on ‘de escravo, servil’.” (HOUAISS; VILAR, 2001).



Figura 14 – Orações a santo mediador

Fonte: COMEÇA... (2012).

A Igreja tem honrado o culto dos santos de diversas maneiras, sobretudo na celebração das missas, por ocasião de suas festas. Estas têm a função de lembrar que, pela morte de Cristo e fidelidade a seu exemplo, recebem a verdadeira vida e junto graças extraordinárias para praticarem as virtudes. São louvados no ofício religioso: “Oh! Como é preciosa a morte dos santos! Estão agora diante do trono de Deus e dele jamais serão afastados.” (KECKEISEN, 1958, p. 695).

Para a Igreja, a missa celebrada por ocasião das festas dos santos é o melhor modo de agradecer a Deus por sua misericórdia, ao mesmo tempo um meio poderoso para os fiéis alcançarem, pela intercessão desses santos, as graças necessárias para enfrentarem os perigos do mundo e seguir seus passos.

Figura 15 – Missa



Fonte: CELEBRAÇÃO... (2012).

Apesar das recomendações doutrinárias da Igreja Católica no Brasil, que orientam a hierarquia do culto à Divindade Suprema, à Virgem e aos santos e santas,

observa-se, na prática popular, que o procedimento não segue fielmente essas recomendações. Nota-se que a determinados santos e santas, a exemplo de Santo Antônio, São Francisco, São José, Sant'Anna, Santa Bárbara, Santa Luzia entre outros, e também à Virgem, nas representações iconográficas de Nossa Senhora da Conceição, Rosário, Piedade entre outras, é oferecido não só um culto de profunda veneração, mas também de fervorosa adoração.



Figura 16 – Virgem Maria

Fonte: REVELACIONES (2007, p. 79).

2.2 SANTIDADE: IDEAL DA PERFEIÇÃO CRISTÃ

Segundo Santos (2000), o conceito de santidade possui uma dimensão variada e representa, conforme a época, o campo de crença, a instituição ou o conhecimento em que é empregado. Frente a essa realidade, algumas dessas noções apresentam convergências e divergências. Por intermédio delas, busca-se caracterizar como distinguir um “autêntico” santo.

Na antiguidade greco-romana, a ideia de santidade caracterizava a qualidade das divindades celestiais e de alguns homens semideuses providos de poderes sobrenaturais. Para os gregos, a santidade não valorizava o ser humano enquanto ele permanecesse no campo terrestre, à exceção de alguns excepcionais, no caso, os heróis que conseguiram alcançar a dimensão da perfeição e da imortalidade, remetendo, em caráter particular, a uma ligação de alguns seres humanos com o universo dos deuses (SANTOS, 2000).



Figura 17 – Herói grego – Perseu

Fonte: G-UNIT-WASHINMANIA (2013).

A autora comenta ainda que, na tradição oriental, o entendimento de santidade está relacionado “[...] à condição de continuidade entre o plano natural e um patamar superior pautado por uma sobrenaturalidade” (SANTOS, 2000, p. 29). Esta definição diferencia-se do conceito greco-romano porque, na cultura oriental, a santidade era obtida por meio de uma purificação espiritual, distanciando o ser humano dos pensamentos nefastos e dos prazeres mundanos, aproximando-o do divino por meio de ações e atitudes praticadas, como a meditação, as virtudes, a sabedoria, o jejum etc. A santidade é entendida pela tradição milenar chinesa da seguinte forma:

[...] designava a quem alcançava a proteção da sabedoria e a virtude, de forma que podia estimar-se que havia cumprido perfeitamente seu destino como ser humano, podendo considerar-se estar em harmonia perfeita com a lei cósmica até o ponto de formar uma trindade com o Céu e a Terra. (BRANDON, 1975, p. 1291).

Figura 18 – Meditação



Fonte: SOBRE BUDISMO (2012).

Na tradição judaico-cristã, a santidade advém da Santíssima Trindade, estendendo-se também a seres celestiais, assim como a alguns seres terrenos. Esta tradição valoriza os anjos e os aponta como importantes divindades celestes portadoras da santidade, venerados como poderosos intercessores dos seres humanos junto à Divindade Suprema. No plano terreno, a extensão da santidade divina é permitida pelo Todo-Poderoso tanto a “coisas”, como o sudário, o sepulcro, os sacramentos e a igreja, como também a seres humanos. Estes, representados pelos santos e santas e identificados como elementos de ligação entre o céu e a terra, são capazes de manifestar o poder divino por meio de milagres, o que os leva a serem cultuados em atos religiosos (SANTOS, 2000).



Figura 19 – Santíssima Trindade

Fonte: À SANTÍSSIMA... (2012).

Também no universo cristão, a santidade caracteriza-se e particulariza-se como uma distinção restrita a uma pequena parcela de coisas ou de pessoas. Este privilégio era concedido pelo critério da predestinação, segundo o qual alguns seres humanos eleitos por Deus serviam de instrumento da ação divina na terra, ou pelo critério do mérito. De acordo com este último, para serem merecedoras da santidade e dignos da honraria santoral, as pessoas deveriam exercer o livre arbítrio para viverem e/ou morrerem praticando boas ações e na imitação a Cristo (SANTOS, 2000). O Levítico 20, 7-8 encoraja: “Santificai-vos, portanto, para serdes santos, pois eu sou o Senhor, vosso Deus. Observai as minhas leis e ponde-as em prática. Eu sou o Senhor, que vos santifico.” (A BIBLIA..., 1995, p. 141).

Percebe-se que a concepção da Igreja Católica de santidade não se diferencia muito daquelas das tradições gregas e romanas, como também da oriental, pois todas

ressaltam, com ênfase, a ideia de ligação do terreno com o celestial, como também a valorização do heroísmo e das virtudes como qualidades indispensáveis para alcançar-se a purificação espiritual e, conseqüentemente, a santificação, isto é, a perfeita união com o divino. Desse modo, a vida dos santos e santas e o conjunto de seus milagres têm como propósito acomodar os servidores de Deus a modelos de santidade que personificam a perfeição cristã.

Segundo Thomas (1991), quase todas as religiões antigas são vistas pelos seus fiéis como veículos de obtenção de um poder extraterreno. Entretanto, este fato não impossibilita que elas ajam como fontes de informações morais, redes de explicações, símbolos de ordem social ou caminhos para a imortalidade, compreendendo também a oferta de um recurso sobrenatural de domínio sobre a existência terrena dos seres humanos.

Nos primórdios, o cristianismo não fugia a essa condição. As filiações à nova religião, mesmo nos seus primeiros momentos, assim como sob a influência dos religiosos de épocas mais atuais, são consolidadas pela fé dos convertidos de estarem conseguindo não somente um meio de salvação no campo sobrenatural, mas também uma nova proteção mais poderosa.

Do mesmo modo que os antigos sacerdotes judeus citados no Antigo Testamento esforçavam-se para provocar os crentes de religiões pagãs, instigando-os em público a praticarem ações extraordinárias, também os apóstolos da igreja cristã primitiva arrebanhavam devotos por meio da realização de milagres e curas sobrenaturais. Assim, tanto os ensinamentos do Novo Testamento quanto a escrita dos adeptos da Antiga Lei ressaltam a importância e a validade dessas atividades para a captação de devotos. Aliado a isto, a possibilidade de realizar milagres tornou-se prova imprescindível para a caracterização da santidade (THOMAS, 1991).

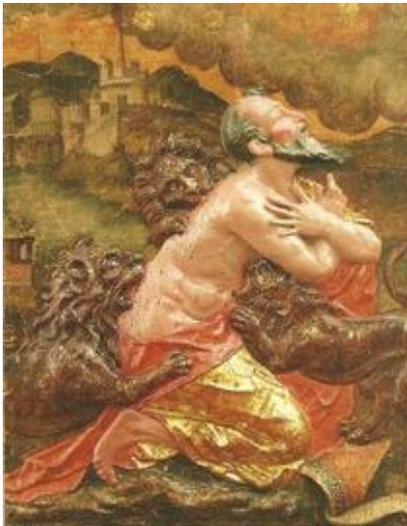
Figura 20 – Milagre de Santo Antônio



Fonte: REVELACIONES (2007, p. 455).

Na perspectiva religiosa cristã, além dos apóstolos, que gozavam de uma veneração particular, a igreja primitiva distinguia duas classes de santos que personificavam a perfeição cristã: os mártires e as virgens.⁶ Os primeiros, lutadores vitoriosos e heróis da milícia do Senhor, não hesitaram em sacrificar sua própria vida, sabendo que os que matam o corpo só servem de instrumento para abrir à alma portas para uma vida melhor. A segunda classe, a das virgens, duplamente dignas de veneração quando unem a virgindade ao martírio (KECKEISEN, 1958),

Figura 21 – Santo mártir e Virgem mártir



Fonte: REVELACIONES (2007, p. 297); BANCO SAFRA (1983).

Tomando mártires e virgens como exemplos de vida dedicada à fé, a Igreja, inicialmente, coloca ao alcance da admiração e da imitação dos fiéis um modelo

⁶ Desde a mais remota antiguidade, aquele que se mantinha casto encontrava-se em uma condição especial, principalmente as mulheres, que lhes conferia poderes sobrenaturais. Na antiga Roma, o fogo sagrado do templo da deusa Vesta era aceso exclusivamente por uma sacerdotisa virgem; na Índia, acreditava-se que o canto da virgem dominava e adormecia o elefante bravo; no Brasil, os índios tupinambás do Pará, nas suas histórias, reconheciam como prova de virgindade das mulheres quando, expostas às serpentes do lago Juá, não eram por elas devoradas. Diversas mitologias apregoavam que “As virgens criadoras tiveram o culto mais profundo e material. Era o poder para a vida e sempre o potencial mais puro. Nari dos indus, Mute-Isis dos egípcios, Atar dos árabes, Astoret dos fenícios, Afrodite-Anadiomena dos gregos, Vesta dos romanos, Leconotar dos finlandeses, Hesta dos germanos, Dea dos gauleses, Iza dos japoneses, Ina dos oceânicos, foram reverenciadas nessa invocação espontânea e poderosa. Nas estórias populares [a virgem] é a vencedora, a heroína, o papel simpático e sugestivo” (CAMARA CASCUDO, 1972, p. 911). Lembramos também, no campo da mitologia, que os cristãos cultuaram e cultuam Maria, sua “Virgem Imaculada”, com fervorosa devoção.

de santidade que afirma e consolida o ideal da perfeição cristã. O Missal Cotidiano (KECKEISEN, 1958, p. [25], 97, 1072) ilustra esse ideal em várias passagens:

Veneram-se as relíquias dessas Testemunhas da Divindade de Nosso Senhor, que confessaram a sua fé, “não em palavras, mas sofrendo a morte”.

Ó Deus, que nos alegrais com a festividade anual de vossos santos Mártires, concedei, benigno, que exultando com os seus méritos nos afervoremos com os seus exemplos.

Se eles [Santas Virgens e Mártires] sofreram tormentos diante dos homens, foi porque Deus os provou; provou-os como ouro na fornalha e recebeu-os como holocaustos.

Do ponto de vista cristão, o modelo de santidade, de fato, iniciou-se com o culto dos primeiros santos e santas do cristianismo, que foram os mártires das grandes perseguições do Império Romano, cultuados de forma espontânea nos locais em que haviam sido martirizados. Fica evidente que, desde os primórdios do cristianismo, a santidade e o martírio eram inseparáveis na consciência cristã (OLIVEIRA, 2000).

Figura 22 – Mártires do Japão



Fonte: REVELACIONES (2007, p. 425).

De acordo com Keckeisen (1958), durante longo período, esses santos e santas supliciados foram os únicos venerados e mantiveram-se prestigiados, mesmo mais tarde, quando começaram a surgir outros modelos, fundamentados no heroísmo da prática da fé e das virtudes sem efusão do sangue. O martírio espiritual – o apostolado, a abnegação, a renúncia de si mesmo – mereceu, então, as honras do altar.

Figura 23 – São Francisco Xavier na Índia



Fonte: SANCTORUM (2011).

2.2.1 Modelos de santidade cristã

Em conformidade com Santos (2000), em períodos diferenciados da história da Igreja Católica, os personagens tidos como santos em uma determinada época ou local podem não ser considerados assim em outros, levando-se em conta que as orientações fixadas para sua certificação estão vinculadas à cultura, à religião, à política e à sociedade de cada período e localidade. Entretanto, ressalta a autora que, em diferentes momentos, podem-se encontrar exemplos de santidade com aspectos de santos específicos de um contexto, que perseveraram ou são recuperados em outros. “Em cada época da história da Igreja surgiram, providencialmente, modelos novos de santidade conforme as necessidades dos tempos.” (CONTI, 1997, p. 516).

Na projeção da caracterização dos modelos santorais, novos perfis foram criados, outros submetidos a nova formulação e outros desapareceram. Para o entendimento dessas alterações, como diz Santos (2000, p. 33), “[...] torna-se necessário, uma análise dos principais modelos e das circularidades, apropriações e apreensões estabelecidas entre eles”. Ainda em conformidade com a autora citada, o modelo das santidades nos primórdios do cristianismo era caracterizado pela heterogeneidade das figuras cultuadas, reunindo, em seu contexto, princípios de tradições pré-cristãs orientais, hebraicas e pagãs. A autora prossegue, considerando que, a partir do século II, a igreja cristã iniciou uma ação com o propósito promover, progressivamente, uma diferenciação entre um modelo de santo que caracterizasse a personalidade da nova religião daqueles cultos considerados pagãos, surgindo, portanto, o *mártir*, como o primeiro modelo de santidade cristã, representado nos personagens máximos de São Pedro e São Paulo, considerados os fundadores da Igreja Católica Apostólica Romana.



Figura 24 – São Pedro e São Paulo

Fonte: GUARDA (2008).

Vauchez (1989) reforça esse entendimento, ao afirmar que, de fato, tudo advém do culto aos mártires, que durante longo período foram os únicos santos reverenciados pelos fiéis cristãos, conservando dentro da Igreja um relevante prestígio, mesmo quando começaram a surgir outros modelos. Ainda segundo esse autor, no período que se seguiu ao imperador Constantino, ao lado dos mártires, apareceram novos santos denominados *confessores*, a exemplo de São Atanásio. Esse modelo também se agrega ao cristão perseguido por ter manifestado publicamente sua fé em Cristo, por meio do batismo. Fica claro que este tipo de santo, para alcançar a honraria santoral, não precisava, necessariamente, sofrer o martírio, sendo suficiente que tivesse passado por situações injustas, como maus-tratos, prisão, difamações etc., e demonstrasse estar preparado para qualquer sacrifício em nome de Cristo.

Figura 25 – Santo Atanásio



Fonte: PARÓQUIA SÃO PAULO DA CRUZ (2012).

Santos (2000) informa que, em concomitância com a consolidação progressiva do catolicismo como religião oficial no Ocidente, as atrocidades e perseguições aos cristãos foram diminuindo e a devoção aos santos mártires e aos confessores da fé começou a declinar. A partir do século IV, com a consolidação e o reconhecimento oficial do cristianismo, bem como o crescimento do número de dioceses, a santificação na pessoa do sacerdote inicia uma nova categorização santoral denominada de *clerical*.

Os primeiros bispos da igreja católica, ao criarem suas dioceses, elegiam um santo-mártir como padroeiro da localidade e, durante todo o seu episcopado, empenhavam-se junto aos fiéis para serem por eles aceitos como os substitutos dos antigos oragos. Esses religiosos da alta cúpula sacerdotal da Igreja Católica consideravam-se representantes dos santos apóstolos e mártires e o exemplo clerical de santidade apareceu na vocação desses prelados de tomar o lugar dos seus precedentes.



Figura 26 – Bispo

Fonte: PALACIOS (2012).

Com a organização da estrutura hierárquica da igreja, abades e cardeais também foram incluídos no modelo de santidade clerical, haja vista que, nos estudos sobre a hagiografia dos santos, podemos encontrar uma maioria constituída de papas, bispos e abades, a exemplo de Santo Ambrósio, São Gregório Magno, Santo Anselmo, entre outros (VAUCHEZ, 1989).

Figura 27 – São Gregório Magno



Fonte: OS SETE... (2009).

Figura 28 – Santo Anselmo



Fonte: Santo Anselmo (2013).

Segundo Conti (1997), até meados do século VI, os papas eram considerados santos por sua própria condição e canonizados por manifestação dos fiéis. Tempos depois, vários desses papas foram retirados da lista de canonizados e a santidade papal deixou de ser atribuída pela “força do hábito”, que, segundo Gombrich (2012), dominou sob o limite das consciências.



Figura 29 – Papa

Fonte: AS PROFECIAS... (2013).

A santidade ocidental, desde seus primórdios, constituiu-se de um feito eclesiástico que a diferenciava da oriental, em que à exceção de determinados padres

nenhum outro conseguiu ser considerado possuidor de qualidades especiais, advindas do sobrenatural (VAUCHEZ, 1989).

Vauchez (1989) e Santos (2000) esclarecem que, a partir do século VII, a forte aliança entre a cúpula do clero católico e a nobreza reforçava a supremacia da aristocracia em relação às outras classes e forçava o surgimento da figura do santo *nobre*, a exemplo de Santo Estevão da Hungria, Santo Olavo da Noruega, entre outros, caracterizando o novo modelo de santidade e reforçando o entendimento de que aquele que pertencesse a essa condição social teria maiores chances de vir a ser santo do que aquele de outra classe. Essa nova categoria atingiu o auge no século X, quando o reconhecimento dos santos encontrava-se estreitamente vinculado àquele de sangue nobre e ao seu prestígio político.

Por volta do ano 1000, o modelo ocidental de santidade adquiriu, pois, uma especificidade própria em relação ao oriental: ele sacraliza a autoridade e a riqueza, prerrogativas dos chefes e dos prelados e, mais geralmente, daquela aristocracia que, na mesma época, se apodera da realidade do poder na sociedade feudal e desempenha um papel decisivo na vida da Igreja, no quadro do monarquismo cluniacense. (VAUCHEZ, 1987, p. 297).



Figura 30 – Santo Olavo

Fonte: O SEMEADOR (2013).

O nobre, potencialmente santo, deveria reunir as origens e as qualidades de líder cristão, comandando e dirigindo seu feudo como bom vassalo da Igreja. Nesta condição, a santidade era outorgada como uma forma de reconhecimento dos préstimos que a aristocracia prestava à Igreja Católica. A partir do século XI e da denominada reforma gregoriana,⁷ o papado empenhou-se numa resistência para livrar

⁷ A reforma gregoriana (1049-1054), que tem como seu maior representante São Gregório Magno I, teve como objetivo voltar aos tempos de Cristo, assim como combater as práticas heréticas. É

a Igreja do poder da aristocracia ao tempo em que buscou eliminar as formas de sacralização do poder laico. A santidade, a partir de então, incorporou-se à *vida sacerdotal*, constituindo-se em privilégio dessa classe e consolidando uma aspiração que ressaltava a profissão monástica. A reforma mencionada teve como princípio conferir a santidade clerical, afastando-se da nobreza e restaurando o clero, determinando-lhe uma vida de exercício prático, levado à plenitude da vida moral baseada no ideal medieval da pobreza e da humildade (SANTOS, 2000).

Figura 31 – Monge



Fonte: VIRTUAL MEMORIES (2012).

Assegura Vauchez (1989) que o prestígio obtido pelo modelo monástico, nos primeiros momentos do feudalismo, deve-se ao entendimento que os homens daquela época tinham da santidade, acreditando ser algo que dizia respeito a “especialistas”. Por esta razão, o povo, sentindo-se excluído do merecimento da santidade, “[...] descarregavam sobre eles a tarefa de garantirem essa função de medianeiros entre o céu e a terra, sem a qual, para os homens da época, nenhuma sociedade podia sobreviver” (VAUCHEZ, 1989, p. 218).

Com a reforma gregoriana, as exigências para a santificação do candidato a santo concentraram-se na sobrenaturalidade dos seus atos, por meio da constatação de milagres que, a partir de então, passaram a ser indispensáveis para a canonização de um bem-aventurado (SANTOS, 2000). Este processo evolutivo para a espiritualização mais efetiva da noção de santidade, segundo Vauchez (1989), foi reforçado com a consolidação do processo de canonização, que ficou restrito à autoridade papal, a quem foi concedido o poder de decidir sobre a questão em última instância. A partir do século

reconhecida como artifício para estabelecer a supremacia da Igreja Católica e confirmar o poder papal sobre o poder feudal.

XIII, as modificações processadas pelo Vaticano das questões que levavam à santificação foram por ele controladas, monitorando as virtudes e os milagres dos servos de Deus. Estes eram submetidos a exames rigorosos pelos religiosos, depois de ouvirem o testemunho de muitas pessoas que os conheceram e/ou tinham se beneficiado com a sua ajuda durante todo um processo de canonização. Desde então, encontraremos duas espécies de santos no Ocidente: aqueles que tiveram aprovação oficial e foram reconhecidos pelo papado e daí receberam a chancela de serem cultuados nos altares e aqueles que teriam de contentar-se com uma devoção local. É desse período as canonizações oficiais, a exemplo de São Francisco de Assis e de São Domingos, adeptos da pobreza mendicante (VAUCHEZ, 1989).

Figura 32 – São Francisco de Assis e São Domingos



Fonte: PARÓQUIA SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO (2013)

Nos primórdios do século XIV e no século XV, observou-se o aparecimento de novas formas de santidade com ênfase no *profetismo visionário*, cujo aspecto mais marcante era a posição que as mulheres ocupavam, sobretudo as leigas que, sentindo-se excluídas do ministério sacerdotal, apoderaram-se dele justificando uma escolha divina. Os casos mais conhecidos são os de Margarida de Cortona, Clara de Montefalco e Angela de Foligno. Foi durante o processo de canonização de Santa Clara de Montefalco que a Igreja debruçou-se, pela primeira vez, sobre os fenômenos paramísticos e as visões, como fatores relevantes para a constatação da santidade. Esses aspectos proféticos da santidade feminina concentram-se no decurso do século XIV, representados nas figuras de Santa Brígida da Suécia e Santa Catarina de Siena, que tiveram e comunicaram revelações (VAUCHEZ, 1989).



Figura 33
– Santa
Clara de
Montefalco

Fonte:
SEGUNDA
UNIÃO NEWS
(2011).



Figura 34 –
Santa
Catarina
de Siena

Fonte:
MISSA
TRIDENTINA
(2013).

Ainda Vouchez (1989) observa, nos últimos momentos do século XIV e, sobretudo, no século XV, uma retomada da opinião pública por membros da igreja, valorizando, sobremaneira, a palavra, numa sociedade em que o povo adquiria cada vez mais importância, apesar de afastado do universo da escrita e da leitura. Valoriza-se, nesse período, os grandes *pregadores*, a exemplo de Giovanni de Capestrano, Vicente Ferrer entre outros, apesar de não ser algo inédito daquele momento, pois, ainda no século XIII, a Igreja já havia canonizado grandes oradores, a exemplo de Santo Antonio de Pádua e São Pedro Mártir, que dedicaram suas vidas à palavra, pregando a salvação dos homens, mais sob um ponto de vista moral do que dogmático.



Figura 35 –
São
Vicente
Ferrer

Fonte:
SANCTORUM
(2012).



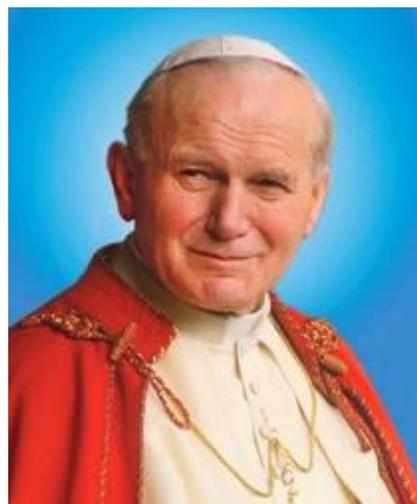
Figura 36 –
Santo
Antônio de
Pádua

Fonte:
IMAGENS.US
(2013).

A partir do século XVIII, cresceu, entre os cristãos, a vontade de verem alçados aos altares personagens modernas e familiares mais próximos do seu dia a dia, mantendo com ele vínculos identitários, étnicos e políticos. Baseado nesse perfil, foram canonizados místicos, missionários, visionários, taumaturgos e educadores, preferencialmente de origem clerical. Desde então, a Igreja Católica persegue essa tendência, elevando às honras dos altares aqueles devotos especiais cujo santoral é utilizado como propósito de evangelização dentro de determinados segmentos sociais nos quais a Igreja pretende consolidar a sua presença. A Congregação para a Causa dos Santos tem priorizado pedidos de canonização de países que não têm nenhum santo ou daqueles que têm poucos santos ou ainda de candidatos que caracterizam categorias profissionais ou representam povos (SANTOS, 2000).

No século XX, o papa João Paulo II mostrou-se atento, dando apoio às causas de leigos e estimulando a canonização de mulheres que até então era bastante reduzida em relação à dos homens, crescendo significativamente no decorrer do século. Apesar desse crescimento, o personagem masculino continua sendo privilegiado, fato que pode ser notado nas canonizações de muitos homens bem-aventurados nesse momento. O papa produziu um aumento considerável de santificações, sendo o pontífice que mais realizou canonizações e beatificou no século XX (SANTOS, 2000).

Figura 37 – João Paulo II



Fonte: BEATO... (2012).

Os candidatos à canonização pela Santa Sé mostram tão somente uma das facetas do universo santoral: promove os indivíduos sacramentados e legitimados pelo

catolicismo tradicional, que são formalmente canonizados pelo papa e têm seu culto autorizado e promovido nas instituições oficiais da Igreja. Por outro lado, em paralelo a esse culto oficial, encontramos devoções a indivíduos não reconhecidos pela Igreja Católica, os denominados *santos populares*. Referindo-se a esta classe santoral, Vauchez (1987, p. 293) ressalta que “[...] na América Latina, sobretudo no Brasil e no México, o modelo funcional de santidade predominante até hoje se refere aos cultos voltados para os santos da religião popular”. Também Cunha (1996, p. 83) refere-se às “santidades” e ao significado do termo no Brasil:

Desde a segunda metade do século XVI até inícios do século XVII, várias “santidades” agitaram o Brasil. O termo “santidade” designava, significativamente, tanto aqueles profetas que se diziam Deus ou Jesus Cristo, quanto seus rituais ou os movimentos que eles lideravam e que podiam incluir, como no caso da Santidade de Jaguaripe, iniciada em 1585; a Mãe de Deus e um papa.

Figura 38 – Padre Cícero



Fonte: WIKIPEDIA (2013a).

Após quase cinco séculos homenageando e cultuando santos europeus, os brasileiros, cada vez mais, vêm concentrando esforços para ter nos altares de suas igrejas e capelas seus compatriotas sacralizados. Até 2000, perto de 35 causas propostas por instituições eclesásticas brasileiras tramitaram na Santa Sé. A maioria delas foi aberta nos últimos cem anos, recebendo a autorização do Vaticano para se proceder o início das investigações necessárias para a constatação e comprovação das virtudes e dos milagres dos candidatos (SANTOS, 2000).

Consideramos, portanto, que o Brasil, tido como um dos países com maior número de católicos em todo o mundo, possui hoje apenas três representantes elevados às honras dos altares, oficializados pelo Vaticano: Madre Paulina do

Coração Agonizante de Jesus, de origem italiana, canonizada pelo papa João Paulo II em 2002, Frei Galvão, brasileiro, canonizado pelo papa Bento XVI em 2007, e Padre Anchieta⁸, canonizado em 2014 pelo papa Francisco. Atualmente, no Brasil, existem mais de setenta processos em curso para beatificação ou canonização (MOIOLI, 2012).



Figura 39 –
Madre
Paulina

Fonte:
REDEMPTIONIS
SACRAMENTUM
(2013).

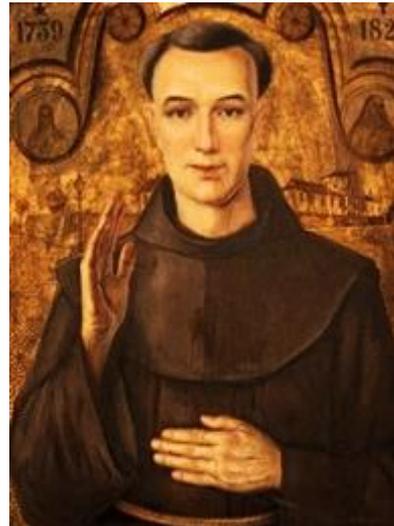
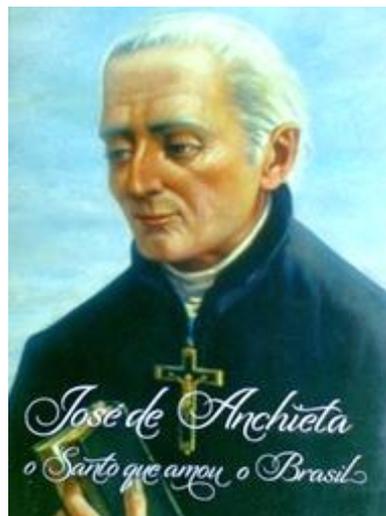


Figura 40 –
Frei Galvão

Fonte: CRUZ
TERRA SANTA
(2013).

Figura 41 –
Padre José
de Anchieta



Fonte: JOSE...
(2014).

Figura 42 –
Parte da
tíbia de
Anchieta



Fonte:
MONTEIRO
(2014).

⁸ O corpo de Anchieta foi sepultado na igreja do colégio jesuíta São Tiago, no Espírito Santo, que hoje acolhe o Palácio Anchieta, sede do governo estadual. Seis anos depois, partes de seus ossos foram levadas para a Bahia, São Paulo, Portugal e Roma (MONTEIRO, 2014).

Na Bahia, a causa de canonização de Dulce Lopes Pontes – Irmã Dulce – foi iniciada em 2000; em 2009, o papa Bento XVI concedeu-lhe o título de Venerável. Em 2010, o mesmo papa autorizou a promulgação do decreto do milagre que transformou a Venerável Irmã Dulce em Beata ou Bem-Aventurada. Com esse reconhecimento papal, abriu-se caminho para a realização da cerimônia de beatificação ocorrida em 2011 em Salvador, passando a ser reconhecida com o título de “Bem-Aventurada Dulce dos Pobres”. Atualmente, Irmã Dulce está em processo de canonização, etapa que teve início no final de 2010. Qualquer graça ocorrida desde então pode vir a ser analisada pelo Vaticano como potencial milagre de sua santidade e, conseqüentemente, a sua canonização, recebendo, assim, o título de Santa.



Figura 43 – Irmã Dulce

Fonte: VARELA NOTÍCIAS (2013).

Segundo Santos (2000), apesar da força que representam as santificações “oficializadas” pelo Vaticano, também por quase toda a nação brasileira, são fortes as expressões relacionadas à santidade popular por meio das manifestações religiosas que santificam e cultuam seus próprios “santos” e almas milagrosas, a exemplo de Antoninho Marmo, Iraceminha, Menina Izildinha, todos em São Paulo, entre outros. Esta autora considera:

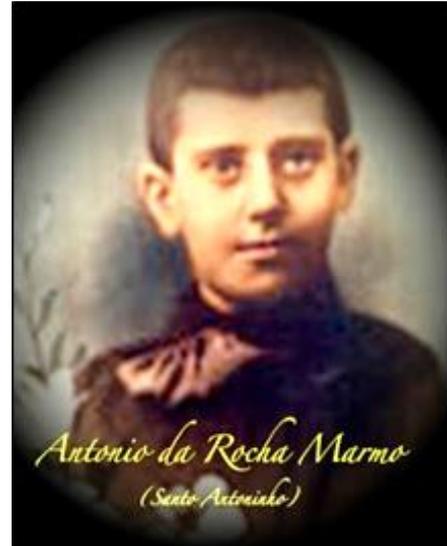
[...] para a compreensão da historicidade e da cultura religiosa brasileira, faz-se necessário, não apenas um debruçar-se sobre os conceitos de santidade e de “ser santo” mas também uma reflexão a respeito das múltiplas faces e personagens do santoral, tanto as consideradas eruditas e institucionais, quanto aquelas ditas populares. (SANTOS, 2000, p. 38).

Figura 44 – Menina Izildinha



Fonte: VIA LUMINA (2013).

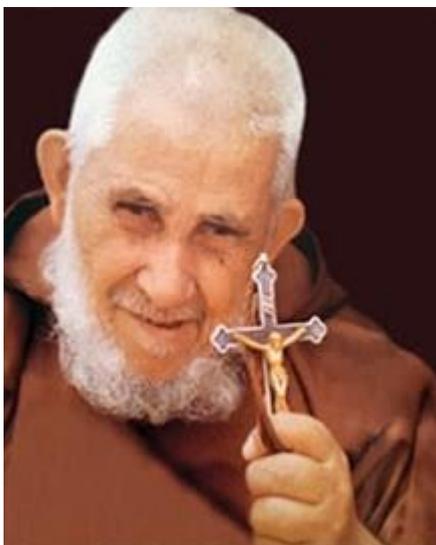
Figura 45 – Antoninho Marmo



Fonte: TÚMULOS (2010).

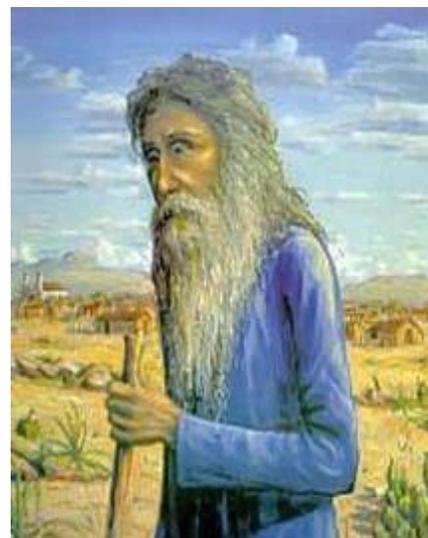
Cabe ressaltar o elevado número de santos não canônicos pertencentes ao devocionário nordestino, que, apesar de não serem reconhecidos pelo Vaticano, continuam chamando a atenção das pessoas que lhes atribuem o poder de realizar milagres e neles depositam fé e esperança, continuando, assim, a ocuparem um espaço importante no imaginário popular sem a necessidade de serem canonizados. Citamos, como exemplo, entre muitos outros: padre Ibiapina, no Ceará; Dom Vital, em Pernambuco; Frei Damião, em Recife; Padre Cícero, no Ceará; Antônio Conselheiro, na Bahia.

Figura 46 – Frei Damião



Fonte: PROCESSO... (2012).

Figura 47 – Antônio Conselheiro



Fonte: ANTÔNIO... (2011).

De acordo com Vauchez (1989), todos esses modelos de santidade, eruditos ou não, assemelham-se quando em comum procuram alcançar, durante sua existência terrena, uma aproximação maior possível com o exemplo de Cristo. Sobre a vida desses santos, Vauchez (1989, p. 211) assim se posiciona:

[...] é difícil imaginar o que pode ter sido a existência concreta dessas personagens, que se reduz, muitas vezes, a uma série de estereótipos. A hagiografia e, depois, uma certa historiografia, revelam uma tendência para apresentar os santos não só como seres de exceção, mas também, e sobretudo, como figuras repetitivas, em cuja vida o único elemento susceptível de mudança era o quadro espaço-temporal [sic] em que se inseriam e mesmo esse esboçado de uma forma esquemática, como uma espécie de cenário adequado à valorização da perfeição do herói ou da heroína.

Pelas considerações e reflexões apresentadas, entendemos que, durante quase toda a trajetória da Igreja Católica Apostólica Romana no mundo ocidental, ela insistiu numa centralização e disciplina eclesiástica das causas que conduziam à santidade nos processos de canonização e no reconhecimento público para a veneração de determinado candidato a santo ou santa e sua ascensão às honras dos altares. A Igreja sempre lutou para que a santidade não se desenvolvesse fora dela e, por isso, sempre existiram sérias discrepâncias entre a hierarquia eclesiásticas e os fiéis, sobretudo na Alta Idade Média, quando o povo era levado espontaneamente a venerar homens, mulheres e crianças que se encontravam no centro da devoção popular, mantendo, assim, o seu direito de criar e cultuar seus próprios santos.

No Brasil, não poderia ser diferente em relação a cultos populares a determinados personagens que caminham ao lado de santidades oficiais, pois, embora se configurem com perfis diferenciados, possuem a mesma capacidade de intermediar milagres e de suscitar devoções.

2.3 RELÍQUIAS: CORPOS SAGRADOS

Conforme a doutrina eclesiástica, o corpo deixado na terra pela alma quando dele se separa, e que é chamado de restos mortais, adquire a denominação de relíquia – do latim *reliquiae*, cujo plural *reliquium* expressa “coisa deixada” – depois que a Igreja inclui seu nome na lista dos santos. Portanto, relíquia de um santo é o que dele resta depois de sua morte.

[...] todos estavam convencidos de que os santos continuavam presentes na terra e poderosos naquilo que subsiste de seus corpos. Todos consideravam esses restos como os agentes mais eficazes da ligação muito necessária entre os vivos e a corte celeste, onde o Todo-Poderoso domina [...] (DUBY, 1995, p. 40).

A designação de relíquia não só define todo o corpo de um santo, como todas as partes desse corpo por menores que sejam, contanto que possam ser vistas. Assim, a cabeça, os membros superiores e inferiores, os ossos, a carne, os dentes, as unhas, os cabelos, as cinzas e ainda o pó proveniente do que se reduziu parte de seu corpo, são também relíquias. Em sentido menos estrito, ainda são denominados de relíquias, os objetos que pertenceram aos santos, tais como: calçados, vestidos, lenços e móveis que usaram, inclusive, seu cilício e os instrumentos de seu martírio, entre outros. Em sentido mais lato, chamam-se relíquias os diversos objetos que tocaram os restos mortais de um santo ou as suas relíquias e foram colocadas em seu túmulo, como flores, velas, inclusive o caixão e a mortalha que envolveram seu corpo (GUILLOIS, 1903).

Relíquias são, pois, objetos preciosos por seu valor afetivo e material. Segundo Ferreira (1975, p. 1223): “Parte do corpo de um santo, ou de qualquer objeto que a ele pertenceu ou, mesmo, que tenha tocado em seu cadáver [...] Coisa preciosa por ter valor material ou por ser objeto de estima e apreço.” Para Cabrol e Leclercq (1948), o termo “relíquia” começou a ser utilizado com este sentido pelos cristãos da África nos fins do século IV. A fórmula abrangia, além dos corpos dos santos e mártires, também tecidos ou objetos que, por contato, conservavam todas as virtudes inerentes ao corpo sagrado. Segundo Franco Junior (2010, p. 14-15, grifo do autor), “Por menor que seja, em cada *relíquia* [...] está presente o corpo santo na sua integralidade, *corpus incorruptum* [...] pois ela encerra em si todo o sagrado, que não é divisível”.

Guillois (1903) informa que a doutrina eclesiástica católica dividiu em três classes as relíquias dos santos, a saber: insignes, notáveis e mínimas. As insignes, conforme definição da Sagrada Congregação dos Ritos, de 8 de abril de 1623, são o corpo ou um membro de um santo, como, por exemplo, a cabeça, um braço, uma perna, contanto que seja *inteira* e aprovada pela autoridade eclesiástica. Decidiu a mesma Congregação, em 3 de junho de 1662, que o osso da perna, chamado tibia, não é uma relíquia insigne.



Figura 48 –
Relíquia insigne
(corpo
incorrupto de
Santa Josefina
Bakhita)

Fonte: SANTA...
(1998, p. 309).

As relíquias notáveis são definidas como um *fragmento* considerável de uma parte importante do corpo do santo, como, por exemplo, a cabeça, um braço, uma perna. Esses fragmentos só serão considerados novamente relíquias insignes, caso se consigam unir as partes retiradas à parte principal, de modo que formem novamente uma unidade completa, como determinou mais uma vez a Sagrada Congregação dos Ritos, em 3 de dezembro de 1672.

Figura 49 – Relíquia notável



Fonte: GONÇALVES (1984, p. 185).

As chamadas mínimas são aquelas caracterizadas por *partículas* do corpo de um santo, como um dente, uma unha, um fio de cabelo ou então partículas de relíquias insignes ou notáveis, como, por exemplo, as que se encontram encerradas em pequenos relicários e medalhas que as pessoas trazem pendurados no pescoço. Consideram-se também como partículas, o pó e a cinza que provêm do corpo de um santo ou de relíquias queimadas, exceto se for grande a quantidade.



Figura 50 – Relíquia mínima

Fonte: O UNIVERSO... (1998, p. 322).

Guillois (1903) apoia-se em Cavalieri para afirmar que as relíquias encontradas em diversas igrejas no mundo supostamente pertencentes a Cristo, como a sua mortalha, túnica e os diversos instrumentos de sua Paixão, assim como aquelas da Virgem, a exemplo de seus cabelos, véu e cinto, entre outras, são consideradas insignes em razão do seu valor intrínseco e da dignidade e excelência de quem as originou. Como exemplo, Hans Belting (2010) informa que, por volta do Seiscentos, o manto da Virgem era exposto nos muros de Constantinopla como arma poderosa de proteção e defesa contra os inimigos, provando, deste modo, a importância da relíquia.

Figura 51 – Instrumentos da paixão de Cristo



Fonte: MUSEU DO ORATÓRIO (2013).

Não acontece o mesmo com os objetos que pertenceram ou usaram os santos, pois, por mais notáveis que sejam, não serão considerados relíquias insignes. Dizem os postulados do Concílio Tridentino que os fiéis devem respeitar e honrar as relíquias dos corpos dos mártires e de outros santos, porque eles são os *membros vivos de Jesus Cristo*, operando Deus graças extraordinárias por meio deles, que devem, um dia, ressuscitar para a vida eterna.

Cunha (1996) ensina que a devoção às relíquias cristãs teve início no Oriente, porém foi no Ocidente que progrediu. Como visto no culto dos ícones do Oriente, tensões existentes entre os grupos pré-icônicos e anti-icônicos na tradição do cristianismo primitivo da mesma forma são evidenciadas nas relações entre relíquias e imagens. A autora ressalta estarem de acordo os pesquisadores quanto à periodização do direito usual referente às relíquias cristãs do Ocidente, que se afastaram gradualmente do Direito Romano, que garantia aos túmulos a segurança de não serem violados e só permitia sua abertura em situações especiais e em caráter definitivo.

A normatização de que os corpos sagrados não podiam ser tocados perdurou, legalmente, tanto no Oriente como no Ocidente desde a queda do Império Romano do Ocidente até aproximadamente a metade do século VII. A Igreja determinava que os corpos dos santos deveriam ser reverenciados nos locais dos seus túmulos. Raras exceções eram permitidas, como, por exemplo, em risco evidente de iminentes violações ou em situações em que o santo morria exilado e era necessário o retorno dos seus restos mortais à sua localidade de origem. A partir do século IV começa, em caráter excepcional, as transladações dos restos mortais dos santos enquanto a fragmentação desses corpos permanece controlada com maior determinação, apesar de algumas instituições religiosas não serem proibidas de acolherem fragmentos de corpos santificados.

Conforme Cabrol e Leclercq (1948), a mudança da capital do Império Romano para Constantinopla, cidade sem “tesouro cristão”, irá iniciar uma época de transladações e desmembramentos das relíquias. Nas igrejas orientais, instalou-se a prática de dividir as relíquias, possibilitando, assim, ao maior número de igrejas possuírem tais tesouros.



Figura 52 – Relíquias

Fonte: LEBÉDEL (2003, p. 71).

Em meados do século VII, especialmente nos séculos VIII e IX, no Ocidente, as transladações dos restos mortais dos santos começaram a ser realizadas rotineiramente, não sendo permitido, dessa forma, as fragmentações que só foram autorizadas após o século IX, quando a ânsia do Ocidente por relíquias derrubou o preceito de inviolabilidade dos corpos dos santos, procedendo-se, assim, ao seu desmembramento. Com isso, seus fragmentos espalharam-se por todas as regiões cristãs (CUNHA, 1996).

Quanto a isso, Peter Brown (1981) destaca a diferença entre a centralização das localidades santas e das relíquias do islamismo em confronto com a descentralização das relíquias do cristianismo nos momentos finais do Império Romano do Ocidente. Cunha (1996) esclarece que, por séculos, a cristandade ocidental iria igualar-se com as fronteiras do antigo Império Romano não só na Europa como também no Norte do continente africano. Possivelmente, devido à projeção dos francos e o avançar desse império além dessas primitivas fronteiras, ampliando a área de influência do cristianismo, é que as “[...] relíquias se tornam verdadeiramente móveis e fragmentáveis” (CUNHA, 1996, p. 79). Com isso, por toda a cristandade, a pressuposta presença do Sagrado que elas representavam marcou também a presença da Igreja Católica na imensidão dessas distantes regiões.

Cunha (1996) informa que, possivelmente, a época subsequente à quarta Cruzada promoveu a oferta de uma quantidade muito grande de relíquias antigas, devido ao saque do Império Romano do Oriente em 1204. Esse caracterizou-se como um período em que relíquias de santos “universais” espalharam-se por toda a Europa e passaram, nos séculos XII e XIII, a substituir os santos locais na devoção.

É também nesse período que se observa a projeção, com grande sucesso, das imagens vinculadas ao culto da Virgem, competindo com o culto das relíquias, sobretudo na Europa Meridional.

Nesses séculos, o motivo da relação entre imagem e relíquia, que manifesta as questões entre a Igreja Ortodoxa, cultuadora dos ícones, e a Igreja Católica, ressurgiu com grande intensidade. A autora ressalta não só o paralelismo de funções entre relíquias e imagens, existente nos séculos VI e VII, como também o fato de que o culto das relíquias no Oriente promoveu o culto das imagens. A separação entre esses cultos só ocorreu inteiramente no século VII.

As relíquias eram como a alma dos edifícios que as acolhiam e, frequentemente, motivaram a construção de igrejas as quais não eram concebidas sem elas em seus interiores. Além disto, eram-lhe ainda atribuídas importantes virtudes educativas. Outrora, haviam sido corpos e personalidades cuja vida extinta persistia como um traço luminoso, cuja fé e atos haviam lançado germes da vida espiritual e cujo exemplo podia instruir e socorrer todos aqueles que procurassem obter a atenuação de seus males. Por isso, durante séculos, as relíquias constituíram a riqueza de muitas igrejas (CABROL; LECLERCQ, 1948).

Ao enfatizar o valor material atribuído às relíquias, Johnson (1976) afirma que uma igreja desprovida de uma importante coleção de relíquias e/ou de relíquia de um santo de prestígio estava privada de uma excelente fonte de receita, sendo necessário empreenderem-se esforços locais para que Roma canonizasse pessoas que viveram na comunidade e tivessem a fama de santos. Estas relíquias, isoladas ou em coleções, guardadas em relicários, localizavam-se, na maioria das vezes, no coro ou santuário da igreja, separado do resto do corpo do edifício por grades, abertos para a visitaçãõ de grupos ansiosos, em horários determinados, mediante o pagamento de uma taxa.

Em fins do século IV, iniciou-se um processo de acumulaçãõ de relíquias pelos poderosos do clero e da nobreza que vislumbravam, com a sua coleta, deter uma fonte inesgotável de riqueza e prestígio. Essas coleções de relíquias, até aproximadamente o século XV, sustentaram um comércio de levantamento de fundos para a Igreja Católica, contando, cada vez mais, com um número maior de descobertas de corpos santos muito conveniente e apropriado para os interesses de caixa da Igreja.

Figura 53 – Relíquias expostas



Fonte: MOMA (2010).

As relíquias, na sua projeção de importância e valor sobrenatural, prestavam-se a uma série de outros objetivos, desempenhando papel vital nas questões jurídicas para juramentos e litígios; nas batalhas conduzidas pelos reis e imperadores para os seus sucessos; e também como estímulo à construção de grandes santuários (JONHSON, 1976). Sobre esta questão, Tuchman (1989, p. 12) relata: “Em 1206, os cidadãos de Amiens, a orgulhosa e próspera capital da Picardia que já era comuna há cem anos, adquiriu um pedaço da cabeça de João Batista. Como santuário digno da relíquia, resolveram construir a maior igreja da França.”

Figura 54 – Catedral de Amiens



Fonte: SANCTAE ARCHITECTURE (2010).

Outro fator de suma importância para a estrutura de comunicação e o formato da economia, foram as peregrinações aos locais onde existiam famosas relíquias, comuns desde o século IV, que se tornaram o principal motivo de deslocamento de milhares de

fiéis durante mais de mil anos. Não era unicamente o fato de os centros urbanos se desenvolverem e expandirem em torno das relíquias, mas também as feiras, programadas para coincidir com dias santificados e/ou com a procissão anual das principais relíquias, determinaram e influenciaram na prosperidade de regiões (JONHSON, 1976).

Figura 55 – Procissão com relíquia



Fonte: ASSOCIAÇÃO... (2012).

Figura 56 – Santiago de Compostela



Fonte: TRIPADVISOR (2013).

O exposto permite-nos considerar a importância e o poder sobrenatural que exerciam as relíquias dos santos e santas sobre os seres humanos – representados de forma concreta pelos restos mortais e/ou acessórios que estiveram em contato com seus corpos – que, possuindo horror às legiões de demônios que habitavam seu imaginário e aos deuses pagãos rejeitados, necessitavam de proteção contra seus malefícios. Buscavam, no seu culto, um anteparo divino, uma espécie de campo de energia poderoso que os protegesse das investidas do mal. Aproveitando-se desse domínio exercido pelas relíquias sobre o inconsciente dos fiéis, a Igreja e a nobreza estimularam e promoveram um lucrativo comércio dessas relíquias, acumulando, assim, durante séculos, imensas riquezas.

2.3.1 Do culto das relíquias

O culto às relíquias, tão antigo quanto a própria humanidade, é encontrado em quase todas as civilizações. Sempre foi praticado como forma de manter viva a lembrança de entes queridos ou cuja memória merece ser venerada.

Foi o cristianismo primitivo quem deu uma nova dimensão, aumentando e espiritualizando essas manifestações do ser humano, lembrando e cultuando o sacrifício dos santos e santas martirizados e torturados até a morte, por professarem a fé cristã.

O culto cristão das relíquias não representava apenas superficialmente a continuidade dos antigos cultos pagãos em homenagem a seus heróis, mas nasceu de motivos sobrenaturais, sendo os corpos dos santos “templos do Espírito Santo” (São Paulo, Primeira Epístola aos Coríntios, 3,17) e destinados à glorificação eterna. Por esta razão, às vezes, tinham a propriedade de servirem de instrumentos de milagres. Vauchez (1989, p. 223) entende que a importância desses corpos decorre do fato de serem o “[...] único ponto de contato entre os santos e os fiéis que os veneravam no desenvolvimento dos cultos e das lendas [...] O corpo, depois da morte, readquiria uma misteriosa integridade, sinal de eleição divina”.

Em vida do patriarca São Bento (480-547), a sua recente ordem monástica tinha uma grande devoção pelas sagradas relíquias. No capítulo 58 de sua Regra, está explicitada que a carta de profissão dos monges fosse feita em nome dos santos cujas relíquias o mosteiro tivesse a grandeza de possuir. Esta tradição é criteriosamente obedecida até os dias atuais, em que o ato da profissão acontece perante os relicários, contendo as relíquias colocadas para esta finalidade entre os castiçais do altar (SILVA-NIGRA, 1950).

Conforme Cabrol e Leclercq (1948), em fins do século VI, a imperatriz Constantina de Constantinopla pediu ao papa Gregório Magno alguns ossos do Apóstolo Pedro. O papa respondeu-lhe que não era costume dos romanos ousar tirar alguma coisa dos corpos venerados, mas que poderia enviar, no entanto, um pedaço de seda ou de linho que fora colocado sobre esses restos sagrados, consolidando, com esta prática, o costume das relíquias produzidas “por contato”, denominadas *brandea, memoria ou nomina*.

Nos bellos dias da Igreja primitiva applicavam os fiéis aos enfermos os lenços e vestidos que haviam tocado o corpo de S. Paulo, e logo os enfermos saravam. Se Deus pôde dar a lenços e outros objectos que tinham tocado o corpo de um santo, a virtude de produzir effeitos sobrenaturaes não pôde elle dar a mesma efficácia aos mesmos corpos dos martyres e dos outros santos? (GUILLOIS, 1903, p. 108).

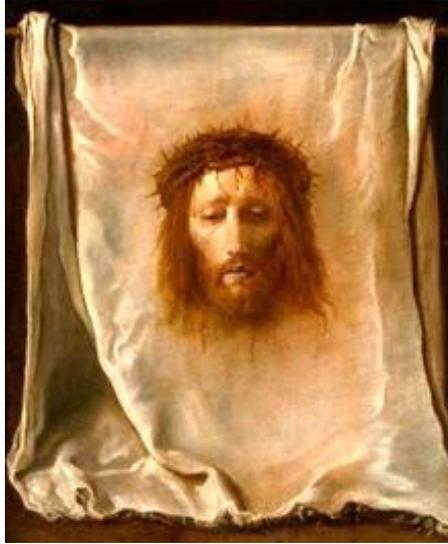


Figura 57 – Relíquia por contato

Fonte: VARIEDADES 1.COM (2013)

Vauchez (1989) esclarece que, em 1387, no sínodo de Poitiers, medidas foram consideradas contra a ingenuidade do povo, que, influenciado por alguns devotos, adquiriu o hábito de venerar corpos que foram encontrados intactos e de adorá-los como se fossem santos. Para os religiosos daquela época, o bom estado de conservação dos corpos depois da morte caracterizava-se como um dos critérios para atribuir a um ser humano a condição de santidade. Os despojos humanos dos santos possuíam a excepcional capacidade, compartilhada somente com a hóstia consagrada, de poderem ser desmembrados sem perder os poderes que tinham adquirido por dádiva de Deus no instante da sua morte gloriosa. Em termos da compreensão comum de época, esses constituíam as bases implícitas do culto das relíquias “[...] partículas de um corpo santificado e fragmentado que, à semelhança de Cristo, não deixava, porém, de ser fonte de vida e promessa de regeneração” (VAUCHEZ, 1989, p. 223). A importância das transladações e dos roubos de relíquias para a vida religiosa do medievo, segundo o autor citado, deve ser compreendida nesse contexto. Por muito tempo, não se consideraram apenas os aspectos originais dessas transladações, em muitos casos seguidos de fraudes como também de violência.

Para as coletividades leigas e religiosas, era de extrema necessidade possuir corpos sagrados, na medida em que essa posse iria conferir a seus detentores uma posição privilegiada nessa sociedade medieval. Em vários casos, mesmo aqueles considerados santos, tinham consciência dessa situação e, muitas vezes, escolhiam para morrer o local onde tinham nascido ou aquele que pudesse exercer uma influência benéfica sobre as pessoas e a própria sociedade (VAUCHEZ, 1989).

Para Garcia (1990), houve uma divulgação em favor do culto dos santos com as transladações e a divisão das relíquias. Em contrapartida, a garantia de sua autenticidade ficou dificultada e prejudicada, problema que se agravou com as cruzadas. A multiplicação das relíquias, favorecida pela ingenuidade dos fiéis, pôs em dúvida a certeza da sua autenticidade, o que gerou uma situação ainda mais grave, caracterizada pelo surgimento de um nefasto comércio de relíquias. A ânsia de possuir relíquias, vinculada a uma evidente ignorância das pessoas, conduziu a atos impróprios, como roubo, facilitando a comercialização, apesar de todas as ponderações e advertências por parte da Igreja.

A importância adquirida pelas relíquias como elementos de valor material e espiritual não poderia estar desvinculada de ações criminosas. Em todos os períodos do cristianismo houve fraude em grande escala. Entretanto, algumas se destacaram no Egito e na Síria durante o período pós-Constantino; na Germânia do século VIII, com grande volume de relíquias carolíngias e também no século XIII, quando o saque de Constantinopla trouxe para o Ocidente uma grande quantidade de relíquias “autênticas”. Papas empenharam-se em conter os excessos, determinando que as relíquias mais importantes deveriam conter o sinete papal, para garantir sua autenticidade. Apesar de todo o empenho de alguns papas para coibir as falsificações e o conseqüente e intenso comércio de relíquias, era inevitável reconhecer que a Igreja tinha grande soma de recursos investida nessa atividade. Por esta razão, com frequência, Roma “encontrava” corpos de santos ou mártires, como no caso de Santo Ambrósio, bispo de Milão, que explorou o sistema de relíquias ao máximo de suas possibilidades (JONHSON, 1976).

Altos representantes tanto do Estado como da Igreja não apenas negociavam, vendendo e trocando relíquias, como acobertavam e apoiavam o roubo. Havia ladrões profissionais que durante anos planejavam roubar determinadas relíquias e, em muitos casos, eram os próprios religiosos que agiam como tais. Cunha (1996) informa que roubar relíquia era tido como um dentre os modos legítimos de adquiri-las e os venezianos parecem ter sido os “especialistas” nessa modalidade. Esse modo singular de transmissão da cadeia de domínio repousava frequentemente sobre o princípio moral de que o santo cujo corpo ou fragmento de corpo era roubado consentia na sua translação. O próprio sucesso do roubo era a prova desse consentimento. Era comum reis, abades e bispos buscarem criminosos ou agirem por conta própria, lançando mão de todo o poder

que lhes cabia. Não diferenciavam entre força política e militar e a força espiritual gerada pelas relíquias sagradas, pois, para eles, homens poderosos, a ambição permitia-lhes correr o risco, pondo em cheque seus reinos e suas vidas em batalhas, porém acreditando que a recompensa em potencial valia a pena. Deste modo, conseguiram para si as preciosas e valiosas relíquias. Tais ações não eram entendidas como leviandades e/ou atos vergonhosos, mas relevantes empreendimentos de estado, relacionados ao poder, autoridade, privilégio, jurisdição etc. (JONHSON, 1976).

Garcia (1990) pontua que, com base na documentação, consegue-se perceber discrepâncias que diferenciam a atitude da devoção medieval da renascentista. Portanto, a relíquia do medievo está envolvida numa aura de poder mágico, situando-se numa posição muito próxima da superstição, assumindo uma atitude de influenciar nos devotos uma prática muito mais baseada no medo do que na razão. Em contraposição, verifica-se que o mercantilismo produzido com as relíquias que circulavam com as respectivas indulgências provocou indignação nos reformistas, que não se cansaram de criticar e chamar a atenção contra tais excessos.

Esta sutileza perpassa o homem renascentista que, devido aos protestos dos reformistas, considera a réplica indispensável como justificativa para o culto das relíquias sagradas e moderação quanto a sua devoção. Com esta prática, procura conter toda atitude exaltante e desconsideração motivada pelos reformistas. Estes se posicionaram contrariamente a esse modelo de culto caracterizado e impregnado de excessos e ações escusas dos religiosos, ao estimularem, ao redor das relíquias, a superstição e duvidosos milagres. Também era motivo de questionamento o despropósito de se cultuar falsas relíquias como verdadeiras.

A religiosidade do concreto, do que se toca e experimenta, daquilo em que se acredita e a que se recorrer, por se crer na passagem física como que de um fluido, entre o divino e humano, transforma-se também em ladeira escorregadia por onde desliza e se espraia o supersticioso. (MARQUES, 2000, p. 359).

Ainda consoante Garcia (1990), a atitude do homem renascentista prega a cautela em conformidade com o apregoado por Santo Inácio de Loyola, na sua 6ª Regra. Também São João da Cruz comunga com esse entendimento, reforçando que o culto das relíquias deveria ser isento de qualquer tipo de superstição, ressaltando que os fiéis deveriam ser instruídos para o real significado de respeito às relíquias dos

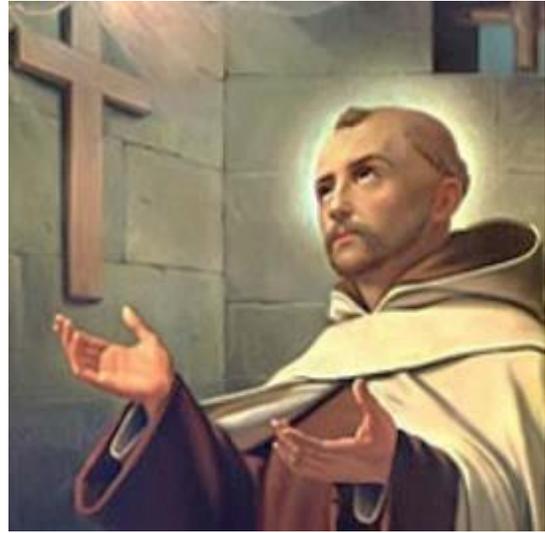
santos e santas, pois, deste modo, “[...] nem haverá idolatria na veneração das relíquias, nem superstição alguma como acusam os hereges” (LOYOLA, 1977, p. 287).

Figura 58 – Santo Inácio de Loyola



Fonte: CATOLICISMO E DOCTRINA (2012).

Figura 59 – São João da Cruz



Fonte: JUVENTUDE GORETIANA (2012).

Os religiosos participantes do conclave tridentino e depois a hierarquia eclesiástica, os missionários do interior, assim como o novo clero surgido dos seminários, defrontados com as superstições, passaram a ter um posicionamento crítico acerca da questão, bastante semelhante àquele defendido e apregoadado pelos teólogos e pastores protestantes (DELUMEAU, 1978).

Com a Reforma empreendida pela Igreja Católica na última seção do Concílio tridentino (1545-1563), o culto das relíquias passou por uma alteração importante, no propósito de ordenar superstições e, principalmente, impedir falsificações e o “lucro sórdido” delas advindo. Assim, a Igreja tomou a iniciativa de indicar visitantes e comissários com a missão de averiguar a autenticidade desses objetos. Apesar de esse culto não ter sido modificado substancialmente, recebeu um grande reforço, considerando-se que, para a recente piedade da Contrarreforma, a contemplação dos restos mortais dos santos e santas, tornou-se um meio eficaz para os devotos obterem a salvação (D’OREY, 1998).

Associado ao culto dos santos encontra-se o das relíquias que o Concílio de Trento, na seção XXV, de 3 de Dezembro de 1563, declarou solenemente dignas de serem veneradas, pedindo apenas para se evitar qualquer gênero de superstição e não aceitar uma nova relíquia sem aprovação do bispo. (MARQUES, 2000, p. 359).

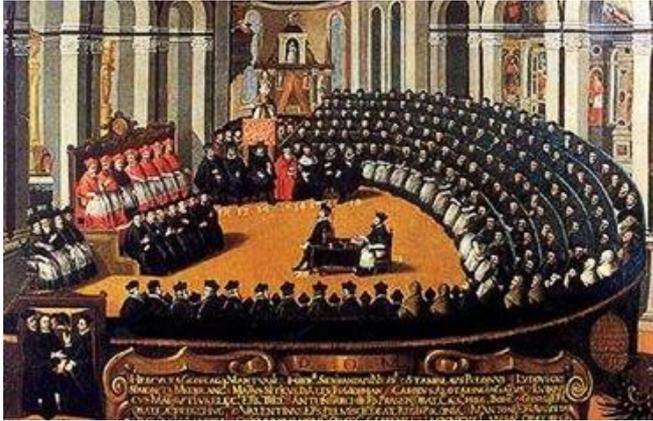


Figura 60 – Concílio de Trento

Fonte: HIEROFANTE DO CHAOS (2011).

As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707,⁹ no Livro Primeiro, título VIII, determinavam que os fiéis, sob pena de serem condenados, não duvidassem da veneração das sagradas relíquias aprovadas expressamente pela Igreja, orientando que fossem preservadas em engastes, vasos ou relicários e guardados devidamente em locais apropriados. Quando mostradas e expostas, deveriam estar acompanhadas de velas acesas no altar e o Ministro, vestido com a sobrepeliz. Também orientam essas Constituições que as relíquias antigas de santos canonizados, atestadas por documentos legítimos, deverão continuar a ser reverenciadas e veneradas com o mesmo culto que sempre lhes foi prestado. Havendo qualquer dúvida quanto à autenticidade, a autoridade eclesiástica deverá ser informada, para que possa proceder as investigações necessárias à confirmação ou não da suspeita. Recomendam ainda que não se comprem ou vendam relíquias, a não ser por força maior, a fim de serem resgatadas em mãos de infiéis, reforçando que a sua compra ou venda ofenderá à religião cristã, cometendo-se o crime de simonia¹⁰ (MONTEIRO DA VIDE, 2007).

Fica evidente nessas determinações que as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707, por meio de seu autor, D. Sebastião Monteiro da

⁹ Transcrevemos as informações contidas na capa da publicação editada pelo Senado Federal do Brasil, no v. 79, com a reprodução fac-similar da página de rosto da 2.ª edição (1853) das “Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5.º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de sua Magestade: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as Licenças necessárias, e ora reimpressas nesta Capital. São Paulo, na Typographia 2 de dezembro de Antonio Louzada Antunes. 1853.”

¹⁰ “compra ou venda ilícita de coisas espirituais (como indulgências e sacramentos) ou temporais ligadas às espirituais (como os benefícios eclesiásticos)”. (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Vide, são protagonistas da primeira tentativa de estender a Reforma tridentina ao catolicismo no Brasil. Segundo Carlos Alberto Steil (1996), em sintonia com o movimento de moralização dos costumes e de reestruturação do culto católico, que seguiu a trajetória da Contrarreforma na Europa, são evidentes as intenções do arcebispo D. Sebastião, em colocar a religião local sob o controle da Instituição, criando leis para a prática pública da religião católica nos domínios da sua diocese.



Figura 61 –
Constituições
Primeiras do
Arcebispado da
Bahia

Fonte:
CONSTITUIÇÕES...
(2011).



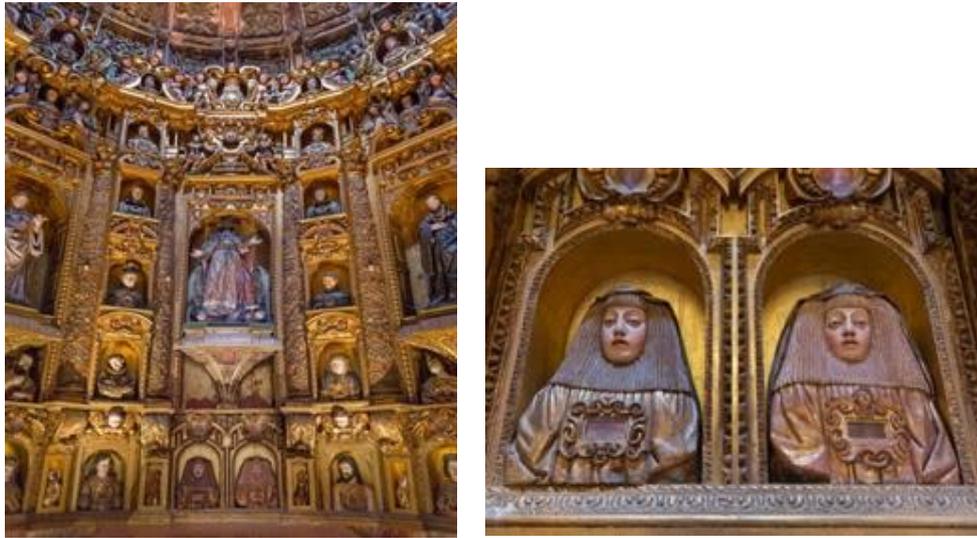
Figura 62 –
D. Sebastião
Monteiro da
Vide

Fonte:
IGREJA...
(2013).

Constata-se, desse modo, o esforço despendido pela Igreja com o propósito de instruir os devotos quanto ao correto sentido do culto dos santos e santas, assim como das suas relíquias, de forma que se trata de “culto relativo” com a finalidade de reverenciar alguém e não uma coisa, mesmo que digna de deferência. As relíquias, certamente, podem auxiliar essa relação que não deixa de ser uma maneira de enaltecer o Todo-Poderoso por meio dos seus santos e santas.

O culto das relíquias, no Brasil, que atualmente encontra-se reduzido, atingiu a sua mais bela, mas também a sua última grande expressão artística na Capela das Relíquias – inspirada no santuário das Relíquias de Alcobaça, em Portugal – no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, custeada pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antonio do Desterro. Com obras iniciadas em 1760, só foi inaugurada em 1769 (SILVA-NIGRA, 1950).

Figura 63 – Capela das relíquias e detalhe – Mosteiro de Alcobaça, Portugal



Fotos: Nilton Souza.

Paul Johnson (1976) afirma que foi Santo Ambrósio, no século IV, em sua luta contra o arianismo, quem primeiro desenvolveu um obstinado interesse pelos assuntos que diziam respeito e detalhavam o martirologio, depois de referir como descobriu as relíquias de São Gervásio e de São Protássio e as honras que lhes rendeu e de alguns milagres que se operaram na ocasião. Esta propaganda do culto das relíquias feita por ele, e também por Santo Agostinho, em uma de suas obras acerca do descobrimento das relíquias de Santo Estevão e dos seus milagres, foi fator determinante na história cristã. Consolidou-se com rapidez, permanecendo com tal força por cerca de oitocentos anos. Constituiu-se no fator isolado mais representativo da devoção cristã e na única defesa concreta dos cristãos contra as adversidades inexplicáveis da vida e as atividades obstinadas dos “enxames de demônios”.



Figura 64 –
Santo
Ambrósio

Fonte: IDE E
ANUNCIAI
(2012).

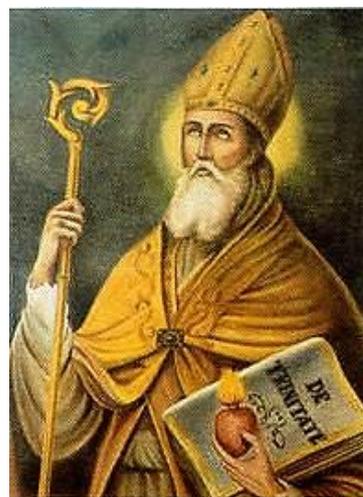


Figura 65 –
Santo
Agostinho

Fonte:
BARROS
(2011).

O princípio do culto dos santos e santas mártires teria se estruturado primeiramente no plano privado, para, num segundo momento, passar a ser assumido pelos religiosos das paróquias locais. Estes, apreensivos com essas práticas religiosas particulares, que aumentavam significativamente ao redor das sepulturas, acreditavam que podiam prejudicar a unidade dos grupos sociais cristãos constituídos (BROWN, 1981).

As honrarias cada vez mais prestadas às relíquias durante as festas comemorativas dos santos padroeiros e das transferências de corpos sagrados, propiciaram às comunidades urbanas a chance de incorporar grupos excluídos. Por meio de atos religiosos, no caso, as procissões, estimularam-se novos laços entre o perímetro urbano e o subúrbio, onde se instalavam os cemitérios; também os *martyria*, que representavam pequenos santuários destinados a guardar relíquias, tinham essa função. Essa liturgia em amplo crescimento incentiva as massas em geral a distanciarem-se das suas divindades tradicionais, recusadas a partir do século IV, para buscarem a proteção de um santo cristão (VAUCHEZ, 1989).



Figura 66 – Martyria

Fonte: TA CENTRAL (2001).

A lei romana, ao assegurar um zelo especial pelos túmulos – quando violados, seus autores eram punidos de morte –, permitiu que as relíquias dos mártires fossem cultuadas pelos fiéis, que mantiveram viva essa tradição por longo período da história cristã. Nos finais do século IV, esse culto de domínio público, homenageando os mártires, expandiu-se a outros modelos de santos que manifestavam uma vida de abnegação ao próximo e amor a Deus, passando suas relíquias a serem conservadas e veneradas em igualdade com a dos santos mártires (RÉAU, 1956).

Com o contínuo avanço do cristianismo, os imperadores passaram a permitir a construção de igrejas sobre os túmulos dos santos, fundamentando, assim, toda a teoria e prática do culto às relíquias – agora nos altares – e na fé absoluta nos milagres realizados pelos santos e santas, através dos restos de seus corpos santificados (JOHNSON, 1976).

Entre as igrejas do Oriente, a Armênia, desde os primórdios, mostrou maior disposição à devoção dos santos, estimulando a veneração das suas relíquias com intenso fervor. O país é repleto de antigas igrejas que reivindicam a honra de possuírem os preciosos restos dos santos que os evangelizaram (GUILLOIS, 1903).

Figura 67 – Igreja da Armênia



Fonte: WIKIPÉDIA (2013c).

Para a doutrina eclesiástica católica, não é permitido prestar um culto público às relíquias de pessoas falecidas em aura de santidade, que a Igreja não tenha canonizado, nem beatificado; pode-se, quando muito, honrá-las com um culto privado. Não se deve expor ao culto dos fiéis nenhuma relíquia cuja autenticidade não tenha sido reconhecida pela autoridade religiosa. É ao bispo que compete verificar os títulos de autenticidade, que devem acompanhar as relíquias às quais se quer render um culto público, e fechar e selar os relicários que as encerram. A fratura do selo, a perda dos títulos e a falta de qualquer prova de autenticidade não permitiriam ao bispo autorizar a exposição e o culto das relíquias. Do mesmo modo, não devem ser expostas à veneração pública, ainda que revestidas de todos os sinais de autenticidade, sem o *visto* e a permissão da autoridade eclesiástica (GUILLOIS, 1903).

Figura 68 – Pedra d'Ara com registro



Fonte: Acervo do autor

Entendeu a Sagrada Congregação dos Ritos que eram necessárias todas essas precauções para evitar que os fiéis se enganassem no culto religioso que prestavam às relíquias. Nenhuma relíquia exposta à veneração pública deve ser colocada sobre o santuário em que reside o Santíssimo Sacramento, nem no altar onde ele está exposto. Desse modo, se estivessem expostas em um altar onde o Santíssimo Sacramento seria exposto, as relíquias deveriam ser dali removidas; todavia, se os relicários contendo as relíquias estivessem fixados em um altar, não seria necessário retirá-los. Deste modo, aquele que não tivesse nenhuma dúvida acerca da autenticidade de uma relíquia, mesmo que a pessoa de quem a tivesse adquirido fosse de total confiança, não poderia, antes da aprovação do bispo, cultuá-las em caráter particular.

Figura 69 – Santíssimo Sacramento



Fonte: ENCONTRO COM DEUS (2012).

A presença das relíquias, nas procissões e em certas solenidades, era condicionada à permissão do bispo, cuja autenticidade reconheceu. Não se poderia, entretanto, levá-las sob o pálio.¹¹ Assim o decidiu a Sagrada Congregação dos Ritos, em 23 de março de 1686, a fim de que os fiéis percebessem a grande diferença existente entre as relíquias e o Santíssimo Sacramento (GUILLOIS, 1903).

Figura 70 – Procissão



Fonte: REVELACIONES (2007, p. 7)

A 27 de maio de 1826, a Congregação publicou um decreto sobre o mesmo assunto, aprovado e confirmado pelo papa Leão XII, segundo o qual se poderia tolerar e permitir levar debaixo do pálio as relíquias da Vera Cruz e os outros instrumentos da Paixão de Cristo. Entretanto, continuaria absolutamente proibido prestar a mesma honraria às relíquias dos santos. Quanto aos fiéis, poderiam trazê-las ao pescoço ou guardar em casa apenas as relíquias mínimas, sendo melhor que as colocassem e venerassem em oratórios domésticos. Entretanto, as relíquias insignes ou notáveis não deveriam estar nas casas de leigos nem tão pouco no interior dos conventos, devendo permanecer depositadas nas igrejas.

¹¹ “Reliquiae sanctorum quae deferuntur in processionibus per civitates et oppida, non debent defferri sub baldachino.”



Figura 71 –
Papa Leão XII

Fonte:
WIKIPEDIA
(2015).



Figura 72 –
Relíquia da
Vera Cruz

Fonte: YOUCAT
(2015).

O Concílio de Tours, realizado em 813, século IX, convocado pelo papa Nicolau I, quanto ao ofício de dizer missa de um santo, determina que se celebre a festa dos santos cujos corpos se possuem, e que seja praticada a veneração que lhes é devida nas igrejas onde se conservam. Não autoriza a Igreja que se reze o ofício e a missa de um santo de que se possui uma relíquia, salvo quando esse santo é canonizado. Esta autorização cabe ao bispo conceder. Se a relíquia fosse de um bem-aventurado, não se poderia rezar o ofício nem a missa dele sem uma concessão especial do sumo pontífice, o que só seria concedido quando se tratasse de relíquia insigne. Procedeu assim a Igreja como estratégia para tornar mais solene o culto do santo cuja festa se celebrasse e concorrer a ela maior número de fiéis; o que não sucederia se fosse celebrado o mesmo ofício em todas as igrejas que possuíssem algumas partículas das relíquias desse mesmo santo (GUILLOIS, 1903).



Figura 73 –
Papa
Nicolau I

Fonte:
SANTOS
NOSSOS
(2013).

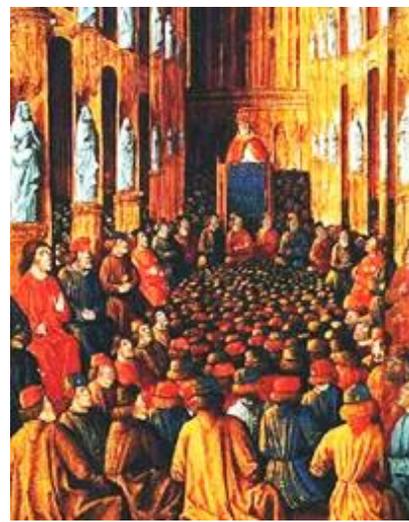


Figura 74 –
Concílio de
Tours

Fonte:
TORRE...
(2013).

Quando o bispo tem de consagrar algum altar fixo, cantam-se, na véspera da cerimônia, *matinas* e *laudes* diante das relíquias dos santos, as quais se devem colocar nesse altar, ainda que nem sempre sejam insignes, como recomenda a Sagrada Congregação dos Ritos, de 14 de janeiro de 1845.

Diante do exposto, deve-se ressaltar o domínio e a autoridade absoluta que a Igreja exerceu sobre os fiéis, tomando para si e legitimando, com firmeza, o poder de proibir, confirmar, decidir, autorizar e legalizar qualquer ação ou atitude referente ao culto dos santos e a veneração a suas relíquias.

3 CRÍTICA E AFIRMAÇÃO DO CULTO DAS RELÍQUIAS NO SÉCULO XVI

3.1 ANTECEDENTES

Os responsáveis pela religião medieval tinham plena consciência de que seus contemporâneos, principalmente aqueles da região rural, vinculavam doses variáveis da doutrina cristã a rituais e crenças de tempos imemoráveis. Mas também julgaram, por muito tempo, que o que importava, de fato, era a cristianização do pagão e que, com perseverança, o objetivo seria alcançado. Durante longo período, a Igreja divulgou duas mensagens simultaneamente: uma difícil de contentar, restrita a um grupo privilegiado, e outra de obrigação direcionada ao povo. Este, se não demonstrasse um posicionamento de rebeldia para com a Igreja, possivelmente seria salvo, apesar de ignorante, em virtude de sua boa disposição e também das preces dos religiosos. “Por muito tempo a Igreja medieval se opôs, portanto, ao elitismo e fechou os olhos a uma ‘folclorização’ do Cristianismo que não parecia levantar obstáculo à graça.” (DELUMEAU, 1978, p. 176).

Essa atitude, que a alguns estudiosos configura-se atualmente como situada numa lógica cristã da Encarnação, alterou-se em virtude do surgimento das ordens mendicantes do século XIII, que pretendiam elevar a qualidade da vida religiosa e o desejo de pregação a princípio nas cidades e posteriormente no campo. As desventuras acontecidas nos séculos XIV e XV, como guerras, miséria, peste, Grande Cisma etc., estimulam, simultaneamente, uma ebulição cristã e o retorno de comportamentos mágicos que de todo não haviam desaparecido, mas existiam em estado latente. Do confronto, surgiu, entre aqueles que se consideravam os melhores cristãos, responsáveis pelo cristianismo, um pensamento considerando que o Ocidente continuava ou queria voltar a ser amplamente “pagão”. Isso aparece nos seus escritos, quando, na época da Renascença e muito posteriormente, continuavam a julgar assim seus contemporâneos, sobretudo aqueles residentes nos campos (DELUMEAU, 1978).

A imaginada política de assimilação das práticas de magia secular deu lugar a ações de rejeição e a consolidação progressiva da imposição da religião de um grupo a milhares de pessoas. Todavia, é impossível compreender o que se passou no Ocidente nos primórdios dos tempos modernos, se não for possível esclarecer essa ambição da elite cristã e identificar o modelo de conduta religiosa que ela quis que

fosse absorvida pelo resto da população (DELUMEAU, 1978). O autor assim argumenta: “Só este ângulo de mira faz realçar um dos significados profundos da Reforma protestante, a saber: um olhar agudo e severo lançado sobre o ‘paganismo’ das massas e uma rejeição da ‘idolatria’ disposta a ir até ao iconoclasmo.” (DELUMEAU, 1978, p. 177).

A Igreja Católica não ficou distante do conhecimento das “superstições” e também da “idolatria”. Considerando-se que os clérigos do Concílio de Trento e depois a hierarquia, os missionários e o novo clero, este último saído dos seminários, em contato com essas práticas ditas supersticiosas, posicionaram-se da mesma forma que os teólogos protestantes e colocaram-se contra uma religião da terra que julgavam equivocada e distante da salvação. Esforçaram-se também por modificar, sem grandes resultados, comportamentos da coletividade que achavam estar impregnados por condutas assimiladas e voltadas à prática da magia (DELUMEAU, 1978).

Desse modo, surge um vocabulário comum entre a Reforma Protestante e a Reforma Católica, considerando que ambas se empenharam numa ampla campanha de conversão da população à cultura religiosa ocidental, ficando evidente, nessa vontade, uma atitude hegemônica de aculturação. Tudo se passa de forma tal como se a cultura escrita e urbana, surgida da cumplicidade cristã, da experiência medieval e também do humanismo tivesse se dado conta de certa fragilidade e estivesse vulnerável, pela imensidão de uma cultura rural e oral, resultando em reações hostis advindas das autoridades religiosas, determinadas a neutralizar a situação (DELUMEAU, 1978). Ficam evidentes, dessa forma, tanto em domínios protestantes como em domínios católicos, “[...] os processos das feiticeiras em nome de uma demonologia fabricada pelos juízes e teólogos, a luta multiforme contra os divertimentos ‘pagãos’ – folias, festas do Inocente [...] por vezes as fogueiras de São João” (DELUMEAU, 1978, p. 180), assim como as investidas contra os blasfemadores e as campanhas rigorosas, condenando determinados comportamentos morais, tidos como inadequados dentro de uma sociedade cristã.

Esta aculturação, para o autor citado, teve não somente o caráter repressor, mas também foi fortemente pedagógica, quando, na mentalidade das elites cristãs, se alojou uma afirmativa de que a ignorância religiosa é motivo de condenação. Este conceito, consoante Delumeau (1978, p 180), é defendido tanto por Lutero e Calvino, assim como por São Vicente de Paula e São Carlos Borromeu: “[...] a partir do

momento em que as duas Reformas concorrentes – mas também solidárias – desenvolveram a sua ação junto das populações, visaram, portanto, ensinar a doutrina cristã às massas, particularmente aos camponeses [...]”.

A partir de então, os seminários passaram a ser criados para preparar mais dignamente o corpo de religiosos, missões no interior, ênfase à pregação semanal, a proliferação de escolas tanto no universo protestante como no universo católico, o Santo Ofício etc. Todavia, segundo Delumeau (1978), não era fácil convencer uma multidão imensa de pessoas do campo que não tinha no seu cotidiano uma espiritualidade e formação moral formais, advindas de seus antepassados, a aceitar que suas vidas passariam a ser balizadas por preocupações vinculadas à vida após a morte, isto é, à eternidade.

O processo pedagógico para tal, utilizado pelos protestantes, não difere significativamente daquele da Igreja Católica. Assim sendo, no universo católico, a tão perseguida conversão seria conseguida “[...] pela culpabilidade das consciências, pela insistência obstinada no pecado original e nas faltas cotidianas, pelo exame da consciência levado até ao escrúpulo, pela ameaça continuamente brandida do inferno [...]” (DELUMEAU, 1978, p. 181-182). Seria preciso convencer os fiéis de “[...] que os perigos desta vida não são nada comparados com os perigos do Além” (DELUMEAU, 1978, p. 182).

A ameaça do fogo do inferno, porém, não era suficiente para ter a população sob controle total. Esse cristianismo, presente em todos os momentos, não teria permanecido em unanimidade, caso não tivesse sido apoiado e reforçado continuamente pelo poder civil. Assim, desde a Renascença, as instituições religiosas apoiaram-se em Estados muito mais organizados que anteriormente, permitindo que tanto a Reforma protestante quanto a católica controlassem e vigiassem as populações da Europa com uma rigidez e competência desconhecidas até então.

A partir do século XVIII, após longo período de esforços despendidos com persistência e determinação, a religião passa a ser divulgada como uma escolha pessoal, abraçada de todo o coração e espírito, uma oportunidade para a salvação do indivíduo, vivenciada numa prática e pontualidade quase unânime, contribuindo para, de certa forma, duvidar-se e estranhar-se essas divulgações (DELUMEAU, 1978). Desse modo, tanto a Reforma protestante quanto a católica promoveram no campo, onde residia a grande maioria da população, o tipo de religião e da sua prática que nos serve de balizador para a análise da situação atual.

O cristianismo, tendo liderado uma civilização inteira, após Constantino, “[...] aceitou em proporções variáveis, segundo o tempo e o espaço restituir um lugar ao sagrado dos tempos pagãos – a interditos, a cerimônias obrigatórias e a um corpo sacerdotal dotado de grandes poderes” (DELUMEAU, 1978, p. 194). Esta propensão em busca da ressacralização foi periodicamente condenada e combatida por uma gama de contestações, das quais a que mais tomou corpo e se destacou foi a revolta religiosa do século XVI, mais precisamente na sua configuração protestante, mas também católica, com o grande propósito da espiritualização dos sacramentos e a piedade coletiva, como também para relativizar o culto dos santos e das suas relíquias.

3.2 DECLÍNIO DO CULTO DAS RELÍQUIAS

Os movimentos que eclodiram intensamente entre 1517 e meados do século XVII, deixaram de ser considerados como um conjunto de contestações e mudanças no seio da Igreja Católica e passaram a ser pensados como movimentos já de longa duração cujas origens remontavam à Idade Média (LIMA, 1990).

Sobre a etimologia da palavra “reforma”, Lenzenweger (2006, p. 207) comenta:

[...] a palavra reforma (*reformatio, reformare*) não tem um sentido bem claro e definido [...] Por *reformatio* entendia-se, sempre, uma purificação da Igreja, de sua doutrina e sua vida, livrando-a de abusos, e sua renovação por uma volta ao antigo, à doutrina e à vida da Igreja nos seus primórdios.

O culto às relíquias como objetos de grande poder sobrenatural, através de intensa propaganda, funcionou como mola propulsora da política da Igreja por toda a Idade Média. A percepção da importância das coleções de relíquias não somente como armas poderosas contra as legiões do mal, mas, sobretudo, como elementos de poder e riqueza acompanhou, no transcorrer dos séculos, os detentores das grandes fortunas e de prestígio. Prestaram-se não apenas a uma série de objetivos na vida social, política e econômica das regiões, como também levaram à rivalização entre o clero e a nobreza. Cada um com suas coleções “autênticas”, servindo de fonte de receita para seus detentores, juntamente com as falsificações, roubo, venda e comércio de relíquias e indulgências, concorreram para que a Igreja se encaminhasse a um estágio de decadência moral que desencadeou as primeiras reações contra tais abusos, dentro e principalmente fora da Igreja (JOHNSON, 1976).

Já durante o século XII, temos as primeiras dúvidas levantadas quanto ao culto das relíquias. Por volta de 1120, o Abade Nogent escreveu *Relíquias dos Santos*. Nesta obra, considerou que muitos dos cultos a santos eram duvidosos, dando o exemplo de que apenas por ter morrido numa Sexta-Feira Santa um escudeiro tornou-se objeto de veneração. Assim, anos depois, o papa Alexandre III tornou a atividade de canonização monopólio pontifício. O mesmo Abade também apontou elementos do sistema que eram visivelmente fraudulentos, ao afirmar que duas Igrejas, uma em Constantinopla e outra em Angeli, asseguravam possuir a cabeça de São João Batista (JOHNSON, 1976). Franco Junior (2010, p. 26) relata que o referido Abade, na sua crítica “[...] não ataca o princípio fundador do culto às relíquias, e sim os abusos de que era objeto. Ele não duvida da sacralidade das verdadeiras relíquias, apenas reprova os interesses materiais que levavam muita gente a produzir falsas relíquias”.



Figura 75 – Papa Alexandre III

Fonte: VICIPAEDIA (2015).

Um rico bispo ou abade era presa fácil e normalmente alvo de investidas. O bispo de Odo de Bayeux, por exemplo, foi enganado pelos monges de Corbeil, que garantiram estar lhe vendendo o corpo de Santo Exupéry. Na verdade, entregaram-lhe os restos mortais de um camponês, evidenciando, obviamente, que as relíquias duplicatas ou fraudulentas seriam incapazes de exercer qualquer poder espiritual (JOHNSON, 1976). Esse relato evidencia que, já nessa época, o sistema apresentava sintomas de esgotamento.

Le Goff (1981) afirma que, também no século XII, foi incorporada na doutrina católica a crença no purgatório, e que a distribuição das indulgências só tem representação quando vinculadas a ele. Nos discursos teológicos, o purgatório seria

o local de purgação dos pecados veniais como também o lugar de cumprimento das penas determinadas pelos religiosos quando da confissão dos fiéis. Esta dupla função do purgatório vai justificar um sofisticado sistema de distribuição de indulgências, estruturado pela Igreja Católica nos séculos posteriores juntamente com o comércio das relíquias dos santos.

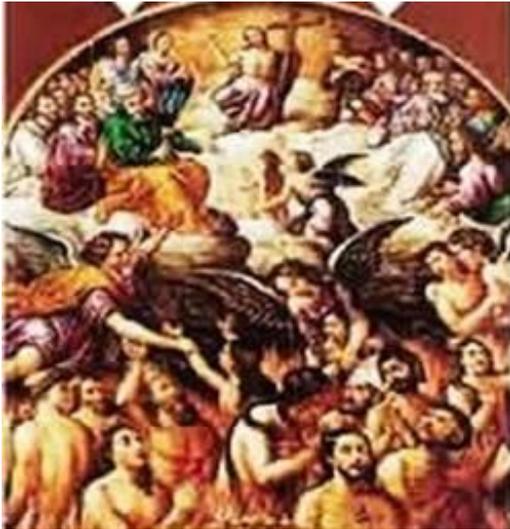


Figura 76 – Purgatório

Fonte: DOMINUS VOBISCUM (2011).

No século XIII, a Eucaristia sobressaía-se como centro de devoção popular e os santos tinham que ser recentes e excelentes, a exemplo de São Tomás, para estimular novos cultos importantes. No século XIV, o comércio de relíquias apresenta-se em processo de declínio. Quando os papas mudaram-se novamente de Avignon para Roma, as relíquias já não inspiravam mais uma crença cuja determinante era, antes, uma aura revestida de profunda adoração e temor. Em vez disso, recorriam todos, ainda, a uma superstição residual. Entretanto, até o século XV, as coleções de relíquias renderam um comércio de “fundos” muito conveniente aos interesses financeiros da Igreja Católica (JOHNSON, 1976).

No início do século XVI, as relíquias ainda continuavam exercendo seu poder magnético, protegendo cidades, localidades e pessoas, promovendo curas prodigiosas, além de reverenciadas em procissões pelas ruas e servindo de elementos sacralizadores de altares de igrejas e de elementos imprescindíveis nas celebrações dos ofícios religiosos em toda a Europa. Deste modo, mantinham uma tradição de veneração dos corpos sagrados dos santos e santas da Igreja Católica, num papel de fervor e devoção religiosa que já durava quase mil anos. Em meados do século XVI, devido à corrupção acumulada pela Igreja Católica à qual estavam

ligadas direta e indiretamente, as relíquias ficaram seriamente desacreditadas, ajudando, entre outros fatores, a consolidar os primeiros instantes da Reforma protestante (CYMBALISTA, 2006).

Pondera Geremek (1987) que os maiores perigos para as religiões são o cisma e a indiferença, acrescentando que o grande embate no século XVI foi, sem dúvida, motivado pelo temor da indiferença. O programa estruturado pelo catolicismo, no período que antecede à própria Contrarreforma, tinha por fim um excessivo sentimento religioso, a ampliação do monopólio clerical da religião numa dimensão que se tornou inaceitável e a demasiada importância atribuída aos indícios exteriores da fé.

Nos processos das transformações por que passou a humanidade no limiar da Idade Moderna, a Igreja Católica não deu importância para a necessidade de mudanças e de percepção em ter de acompanhar as novas realidades sociais, atendendo aos desejos do povo que ansiava por uma religião do coração. Nos primeiros instantes que antecederam à Reforma, a religião mostrou-se progressivamente insatisfatória, ao restringir-se ao respeito pelas instituições assim como à anuência a doutrinas dogmáticas. Geremek (1987) acrescenta que os estudos revelaram a amplidão do movimento e que várias reformas começaram a se consolidar nos últimos momentos de mudança da Idade Média para a Idade Moderna.

O problema das origens da Reforma permanece sempre um dos problemas históricos mais complexos e debatidos. O elenco das suas causas, presumíveis ou reais, é longo, indo desde a difícil conjectura dos preços até às novas formas de piedade [...] No retorno às causas espirituais da Reforma e à recusa em considerá-las como mero epifenômeno não significa o abandono da explicação socioeconômica. Compreende-se cada vez melhor como diferentes fatores econômicos e sociais, em diversos países e em diversos momentos, convergiam para provocar situações mentais próximas e atitudes psicológicas análogas: ao empenho da burguesia numa região correspondia o fervor da nobreza noutra, e é possível observar como a reforma se articulou em novas Igrejas, isto é, numa nova linguagem e em novos corpos sociais. (GEREMEK, 1987, p. 178).

Conforme o autor citado, Martin Lutero atende aos anseios dos seus contemporâneos não só pelo fato de enfrentar e criticar duramente os excessos da Igreja Católica, mas, sobretudo, afastando os temores e mostrando a possibilidade de um horizonte de esperança. Lutero apresenta uma concepção teológica fundamentada em três importantes princípios: a justificação pela fé; o sacerdócio universal, através do qual a toda pessoa é autorizado o exame das Sagradas Escrituras; e o questionamento à infalibilidade papal, atribuindo apenas à Bíblia esse privilégio. Estes três princípios conduzem a certa subjetividade da religião e retiram

das mãos dos religiosos a primazia da salvação. A nova doutrina, entre outros questionamentos, na sua formulação, condena e exclui o comércio das indulgências e das relíquias dos santos, retirando-lhes a capacidade de operarem milagres e merecerem veneração, além de tentar restituir a confiança ao homem, provocando-o a um exercício espiritual, porém individual. As normas preconizadas pelo Concílio de Trento relativas à propagação dos milagres e das aparições decorreram dos sérios questionamentos feitos não só pelos reformistas protestantes como também pelos erasmianos católicos (STIEL, 1996).

Nesse momento, o erudito humanista Erasmo de Rotterdam (2013, p. 90, 100, 152) dirigiu fortes críticas à Igreja Católica, referindo-se assim aos seus religiosos:

[...] são aqueles que gostam de histórias de milagres e de lorotas prodigiosas [...] não inventam essas coisas somente para aliviar o tédio das horas, mas também para seu próprio benefício, sobretudo se são sacerdotes ou pregadores [...] Como se houvesse inimigos da Igreja mais perniciosos que uns pontífices ímpios que com seu silêncio permitem que Cristo vá desaparecendo, que o aprisionam com suas leis lucrativas, que o adulteram com interpretações forçadas, que o estrangulam em sua vida pestilenta!

As críticas de Erasmo à Igreja Católica podiam levar à suposição de que ele estava apoiando a Reforma, no entanto ele jamais aderiu a ela, polemizando com Lutero sobre a defesa do “livre-arbítrio” contra o “servo-arbítrio” dos protestantes. Esta crítica rendeu-lhe, na época, “[...] a acusação de ter ‘botado o ovo que Lutero chocou’;” (SARTORELLI, 2013, p. 9).



Figura 77 –
Martin
Lutero

Fonte:
TESCH
(2010).



Figura 78 –
Erasmo de
Rotterdam

Fonte: FLORES
(2015).

A Reforma protestante, ao menosprezar a aparência miraculosa da religião e valorizar a importância da fé individual em Deus, veio a colaborar para estruturar uma nova conceituação da própria religião. A importância da Igreja para o povo não residia em sua estrutura, constituída de crenças, mas em seus ritos que representavam um acompanhamento importante para os fatos relevantes de sua existência, como o nascimento, casamento e morte. A igreja preparava solenemente essas ocasiões, ofertando rituais específicos de passagem para promover seu significado dentro da sociedade e a religião era absorvida pelo povo como um “[...] método rural de vida, não um conjunto de dogmas” (THOMAS, 1991, p. 74). Também era absorvida como um referencial inesgotável de assistência sobrenatural para todos os males e problemas que afligiam o cotidiano de cada um (THOMAS, 1991).

Thomas (1991) supõe que, num primeiro instante, a Reforma parece ter afastado todo esse instrumental de assistência sobrenatural, repudiando a importância desses rituais religiosos católicos e colocou o crente à inteira disponibilidade da vontade de Deus. O autor, no entanto, questiona como os devotos poderiam abdicar das ofertas mágicas oferecidas pela Igreja medieval antes mesmo de terem vislumbrado outro tratamento técnico que viesse ocupar seu imaginário? E ainda, não teria a própria ideologia protestante rompido suas premissas para construir a sua própria magia?

Segundo Zanon (2006), também o sistema de comércio desenvolvido pela Igreja em torno das indulgências sofreu grandes críticas por parte do monge agostiniano Martin Lutero no século XVI. Em suas noventa e cinco teses pregadas na porta da igreja de Wittenberg em 1517, criticou os papas de se atribuírem o poder de conceder o perdão das penas temporais por meio de resgate financeiro, como também de concederem, através das indulgências, a comutação, diminuição ou liberação às almas das penas que sofreriam no purgatório. Moura (2006, p. 119) comenta sobre essa crise:

[...] em 1522, um opúsculo do reformador Andreas Karlstadt divulgado em Wittenberg desencadeou as primeiras explosões iconoclastas, com a destruição de esculturas e pinturas na igreja dos agostinhos. Atitude que Lutero inicialmente procura refrear, condenando o culto das imagens, é certo, mas defendendo a legitimidade da sua existência.

Lutero foi crítico obstinado das possibilidades que a Igreja Católica ofertava aos fiéis de transferirem suas indulgências, muitas vezes negociadas financeiramente, para os amigos e/ou parentes no purgatório (ZANON, 2006).



Figura 79 – Lutero às portas da Catedral de Wittenberg

Fonte: SANTIAGO (2012).

O culto às relíquias dos santos foi também duramente castigado e questionado pelos reformadores protestantes, que rejeitavam a intermediação dos santos e santas junto à Divindade Suprema, através dos restos mortais dos seus corpos (CYMBALISTA, 2006). Entendiam essa atitude como “[...] idolatria, mais ligada à magia e à superstição, do que à fé cristã, e procederam destruições em grande escala de relíquias e imagens” (CYMBALISTA, 2006, p. 15). Esse autor afirma ainda que Martin Lutero ficou indignado com a coleção de aproximadamente 17 mil relíquias pertencente ao príncipe Frederico, o Sábio. Assim, uma série de ações foram concretizadas de destruição das relíquias, profanações de sepulturas, saques e exposição gratuita dos restos mortais daqueles considerados santos pela Igreja Católica, rejeitados seus corpos por meio desses atos violentos como objetos sagrados e mediadores de milagres nas relações com Deus. A Inglaterra desse período, quando reinava Henrique VIII (1509-1547), e o seu rompimento com Roma, representou concretamente a destituição de muitos desses corpos de santos.



Figura 80 – Henrique VIII

Fonte: PRADO (2011).

A obra de Lutero foi retomada posteriormente por Jean Calvino com um rigor extremo, cujo entendimento teológico a Igreja e o Estado deviam determinar aos cristãos a nível de imposição, uma disciplina rígida com o propósito de conduzi-los para a salvação, uma vida austera aos temores das angústias dos mortais e uma submissão de todos os comportamentos humanos a uma ética cristã perfeitamente definida.



Figura 81 – Jean Calvino

Fonte: GRAÇA E PRÁTICA (2010).

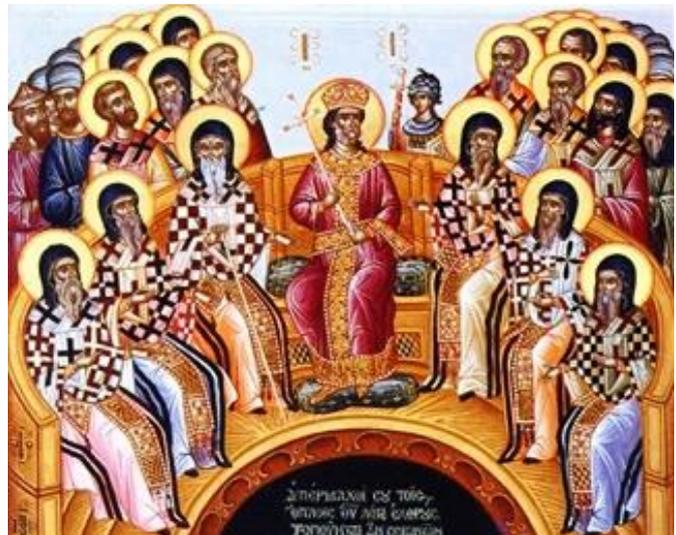
Severo crítico das relíquias e do culto das imagens, em sua obra “Instituição da Religião Cristã”, de 1536, Calvino condena as imagens como objetos de culto e, portanto, ofensivas a Deus. No “Tratado das Relíquias”, de 1543, utiliza o humor e a sátira para ridicularizar o culto aos restos mortais dos santos (MOURA, 2006).

A outra grande corrente da Reforma, o Anglicanismo, surge mais precisamente como um cisma, substituindo a autoridade tradicional religiosa de Roma pela autonomia de uma dependência declarada da vida religiosa ao Estado.

3.3 RENOVAÇÃO DO CULTO DAS RELÍQUIAS

Sem dúvida alguma, na virada do século XV para o século XVI, a Europa era cristã e as manifestações do paganismo ainda existentes em poucas localidades não possuíam maior representação. “No entanto, o corpo eclesiástico daquele tempo tinha a sensação largamente difusa de que a cristandade era quase um ‘país de missão’.” (GEREMEK, 1987, p. 200). Esta forma de pensamento, caracterizada por forte dose de pessimismo e militância, está no contexto do entendimento determinado pelo IV Concílio de Latrão, realizado em 1215, que caracterizou e deu forma à atuação da Igreja Católica na Baixa Idade Média.

Figura 82 – Concílio de Latrão IV



Fonte: A VERDADE NO MUNDO (2012).

Passado o equilíbrio do século XIII, a esperança dos seres humanos é consolidada pelos avanços da cultura material, pelo controle da natureza, assim como pela unidade dos vínculos e das solidariedades sociais nos instantes dos últimos séculos da Idade Média. Presencia-se um forte e exacerbado desequilíbrio cujos motivos estão contidos na ampla conjuntura e no clima social daquela época. Sobre esse momento, Geremek (1987, p. 200) avalia:

Tudo parecia deteriorar-se na economia, na vida social, no comportamento dos grupos e dos indivíduos. A desconfiança, a perda de confiança no homem e no futuro tornavam-se a nota dominante da época. E, curiosamente, de um modo pouco nítido e ainda insuficiente entendido, o modelo cristão defendido pela Igreja desde o início do século XIII levantou-se contra ela mesma.

O modelo cristão sustentado pela Igreja após o IV Concílio de Latrão caracterizava uma “religião do coração” enquanto a devoção deveria ser interiorizada. O *De imitatione Christi* do século XV, considerada uma das obras mais representativas e conhecidas da Baixa Idade Média é, sem dúvida, a marca da supremacia desta piedade interiorizada e livre dos ritos e da representação litúrgica, assim como a *devotio moderna*, movimento surgido nos fins do século XIV, que manifestava a vontade de concretização da relação direta e livre com Deus.

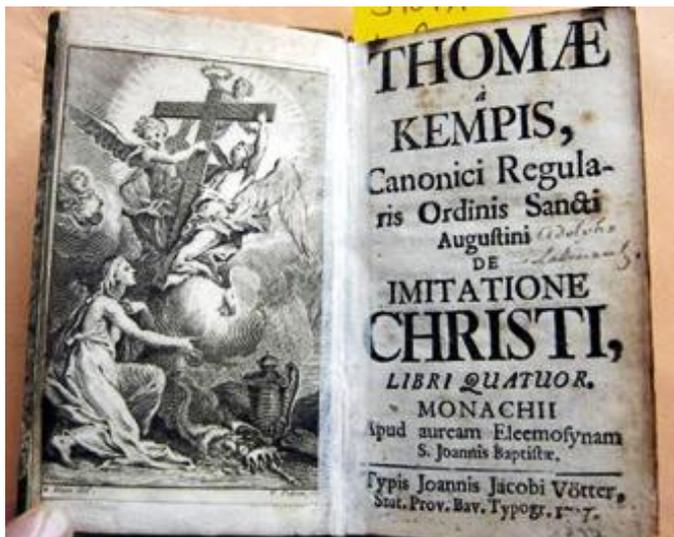


Figura 83 – De Imitatione Christi

Fonte : ZVAB (2013)

Apesar de ter influenciado apenas pequenos grupos e elites espirituais, o fato constou na linha de investigação que abordava a problemática da cristianização em condições individuais. Ou melhor, “[...] em termos de família, da família restrita que substituíra a família concebida em conceitos bastante latos de parentesco da época anterior” (GEREMEK, 1987, p. 200). Pode-se afirmar que, nesta representação de família, estabelecem-se as práticas religiosas, o sentimento cristão, as esperanças, assim como nela se organizam os comportamentos modernos no que diz respeito à morte, à salvação e ao destino.

Um registro significativo relativo a esses novos comportamentos, bem como à espiritualidade dos leigos, está representado nas atitudes individuais e na negação das manifestações da tradição. As formações religiosas eram acolhidas ou negadas em conjunto, mas, normalmente, alertava-se para a premência de uma sistemática reformulação das estruturas e dos costumes religiosos. Para Geremek (1987), nas diferentes manifestações de reforma, sejam elas católicas ou protestantes, não se queria apenas organizar a Igreja tornando-a mais compatível à nova dimensão do sentimento religioso – ou para abandoná-la para se criar uma outra –, mas, inclusive, na própria maneira de viver na Igreja. “De uma certa forma, poder-se-ia ver, sobretudo, continuidade em vez de ruptura; o modelo de vida cristã esboçado por volta de 1215 encontra os seus prolongamentos nas Reformas, incluído entre estas o próprio movimento pós-tridentino.” (GEREMEK, 1987, p. 201).

O referido autor informa que diversas foram as Reformas que se configuraram na mudança da Idade Média para a Idade Moderna, mas foi a Reforma protestante a que, sem dúvida, abalou consideravelmente a Igreja Católica. Esta, no entanto, apesar de ter reagido, saiu do conflito bastante prejudicada, tanto na área do domínio geográfico, onde sua ascendência era marcante, quanto na perda considerável do número de devotos que possuía.

Segundo Cymbalista (2006), a reação da Igreja Católica contra seus detratores protestantes foi reforçar suas próprias reformas, com o propósito de reaver o domínio que possuía em relação às regiões cristãs, assim como adaptar sua organização às exigências surgidas com a nova situação espiritual e política por que passava a cristandade.

Châtellier (1995) argumenta que diversas instituições e acontecimentos religiosos, a exemplo dos Concílios de Basiléia, realizado em 1413 d.C., e Constança, de 1415 d.C., assim como das ordens dos franciscanos e dominicanos, já tinham tentado concretizar essa reforma no século XIII, no último período da Idade Média, mas foram severamente contidos pela hierarquia da Igreja. Assim, além de constatar que a Reforma protestante não causou uma mudança radical, da mesma forma que a questão religiosa não foi precisamente fundamental na reforma católica, o autor ressalta que, de fato, o motivador da ruptura da primazia católica foi a reestruturação das forças políticas na Europa.

Figura 84 – Concílio de Constança



Fonte: SPES ANCORA VITAE (2012).

Mullet (1985) organiza a Reforma Católica em três importantes períodos: o primeiro corresponde à pré-reforma da Baixa Idade Média até os primórdios do século XVI; o segundo à Contrarreforma propriamente dita, quando, no Concílio Tridentino, aconteceu o rompimento com os representantes protestantes; e o terceiro e longo período corresponde à implementação das decisões reformuladoras tridentinas pelos séculos XVII e XVIII.

A Reforma Católica foi uma organização e uma consolidação de diversas iniciativas que aconteceram ao longo de séculos no âmbito apostólico e pastoral de forma desorganizada em várias localidades da Europa. Essa racionalização deu-se no momento em que a sua necessidade se fez sentir, com a Igreja já não podendo entregar-se à inspiração de religiosos, quando sua abrangência expandia-se tanto ao Oriente quanto ao Ocidente em consequência dos Grandes Descobrimentos. Independentemente desse fator, havia a real ameaça do avanço do Islã na Europa, como também os conflitos internos contra os reformistas. Portanto, era imprescindível que medidas urgentes fossem asseguradas para se contrapor a essa nova conjuntura, sendo, portanto, o Concílio de Trento reunido para tal propósito. Esse Concílio é tido pelos investigadores como linha divisória da Igreja Católica (CHÂTELLIER, 1995).



Figura 85 – Concílio de Trento

Fonte: WIKIPEDIA (2013d).

Châtellier (1995) refere-se a ele como uma tomada de posição, uma reação, resposta e defesa da Igreja, devido às críticas a ela formuladas nos séculos XV e XVI, que determinou uma profunda reformulação interna. Evidentemente, foi um período que registrou diversos conflitos de interesse – a determinada oposição de príncipes protestantes, contundentes manifestações escritas por Lutero e desavenças entre o Papa e o Imperador (ALBÉRICO, 1995). “Contudo, dezoito anos de duração do Concílio, ofereceram à Igreja verdadeiros instrumentos de renovação e reforma, dando-lhe uma fisionomia que, em linhas gerais, ainda perdura.” (ALBÉRICO, 1995, p. 331).

Também Geremek (1987) informa que o Concílio de Trento esteve na origem de uma reestruturação da Igreja Católica que tinha como meta uma determinada reafirmação da sua formação hierárquica e monárquica e da sistemática organização da ofensiva cujo alvo era a Reforma protestante. Ao mesmo tempo, o autor esclarece que este Concílio demarcou um planejamento espiritual e pastoral que define, por um longo período, a representação integral do cristianismo sempre sólido em diversas regiões da Europa Oriental ou da América Latina, quase até os dias atuais.

Delumeau (1984, p. 128) esclarece que a reestruturação da Igreja só se concretizou após o Concílio de Trento, o qual evidencia a consolidação da Igreja Católica romana mediante

[...] aprovações dos estatutos da Companhia de Jesus (1540), e a Criação do Santo Ofício (1536). Após Trento, a Igreja modelou seu clero, clarificou sua doutrina, conservou seus sete sacramentos, afirmou a presença real na eucaristia e obrigou os bispos a residirem no local de seu bispado.

Figura 86 – Emblema da
Companhia de Jesus



Fonte: JESUITAS BRASIL (2013).

Figura 87 – Inquisição



Fonte: COVEN DIGITAL (2013).

O Concílio Tridentino, entre 1545-1547, teve como característica primordial a confrontação dos assuntos dogmáticos e disciplinares. No entanto, temendo uma ação drástica por parte dos príncipes protestantes, assim como as interferências do Imperador, o Vaticano, na pessoa do Papa Paulo III, sustou o Concílio. As principais questões discutidas foram: a Escritura e a tradição como referenciais da fé; o pecado original; o conjunto de princípios da justificação dos sacramentos, do batismo e confirmação. O segundo período da Assembleia Conciliar, de 1551 a 1552, foi retomado pelo Papa Julio III e os assuntos abordados foram a eucaristia e os sacramentos da penitência e da extrema-unção.

Figura 88 – Papa Paulo III



Fonte: WIKIPEDIA (2013c).

Figura 89 – Papa Julio III



Fonte: CARRILLO (2009).

Marcam presença nessa Assembleia os representantes de três príncipes de seis cidades alemãs consideradas protestantes, que exigem a anulação da seção anterior e a divulgação da supremacia do Concílio Tridentino sobre o Papa. Em razão das ameaças e do clima de medo instaurado, o Concílio novamente foi suspenso. O terceiro período, de 1561 a 1563, ficou registrado pela figura determinada do Papa Pio IV, que foi ajudado por Carlos Borromeu, seu sobrinho, posteriormente nomeado bispo de Milão. Nesse período, abordaram-se as questões do episcopado de forma a conciliar os direitos dos bispos com o primado papal (DELUMEAU, 1984). Esse último período é de interesse particular a este trabalho, tendo em vista que foi tratado nesta fase o tema da invocação e veneração das sagradas relíquias, dos santos e das imagens.¹²

Figura 90 – Papa Pio IV



Fonte: TRIBO DE JACOB (2011).

Figura 91 – Carlos Borromeu



Fonte: MILLER (2012).

Stiel (1996, p. 243) esclarece:

[...] o combate aos protestantes se coloca, portanto, dentro de um quadro histórico de longa duração, onde a disputa se dá sobretudo no campo dos sentidos e da doutrina. Enquanto os católicos afirmam a necessidade da mediação no acesso ao significado, as várias correntes da Reforma Protestante tendem a ir direto ao significado, pela via racional que dispensa os sinais e as imagens.

Entretanto, o Concílio Tridentino, segundo Châtellier (1995), reforçou e confirmou o poder dos intermediários junto à Divindade Suprema. Os reformadores

¹² Ver, no Anexo A, o documento do Concílio de Trento referente à 25.^a seção, na qual é abordada a temática relacionada ao culto dos santos e à veneração a suas relíquias.

protestantes, no entanto, rejeitavam com veemência a intermediação da Virgem e dos Santos, reverenciados nas representações das suas imagens ou relíquias. Para Cymbalista (2006, p. 16, grifo do autor), ante essa rejeição protestante,

A resposta mais sistematizada veio pelo Concílio de Trento, que, em relação às relíquias, emitiu uma sinalização dupla: por um lado, reforçou o poder milagroso dos corpos dos santos, reafirmando a sua presença física e integral mesmo nos menores fragmentos, e condenando aqueles que desafiavam esse poder. Agregava-se, aos significados já anteriormente atribuídos às relíquias, uma nova intensidade de militância. As regiões que tinham permanecido na fé católica continuavam venerando as relíquias em continuidade às antigas tradições, mas também como parte do efeito de demonstração da fé católica como a *verdadeira* [...] Por outro lado, o culto às relíquias não ficou imune à moralização dos costumes e à centralização do poder, promovidos pelo Concílio de Trento em tantos aspectos da fé católica. Dali em diante os bispos e outras autoridades tornaram-se os responsáveis pela certificação das relíquias e por promover o decoro no seu culto, representando uma centralização de poderes e aumento de suas responsabilidades pedagógicas.

Com a confirmação da importância do poder das relíquias, pelo Concílio Tridentino, os fiéis católicos revigoraram sua fé e mostram, mais do que nunca, um culto intenso em relação a elas. Em 1578, inúmeros corpos foram encontrados em uma catacumba na Via Salaria, em Roma, e tratados de forma conveniente pelo papa como santos, aumentando a oferta de relíquias a serem distribuídas pela Santa Sé em conformidade com seus critérios. A descoberta dessas “preciosidades” e o reforço ao poder das relíquias promovido pelo Concílio Tridentino, embora convenientes ao Vaticano, que concentrou a sua gestão, não foram bem assimilados pelo Império cristão.

Figura 92 – Catacumbas



Fonte: ARQUITETURA E LITURGIA (2007).



Fonte: PORTAL PLANETA SEDNA (2013).

É, portanto, nessa conjuntura de reafirmação e reiteração do poder e da importância das relíquias, assim como a centralização da sua gestão, que a Europa católica se expressava na segunda metade do século XVI, quando se promoveram e reforçaram as providências necessárias de ocupação das terras do Novo Mundo pelos portugueses (CYMBALISTA, 2006).

3.4 CULTO DAS RELÍQUIAS NO PORTUGAL PÓS CONCÍLIO DE TRENTO

É do nosso interesse, nesta seção, averiguar como se processou o cumprimento e o desdobramento das normas do Concílio de Trento em Portugal, no que se refere à reafirmação do culto das relíquias e, conseqüentemente, no natural rebatimento desse culto em terras brasileiras, sobretudo em Salvador, Bahia, nos primórdios da colonização no século XVI, trazido e disseminado pelos religiosos.

Em 13 de dezembro de 1545, foi formalizado o Concílio Tridentino, um dos mais importantes da história religiosa mundial, considerado como um dos acontecimentos de extrema significação na vida religiosa devocional e cultural da Europa Ocidental, “[...] uma linha de fronteira, um momento de mudança de paradigma, que neste evento se cristaliza” (POLÔNIA, 1914, p. 41). Estendendo-se por longo período de duração até 1563, a doutrina católica, nesse evento, foi exaustivamente rediscutida nos seus pontos vitais, permitindo a sua confirmação e redefinição. Ao mesmo tempo, organizou um programa de reestruturação interna que tinha como foco a centralização nas figuras do papa, dos bispos e demais religiosos (POLÔNIA, 1914).

Esse programa tinha por propósito nortear a trajetória que balizava a conduta e a postura dos religiosos, assim como a fé dos fiéis até meados do Oitocentos, demonstrando, nesse longo período de vigência, a indiscutível importância e relevância do Concílio Tridentino (PAIVA, 2014). No decorrer desse período de avaliação e reestruturação, a Igreja Católica formou instituições de cunho religioso, político e cultural que propiciaram efeitos de caráter complexo, os quais “[...] influenciaram várias gerações. Em certa medida, a modernização do mundo católico europeu foi também uma das decorrências de Trento” (PAIVA, 2014, p. 14).

Os decretos tridentinos conciliares foram sacramentados pela bula *Benedictus Deo*, de 26 de janeiro de 1564, do Papa Pio IV. No dia 3 de junho de 1564, conjuntamente com o breve *Sacri Tridentini* desse mesmo papa, chegaram a Portugal os decretos exarados pelo Concílio. Em 12 de setembro do mesmo ano, o rei D. Sebastião, por meio de um alvará régio, determinou que se desse todo o apoio necessário para a execução, tornando leis do reino português os decretos conciliares. Essa rápida decisão real em aceitar os citados decretos não representou a imediata execução do programa de reformas nele contido. Em vista da sua complexidade, dimensão e particularidade de questões de múltiplas naturezas, determinadas disposições conciliares levaram algum tempo até serem inteiramente atendidas e aplicadas (SOUZA, 2014). Também Moura (2006) pondera que a morosidade marcou a efetivação dos efeitos dessas leis, em vista da oposição tradicional da religiosidade popular tanto no meio rural como no meio urbano português, apesar de prosseguirem sendo produzidas por todo o Seiscentos, sem grandes modificações de conteúdo e objetivo.



Figura 93 – Dom Sebastião de Portugal

Fonte: SARRABAL (2015)

É relevante salientar que o reino português, nos séculos XIV e XV, já havia promovido determinadas ações reformistas que antecederam àquelas promovidas pelo Concílio de Trento. Como exemplo, as reformas das Ordens mais atuais dos Gerônimos e dos Cônegos Seculares de São João Evangelista e daquelas rurais antigas vinculadas aos beneditinos, cistercienses e franciscanos; apoio e promoção de tendências espirituais mais fortemente centradas em tratados acerca

da pessoa de Cristo e sua doutrina; e ainda Constituições Sinodais que renunciavam algumas das recomendações conciliares tridentinas (COSTA, 2009). A esse respeito, Fernandes (2000, p. 21) chama a atenção: “Vejam-se as Constituições de Coimbra de 1521 e de 1548; de Viseu de 1527; de Évora de 1534 e 1558; de Lisboa de 1537; de Braga de 1538; do Porto de 1541; do Algarve de 1554 e de Angra de 1560.”

Quanto à ajuda e favor determinados por D. Sebastião ao breve pontifical de Pio IV, *Sacri Tridentini* de 1564, lentamente, parte da cúpula sacerdotal, representada pelos arcebispos e bispos, iniciou convocações para proceder reuniões sinodais. Flexor (2009, p. 13) relaciona essas reuniões ocorridas em Portugal:

[...] datam de 1565 as Constituições Sinodais do Arcebispado de Évora; de 1568 as Constituições Extravagantes Segundas do Arcebispado de Lisboa; de 1585 as Constituições Subnodais do Bispado do Porto; de 1591 as Constituições Sinodais do Bispado de Coimbra e de 1639 as Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga.

Essas Constituições eram regidas pela seção XXV do Concílio Tridentino, estimulando os membros das congregações religiosas a estarem atentos a tudo que havia sido recomendado, fazendo, para isso, profissão de fé. Essa seção reafirmou o culto aos santos e a devoção às suas relíquias; deu origem às formas de representação, devoções, comportamentos, religiosidade e, particularmente, a toda a arte e iconografia recomendadas e assumidas desde Trento, na escultura, talha, arquitetura, ourivesaria, pintura, mobiliário, azulejaria, entre outras (FLEXOR, 2009).

Segundo Moura (2006), as determinações emanadas das reuniões sinodais fortaleceram-se e passaram a predominar, disciplinando um campo em ascensão para o qual se direcionavam representantes de todas as classes sociais. O autor acrescenta:

As práticas colectivas, como as grandes procissões ou as festas públicas em ocasiões excepcionais, conferiram ao culto das relíquias o destaque considerado adequado pelo ideário da Contra-reforma, ao mesmo tempo que acentuavam a sua imprescindível ligação à arte. (MOURA, 2006, p. 130).

A prova disto, segundo o autor citado, era a profusão de artísticos relicários presentes em muitas igrejas e conventos. Isto reforçava, inclusive, a importância, na sua fatura, da visualização, mesmo que discreta, da relíquia santoral, agora resguardada por esses anteparos. Evitava, assim, maior proximidade com os fiéis, diferentemente da prática no período medieval, em que se dava o contato mais direto dos fiéis com as relíquias sagradas dos santos. Como exemplo desse procedimento, o autor cita as Constituições Sinodais do Bispado da Guarda, em Lisboa, do ano de 1621, que ameaçava com a excomunhão aquele que ousasse retirar as relíquias dos seus invólucros preciosos, os relicários ou engastes, onde permaneciam guardadas e apresentadas ao povo em grandes solenidades para a sua veneração. Permitia-se serem tocadas e beijadas não mais diretamente, mas protegidas por um visor de cristal translúcido que evitava o seu manuseio.

No caso particular da Península Ibérica, durante a ocupação árabe, houve uma fase de inatividade com relação ao culto das relíquias dos santos. Nessa fase, elas encontravam-se preservadas em locais escondidos ou estavam já desaparecidas devido ao longo período em que estiveram ocultas. Depois que Portugal conseguiu se libertar da dominação moura, no século XII, surgiram frequentes informações e histórias acerca do descobrimento de corpos santificados. Eram alimentadas e perpetuadas, sobretudo no período pós Concílio de Trento do final do Quinhentos ao início do Seiscentos. Nesse momento, aconteceram inúmeros fatos envolvendo os milagres creditados às relíquias que motivaram frequentes peregrinações. Os fiéis, ao contribuírem com doações financeiras, enchiam os cofres das igrejas e conventos, assim como estimulavam a dinâmica e o crescimento das localidades onde elas estavam inseridas. Com isso, fomentaram, conseqüentemente, concentrações de poder (CYMBALISTA, 2006).

A descoberta dessas relíquias ensejou situações delicadas entre a Santa Sé, que centralizava o poder religioso cristão, e os poderes das diversas regiões centradas nas figuras do alto clero, como bispos e arcebispos, dentro da hierarquização instituída pelas diretrizes do Concílio Tridentino (CYMBALISTA, 2006). A interferência de Roma em algumas situações chegou a ser bastante ostensiva, como no caso do Papa Sisto V, que influenciou no achamento das relíquias de São Torpes, na cidade portuguesa de

Sines, nos fins do século XVI, por meio de uma bula ao arcebispo de Évora, para que “[...] se mandassem fazer as possíveis diligências por descobrir os ossos do glorioso Mártir” (CYMBALISTA, 2006, p. 19).



Figura 94 – Papa Sisto V

Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2015)

O autor citado refere-se aos portugueses e espanhóis como aqueles que reordenaram a estrutura da religiosidade cristã na Europa após afastarem os árabes da Península Ibérica. Concomitantemente com a redescoberta dos restos mortais de santos e santas, nos seus respectivos territórios, os ibéricos foram os autores de uma ação fortemente provocadora, levando-se em conta o caráter teológico, de “[...] incorporação de imensos novos territórios, em todos os continentes, na espacialidade e na temporalidade cristã” (CYMBALISTA, 2006, p. 21).

O achamento das relíquias sagradas demarcava o ingresso de determinada localidade à história cristã, sem, entretanto, caracterizá-lo como o único meio de ingresso nessa história. Desde que surgiram e foram cultuadas e reverenciadas, a capacidade de serem móveis tornou-se a representação mais comprovadora das relíquias dos santos. Exemplo disso é o fato de diversas relíquias sagradas de Portugal terem sido transportadas de outras regiões, como o corpo de São Vicente de Valência, trasladado para o Promotório Sacro por via fluvial; o corpo de Santa Iria trazido pelas águas do rio Tejo; um cofre contendo inúmeras relíquias conduzido à capela de São Brás. Para a cidade do Porto, segundo reza a tradição, as relíquias de São Pantaleão

foram levadas por cristãos armênios, no século XV, após a queda de Constantinopla em 1453 (CYMBALISTA, 2006).

Figura 95 – São Vicente de Valência



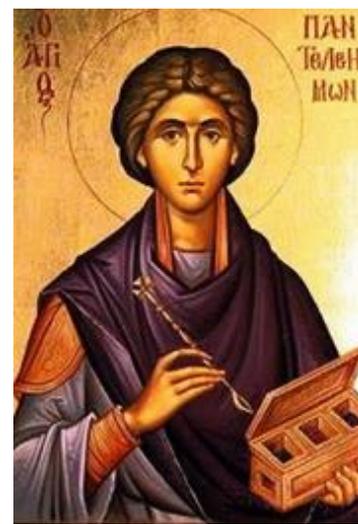
Fonte: SANTOS E ANJOS E ETC. (2015).

Figura 96 – Santa Iria



Fonte: HEROÍNAS DA CRISTANDADE (2014).

Figura 97 – São Pantaleão



Fonte: GRÁFICA CATÓLICA (2015).

Aportaram em Lisboa, em 1517, as relíquias sagradas de Santa Auta, uma das companheiras de Santa Úrsula, e foram guardadas no Convento da Madre de Deus (CYMBALISTA, 2006). Moura (2006) faz referência ao culto das relíquias das Onze Mil Virgens em Portugal em meados do século XVI e relata que era prezado e praticado com grande entusiasmo pelos jesuítas portugueses. O autor ressalta a relevância de sua devoção, assim como a magnificência dos relicários que guardavam as relíquias das companheiras de Santa Úrsula. Esta informação comprova a força e a importância que teve esse culto em terras brasileiras trazido pelos inacionos nos finais do século XVI e inserido no projeto português de colonização e de promoção da fé católica no Novo Mundo. A esse respeito, Viotti (1966, p. 77) informa que, no Regimento de Tomé de Souza, assinado em Almerim em 17 de dezembro de 1548, D. João III declarava: “A principal causa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil, foi para que a gente dela se convertesse à nossa santa fé católica.”



Figura 98 –
Santa Auta

Fonte:
MUSEU...
(2015)



Figura 99 – D.
João III

Fonte:
SLIDEPLAYER
(2012)

Ainda a Lisboa chegou uma relíquia de São Roque doada pela cidade de Veneza em 1505, a pedido de D. Manuel, rei de Portugal, devido a diversas epidemias de peste que assolavam a cidade. A relíquia foi conduzida para uma área extramuros da cidade, onde existia um cemitério das vítimas da peste. Neste local, foi construída uma ermida dedicada a São Roque. Após décadas, os jesuítas tomaram a propriedade da ermida e *a posteriori* construíram ali a igreja de São Roque, que é depositária de coleção de relíquias e relicários (CYMBALISTA, 2006).



Figura 100 –
São Roque

Fonte:
WIKIWAND
(2010).



Figura 101
– Igreja de
São Roque
de Lisboa

Fonte:
LISBOA SOS
(2012).

Flexor (2009) relata que, no processo de reavivamento do culto das relíquias no período pós Concílio de Trento, elas enchiam as igrejas e os conventos e eram acolhidas até pelos fiéis. É um período em que os santos e as santas foram venerados com grande intensidade e fervor por meio dos seus restos mortais, como

prova da materialidade da santidade. A autora ressalta: “Havia um verdadeiro culto institucionalizado às santas relíquias que se multiplicaram em bustos relicários, nos altares, nas cruzes, medalhões” (FLEXOR, 2009, p. 17). Também D’Orey (1998) detalha informações acerca do culto das relíquias em Portugal pós Concílio de Trento, quando esclarece que o Frei Gaspar dos Reis, na sua relação de 1590, refere-se às relíquias levadas da Sé de Coimbra para o Real Mosteiro de Santa Cruz: “O Sagrado Concílio Tridentino diz, que nos poem a Igreja Católica diante dos olhos as Relíquias dos Santos, pera que pondoos na virtude dos que as deixarão, os imitemos, emendando a vida e reformando os costumes.” (D’OREY, 1998, p. 14).

Ainda a autora citada informa que, em Portugal, se deve à Companhia de Jesus o grande incentivo e promoção do culto das relíquias. Os inicianos lançaram mão desse aparato religioso de veneração, representado pelos corpos dos santos na doutrinação dos fiéis como formas materiais e concretas de vivência cristã na interlocução com o mundo celestial. Um dos mais importantes exemplares de edifício religioso construído para abrigar esse conjunto é a Igreja de São Roque em Lisboa, contendo um grande número de relicários distribuídos nas capelas laterais à capela-mor. Os relicários com as relíquias dos santos mártires localizam-se ao lado do Evangelho e aqueles com as relíquias das santas Virgens, ao lado da Epístola, compondo um mostruário de fragmentos de corpos sagrados expostos à admiração e veneração dos fiéis.



Figura 102 – Relíquias dos Santos Mártires – Igreja de São Roque de Lisboa

Fonte: ALTAR... (2012)

Figura 103 –
Relíquias das
Santas Virgens –
Igreja de São
Roque de Lisboa



Fonte: ALTAR... (2012)

D'Orey (1998) destaca, em particular, dois dos mais representativos relicários pertencentes ao tesouro dessa igreja: o relicário do Presépio de 1615; e o Braço-Relicário de São João Crisóstomo.

Figura 104 – Relicário do Presépio, Igreja de
São Roque de Lisboa



Fonte: MUSEU SÃO ROQUE (2015).

Figura 105 –
Braço-Relicário
de São João
Crisóstomo



Fonte: MUSEU
SÃO ROQUE
(2015).

Também Cunha (1996) faz referência à Igreja de São Roque de Lisboa e a seus relicários, observando que a posição à esquerda, reservada aos santos mártires, e a posição da direita, às santas virgens, evidencia que, até entre as relíquias, a decência era observada. D'Orey (1998) distingue, no cenário religioso português, outro conjunto de relicários com suas relíquias, pertencente ao acervo do Convento de Vila da Vidigueira, primitivamente conhecido como Convento de Nossa Senhora das Relíquias. Cita, inclusive, parte da Chronica dos Carmelitas, de frei Joseph de Santana:

[...] muitas são em número, e estimabilíssima, pela sua especialidade, as Relíquias, que este convento entesoura... e que por esta causa se intitulava Convento das Relíquias... A verdade he que nenhum convento da Província goza de relíquias tão especiais, nem para ellas temos visto guarnições de tão exquisito primor... (D'OREY, 1998, p. 17).

Chamamos a atenção também para outro conjunto composto de 55 bustos relicários policromados e dourados de santos e santas, assim como de outros relicários em formato de quadros, pertencentes à Igreja de Bom Jesus do Monte em Braga. Os primeiros distribuídos no trono escalonado e os demais presos na parte inferior sobre a mesa do altar de São Clemente na mesma igreja.



Figura 106 – Relicários do altar de São Clemente, Igreja de Bom Jesus do Monte em Braga

Fonte: foto do autor.

Silva-Negra (1950, p. 10) faz alusão às relíquias e aos relicários em Portugal, informando que, em 1620, o abade do Mosteiro de São Bento em Lisboa, Frei Clemente das Chagas

[...] comprou hum fermoso Santuario de muitos braços, e meyo corpos de Santos com suas Relíquias, que ornão toda a altura, e largura do Altar mór, e alegrão os olhos dos que as vês, quando se descobrem, correndo as portas dobradiças com que estão fechadas nos dias ordinários.

As relíquias e os relicários do Mosteiro de São Bento no Porto são igualmente referidos por Tomas (1974, p. 43):

[...] nelle mesmo hum Santuario de Reliquias de Santos, em trinta, e dous meyo corpos, em quatorze braços, em dous pés, em quatro pirâmides, em seis Anjos que ficão junto ao Sacratio tendo tão bem nas mãos castiças para alumiar ao Santíssimo. E todas estas peças, que são 58, estão cobertas de

prata moída com óleo, invenção nova, que veyo de Roma, da sorte que ficão tão lustrosas, e o Santuario todo de tanta majestade que todo parece de prata.

Também Queiroz (1907, p. 282) informa acerca da grande aceitação dos relicários nos séculos XVI e XVII em Portugal, dando destaque ao magnífico Santuário de relíquias e relicários do Mosteiro de Alcobaça: “É o mais suntuoso que conhecemos no país. As esculturas, bustos e imagens de corpo inteiro aninham-se por todo o santuário, até a cornija, cuja policromia e oiro mais engrandece a suntuosidade do recinto.”

Figura 107 – Mosteiro de Alcobaça, Portugal



Fonte: PAM-PATRIMONIO, ARTE, MUSEUS (2015).

Figura 108 – Detalhe de Relicários do Santuário das Relíquias, Mosteiro de Alcobaça, Portugal



Fonte: Foto Nilton Souza.

É notório que Portugal, um dos países da Europa que assimilou e cultuou a religião católica, fosse também um dos que detinha grande acervo desses objetos sagrados e particular apreço por sua devoção. Segundo Marques (2000), as relíquias contidas nos relicários, em toda a cristandade, representavam cobiçado presente. Entendidas como joias preciosas e desejadas pela nobreza, religiosos e leigos, honravam a príncipes, reis e imperadores quando detinham a sua posse. O autor toma como exemplo o pedido da rainha Leonor, esposa de D. João II, ao Imperador Maximiliano de uma relíquia do corpo de Santa Auta, uma das virgens companheiras de Santa Úrsula. Atendido seu pedido, a soberana recebe um pequeno cofre contendo a relíquia retirada do tesouro imperial. Ao chegar em Lisboa, foi depositado no

Mosteiro da Madre de Deus, cercado de grandes festividades, prestigiadas pela nobreza e pelo povo. Completa Marques (2000, p. 359) que, em 1588,

[...] presenciou de novo a capital uma importantíssima entronização de relíquias, verdadeiro espetáculo de piedade barroca, no templo de São Roque da casa professa dos Jesuítas. A oferta devia-se a D. João de Borja, filho de São Francisco de Borja, geral que fora da Companhia de Jesus após enviuvar, que as trouxera da Alemanha, Itália, Aragão e França e lhes fizera relicários de prata, ouro e outros materiais preciosos.

Essas relíquias foram disputadas pelo cardeal de Toledo e pelos beneditinos de Lisboa, que desejavam engrandecer suas igrejas e ampliar seu prestígio. Ainda o autor citado faz referência a outra grande festividade, já no século XVII, que foi o recebimento da relíquia de São Teotônio, saída de Santa Cruz de Lisboa em 1643 para Viana do Minho e recebida com grande alegria pela população.



Figura 109 – Imagem e Relíquia de São Teotónio, Portugal

Fonte: Lima (2012).

Fica evidente o apreço de Portugal pelas relíquias dos santos e das santas. De Norte a Sul, ofertadas pela nobreza e pelo próprio clero, as relíquias circulavam em grande quantidade, sobretudo no período pós Concílio de Trento, e eram expostas condignamente em igrejas e conventos do país.

Uma das grandes beneméritas nesse sentido foi a rainha D. Catarina, que, em 1540, enriqueceu a Catedral de Miranda com relíquias. Também o arcebispo D. Agostinho de Jesus de Braga presenteou a Igreja de São Victor com um relicário contendo relíquias de Santa Susana, da mesma forma que ofereceu outras ao Convento do Pópulo (MARQUES, 2000).

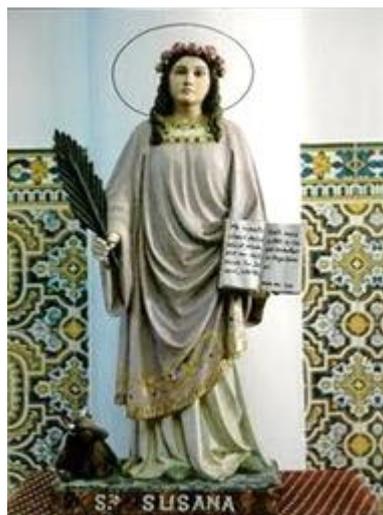


Figura 110 – Santa Susana

Fonte: Marques (2011).

Refere-se o autor a um relicário de prata com relíquia guardado no Convento do Carmo, em Lisboa, que pertencera a D. Nuno Álvares Pereira. Atribuía-se à dita relíquia virtudes para ajudar as parturientes. D. Mariana de Noronha, Duquesa de Aveiro e Torres Novas, no século XVII, ofertou, à Igreja de N.S. da Providência do Convento de São Caetano da cidade de Lisboa, certo número de crânios “[...] metidos num cofre forrado de veludo carmesim com cantoneiras de prata” (MARQUES, 2000, p. 361).

No seu extenso relato, o autor citado informa a posse, pela Igreja de Santa Cruz de Coimbra, de um conjunto de doze pirâmides-relicários do século XVIII, em madeira policromada e dourada, que guardavam relíquias de santos venerados em cada mês do ano. Igualmente, na Igreja do Rei Salvador da vila de Anciães, é preservada e venerada com grande devoção uma relíquia de São Brás contida num cofre depositado num sacrário no altar dedicado ao santo. Uma relíquia de São Frutuoso encontra-se na mesma freguesia. Em inúmeras localidades espalhadas por todo o território português, também existe uma infinidade de relíquias mantidas zelosamente, devido ao

[...] prestígio e a fama das instituições que as possuem e respectivas localidades; a piedade dos fiéis atraídos pelas suas virtudes taumatúrgicas que deixavam esmolas [...] contribuindo para a sua sustentação e a pompa religiosa que rodeava a sua deposição solene. (MARQUES, 2000, p. 360).

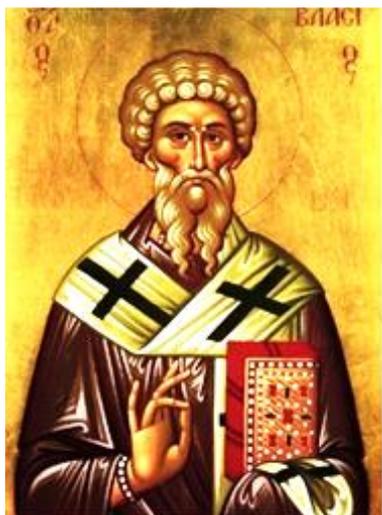


Figura 111 –
São Brás

Fonte: RADIO
DIFUSORA AM
(2015).



Figura 112 –
São Frutuozo

Fonte: ARTES-
REAL (2015).

Ressaltamos que fica evidente, nas considerações dos autores citados, que Portugal foi um dos países da Europa cristã que mais se dedicou ao cumprimento das recomendações exaradas pelo Concílio de Trento, sobretudo no que toca ao culto das relíquias, empenhando-se, para tal, não só em seu próprio território como também nas terras de sua dominação. Igualmente constatamos que foi uma das nações cristológicas a possuir uma infinidade de relíquias e relicários sagrados utilizados por interesses pessoais das próprias instituições religiosas, mas também como instrumentos auxiliares do revigoramento, manutenção e propagação da fé apregoada pela Igreja Católica Apostólica Romana.

4 CULTO DAS RELÍQUIAS NA BAHIA DO SÉCULO XVI

É dentro da influência de Portugal no contexto dos ensinamentos da Contrarreforma que se estrutura o “espírito” da formação do povo brasileiro. Naquele momento, a capitania da Bahia era o ponto de referência da então colônia portuguesa como “cabeça do Brasil”, onde os missionários dos séculos XVI e dos primórdios do século XVII, sobretudo os jesuítas, levaram para o Novo Mundo as normas e as práticas do Concílio de Trento.

A descoberta do Novo Mundo, com o achamento da América, teve como consequência uma ação de duplo resultado: num primeiro momento, o propósito de incluir o Novo Mundo ao Antigo, inclusive no plano divino; num segundo momento, estabelecer e marcar a presença do Antigo no Novo, porque era fundamental, na estratégia de colonização, fixar a supremacia do colonizador sobre o colonizado. Nessa estratégia, segundo Cunha (1996, p. 83):

Não bastava aos missionários fazer crer um discurso cristão, também tinham que inculcar nos espíritos o senso da autoridade da Igreja e de sua hierarquia. Neste sentido, as relíquias vindas da Europa talvez se prestassem melhor para didaticamente distinguir a metrópole da colônia [...] e que o melhor exemplo seriam as cabeças das companheiras de Santa Úrsula, que não deixavam dúvidas.

Informa Cymbalista (2006) que o final do século XVI fica caracterizado como o período do começo do envio de relíquias sagradas de Portugal para a Colônia, atreladas às iniciativas de ocupação mais efetiva das terras brasileiras. Essa ocupação mais consistente representava não somente

[...] a inauguração de uma institucionalidade portuguesa na América [...] mas também de sua contrapartida espiritual, que era obtida tanto a partir de uma assistência religiosa [...] quanto da transferência de provas materiais da verdade e do passado cristão, entre as quais as relíquias estiveram dentre as mais cobiçadas. (CYMBALISTA, 2006, p. 26).

Com a implantação do modelo das Capitânicas Hereditárias, as relações econômicas dos índios com o estrangeiro, que era baseada na exploração do pau-brasil (escambo), se modificam. A coroa portuguesa começa a exigir uma intensificação da colonização. Essa mudança em relação à economia, sobretudo com a “[...] derrocada do império português na Índia” (CALMON, 1940, p. 132-133) e a posse efetiva da terra, ocasiona sérias tensões entre índios e portugueses, manifestadas na implantação autoritária da administração colonial, na imposição da língua portuguesa,

na ocupação e no controle da terra e na conseqüente guerra. Destacamos, nesse período, como elementos de suma importância no amplo aparato de colonização, as relíquias dos santos e das santas trazidas pelos jesuítas, que ajudaram efetivamente o poder temporal na consolidação da ocupação portuguesa sobre as terras descobertas, plantando e enraizando, por meio da sua veneração, a fé cristã no inconsciente dos brasis como componente estratégico no tabuleiro do obstinado e ambicioso projeto missionário da Igreja Católica de cristianização do Novo Mundo (CUNHA, 1996).

Difícil é tomar posse da terra [...] a Cruz que é o lenho, tem de se enraizar [...] e transplantada tem de tomar vida no Novo Mundo. Para tanto, é necessário regá-la e a rega por excelência é o sangue dos mártires: à falta destes ou como seu complemento, relíquias do Velho Mundo. (CUNHA, 1996, p. 75).

Desta maneira, a autora citada refere-se ao exaustivo processo de enraizamento da fé cristã no Novo Mundo cuja consolidação exigia um cultivo espiritual persistente. Os religiosos eram os cultivadores, que utilizavam a palavra como semente regada com o sangue dos santos mártires, numa evidente analogia ao Sermão da Sexagésima do padre jesuíta Antônio Vieira, evidenciando a importância da pregação – um dos meios mais eficazes utilizados pelos religiosos em fins do século XVI – impregnada da ideologia doutrinária tridentina nos ensinamentos elementares da catequese do gentio. Desse modo, a fala do pregador, no seu discurso parenético de conteúdo além de moral também ideológico, dogmático e persuasivo, seria o veículo para a propagação do evangelho e o suporte de sustentação da fé com o intuito de estimular a prática da Igreja Católica.

Ficam claras a força e a aura espiritual que possuíam as relíquias advindas dos mártires que, por eles, naquelas novas terras, tanto ansiavam os jesuítas, não por um desejo mórbido, vaidade ou realização pessoal, mas para o florescimento da fé (CUNHA, 1996).

Provavelmente, esse anseio respaldava-se na força da tradição do significado geral do martirologio personificado no cristianismo primitivo nas representações dos santos e das virgens martirizados como o ideal da perfeição cristã. Um santo mártir local seria necessário naqueles primórdios da colonização, constituindo-se em herói da fé que, pelos seus atos de renúncia e dedicação ao próximo, imitaria a vida de Cristo. O seu martírio iria adubar e fazer germinar com vigor a fé plantada no Novo Mundo, em sintonia com a doutrina de que o sofrimento e o derramamento de sangue é a essência central do cristianismo cujo clímax é o

calvário de Cristo e o exemplo de derramar o seu sangue pela salvação da humanidade. Também serviria de estímulo aos religiosos na prática de consolidação da missão já bastante conhecida e comprovada por eles no Velho Mundo de despertar, disseminar e, conseqüentemente, dominar pela fé, utilizando, entre outros recursos, a veneração das relíquias.

Nos primórdios da colonização do Brasil, os mártires quase inexistem. Até mesmo os irmãos coadjutores Pero Correia e João de Souza, que foram massacrados pelos indígenas em São Vicente, em 1554, no exercício da catequese, não foram reconhecidos, mesmo que o padre José de Anchieta assim os tenha considerado (CUNHA, 1996). Neste apoio de Anchieta, Cymbalista (2006) constata o evidente esforço do padre em obter relíquias de santos martirizados em terras brasileiras, demonstrado, inclusive, na carta enviada por ele ao Padre Inácio de Loyola em 1555, na qual relata:

Já brilham coroados e revestidos com uma estola de glória, mas esperam outra de que serão vestidos os seus corpos, agora entregues como alimento aos animais e às aves do céu. Não houve quem os sepultasse, mas nem sequer lhes perecerá um cabelo da cabeça. Trabalharemos quanto pudermos para recolher alguns ossos. (SERAFIM LEITE, 1956, p. 202-203).

A razão do não reconhecimento está vinculada a questões políticas durante a união das coroas ibéricas, pelo fato de o provocador das mortes ter sido um espanhol (CUNHA, 1996). O padre Serafim Leite (1938), no seu trabalho sobre os jesuítas no Brasil, considera-os como os protomártires da Companhia.

Figura 113 – Irmãos Coadjutores Pero Correia e João de Souza



Fonte: Leite (1938, não paginado).

É relevante salientar que, antes dos jesuítas, os franciscanos já haviam pisado em terras brasileiras nos primórdios do descobrimento, com intenções missionárias, porém “[...] foram devorados pelos índios, obtendo assim a palma do martírio. Para sucedê-los foram enviados, em 1549, os primeiros jesuítas [...]”¹³ (ALEMPART, 1991, p. 179, tradução nossa) que, no Brasil, atuaram de forma singular e obtiveram uma experiência completamente nova e diversificada das ações produzidas por eles no Oriente e na América espanhola.

Os primeiros mártires a terem o reconhecimento por parte da Igreja Católica foram os quarenta jesuítas, entre eles o padre Inácio de Azevedo, que, em 1570, navegando com destino ao Brasil, foram cruelmente mortos por corsários franceses na região das Canárias. Em 1571, o padre Pedro Dias e outros jesuítas que também viajavam para a capitania da Bahia foram igualmente sacrificados por protestantes franceses e ingleses em pleno oceano Atlântico (CUNHA, 1996). Nessa viagem, Inácio de Azevedo trazia para o Brasil “[...] um pedaço do Santo Lenho e uma cabeça das Onze Mil Virgens, que foram retiradas dos seus relicários, despedaçados e jogados pelo convés da nau” (CYMBALISTA, 2006, p. 26).

Figura 114 – Inácio de Azevedo e os trinta e nove jesuítas



Fonte: Leite (1938, não paginado).

Figura 115 – Padre Pedro Dias e outros jesuítas



Fonte: Leite (1938, não paginado).

O fervor em torno do martírio dos quarenta jesuítas em 1570 começou a repercutir na colônia, que começava a invocá-los como intercessores junto ao plano

¹³ [...] fueron devorados por los salvajes, obteniendo así la palma del martirio. Para sucederlos fueron enviados en 1549 los primeros jesuítas [...]

divino. Assim, em 15 de julho de 1574, foi realizada, na Bahia, com a aprovação romana, “[...] a primeira solenidade em honra dos mártires, com epigramas e sermão, dando-lhes, pela primeira vez, o nome de Padroeiros do Brasil” (LEITE, 1938, p. 264). Os ossos desses 40 mártires foram considerados como relíquias e parte delas encontra-se reunida em um relicário-arca, guardado e venerado na Igreja Madre de Deus em Lisboa. Após quatro anos do primeiro desastre, eles foram beatificados (CYMBALISTA, 2006).

As festas em homenagem a esses quarenta jesuítas mantiveram-se durante séculos e o processo para a introdução canônica da causa seguiu seu curso, sendo interrompido quando da expulsão dos jesuítas pelo marquês de Pombal em 1759 e retomado depois da restauração da Companhia de Jesus. O culto aos quarenta mártires foi renovado e confirmado em 11 de maio de 1854 pelo papa Pio IX (LEITE, 1938).



Figura 116
– Marquês
de Pombal

Fonte:
ESTÓRIAS
DA
HISTÓRIA
(2014).



Figura 117
– Papa Pio
IX

Fonte:
WIKIPEDIA
(2015).

Por razões meramente burocráticas, o processo do padre Pedro Dias e seus companheiros mortos em 1571 até hoje aguarda providências. No entanto, assim como os quarenta mártires, o padre Pedro Dias, sem o devido reconhecimento formal, recebeu idênticas honrarias, sendo considerado e respeitado, inclusive, pelo padre José de Anchieta (CUNHA, 1996).

O texto de padre Jorge Serrão, escrito em Évora, confirma o sacrifício desses primeiros mártires:

[...] como o Brasil é mundo novo, província nova, cristandade nova: assim também Deus Nosso Senhor quis nele fundar sua Igreja com Ihe dar novos santos, e novos padroeiros nos céus [...] a Igreja de Deus naquela parte virá

a ser mui florente e mui acrescentada e dará frutos [sic] de bênção, pois vemos que está prantada com sangue de tantos e tão grandes servos de Deus. (LEITE, 1938, p. 265).

Apesar desses exemplos de santidade na província nova, na década de 1570, parece terem-se reduzido as expectativas pelo surgimento de mártires locais (CUNHA, 1996).

O ano de 1575 registra uma grande movimentação de relíquias advindas da Metrópole para o Brasil promovida pelos jesuítas, rastreada na crônica da colônia. A mais antiga referência dessa vinda diz respeito a um conjunto de relíquias, entre elas duas cabeças das Onze Mil Virgens¹⁴ companheiras de Santa Úrsula (CUNHA, 1996). Cymbalista (2006) relata que essas cabeças foram mandadas, em maio de 1575, de Lisboa para a Bahia pelo Geral da Companhia de Jesus, Francisco de Borja, e recebidas nessa cidade pelo Provincial Padre Ignácio de Toloza em 2 de junho do mesmo ano, dia de Corpus Christi. Cunha (1996) esclarece que foram recebidas pela população com muito entusiasmo e, posteriormente, foram distribuídas por várias regiões da província da Bahia, permanecendo na Igreja dos jesuítas aquelas pertencentes às companheiras de Santa Úrsula. É significativo o depoimento de Serafim Leite (1938, p. 596): “O certo é que, no dia 29 de maio de 1575, domingo da Santíssima Trindade, chegou à Bahia aquela imagem de Nossa Senhora de São Lucas, junto com outras relíquias das Onze Mil Virgens, recebidas com festas extraordinárias.”

Figura 118 – São Francisco de Borja



Fonte: ARTE E RELIGIÃO (2011).

¹⁴ De acordo com Flexor (2009, p. 18): “As Virgens foram multiplicadas por um erro de leitura das siglas XI MM VV = Onze Mártires Virgens em que as consoantes dobradas indicavam plural. MM, por M com til sobreposto foi lido mil em lugar de mártires.”

A chegada das relíquias trazidas de Portugal para o Brasil estendeu o culto ursulano por entre as numerosas fortalezas e aldeias fundadas ao longo da costa e a outros sítios do interior, consolidando-se e tornando-se a festa em honra das Onze Mil Virgens, celebrada na Bahia de um brilhantismo inigualável (ALEMPARTE, 1991).

Ricard (1937, p. 347, tradução nossa) detalha essas festas, ao informar:

Pouco inclinados ao purismo litúrgico, os jesuítas sempre tiveram, em compensação, a reputação de gostar de praticar Ofícios brilhantes e pomposos, com longas cerimônias suntuosas, abundantes em luzes, rodeadas de cânticos e de música, fortemente perfumadas com incenso. Este gosto, entre os índios do Brasil, tinha um alcance apologético. E parecia ter sido promovido, legitimamente, por uma classificação metódica.¹⁵

Em 1577, outra cabeça das Onze Mil Virgens é desembarcada e recebida festivamente em São Vicente, inclusive com um auto de Anchieta. Adaptações desse auto original aconteceram em 1581, 1583 e 1584, na capitania da Bahia (CUNHA, 1996). Serafim Leite (1938), ao relatar uma tragicomédia realizada na Bahia no dia da transladação das Onze Mil Virgens, supõe que a festa tivesse como objeto Santa Úrsula ou as Onze Mil Virgens. Em 1583, data da chegada do padre visitador Cristóvão de Gouveia à Bahia, trazendo com ele mais uma cabeça das Onze Mil Virgens companheiras de Santa Úrsula, tendo como seu secretário o padre Fernão Cardim, que assim informa acerca da chegada:

Trouxe o Padre uma cabeça das Onze-Mil-Virgens, com outras relíquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas relíquias, da Sé ao Colégio, em procissão solene, com frutas, boa música de vozes e danças. A Sé, que era um estudante ricamente vestido, lhe fez uma fala, do contentamento que tivera com sua vinda; a Cidade lhe entregou as chaves; as outras duas Virgens, cujas cabeças já cá tinham, a receberam à porta da nossa igreja; alguns anjos as acompanharam, porque tudo foi a modo de diálogo. Tôda a festa causou grande alegria no povo, que concorreu quási todo. (LEITE, 1938, p. 607).

O auto das Onze Mil Virgens, no dia 21 de outubro de 1584, na festa dos estudantes que estava sob aquela invocação, “Saiu na procissão uma nau à vela por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estandartes, e dentro nela iam as Onze-Mil-Virgens, ricamente vestidas, celebrando seu triunfo” (LEITE, 1938, p. 608).

¹⁵ *Peu enclins au purisme liturgique, les Jésuites ont toujours eu, en revanche, la réputation d'aimer et de pratiquer les Offices brillants et pompeux, les longues cérémonies somptueuses, abondantes en lumières, entourées de chants et de musique, lourdement parfumées d'encens. Ce goût, auprès des Indiens du Brésil, avait une portée apologétique. Et il paraît avoir été promu, très légitimement, au rang de méthode.*

Esse autor informa ainda que, em 1584, existiam seis cabeças atribuídas às Onze Mil Virgens em diversas casas do Brasil, dando origem a várias confrarias a partir de 15 de janeiro de 1579 por determinação do Padre Geral Mercuriano ao provincial Anchieta e que ficassem sob a responsabilidade dos estudantes. As festas dessas Confrarias em homenagem a Santa Úrsula e companheiras mártires eram extraordinárias, com imenso brilhantismo, com teatro, danças, fogos de artifício, cavalhadas, sermões etc.¹⁶

Essa festa, que marcava o final do ano escolar brasileiro, além de favorecer celebrações acadêmicas, também organizava cerimônias religiosas e populares. Sobre esse evento, Alemparte (1991, p. 179) relata: “O entusiasmo contagioso dos estudantes revela um sucessivo crescendo, que levou a tomarem-se ou considerarem-se as Onze Mil Virgens como padroeiras, primeiro da cidade da Baía, depois do Brasil e, por fim, da América.” Flexor (2009) informa que as próprias Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia acabaram consagrando a lenda de Santa Úrsula e das Onze Mil Virgens, uma das poucas invocações a quem os jesuítas podiam fazer procissão pela cidade no dia da Santíssima Trindade.



Figura 119 – Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens

Fonte: Rede Século 21 (2013).

Cymbalista (2009) esclarece que a opção pelas Onze Mil Virgens como padroeiras das terras brasileiras não foi aleatória, tendo em vista que, no final do século XVI, os lusitanos tinham plena consciência da vastidão das terras conquistadas e da dificuldade de controlar. A consolidação de uma unidade territorial

¹⁶ Das confrarias brasileiras existentes no século XVI, foram essas as de maior importância, por terem a sua sede principal nos Colégios da Companhia de Jesus de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e por estarem sob a responsabilidade e zelo dos estudantes (LEITE, 1938).

era desafiadora para eles e totalmente diferenciada daquela enfrentada na Índia, que se caracterizava em núcleos fragmentados de natureza comercial. Visto sob o ângulo da conquista religiosa cristã, a escolha de um único padroeiro seria vantajosa na consolidação dessa unidade, prestando-se a esse propósito as Onze Mil Virgens, pois poderiam

[...] vir da Europa tantas cabeças quanto necessárias, ampliando ao mesmo tempo o papel da consagração do território por meio do corpo físico do santo, e de homogeneidade de um calendário festivo nos locais onde houvessem cabeças das virgens. Além de constituir parte do corpo da cristandade e do Império, as cidades da América Portuguesa constituíam em si um corpo de identidade própria, cuja coesão era dada pelas cabeças das onze mil virgens. (CYMBALISTA, 2009, p. 28).

O autor citado esclarece ainda que esse propósito de unidade territorial foi também incorporado pelos inicianos. Os Provinciais da Companhia de Jesus costumavam visitar sistematicamente as diversas Casas da Companhia, como foi o caso de Anchieta, nomeado de 1577 a 1588, que circulou, visitando essas Casas à bordo de um pequeno navio com o nome de “Santa Úrsula”. Possivelmente, ele carregava a bordo relíquias das Onze Mil Virgens nessas visitas, consolidando, desta forma, uma segura união entre as diversas e longínquas Casas religiosas onde residiam os Companheiros de Jesus (CYMBALISTA, 2009).

A festa das Onze Mil Virgens, até fins do século XVII, segundo Campos (2001), era um dos grandes acontecimentos anuais da cidade do Salvador, mantendo-se sempre com o mesmo aparato, cuja pompa e principalmente a festividade impressionavam. O relato de Calmon (1931, p. 102-103) é ilustrativo: “Nos entreautos diziam-se versos, plangiam guitarras, o povilho berrava, e aos olhos indiferentes da plateia luzida as danças bárbaras, o lundu e o samba de Angola endoideciam os mestiços e as crioulas de saias sonoras [...]”.

O exposto permite-nos observar, quando relata o traslado de relíquias de Portugal para a Colônia, a partir de 1575, que a chegada desse aparato devocional de culto, revigorado pelas normas tridentinas, estimulou a realização de grandiosas festividades organizadas para recebê-las, especialmente aquelas promovidas pelos Colégios, sobretudo as das Confrarias das Onze Mil Virgens ou Congregações de Nossa Senhora dos Estudantes. São eventos importantes vinculados à política católica de caráter educativo, recreativo, moral, promocional e doutrinário materializando autos, diálogos, tragicomédias, élogos pastoris etc. Eram realizados

pelos jesuítas com a participação da população, especialmente dos estudantes, em expressivas e impactantes representações, num simulacro de *theatrum sacrum*, em que a boa música, mímicas, coreografias e danças estavam presentes, amalgamando, deste modo, no mesmo espaço e contexto, a devoção e a festa, o sagrado e o profano.

Serafim Leite (1938, p. 599) assim descreve essas festividades:

Como em todo o teatro verdadeiramente superior, também no Brasil havia um escopo moral. Não era simples e fútil diversão. Sem descurar totalmente a arte, o que sobretudo preocupava os Jesuítas era a civilização cristã. Com espírito atento, aproveitavam, pois, o gosto innato das camadas populares para as representações cênicas; e, com as suas alegorias, ensinando, agradando e deleitando, atraíam ou regeneravam o auditório, tanto indígena como colonial. Por esta feição popular dos autos sacros se explica, até, com facilidade, a intervenção neles de música, danças e cantares.

Ressaltamos, portanto, que, na maioria das vezes, as motivadoras das festividades, as relíquias dos santos e santas em aura de santidade, eram periodicamente apresentadas publicamente, nas visitasões, transladações, passeatas e procissões, em manifestações bastante concorridas, em que “[...] todos os sentidos são solicitados e com eles todos os sentimentos” (ZANINI, 1983, p. 101).

Essas festas, conduzidas pelos religiosos, que detinham o domínio do sagrado, serviam para reunir a devoção, o reforço moral, a propaganda e a implantação da mensagem cristã no inconsciente dos habitantes da Colônia. Além disso, também se constituíam como marcos temporais iniciais, estimuladores da promoção da vida cultural brasileira naqueles primórdios da colonização. Essas questões são bem definidas por Serafim Leite (1938, p. 612):

Os Jesuítas, por preocupação escolar [...] empregaram esforços meritórios para o estabelecimento e manutenção do teatro, com o duplo intuito de cultivar o gosto literário na Colônia e utilizar, na divulgação do Evangelho, o talento e a predisposição evidente dos Índios para o movimento oratório e para a música.

Provavelmente em 1585 ou 1595, o Padre José de Anchieta compôs o auto de Santa Úrsula “Quando no Espírito Santo se recebeu uma relíquia das Onze Mil Virgens” por motivo da chegada dessa relíquia encerrada em uma coluneta de prata. Anchieta colocou em cena, nesse auto, Santa Úrsula sendo acolhida pelas relíquias dos Santos Mártires São Maurício e São Vital já guardadas na Igreja de Vitória do

Espírito Santo. Este fato comprova que, na Igreja de São Tiago, dessa capitania, existiam relíquias de santos antes da chegada daquela das Onze Mil Virgens (CUNHA, 1996).



Figura 120 –
São Maurício

Fonte: SANTOS
E SANTAS
(2014).



Figura 121 –
São Vital

Fonte: KATIE
KING (2015).

Quando da visitação do Padre Cristóvão de Gouveia à província do Brasil, em 1583, presenciou-se a uma larga distribuição de relíquias, relicários, *Agnus-Dei*, imagens e contas bentas entre os moradores e as várias cidades, reservando-se aos índios verônicas¹⁷ e nômimas¹⁸. Para a cidade do Rio de Janeiro, o padre Cristóvão trouxe uma relíquia do Santo São Sebastião, encerrada em um braço-relicário de prata; para a província da Bahia, uma terceira cabeça das companheiras de Santa Úrsula, presa em um busto-relicário¹⁹ de prata de qualidade excepcional, juntamente com outras relíquias. Na Bahia, como era tradição, encenou-se, de imediato, um auto, em que as outras duas cabeças das companheiras de Santa Úrsula, que já se achavam instaladas na Sé, recebiam festivamente a terceira (CARDIM, 1980). Alemparte (1991) complementa que as três cabeças das Onze Mil Virgens do Colégio dos Jesuítas da Bahia foram acomodadas em três meios corpos de prata, com os respectivos nomes, sendo uma delas atribuída à própria Santa Úrsula e as outras a Santa Áurea e a Santa Córdula.

¹⁷ Imagem de Cristo estampada, gravada ou pintada sobre um tecido.

¹⁸ Bolsinha em que se guarda oração impressa ou relíquia.

¹⁹ De acordo com Silva-Nigra (1950, p. 9, grifo do autor): “Nos séculos XVI e XVII, o relicário-busto teve grande aceitação nos mosteiros e igrejas de Portugal. Assim, é conhecido o bellissimo *Santuário das relíquias* do mosteiro de Alcobaça.”

Figura 122 – São Sebastião Figura 123 – Santa Áurea Figura 124 – Santa Córdula



Fonte: PARÓQUIA SANTO AFONSO (2011).



Fonte: IL FARO (2015).



Fonte: SAMUEL MIRANDA (2015).

Não localizamos, na Antiga Igreja dos Jesuítas, atual Catedral Basílica de Salvador, nenhum desses relicários e/ou as respectivas relíquias (cabeças) identificadas das companheiras de Santa Úrsula, como referenciam os cronistas e autores consultados, nem tão pouco encontramos qualquer documento que registrasse o seu paradeiro ou descaminho. Os fatos ocorridos no transcorrer da história da província levam-nos a considerar a possibilidade de terem sido apreendidos pelos holandeses no saque ocorrido durante a invasão à cidade, e as relíquias (cabeças) destruídas e/ou abandonadas pelos calvinistas ou, então, levadas pelos próprios jesuítas quando da expulsão da Companhia de Jesus em 1759.

É fato que nenhum desses relicários, com as respectivas relíquias, chegou aos tempos modernos nesta cidade de Salvador. Todavia, em vistoria realizada na cripta dos jesuítas existente na atual Catedral Basílica, encontramos uma caixa-relicário de madeira, vidro e metal revestida de tecido, contendo um crânio humano esqueletizado. Na parte interna da tampa trapezoidal dessa caixa, sobre o cetim carmesim, estão registradas duas inscrições. Numa delas, com a grafia mais nítida, em nanquim, lê-se: “He do Corpo [...] S. Amaro, Martire [...] Santo”. A outra, mais apagada, também em nanquim, registra: “Reliquias de vários Santos Mártires, cujos nomes [...] não sabem.”

Figura 125 – Caixa-Relicário



Fonte: Catedral Basílica do Salvador (Foto do autor).

Figura 126 – Incrições existentes na Caixa-Relicário



Fonte: Catedral Basílica do Salvador (Foto do autor).

Esse achado, agregado aos fatos da história das relíquias e da devoção às Virgens Mártires, estreitamente ligada aos jesuítas, sobretudo àqueles que aqui estiveram, levou-nos a questionar: Seria esse crânio uma das três cabeças que chegaram ao Brasil no século XVI, pertencente às companheiras de Santa Úrsula, tão reverenciada naqueles primórdios da colonização? Considerando que uma das inscrições refere-se a “relíquias de vários santos” e encontrando-se no interior da caixa

apenas um crânio, aventamos a possibilidade desse relicário não ser o original, mas sim aproveitado e adaptado posteriormente. Desse modo, mais um questionamento manifesta-se: Não seria esse crânio uma das cabeças das Virgens Mártires separada do seu relicário primitivo, ou seja, do busto de prata referido pelos cronistas?

Em busca de alternativas de respostas a esses questionamentos, procuramos o apoio da ciência, por meio do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues (IMLNR), através do seu Departamento de Antropologia, na pessoa do perito Dr. Paulo Sérgio Peixoto de Araújo, que, de posse do crânio, procedeu a meticulosos exames antropológico e antropométrico, visando definir uma estimativa do sexo. Este trabalho gerou um laudo técnico que constitui o Anexo B desta tese. Ao mesmo tempo, foi retirado, excepcionalmente, um diminuto fragmento do crânio que já se encontrava danificado, para que se procedessem, no Laboratório Central da Polícia Técnica (LTPT), análises visando identificar o DNA, para, com precisão, negar ou confirmar os exames anteriormente realizados pelo referido legista, que dava um indicador de que, pela conformação apresentada, o crânio pertenceria a um indivíduo do sexo masculino de “característica Africana”.

Após duas análises, fomos informados pelo perito criminal Dr. Paulo Sérgio Portela de Oliveira, responsável pelo LCPT, de que os exames não deram nenhum resultado para identificação do sexo, em vista da pouca quantidade do material colhido, assim como a pouca espessura que apresentava baixa porosidade, não permitindo definir o DNA do indivíduo ao qual pertencia o crânio (ver Anexo C).

Esse propósito não alcançado na sua plenitude não invalida nem diminui a importância dos procedimentos e análises, uma vez que, inédito, na Bahia, e provavelmente no Brasil, buscou-se, por meio da tecnologia e da ciência, compor a face de um suposto santo ou santa, tentando, inclusive, identificar o DNA e o sexo de uma relíquia santoral.

Também não foi nossa intenção, nesta investigação, desmistificar a fé, importância e valor religioso atribuído ao culto das relíquias dos santos e santas da Igreja Católica. Entretanto, com o resultado sugerido pelo relatório do legista do IMLNR, permitimo-nos afirmar, com alguma precisão, que falsas relíquias tanto podem ter sido trazidas pelos religiosos como também as fraudes podem ter acontecido na própria Colônia, prática não incomum na Europa Medieval, quando a Igreja oficializou e incentivou o culto das relíquias dos seus santos, como visto em capítulo desta tese.

Esse culto, devido a um processo de extrema valorização espiritual da relíquia, desencadeou também uma valorização material, permitindo que a Igreja, extrapolando valores éticos e morais, transformasse a relíquia em uma mercadoria rentável,

instalando-se, conseqüentemente, o comércio de um número imensurável de falsas relíquias.

Em consequência da valorização das relíquias, a Sé da Bahia, em finais do século XVI, possuía uma quantidade tão expressiva que, para melhor conservação e disposição mais digna,

[...] tinha o padre visitador dado ordem para se fazer um relicário para todas as relíquias que estavam mal acomodadas. Estava já neste tempo acabado. É grande, tem 16 armários com suas portas de vidraças, e no meio um grande, para a imagem de Nossa Senhora de São Lucas; os armários são todos forrados dentro de cetim carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de sedas de várias cores, sc. damasco, veludo, cetim, etc., a madeira é de pau de cheiro de jacarandá e outras madeiras de preço, de várias cores, de tal obra que se avaliou somente das mãos em cem cruzados. Fê-lo um irmão da casa, insigne oficial. Está assentado na capela dos irmãos que é uma casa grande. (CARDIM, 1980, p. 169).

Finalmente, no século XVII, a Companhia de Jesus começou a oferecer, para veneração, relíquias de santos jesuítas, a exemplo de São Francisco Xavier e Santo Ignácio de Loyola.



Figura 127
– São
Francisco
Xavier

Fonte: ALGO
SOBRE (2015).



Figura 128 –
Santo Inácio
de Loyola

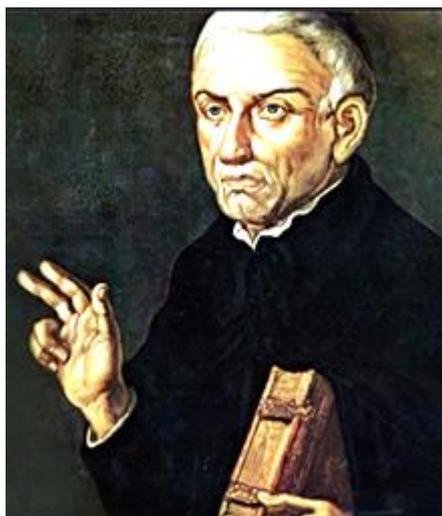
Fonte:
PARÓQUIA
SÃO
FRANCISCO
XAVIER (2015).

Os restos mortais do jesuíta José de Anchieta, que morreu em Reritiba, Espírito Santo, em 1597, já eram reverenciados como relíquias consagradas e sua canonização já desejada desde os primórdios do século XVII, como refere Vieira (2003, p. 117):

Sua canonização [de Anchieta] se espera e deseja com grande alvoroço de toda esta província (do Brasil, da Companhia de Jesus) assim dos de casa (os jesuítas) como dos de fora, e não duvidamos de haver de ser um grande meio para uns se emendarem e outros se melhorarem.

O corpo de Anchieta ficou sepultado em Vitória até 1609, quando foi trasladado para Salvador. Posteriormente, seu culto como beato foi autorizado por um Breve do Papa Urbano VIII (papado de 1623 a 1644) e seus ossos foram distribuídos como relíquias (CYMBALISTA, 2006). Entretanto, sua canonização como santo da Igreja Católica só viria a acontecer em 2 de abril de 2014.

Figura 129 – José de Anchieta



Fonte: Montenegro (2014).

Figura 130 – Papa Urbano VIII



Fonte: WIKIMEDIA (2015).

É do século XVII um número considerável de relicários, sobretudo de bustos-relicários²⁰ encontrados em instituições religiosas de Salvador, especialmente na Catedral Basílica – Antiga Igreja dos Jesuítas – e Mosteiro de São Bento, bem como os referidos na documentação consultada, no caso os do Convento de São Francisco de Assis, numa evidente demonstração da força e permanência do culto e da veneração mantida pelos habitantes da cidade a esse aparato místico de devoção cristã.

Ao Convento de São Francisco, o frei Antônio de Santa Maria de Jabotam (1980) dedica a obra “Novo Orbe Seráfico Brasílico”, na qual o capítulo XII trata das relíquias de santos do convento. Informa que o padre Domingos Coelho, reitor do Colégio dos Jesuítas, trouxe oito relíquias que pedira a Roma, diretamente ao Papa Urbano VIII, no ano de 1627. Segundo o autor, ao entregar as relíquias, o Santo Padre lhe respondera: “[...] eram pequenas, mas verdadeiras, e estavam autenticadas por tais com os seus selos pendentos” (JABOATAM, 1980, p. 97).

²⁰ Foram referidas nesta seção, as coleções de bustos-relicários que apresentaram maior número e maior relevância. Os demais relicários estão registrados e documentados no volume 2 desta tese, que apresenta o Inventário de todas as relíquias e relicários existentes em instituições religiosas do Centro Histórico de Salvador e entorno.

Essas relíquias foram colocadas em bustos relicários de dois a três palmos e expostas nas banquetas do novo altar-mor da Igreja de São Francisco em 1649, como relata frei Jaboatam (1980, p. 97):

Tinham estas [as relíquias] o seu lugar no primeiro corpo, que logo, conforme a Arquitetura, a modo de Santuário, com mais de dez palmos de alto, ficando no meio deles o sacrário, e pelos lados vários Nichos em duas, ou três ordens por cada lado, dentro dos quais como em oratórios particulares estavam colocados os meios corpos [bustos relicários] destas Relíquias, e faziam todos um vistoso, e devoto Santuário [...]

Infelizmente, os bustos-relicários do Convento de São Francisco não mais existem na Igreja nem foi encontrada nenhuma referência documental do seu desaparecimento. Teriam constituído o terceiro conjunto de bustos relicários da Bahia no século XVII, instalados num período turbulento, em que a ameaça calvinista era um perigo real e, por isso, tenham sido destruídos nas invasões holandesas.

Figura 131 – Fachada e interior da Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus



Fonte: SKYSCRAPERCITY (2015).

O Mosteiro de São Bento da Bahia acolheu um grande número de relíquias e seus respectivos relicários, em destaque o busto-relicário de Santa Luzia, em prata, com relíquia, do século XVII, e um grupo de onze bustos relicários em terracota, há muito destituídos de relíquias, de autoria, segundo D. Clemente da Silva-Nigra (1971), do frei Agostinho da Piedade, monge beneditino que ali, durante boa parte da sua vida, dedicou-se à confecção de esculturas religiosas em terracota, particularmente de bustos-relicários, sendo, por isso, considerado o iniciador da imaginária produzida com a terra brasileira no século XVII.

Figura 132 – Fachada e interior do Mosteiro de São Bento da Bahia



Fonte: CONVERSA DE MENINA (2015).



Fonte: ALEX UCHÔA (2015).

Todos os bustos-relicários desse Mosteiro, com exceção do de Santa Bárbara, que ainda mantém uma policromia, ficaram expostos às intempéries, decorando os muros do Mosteiro durante 26 anos, até serem recolhidos, em 1930, por D. Clemente da Silva-Nigra, e restaurados pela Diretoria do Serviço do Patrimônio Artístico e Cultural na década de 1950 (SILVA-NIGRA, 1971). Não encontramos nenhum documento que indicasse os locais em que esses bustos foram colocados primitivamente, no interior da igreja do Mosteiro, nem o destino que tiveram as relíquias que continham.

Figura 133 – Busto-Relicário de Santa Bárbara



Fonte: DICIONÁRIO... (2015)

Figura 134 – Assinatura de Frei Agostinho da Piedade

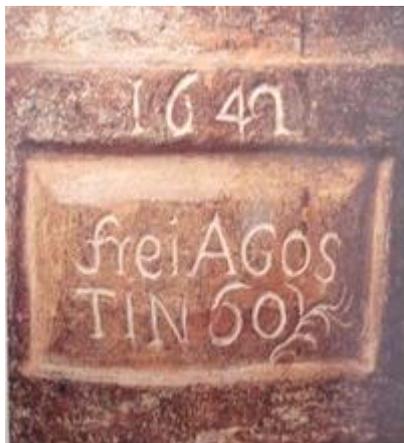


Figura 135 – Busto-Relicário de Santa Catarina de Alexandria



Uma referência particular sobre relíquia e relicário, que data dos primórdios da fundação da cidade do Salvador, está vinculada diretamente ao Mosteiro de São Bento. Trata-se do registro encontrado no Livro Velho do Tombo da Bahia, nos documentos históricos da Congregação Beneditina de Salvador, volume 1, de uma escritura da índia Catarina Paraguaçu, com doações aos padres bentos, datada de 16 de julho de 1586, que enumera:

[...] tabaleam perante mim e das testemunhas ao diante escritas a dita Catherina Alvares disse que ella de sua própria e livre vontade, sem constrangimento de pessoa alguma, e por amor e serviço de Deos dava e datava e fazia doação entre vivos valedoura a dita ordem dos Bemaventurados Sam Bento sito nesta Cidade [...] de toda a prata do serviço de sua caza, a saber um jarro e bacia de agoa as mãos e hum saleiro e sinco colheres de prata para que eles ditos Padres façam [...] assim um relicario para se meterem humas relíquias que ella doadora tem [...]

Outra casa religiosa, a Antiga Igreja dos Jesuítas, atual Catedral Basílica de Salvador, possui uma série de relicários, dentre eles um busto-relicário em prata, representando São Francisco Xavier, com relíquia, do século XVII, quatro bustos-relicários do século XVIII sem relíquias dos Evangelistas João, Mateus, Lucas e Marcos, em madeira revestida com folhas de prata e ouro, e um busto-relicário em madeira com relíquia de São Brás, também do século XVIII.



Figura 136 –
Fachada e Interior
da Catedral
Basílica de
Salvador

Fonte: WIKIPEDIA
(2015).



A devoção a São Brás é praticada na Bahia desde os primórdios da colonização, como informa Serafim Leite (1938, p. 311): “Também a festa de São Brás, na Baía, era, em 1590, festa solene, com jubileu, por haver, no Colégio uma notável relíquia do dito que aqui há [...]”. Compõe ainda o acervo de relicários dos

jesuítas uma coleção de trinta bustos-relicários em madeira e terracota, representando santos e santas mártires da mitologia cristã. Esta coleção, originalmente, encontrava-se guardada em dois grandes armários-relicários, cada um com quinze nichos localizados nos dois primeiros e mais antigos altares laterais da Catedral Basílica. Atualmente, encontram-se expostos no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.



Fonte: Foto do autor.

Figura 137 – Altar dos Santos-Mártires e detalhe do armário que constitui a parte inferior – Catedral Basílica de Salvador



Figura 138 – Altar das Santas-Mártires e detalhe do armário que constitui a parte inferior – Catedral Basílica de Salvador



Fonte: Foto do autor.



Dos trinta bustos relicários que integram a coleção, nenhum deles possui a relíquia, nem foi encontrado, até então, registro escrito que revelasse a sua história. Possivelmente, foram roubadas ou então retiradas dos relicários e levadas pelos jesuítas, quando da expulsão da Companhia de Jesus dos domínios de Portugal no reinado de D. José I, em 1759, pelo Marquês de Pombal.

4.1 SANTIDADE E SEXUALIDADE

A tradição judaica não considerava o celibato uma condição virtuosa, com a autoridade religiosa acompanhando, normalmente, a árvore genealógica das pessoas, diferentemente da tradição cristã, que considerava a descendência familiar desenvolvida por interferência espiritual (JONHSON, 1976).

A tradição do catolicismo, consoante Woodward (1992), sempre foi impregnada de um caráter ambivalente no que concerne à sexualidade. Se, por um lado, essa tradição valorizou e incentivou a condição de pessoas de se manterem castas, por outro, criticava a atitude daquelas que optavam pelo casamento, considerado um sacramento a partir do século IX. Esse legado está expresso nas Constituições da Companhia de Jesus cujas Normas Complementares registram, na 6ª parte, seção II: “Pelo voto de castidade, consagramo-nos a Deus e a seu serviço com um amor total que exclui o matrimônio e qualquer outra relação humana de tipo exclusivo, bem como a expressão e satisfação genital da sexualidade.” (CONSTITUIÇÕES..., 2004, p. 282). Em determinadas situações, entretanto, a Igreja demonstrou certa flexibilidade em aceitar o casamento. Uma delas, no combate ao gnosticismo, heresia que recusava qualquer realidade material, inclusive o corpo, quando reagiu considerando o matrimônio aceitável para os fiéis, deixando claro, porém, que era uma condição menos dignificante do que aquela em que o fiel mantinha-se casto (WOODWARD, 1992).

Toda essa carga de rejeição contra a condição de não casto remonta aos primórdios da fé cristã contida no Novo Testamento. A responsabilidade de identificar sexo como algo pecaminoso é imputada aos religiosos dos primeiros séculos do cristianismo (WOODWARD, 1992). Esse autor considera existir certa razão na culpa desses religiosos, considerando que alguns demonstravam, de fato, desprezo pelas mulheres, nominando-as “portas do diabo” e, conseqüentemente, repudiando o ato sexual como algo deplorável vinculado ao pecado original.

Santo Ambrósio, bispo de Milão, foi o primeiro religioso católico a abordar exaustivamente a problemática do sexo no cristianismo. Deixa claro sua rejeição,

considerando existir uma desconexão entre vida matrimonial e vida sacerdotal, ressaltando que, mesmo um matrimônio harmônico, seria sempre um estado de aprisionamento. Considerava que a melhor condição, sobretudo para as mulheres, seria a de manter-se virgem, estado dignificante ao ponto de ser considerada esposa de Cristo. Deveria manter-se reservada, evitando até mesmo as poucas idas à Igreja, onde poderia ficar vulnerável às tentações, por se tratar de lugar com muita frequência de pessoas. Coerente com esse pensamento de Ambrósio, outro religioso de relevante contribuição ao cristianismo, São Jerônimo, considerava o sexo um grande malefício vinculado a uma condição sórdida e sujo no sentido amplo da palavra (WOORWARD, 1992).

Esse autor relata que alguns historiadores do cristianismo, entre eles Peter Brown, deixaram claro existir certo exagero no que tange ao fato de os religiosos identificarem sexo com pecado. A questão deve ser analisada no “[...] contexto de um vasto leque de atitude socioeconômica envolvendo a relação entre ‘o corpo e a sociedade’ na cultura greco-romana” (WOORWARD, 1992, p. 326). O autor citado ressalta, inclusive, que muitos cristãos, entre eles diversos religiosos, contraíram núpcias e tiveram filhos.

Segundo Mattoso (1993), até o Concílio de Trento, religiosos, em geral, eram celibatários sem que fosse rigorosamente exigido manter a obrigação de castidade. O Bispo de Lamego, depois Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos, por exemplo, teve vários filhos, sendo um deles cônego da Sé de Lisboa. A partir de 1564, a condição de ser religioso começa a ser entendida de uma forma particular, constituindo-se em um modo de vida diferenciado das demais pessoas. Inicia-se dentro da Igreja uma série de atitudes com o propósito de mudanças. Assim, “Passa a exigir-se uma dedicação pastoral e disciplinadora que deixa de se limitar à fruição pacata dos bens terrenos” (MATTOSO, 1993, p. 484). Inicia-se uma pressão sobre as pessoas, por parte da Instituição religiosa, que passa a vigiá-las, controlando-as com rigor, por meio, inclusive, dos registros de batismo, casamento e enterro, que apesar de instituídos, eram pouco obedecidos no seu cumprimento até então. “São os róis de confessados. São as visitas pastorais, com os seus *exames ao comportamento social e sexual* dos fregueses” (MATTOSO, 1993, p. 484, grifo nosso).

Para os membros da Igreja Católica, o fato de maior importância não era a constatação do vínculo de pecado com sexo, mas o reconhecimento louvável da santidade com castidade. Nesta condição, criava-se uma fortaleza interior para dominar os prazeres do corpo, evidenciando os valores da mente e do espírito. Acreditava-se que, no estado de castidade, o homem estava mais resistente do que no casamento para “[...] alcançar a perfeição espiritual que eles consideravam como

a vocação específica do santo” (WOODWARD, 1992, p. 327). Esse entendimento reflete o propósito da maioria dos religiosos em buscar uma justificativa teológica para o comportamento solitário dos eremitas e dos homens e mulheres que guardavam a castidade. Entretanto, os escritos produzidos por alguns desses religiosos, para dialogar com seus pares acerca dessas questões, era pouco convincente para os fiéis cristãos, que em geral entendiam de uma forma própria quais seriam as qualidades necessárias para definir a condição de um santo.

O cristianismo em seus primórdios era identificado pelo culto aos santos celibatários e as santas mártires que guardavam a castidade. Por essa razão, era natural que tanto a classe culta como a população iletrada tomasse esses homens e mulheres como modelos de perfeição cristã (WOODWARD, 1992). Para este autor:

[...] abraçar a virgindade não era simplesmente fugir da carne, da mesma forma como abraçar o martírio não era fugir da vida. Era abrir-se em plenitude à força transformadora do reino emergente de Deus e à expectativa da vida no reino dos céus. Havia virtude no casamento cristão casto, mas só na virgindade – tanto para mulheres como para homens – se encontrava a heroicidade da virtude requerida do santo. (WOODWARD, 1992, p. 327).

São conhecidas as histórias repetidas e enriquecidas através dos séculos que enaltecem santos castos e santas virgens divinizados e santificados por essa condição, isto é, da conservação da castidade, numa singular habilidade da igreja de transformar vidas em histórias. Entre as mais conhecidas, estão as das santas Apolônia, Ágata, Inês e Luzia, que foram elevadas às honras dos altares da Igreja Católica pelo sacrifício da própria vida na defesa da virgindade (WOODWARD, 1992).

Figura 139 – Santa Apolônia Figura 140 – Santa Ágata Figura 141 – Santa Inês



Fonte: AURUM FINE ARTS (2015).



Fonte: MAICÁ (2013)



Fonte: ARTEHISTORIA (2015).

Entre os santos castos, o exemplo considerado dignificante é o de Santo Alexis, que abandonou a esposa no dia do casamento para servir a Cristo como mendicante. Todas essas histórias e lendas acerca da vida de inúmeros santos e santas foram muito popularizadas e difundidas entre a população iletrada e serviram com mais eficácia na catequese da fé cristã do que muitos dos compêndios eruditos produzidos pelo alto clero da Igreja. Até nos dias atuais, essas histórias e lendas mobilizam o imaginário popular, servindo de exemplo e admiração, como modelos de santidade cristã (WOODWARD, 1992).



Figura 142 –
Santa Luzia

Fonte:
SANTUÁRIO...
(2014).

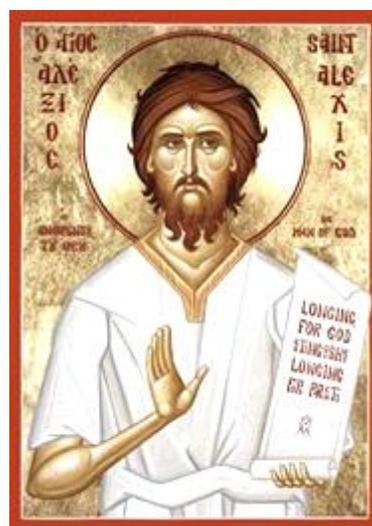


Figura 143 –
Santo Alexis

Fonte: IGREJA...
(2014).

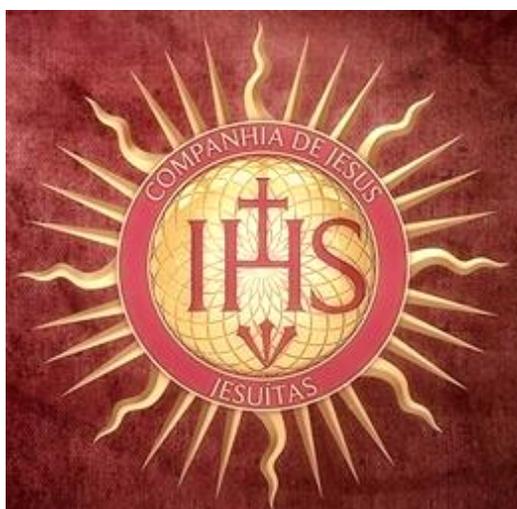
O que apreendemos nessas considerações é que o comportamento e as ações das santas mártires, assim como os exemplos de santos como o de Santo Alexis, os engrandecem e os dignificam, sobretudo pelo repúdio ao casamento e, conseqüentemente, ao sexo. Fica evidente a visão da Igreja de que santidade e sexualidade são incompatíveis, vinculando esta última ao pecado e, portanto, indigna do ser humano que busca a perfeição espiritual para atingir a santificação. Observamos ainda o fato de não ter encontrado, na leitura da vida de inúmeros santos e santas, exemplos de casais unidos pelo matrimônio que viessem a inspirar histórias edificantes por reconhecidas qualidades morais inerentes ao cotidiano como valores relevantes a engrandecê-los ao ponto de, por essas virtudes da vida doméstica, serem merecedores da beatificação e da santificação.

4.2 ASSISTÊNCIA MORAL EM TERRAS BRASÍLICAS

A situação crítica da Igreja renascentista, abalada com as críticas da Reforma protestante, reforça as expansões além-mar, incentivando os católicos a reforçar sua doutrina e a expandir a fé católica. Até meados do século XVI, a Igreja constituía-se como uma Instituição de grande influência nas áreas da política, administração e educação, além de ter o domínio absoluto das obrigações e responsabilidades acerca das funções religiosas, o que lhe permitia uma posição estratégica de poder e de elevado respeito junto à sociedade (COSTA, 2012). É dentro dos princípios norteadores dessa Igreja, no contexto das políticas e recomendações exaradas do Concílio de Trento, que os jesuítas chegam à Colônia em meados do século XVI (1549), liderados por Manoel da Nóbrega, acompanhando a expansão das forças dos conquistadores portugueses.

Consoante Vainfas (2012), os Companheiros de Jesus defrontaram-se com uma sociedade menos complexa que as orientais, o que facilitou a catequese dos nativos e ajudou na consolidação do projeto de colonização da Coroa portuguesa das terras do Novo Mundo. A Companhia de Jesus representava o que se poderia ter de mais atual naquele período em termos de ações missionárias e estratégias de contato com povos nativos. Respaldados na formação humanista que tiveram, os inicianos perceberam de imediato a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca desses povos que habitavam as terras brasílicas, priorizando o aprendizado das línguas nativas para melhor conduzirem as ações inovadoras de conversão ao catolicismo, como também de disciplinar, às normas e procedimentos cristãos, os colonos que aqui já residiam (CORREIA BRANCO, 2012).

Figura 144 – Símbolo Companhia de Jesus Figura 145 – Padre Manoel da Nóbrega



Fonte: LIMA (2013).



Fonte: LITORAL BRASILEIRO (2015).

É dessa maneira e fiéis ao lema da Companhia, que apregoa o *auxílio às almas e a maior glória de Deus*, que os jesuítas estruturaram, de maneira decisiva, a formação do espírito moral do povo brasileiro. Essa formação, a ser disseminada entre os habitantes, encontra-se fundamentada na teorização teológica da doutrina cristã. Nela a sexualidade é vista e considerada pecaminosa e, por isso, foi combatida na catequese, na mais determinada dentre as assistências prestadas pelos padres aos colonos e aos gentios: a assistência moral. Com muita propriedade, Viotti (1966, p. 15) ressalta: “[...] a própria prosperidade econômica depende também de fatores de ordem moral. O desenvolvimento do Brasil nesse primeiro século está claramente vinculado ao seu progresso moral. E êste, não menos claramente, ao influxo religioso.”

Serafim Leite (1938) informa que, ao aportarem na Colônia, os jesuítas ficaram extremamente preocupados com a moralidade pública encontrada. Os primeiros colonos a chegarem ao Brasil, vinham sós; alguns eram solteiros e os casados dificilmente desembarcavam acompanhados de suas esposas, acreditando que sua permanência seria por um período curto e logo regressariam à Metrópole. Essa condição resultou em “[...] enlaces ocultos ou públicos, situações familiares provisórias. A facilidade em obter mulheres índias fazia o resto. O amancebamento era quási geral” (SERAFIM LEITE, 1938, p. 367). Afrânio Peixoto (1947) argumenta que a preferência dos portugueses por “mulheres de cor” no Brasil não era uma questão de escolha naqueles primórdios, mas decorria da raridade de mulheres brancas: “[...] em falta era... a necessidade, índias, africanas, mestiças...” (PEIXOTO, 1947, p. 17-18).

Esse comportamento a que se entregavam os colonos “[...] no meio daquela natureza selvagem, ardente e poligâmica” (SERAFIM LEITE, 1938, p. 378), causou forte resistência nos jesuítas, a ponto de fazerem retornar a Portugal alguns deles que se encontravam perdidos e entregues aos costumes nada cristãos dos índios. Os colonos solteiros justificavam tal comportamento com o argumento da falta de mulheres brancas com as quais pudessem contrair matrimônio. Os casados em Portugal sofriam maiores críticas dos missionários que, indignados com a vida irregular, em pecado ainda maior que os solteiros, intervinham não apenas com respaldo moral, mas também jurídico. Alguns, inclusive, foram enviados de volta à Metrópole e um pequeno grupo de “infratores” providenciou a vinda de suas mulheres para a Colônia. O propósito do Rei de Portugal era aumentar a população

nas terras conquistadas e era indispensável que “[...] venham, para se casar aqui, muitas órfãs, e quaisquer mulheres, ainda que sejam erradas, pois também aqui há várias sortes de homens, porque os bons e ricos darão o dote às órfãs” (SERAFIM LEITE, 1938, p. 368).

Os constantes pedidos de envio de moças brancas órfãs ao Rei foram atendidos e a esquadra de 1551 conduziu várias delas para as terras do Novo Mundo, estruturando, desse modo, o povoamento. Em 1553, o governo português tomou medidas, por meio de um mandado, para a proteção de um grupo de moças humildes que aqui desembarcaram; enquanto não casassem, seriam atendidas no que necessitassem. Nos primeiros momentos foram realizados os matrimônios mais facilmente, até que, com o passar do tempo, os rapazes escolhidos para esposos começaram a fazer exigências para aceitarem a união. Os jesuítas, inevitavelmente, como eram os que mais se preocupavam com a situação dos solteiros nessas novas terras, assumiam certas responsabilidades de proteção dessas moças, buscando, inclusive, os dotes indispensáveis para a concretização dos casamentos. Felizmente, o que amenizava um pouco essa ação dos padres era a proteção oficial concedida pelo estado português (SERAFIM LEITE, 1938).

Os missionários assumiam também, com maior rigor e perseverança, o cuidado com as filhas dos índios já convertidas ao cristianismo, temendo serem conduzidas ao descaminho pelo aliciamento. Devido a essa situação, surgiu a ideia, em 1551, de criar um recolhimento para elas. Um dos propósitos desse estabelecimento seria garantir, aos índios catequisados pelos padres e doutrinados nos preceitos cristãos, mulheres que também fossem instruídas na fé cristã. Particularmente na Capitania da Bahia, esses recolhimentos, além de se justificarem por razões morais, também eram entendidos como locais de educação dos índios (SERAFIM LEITE, 1938).

Além da educação que os jesuítas já davam aos filhos dos índios, estes externaram o desejo de estender esse mesmo tratamento a suas filhas. Chegaram ao ponto de demonstrar ao Padre Manoel da Nóbrega a pretensão de escrever à Rainha, pedindo a sua intervenção para o envio de mulheres preceptoras com o propósito de também educá-las. Este propósito repercutiu positivamente não somente perante as autoridades civil e religiosa como também na população em geral. Como consequência, obtiveram do Padre Geral da Companhia uma aprovação para a criação de casas administradas por mulheres de reconhecidas virtudes para procederem a educação de meninas (SERAFIM LEITE, 1938).

Entretanto, a ação não se concretizou em virtude de razões bastante complexas e delicadas relacionadas às condições do meio e do tempo, inclusive pelo fato de agenciar casamentos não ser uma atividade relacionada diretamente às funções dos religiosos. A ação, por ordem do Padre Visitador Inacio de Azevedo, ficou restrita a casos extremos. Como compensação, em razão de as Congregações não possuírem ensinantes constituídas por mulheres religiosas, os padres lançaram mão de meios improvisados, como confiar as moças e as órfãs em condições de seguirem um caminho degradante a famílias constituídas e honestas que as pudessem abrigar e proteger. Esse comportamento foi o que se adotou para a salvaguarda das moças não só na Bahia e Pernambuco como também em outros agrupamentos, como em Santos, no ano de 1589 (SERAFIM LEITE, 1938).



Figura 146 – Beato Inácio de Azevedo

Fonte: TOLEDO (2014).

É justa a preocupação de se dar também às mulheres o mesmo tratamento dispensado aos homens, sobretudo por ocorrer em um período tão remoto. Serafim Leite (1938, p. 370) dá especial atenção a este fato quando relata:

[...] aquela tentativa de se buscar para as filhas dos Índios as vantagens de que gozavam os meninos, é um facto digno de registro: “esta intenção do gentio é quasi milagrosa, diz Afrânio Peixoto, tanto a educação das mulheres, por tanto tempo, quasi até hoje, se afastou do ideal pedagógico de lhes dar educação comum com os homens, ideia que só vingaria no fim do século XIX!”

Concomitantemente a essa ação de assistência social e cristã, existia outra que era a de corrigir moralmente, recuperando as mulheres “amasiadas” ou “caídas”, comum numa terra onde era fato corriqueiro “[...] e onde se dava o caso de andarem

até moças, filhas de cristãos, dadas à soldada a solteiros” (SERAFIM LEITE, 1938, p. 371). Essa foi uma situação que indignou os inacianos desde que aqui aportaram, e eles a combateram veementemente, referindo-se a ela como “grande pecado” da terra. Os colonos brancos, acostumados com o hábito de possuírem várias mulheres, tinham índias como mancebas, fossem elas escravas ou livres. Alegavam, como justificativa, o fato de não existir mulheres com quem pudessem casar. Fica evidente que a justificativa não correspondia aos fatos, tendo em vista que havia uma grande quantidade delas entre os indígenas; o que de fato reclamavam era da falta de mulheres brancas, para compartilharem com eles o matrimônio.

Serafim Leite (1938) relata que, em vista da situação moral pouco recomendável que imperava, desencadeou-se uma reação por parte dos missionários, manifestada em algumas medidas objetivas de saneamento e de cristianização dos costumes, a exemplo da urgente vinda da metrópole de mulheres brancas; de homens dignos casados e acompanhados de suas respectivas esposas; e da solução mais complexa de ser implementada, que era o casamento com as filhas da terra, isto é as índias. Também o padre Manoel da Nóbrega (1931) avalia a situação moral existente, denominando-a de “vício da carnalidade”. Apesar das dificuldades de concretização de casamentos entre brancos e índias convertidas, eles aconteceram, como refere Calmon (1940).

Em várias regiões do Brasil, a exemplo do Espírito Santo, São Vicente e Bahia, por força do empenho dos jesuítas e de algumas autoridades civis, foram normalizadas algumas situações extraconjugais incômodas: regularização de casamentos de senhores com escravas índias ou negras já com filhos; separação de homens casados em Portugal de suas “mancebas”; e solteiros que abandonaram índias escravas e se casaram com mulheres brancas (SERAFIM LEITE, 1938). Este autor assim avalia essa conjuntura: “Uma situação como esta, de tão alto significado moral e social, proposta pelos Jesuítas e que, afinal, constitui a substrutura étnica do povo brasileiro, não teve, contudo, senão efeitos parciais.” (SERAFIM LEITE, 1938, p. 372).

Constatamos, nessas considerações, a obstinada investida dos padres na assistência prestada aos colonos e aos índios do Novo Mundo, buscando implantar em suas vidas um modelo de moralidade calçado nos conceitos e preconceitos oriundos da civilização europeia, respaldados na formação religiosa cristã. Observamos que, sistematicamente, vai se estruturando e consolidando um modelo

de saneamento e cristianização dos costumes por meio do eficaz trabalho de catequese do gentio e das constantes ações e atitudes críticas dos padres ao comportamento dos colonos. Os valores morais cristãos, sobretudo aqueles condenatórios acerca da sexualidade vista como algo desprezível, vão sendo absorvidos e incorporados pela população em geral, sobretudo pelas mulheres, reforçando a importância e a dignidade da virgindade como condição para alcançarem o ideal estado de perfeição. Serafim Leite (1938) relata casos considerados extraordinários de índias já catequizadas que preferiram morrer para defender sua castidade, assim como a resistência e a recusa de escravas às investidas de seus senhores para com eles coabitarem. Ressalta o autor citado que essas atitudes revelam a *fortaleza de ânimo e o espírito de fé* dessas mulheres.

A compreensão expressa por esse jesuíta nas primeiras décadas do século XX revela o mesmo pensamento ideológico dos primeiros jesuítas que pisaram em solo brasileiro em meados do século XVI, acerca da sexualidade, que enalteciam a castidade como condição humana digna e para melhor servir a Deus. Salientamos que os jesuítas, nas suas Constituições, dedicam um capítulo completo à castidade com o objetivo de crescimento interior, na busca da perfeição espiritual, entendendo-se, deste modo, o posicionamento corporativista e conservador de Serafim Leite sobre a questão.

Serafim Leite (1938, p. 376, grifo nosso) refere-se a casos de mulheres índias nas quais “[...] nasciam já desejos de perfeição evangélica. Na Aldeia de São Paulo, da Baía, ouvindo uma índia o exemplo das *santas virgens*, determinou de o ser. E fê-lo.” Também relata Anchieta (CARTAS..., 1933) casos de mulheres livres ou escravas com evidentes sinais de virtude, sobretudo em rejeitar a luxúria. Outras sofrem de seus senhores que as maltratam com punhaladas, bofetadas, açoites por não concordarem no pecado e de outras que “[...] por força querem [os senhores] roubar sua castidade, defendendo-se não somente, repugnando com toda a vontade, mas com clamores, mãos e dentes...” (CARTAS..., 1933, p. 151). Esse jesuíta ainda registra caso de mulher que, não consentindo que o seu senhor a tomasse como manceba, se oferece de boa vontade para ser morta por não querer ofender a Deus. Também enaltece essas mulheres, ao observar o fato de que “[...] ainda das mulheres Brasília tem quem de grado queira receber a morte por guardar castidade” (CARTAS..., 1933, p. 193).

Outro jesuíta que faz referência à resistência das mulheres ao pecado da carne foi Manoel da Nóbrega, ao relatar que os jesuítas advertiam nos confessionários às índias escravas dos cristãos para que não pecassem com seus

amos nem tão pouco com outros homens, sendo preferível que se deixassem espancar se necessário “[...] e se oferecem a matarem-nas antes que tornassem ao pecado passado” (NÓBREGA, 1931, p. 161).

Entendemos que os discursos apresentados por Anchieta e Nóbrega não poderiam ser diferentes, pois estavam em consonância com todos os preceitos morais apregoados pelos religiosos, inclusive deixando claro, como forma de grandeza de espírito e perfeição moral, a manutenção da virgindade pelas mulheres.

Consideramos pertinente uma reflexão sobre as considerações apresentadas pelos autores nas seções deste trabalho acerca da assistência moral e, sobretudo, da sexualidade e sua condenação pelos missionários na formação e consolidação espiritual do povo brasileiro. Estruturada por uma cruzada moralizadora rigorosa dos costumes imposta subliminarmente por meio da catequese, essa assistência, respaldada nas normas doutrinárias da fé cristã dentro do repertório da assistência moral, nos faz pensar e considerar que o culto e a veneração das relíquias, mais precisamente, daquelas pertencentes a Santa Úrsula e às Onze-Mil Virgens, foi um dos instrumentos de suma importância, eficácia e influência na participação efetiva de todo esse processo de rejeição da sexualidade e da valorização exacerbada da castidade. Entre todas as relíquias, eram as que mais concentravam grande aceitação e devoção por parte da população nas capitânicas brasileiras, sobretudo no Espírito Santo, Pernambuco, São Vicente e Bahia.

Essas relíquias foram reverenciadas e promovidas em espetaculares festas, sob a organização das Congregações dos Estudantes nos Colégios da Companhia de Jesus e coordenadas pelos padres inicianos. Apresentadas como o ideal da perfeição cristã, representavam exemplos de mulheres grandiosas na promoção e defesa da fé, modelos de resistência inabalável aos apelos da sexualidade e, com grande heroísmo, mantiveram-se virgens a todo custo e a qualquer sacrifício. No entendimento dos religiosos, por essas razões foram dignificadas e premiadas com a santificação após a morte, elevadas às honras do culto nos altares da Igreja Católica como esposas castas de Cristo e vivendo a eternidade na Corte Celestial, na mais perfeita harmonia na glória do Reino dos Céus. Deste modo, tão grandiosamente apresentadas, consolidaram exemplos de perfeição estimuladores de imitação por parte das mulheres, sobretudo das índias brasileiras catequisadas, contribuindo para estabelecer, a partir dos finais do século XVI, um modelo de moralidade disseminado com sutil determinação à então recente colônia portuguesa no Novo Mundo, essa nação chamada Brasil.

Sabemos que é complexo avaliar com precisão a implementação dessas ações promovidas pelos religiosos, assim como a real e efetiva reação desencadeada entre os gentios frente a um universo de procedimentos, normas e rituais apregoados pelos inacianos que lhes apresentavam uma crença e um modelo de moralidade totalmente desconhecidos. O que temos como referência primária dessas vivências são observações, apontamentos e registros documentados pela ótica dos cronistas, na sua maioria os próprios religiosos colonizadores, que tinham um modo de pensar e agir calçado em valores contidos nas suas normas de conduta, em culturas particulares e nos próprios conceitos e preconceitos da Igreja Católica, da qual eram vassalos. Esse entendimento aponta a dificuldade de conhecermos com exatidão como de fato aconteceu a evangelização e a sua aceitação pelos brasis.

5 OS ESCRÍNIOS PRECIOSOS NA BAHIA

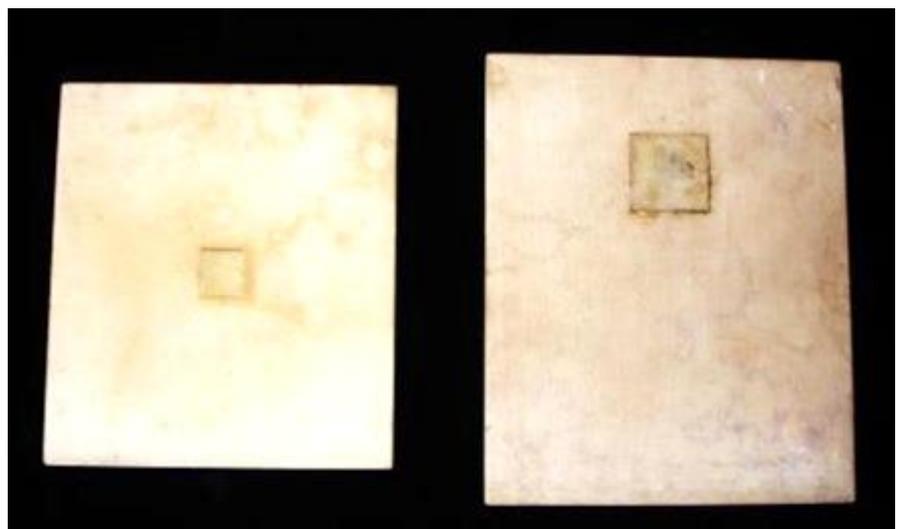
Devido à importância atribuída às relíquias e a seu caráter divino e sagrado, para que pudessem ser preservadas e reverenciadas pelos fiéis e vistas pela comunidade em geral, era indispensável que fossem guardadas e expostas em objetos preciosos e especiais: os relicários. Estes, pelo contato direto com as relíquias, deixavam a condição de simples objetos profanos para se tornarem, eles próprios, objetos sagrados.

Relicários são lugares próprios para se guardar relíquias, geralmente em forma de caixa, cofre, bolsinha, medalha etc.

Com mais de trinta denominações na antiguidade (*vasculum, lipsanoteca, phiala, ampulla, scrinium, loculus* etc.), o *relicarium* ou relicário define-se como o contentor das relíquias, dispositivo susceptível de reverter múltiplas formas e dimensões artisticamente trabalhadas. (MOURA, 2009, p. 110).

Os primeiros relicários da era cristã foram os próprios túmulos dos santos e santas mártires, nas catacumbas. Em seguida, passou-se a valorizar o altar como referência de relicário, sobretudo por conter a pedra d'ara²¹, colocada sobre a mesa do altar-mor, para a celebração da missa. A Igreja conserva essa reminiscência quando define a permanência de antigos valores de proteger, embaixo do altar, relíquias dos mártires e demais santos, em conformidade com as normas litúrgicas.

Figura 147 –
Pedras d'Ara



Fonte: Acervo do
autor.

²¹ “[...] pedaço de mármore contendo orifício interno onde são depositadas relíquias de santos mártires, sobre qual os sacerdotes consagram a hóstia e o vinho [...]” (SAMPAIO, 2003, p. 423).

Em fins da Idade Média, surge, na arte escultórica cristã, uma modalidade de representação. São figuras antropomorfas representando santos e santas, que apresentam, como novidade, receptáculos escavados no seu peito, onde passam a ser guardadas pequenas relíquias (BELTING, 2010).



Figura 148 – Busto-Relicário

Fonte: REVELACIONES (2007, p. 209).

Ainda conforme Belting (2010, p. 385-386):

[...] a visibilidade da relíquia estava sujeita a mudanças temporais. O relicário icônico, ao contrário da caixa retangular, tornava visível o santo cuja relíquia guardava [...] Porém, o desenho dos relicários gradualmente passou a assumir valor estético próprio, embora o conceito do que constituía sua visibilidade também tivesse mudado. No final das contas, beleza e autenticidade se fundiam na caracterização do relicário, uma não existindo sem a outra. O relicário agora representava apenas uma bela estrutura no centro da qual a relíquia devia ser exposta.

Figura 149 – Relicário com relíquia



Fonte: COFRADES (2013).

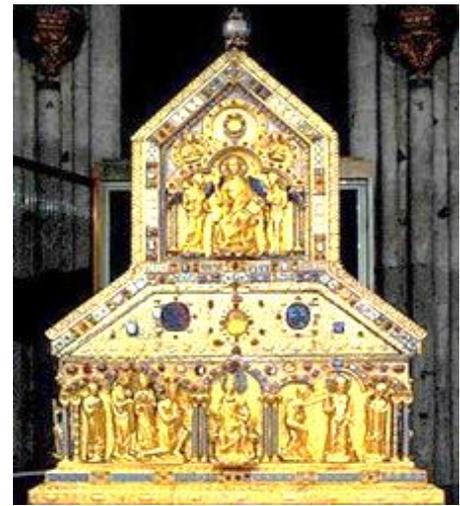
Segundo Moran e Checa (1985), com a consolidação e importância dadas cada vez mais às relíquias dos santos, o cristianismo empenhou-se na confecção de vistosos invólucros produzidos nos mais diversos e preciosos materiais, como ouro, prata, bronze, madeira, esmalte, gemas, entre outros. Constata-se, então, segundo os autores citados, um incentivo ao colecionismo, que coletou e reuniu coleções de relicários possuídos por igrejas e oratórios, esses objetos eram considerados preciosidades sagradas, tendo em vista que as relíquias ali contidas representavam a presença tangível da manifestação divina através dos fragmentos dos corpos santificados e preservados dos santos e santas. Paul Johnson (1976, p. 196) ressalta que os relicários “[...] eram com efeito o foco central da mais elevada arte em metal da alta Idade Média.”

Figura 150 – Relicário em formato de igreja



Fonte: SANTOSSANCTORUM (2011).

Figura 151 – Relicário em formato de cofre



Fonte: RELICÁRIO (2015).

Em relação à tradição de colecionar, Garcia (1990) chama a atenção para o maior colecionador de relicários de todos os tempos na pessoa do rei Filipe II, de Espanha, incansável defensor e propagador da fé cristã. O mais representativo exemplo é o próprio complexo do Escorial, edificado, entre outras funções, para albergar coleções de raros exemplares de outros relicários, de diversos formatos e dos mais variados materiais, muitos deles pertencentes ao tesouro de Carlos V. Sigüenza (1963, apud D'OREY, 1998, p. 14-15, tradução nossa), assim se refere aos formatos e materiais dessa coleção:

Diferenças na fatura e na matéria, tão diversificadas quanto preciosas – ouro, prata, pedras e cristais e outros metais dourados –, uns são como palanques outros na forma de igreja, de naves; outros no formato cimbórios e cúpulas, cálice [...] caixas, cofres, lanternas, pirâmides, cabeças e braços e outras mil diferenças que é impossível distingui-las.²²



Figura 152 – Palácio do Escorial

Fonte: DEVIAJEPORMADRID.NET (2013).

Ainda em conformidade com Garcia (1990), a profunda compulsão do rei Filipe II, que durante toda a sua vida buscou ampliar e juntar a sua imensa coleção de valiosos relicários contendo as relíquias de santos e santas, tornou-o o melhor exemplo da representação contrarreformística, tendo em vista que nele se agrupam aspectos devocionais, doutrinários e legais que caracterizam o culto das relíquias.



Figura 153 – Filipe II de Espanha

Fonte: UNIÃO... (2010).

²² *Las diferencias de hechuras y matéria y He dicho quan varia y preciosas: oro, plata, piedras y cristales y otros metales dorados. Unos sono como templetes, otros em forma de iglesia, de naves; otros cimborios y cupulas, calices y [...], cajas, cofres, linternas, pirâmides, sin las cabezas y brazos e otras mil diferencias que es imposible referirlas.*

Também Santa Helena, mãe do imperador Constantino, juntou raras e preciosas relíquias. Santo Ambrósio, referindo-se à descoberta da cruz de Cristo por ela, informa que a sagrada relíquia ainda possuía o *titulus*²³ preso. Santa Helena ainda encontrou os cravos do martírio, sendo mandado confeccionar com um deles um freio para o cavalo e outro colocado no diadema do imperador (JONHSON, 1976).



Figura 154 – Imperador Constantino e Santa Helena

Fonte: ECCLESIA NEWS (2011).

No Brasil, no Rio de Janeiro setecentista, existiu um grande colecionador de relíquias, o bispo Dom Antonio do Desterro, que possuía um relicário com 114 nichos, conservado até hoje no Mosteiro de São Bento, representando “[...] a maior coleção de relíquias ‘autênticas’ jamais reunida no Brasil, incluindo lasquinhas da coluna da flagelação e da cruz de Cristo, um fio de cabelo de Nossa Senhora, pedacinhos dos ossos de todos os apóstolos e de uma infinidade de mártires” (MELLO E SOUZA, 1997, p. 173).

Em 1095, no Concílio de Clermont, o Papa Urbano II proclamava a “peregrinação armada”, dando início às Cruzadas que trouxeram do Oriente para o Ocidente uma grande quantidade de relíquias que necessariamente deveriam ser guardadas e expostas em suntuosos relicários. Esses relicários passaram a ser concebidos em formas diversas.

²³ Tarja colocada na cabeceira da cruz, contendo as iniciais INRI.

Figura 155 – Papa Urbano II



Fonte: MORALES (2007).

Figura 156 – Concílio de Clermont



Fonte: PaiTonel (2012).

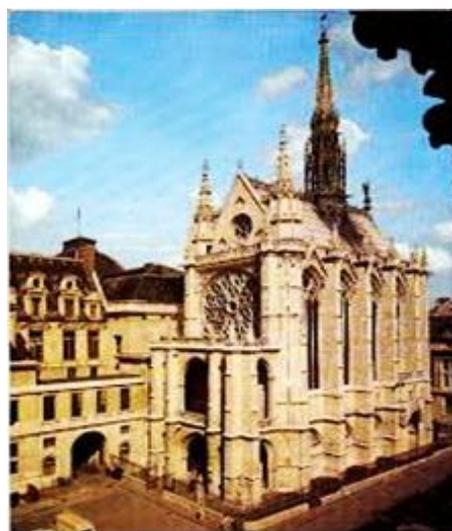
Quanto às formas dos relicários, Réau (1956) afirma que possuem as mais variadas, desde um grande edifício, como a Basílica de São Pedro em Roma ou a Saint-Chapelle em Paris, relicários grandiosos e construídos, o primeiro, para abrigar os restos mortais de São Pedro e o segundo a Coroa de Espinhos de Cristo.

Figura 157 – Basílica de São Pedro



Fonte: ESPIRITUALISMO (2013).

Figura 158 – Sainte-Chapelle



Fonte: SHAFE (2013).

Pequenos relicários continham diminutas relíquias ou então serviam como expositores de várias. Réau (1956) chega a identificar cerca de cinco tipologias: o cofre retangular; os pequenos relicários, como cápsulas ou cilindros; o relicário circular; a arca tipo sarcófago; e aqueles figurados em forma de corpo humano, como cabeça, busto,

braço, perna, pé, mão, dentre outros. D. Clemente Maria da Silva-Nigra (1971, p. 23) discorre sobre a tipologia dos relicários:

[...] os famosos relicários em forma de grande urna (o dos Reis Magos em Colônia, 1190-1225); de igreja gótica (o de Nossa Senhora, em Aquisgrana, 1237; o de Santa Isabel, em Marburgo, 1236-49); de igreja com cúpula (Welfenschatz, em Colônia, 1175); de corpo inteiro (o de Nossa Senhora no Musée Cluny, em Paris); e finalmente, em forma de braço, dedo, perna, pé, cabeça, e muitas vezes, meio corpo ou busto, vendo-se então a relíquia por trás de uma gradezinha ou de um vidro encerrada numa cápsula no meio do peito.



Figura 159 –
Urna relicário

Fonte:
PHILADELPHIA
MUSEUM OF ART
(1991, p. 108).



Figura 160 –
Braço relicário

Fonte:
PHILADELPHIA
MUSEUM OF ART
(1991, p. 114).

Também o THESAURUS (2004) expõe uma série de relicários que agrupamos em duas grandes tipologias: os de grande dimensão, para serem expostos geralmente sobre os altares, a exemplo da caixa-relicário, relicário antropomorfo, cruz-relicário, estátua-relicário, quadro-relicário, entre outros. Os de menor dimensão, portáteis, utilizados como objetos de devoção privada, chamados encólprios. Ainda caixas com relíquias ou outros objetos sagrados (cápsulas) são colocados nos altares. Alguns móveis ou alfaias de igreja podem conter relíquias e tornarem-se relicários, a exemplo de banquetas-relicário, sacrário-relicário, ostensório-relicário, frontal-relicário etc.

Relicários antropomorfos são receptáculos que reproduzem o corpo humano e constituem a relíquia em forma de: braço-relicário, busto-relicário, cabeça-relicário, costela-relicário, coxa-relicário, dedo-relicário, joelho-relicário, mão-relicário, pé-relicário, perna-relicário, crânio-relicário. Desse modo, identificam a parte do corpo de onde foi retirada a relíquia.

Figura 161 – Tipologias de relicários antropomorfos



Braço-relicário



Busto-relicário



Cabeça-relicário



Coxa-relicário



Mão-relicário



Pé-relicário



Perna-relicário



Crânio-relicário

Outros formatos:



Pedra-d'ara – pedaço de mármore contendo orifício interno onde são depositadas relíquias de santos.



Palma-relicário – peça de prata, contendo relíquias protegidas por mostruários de vidro, que pode ser usada para compor altares.



Arca-relicário – receptáculo para relíquias de grande dimensão, em forma de caixa, de seção em geral retangular e com tampo plano ou chanfrado.



Cruz-relicário – Cruz de acento com receptáculo para relíquias ou relicário em forma de cruz. Quando contém uma relíquia da Vera Cruz, diz-se estauroteca ou Santo Bento.



Coroa-relicário – relicário cuja forma alude à relíquia que contém, um sagrado espinho da coroa de Cristo.



Cofre-relicário – receptáculo para relíquias de dimensões variadas, em forma de caixa, de seção em geral retangular e com tampo chanfrado ou semicilíndrico.



Encólpio – relicário de pequena dimensão, portátil, podendo ser suspenso ao pescoço. O recipiente da relíquia pode ser constituído por dois elementos que se encaixam um no outro ou inserem-se em moldura. Pode ser em forma de cruz, de medalhão ou pendente.



Estátua-relicário – estátua ou estatueta em que se inserem receptáculos de relíquias, colocadas num ou em vários compartimentos no corpo das estátuas, na base ou num recipiente de formas variadas sustentado pela figura.



Grupo escultórico-relicário – grupo escultórico no qual se inserem receptáculos de relíquias colocados em um ou em vários compartimentos no corpo das estátuas, na base ou num recipiente de formas variadas sustentado pelo grupo.



Estauroteca – relicário que contém a relíquia da Vera Cruz, em forma de cruz ou de caixa retangular e achatada.



Medalhão-relicário – encólpio de receptáculo geralmente oval ou circular inserido em moldura com anel de suspensão.



Nómina – receptáculo para relíquia de pequena ou média dimensão em forma de bolsa com pega metálica.



Ostensorio-relicário – ostensório com receptáculo cilíndrico, transparente, colocado na horizontal ou na vertical, para exposição da relíquia.



Pendente-relicário – encólpio de forma idêntica ao medalhão, mas mais elaborado e em materiais preciosos, assemelhando-se às joias profanas.



Pirâmide-relicário – objeto em forma de pirâmide, geralmente muito verticalizado em cujas faces se inserem receptáculos para relíquias.



Tempête-relicário – receptáculo para relíquias em forma de templo ou de igreja.



Relicário de Agnus-Dei – geralmente envidraçado ou em forma de ostensório para proteger e expor o Agnus-Dei.



Sacrário-relicário – sacrário em que se inserem relíquias



Sarcófago-relicário – receptáculo de grande dimensão e em forma de sarcófago, onde se conserva o corpo inteiro do santo.



Quadro-relicário – receptáculo para relíquias em forma de quadro emoldurado, geralmente suspenso da parede, ou de caixa achatada elevada sobre um pé. Pode ser decorado com papéis dourados enrolados.



Urna-relicário – receptáculo para relíquia de grande dimensão em forma de caixa de seção quadrangular, tampo piramidal e com, pelo menos, uma face envidraçada, permitindo ver-se o conteúdo.



Armário relicário – móvel para guardar relicários ou expô-los à devoção dos fieis. Fixo à parede, deve ser fechado com segurança. Pode apresentar inscrição que indique a sua função.



Caixa-relicário – que conservam relíquias insígnies ou, por vezes, o esqueleto ou o corpo inteiro do santo. Pode ser encimada por uma tampa em forma de teto. Uma ou mais faces podem ser inteira ou parcialmente envidraçada, permitindo a visão das relíquias.



Retábulo-relicário – peça de altar colocada na frente do retábulo, que contém relíquias protegidas por visores de vidro.

O formato do relicário podia não corresponder ao formato da relíquia. Essa questão é abordada por Franco Junior (2010, p. 19) da seguinte forma:

Algumas vezes, o formato do relicário não se baseava no formato da relíquia, e sim na função que se esperava que ela cumprisse. Um fragmento da corrente que prendera São Pedro foi colocado num pingente em forma de chave [...] que estabeleceu assim aquilo que na linguagem aristotélica é chamado de analogia de quatro termos: a chave está para a liberdade assim como São Pedro (e seu herdeiro terreno, o papa) está para o Céu.

O século X foi prodigioso na confecção e produção de um grande número desses relicários de luxo, como, por exemplo, o relicário em ouro, em forma de pé, que guardava a sandália de Santo André, como também a imagem feita em Essen, de 60 cm de altura, da Virgem Maria, confeccionada em madeira e folheada a ouro, para a neta de Oto I. Infelizmente, a maioria desses relicários desapareceu em virtude dos saques e por terem sido derretidos nos primórdios do século XVI, quando as relíquias estavam bastante desacreditadas devido à corrupção da Igreja, que se iniciara a partir do século XII (JOHNSON, 1976).

Sob o espírito norteador do Concílio de Trento (1545-1563), ocorrido no século XVI, Portugal influenciou na formação do “espírito” religioso das capitâneas brasílicas, também com o reavivamento do culto às relíquias e seus relicários. Naquele momento, na Bahia, ponto de referência da colônia portuguesa como “cabeça do Brasil”, os

missionários do século XVI e dos princípios do século XVII, sobretudo os jesuítas, doutrinavam que as relíquias dos santos e santas eram o meio concreto para se alcançar a esfera divina. Deste modo, levam para o Novo Mundo as práticas tridentinas.

Por todo o século XVII os relicários conheceram larga difusão. “Anteriores ao barroco como estrutura formal, litúrgica e devota é durante este ciclo artístico que atingem o ponto culminante da sua trajetória histórica.” (MOURA, 2006, p. 106). Hoje, porém, são muito raros os relicários ainda integrados nos santuários originais; acredita-se que grande parte deles esteja guardada em depósitos e/ou anexos de igrejas e conventos, em museus, em coleções particulares ou ainda expostos à venda em vitrines de antiquários (MOURA, 2006).

D’Orey (1998) pondera que, na atualidade, olhamos os relicários numa condição bastante diferenciada daquela de quando foram produzidos. Habitamo-nos a admirá-los, hoje, apenas como preciosos objetos cuja relevância e valor residem, exclusivamente, no material e na excepcionalidade da arte com que foram realizados. A autora ressalta, entretanto, que “[...] a sua única e exclusiva razão de ser, era a de testemunharem a fé na comunicação dos santos” (D’OREY, 1998, p. 9), por meio das relíquias neles depositadas.

5.1 A NOBREZA DA PRATA

Desde a mais remota Antiguidade até o período Medieval, a prata era associada com a lua no sistema de correlações dos metais com os planetas. Pertence à cadeia simbólica lua/água, princípio passivo, feminino, lunar, aquoso e frio. A essência da palavra *argentum*, de origem latina, é derivada de um vocábulo sânscrito que tem o sentido de branco e brilhante (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993).

A prata é considerada símbolo de toda espécie de pureza, conforme detalham Chevalier e Gheerbrant (1993, p. 739):

É a luz pura, tal como é recebida e restituída pela transparência do cristal, na limpidez da água, nos reflexos do espelho, no brilho do diamante; assemelha-se à limpidez de consciência, à pureza de intenção, à fraqueza, à retidão de atos; invoca a fidelidade que tudo isso resulta.

Segundo Lurker (1993), no entendimento simbólico cristão, a prata obtida por meio da purificação está associada à perfeição da alma. Esse autor diz ainda que a

prata também está vinculada à verdade da mensagem pregada pelos Evangelistas. Com o apoio dos Salmos, afirma que a prata é vinculada à sabedoria divina e comparada com a palavra de Deus. Citamos como exemplo o Salmo 12:7 (A BIBLIA TEB, 1995, p. 704): “As palavras do SENHOR são palavras claras, prata acrisolada em cadinho de terra sete vezes depurada.”

Ainda num processo comparativo, assim como o ouro indica Cristo, a prata indica Maria cuja mãe Ana é considerada patrona da mineração da prata. Entretanto, este metal possui seu lado negativo e de perversão do seu valor no plano da ética, pois representa o objeto de todas as cobiças e das tragédias que delas decorrem, assim como também o rebaixamento da consciência (LURKER, 1993).

No campo material, os metais denominados de prata e ouro são considerados preciosos e raros e, por essa razão, sempre estiveram e estão associados ao prestígio, ao poder e à riqueza. Também o interesse demonstrado por eles está associado à sua aparência e durabilidade à ação do tempo. Destaque se dá à prata, pois, de todos os metais conhecidos, quando bem polido, pode refletir 95% da luz que incide sobre ele (ROSA, 2009).

A prata em seu estado natural, ou seja, pura, encontrada nas minas subterrâneas ou quando recém-polida é caracterizada por seu brilho branco metálico de alta intensidade. Todavia, é propensa a perder este brilho quando, ao ser retirada de seu local de origem, entra em contato com o ar e sofre uma reação oxidante e, conseqüentemente, escurece. Por esta razão, quando é empregada na fabricação de objetos artísticos, a tendência é proceder-se uma liga com outros metais ou então receber um banho superficial de ouro, passando a ser denominada de prata dourada. Outra característica que apresenta é ser maleável e, por esta razão é escolhida para ser utilizada em diversas ligas metálicas (JOALHERIA, 2007, p. 44).

A presença deste metal nobre é detectada em veios finos em pepitas ou grãos, assim como em “dentritos”, isto é, em forma ramificada. Por se tratar de um metal de alta linhagem, com grau de dureza baixo e elevado ponto de fusão (960,6 °C), apresenta alta resistência à corrosão, ao lado de grande condutividade térmica e elétrica. A sua propriedade de maleabilidade faz com se torne um metal tão extraordinário, que permite ser trabalhada pelo processo de fundição ou moldagem, repuxada ou batida, cinzelada e gravada (JOALHERIA, 2007, p. 44).



Figura 162 – Cristal de prata

Fonte: WIKIPEDIA (2015)

Ressaltamos que, obedecendo a esses processos artísticos mencionados, foram e são produzidos objetos sacros utilizados na ritualística da Igreja Católica. Dentre eles, estão os objetos que compõem nossa pesquisa, isto é, os sagrados relicários de prata. Segundo Silva-Nigra (1942), desde os primórdios do cristianismo, assim como em todos os cultos, os metais preciosos ouro e prata foram extremamente valorizados e por isso considerados os mais dignos de serem utilizados nas celebrações dos ofícios religiosos e em referência à Divindade Suprema.

O que de fato interessa a este estudo nos objetos produzidos com a prata são suas qualidades artísticas e estéticas, bem como a sua contribuição para o acervo sacro mundial, particularmente o baiano.

Conforme Rosa (2009), dentre os metais preciosos existentes, a prata foi a mais procurada para ser utilizada na confecção de variados objetos, considerando-se que, pela sua ductilidade, assim como por meio das ligas de proporções variáveis em paralelo com outros metais, satisfazia ao gosto do artista e à habilidade manual do artesão.

Para ser trabalhada, é misturada na maior parte das vezes, ao cobre, em proporções estabelecidas por lei [...] A de maior fineza, baseada na legislação arcaica portuguesa, é a de 12 “dinheiros”. Portugal e Brasil trabalharam com este padrão e também com o padrão mais baixo, de 11 e 10 dinheiros [...] A partir do século XIX, Portugal começou a usar a palavra “título” para designar a mesma coisa, isto é, o percentual de prata empregado na confecção de uma peça. A prata de 1º. título seria, em Portugal e no Brasil, chamada prata de lei [...] a que contém 916 milésimo de prata para 84 de cobre. (ROSA, 2009, p. 16).

O marco na história da produção da prata foi a ação dirigida ao Novo Mundo em 1492, quando ricas minas foram encontradas em possessões espanholas (AZEVEDO, 2007).

Em território nacional não foram encontradas minas de prata. Os portugueses procuraram esse metal nos primeiros séculos de colonização sem nenhum sucesso. Assim, os ourives brasileiros trabalharam com a prata trazida de Portugal, da Espanha, do México, além daquela proveniente das minas de Potosí (alto Peru), que entrava no Brasil desde meados do século XVI trazida pelos “peruleiros” (mercadores e comerciantes que desciam o Rio Amazonas), assim como pelos “plateros” (mercadores e comerciantes que desciam o Rio da Prata). Existia uma relação de troca entre a colônia portuguesa e as minas de prata de Potosí, em que o Brasil colaborava efetivamente, fornecendo boa parte da mão de obra escrava para a exploração da prata. Na efetivação dessa parceria, a cidade de Salvador foi o principal centro desse comércio, que alcançou seu apogeu no século XVII. Entre 1580 e 1640, houve um grande fluxo de prata do Vice-Reino da Prata para a Bahia (ROSA, 2009).

“Vieram da Metrópole portuguesa os primeiros ourives que, na colônia, iniciaram o ofício. Suas origens traziam as bases estéticas de sua arte e os seus arraigados sistemas artesanais, pois, desde o século XII, a Metrópole trabalhava em prata [...]” (ROSA, 2009, p. 17). Esses oficiais portugueses trasladaram para o Brasil seus métodos e estilos de maneira tão marcante que é praticamente impossível diferenciar, com exatidão, as peças produzidas na colônia, quando não há marcas. Deste modo, esta arte floresceu e sua expansão revelou novos artífices tão talentosos quanto aqueles vindos de Portugal (ROSA, 2009).



Figura 163 – Oficina de ourives

Fonte: ROSA (2009).

Ourivesaria é o termo que define a arte de enobrecimento dos metais nobres, tais como o ouro e a prata. “Ourives” é a palavra que caracteriza aqueles que

militam nesse tipo de arte. Portanto, havia ourives de ouro e ourives da prata e também aqueles que eram de ouro e prata e, portanto, manuseavam os dois metais. É difícil precisar o instante em que o ourives da prata foi denominado de “prateiro” (ROSA, 2009).

Figura 164 – Placa de cobre com registros de ourives do ouro e da prata da cidade de Évora, Portugal



Fonte: SOUSA (1999, p. 33).

A tradição da prata no Brasil colônia estava fortemente vinculada aos escravos trazidos da África. O ofício de ourives estava em boa parte nas mãos de negros e mulatos que não eram reconhecidos como tal. “Os oficiais de ourives eram em sua maioria forros chamados ‘mulatos de capote’ [...] É preciso salientar que a Coroa nunca teve a intenção de instalar bases artísticas na Colônia [...]” (AZEVEDO, 2007, p. 54).

Se, na Colônia do século XVIII, tivessem sido levados com rigor os preconceitos que influenciaram no trabalho dos ourives, com certeza a ourivesaria brasileira jamais teria alcançado a qualidade constatada e reconhecida. “Tais preconceitos envolviam particularmente a questão da ‘limpeza de sangue’ [...] e, nas colônias americanas atingiria o índio, o negro e o mulato.” (ROSA, 2009, p. 18).

A participação de negros e mulatos nos ofícios artísticos é alvo de debates e contradições. Alguns se apegam às leis que controlavam a prática dos ofícios, proibindo pessoas “de cor” de exercerem os ofícios artísticos, a exemplo da profissão de ourives. Em contrapartida, existem aqueles que se respaldam na comprovação de que essas leis proibitivas não eram obedecidas com rigor, ocorrendo certa flexibilidade que se impunha por um contingente da população de predominância negra e mestiça (FREIRE, 2006). “Do ponto de vista documental, tanto uns como outros estão corretos, pois há documentos que informam a proibição, como também

há outros que demonstram ter havido negros e mulatos exercendo ofícios restritos aos brancos, como o de ourives, no século XVIII” (FREIRE, 2006, p. 92).

Por volta de 1693, em Salvador, já exerciam a profissão 25 ourives, dobrando este número 25 anos passados. Entre o período de 1725 e 1730, já eram 61 as marcas com registros no Senado da Câmara. Em 1766, existiam mais de 158 oficinas na Cidade do Salvador (ROSA, 2009). “Em nenhuma outra parte a profissão de ourives esteve tão ligada à história do Brasil como na Bahia, onde o ouro e a prata se integraram na sua vida social, desde os primórdios da colonização.” (MATTOS, 1952, p. 14).



Figura 165 – Altar de prata da Capela do Santíssimo da Antiga Sé da Bahia²⁴

Fonte: Foto do autor.

Todo esse florescimento da ourivesaria na Colônia, sobretudo na Bahia, contrariava interesses econômicos da Coroa, considerando-se que os ourives portugueses, fornecedores rotineiros das famílias tradicionais brasileiras, das abastadas irmandades e confrarias, sentiram o peso da concorrência com os hábeis e talentosos ourives locais, que atendiam as encomendas à altura dos oficiais portugueses. A Corte reage de imediato, com a Carta Régia de 1766, proibindo o ofício de ourives no Brasil. Esta vigorosa proibição, estende-se até 1815. Apesar de todo esse rigor, tudo indica que a profissão de ourives não deixou de ser exercida na Colônia durante esse período de quase cinquenta anos. Tudo leva a crer que o seu número aumentou e se aprimorou, inclusive, a técnica de trabalho, considerando-se

²⁴ Frontal de altar: ourives baiano João da Costa Campos (final século XVIII);
Sacrário – ourives baiano Joaquim Alberto da Conceição Matos (século XVIII).

que muitas das mais preciosas e artísticas peças da ourivesaria baiana foram produzidas durante esses anos de proibição (ROSA, 2009).

A ourivesaria sempre foi controlada por uma infinidade de leis e regulamentos provavelmente pelo valor dos metais nobres utilizados. Existia uma fiscalização do Estado para assegurar a qualidade das peças produzidas. A Contrastaria, repartição pública de Portugal, tinha a obrigação de arcar, além do ensaio que era executado no objeto de prata por meio da “burilada”, também com a aplicação do “punção”, que definia a marca de garantia da localidade que originava a peça. Em sequência, acrescentava-se o punção do mestre ourives que recebia a designação de “ensaiador” (ROSA, 2009).



Figura 166 – Marcas de contrastaria

Fonte: MERCADO LIVRE (2013).

O oficial designado de “contraste” recebia apenas a incumbência de avaliar comercialmente as peças em conformidade com o regulamento de 1688. Nos séculos seguintes, a denominação de “contraste” ficou associada ao oficial que colocava o punção de garantia que, na maioria das vezes, era a inicial da cidade onde foi produzida a peça. Na cidade do Salvador, existe um documento da Câmara, de 3 de março de 1693, onde está registrada a nomeação de um ensaiador da prata cujo punção era “S”, representando a primeira letra do nome da cidade (ROSA, 2009).

Em 21 de março de 1719, o Senado da Câmara da Bahia nomeou dois ensaiadores: Manoel Lopes da Cunha e Lourenço Ribeiro da Rocha. Depois muitas marcas foram usadas na Bahia, sendo uma das mais conhecidas a de Manuel Eustáquio de Figueredo, um “M” sob um “B” deitado e coroadado. (ROSA, 2009, p. 19).

As normas de contrastaria tinham o propósito de assegurar a seriedade no comércio com metais preciosos e, sobretudo, obrigar os oficiais ourives a conduzirem as peças que produziam à realização do exame. Ficavam excluídos desse exame aqueles objetos encomendados aos ourives que gozavam da confiança de determinadas irmandades e/ou igrejas, ou ainda daqueles que, de certa forma, estavam ligados à Casa Real ou Imperial do Brasil (ROSA, 2009). Entendemos que a ausência de qualquer tipo de marcação nos inúmeros objetos de arte sacra encontrados nas diversas igrejas e conventos de Salvador evidencia a exclusão desse exame.

Remonta ao período dos sumérios as técnicas empregadas no trabalho da prata e que, desde aqueles tempos, são conhecidos esses métodos e as ferramentas criadas e/ou adaptadas, a exemplo do martelo, peça encontrada em qualquer oficina de ourives, assim como as bigornas, os cepos, os ponteiros, os alicates mais variados, as tenazes, os cinzéis e buris, instrumentos de trabalho indispensáveis tanto aos pequenos quanto aos grandes ourives e que os acompanharam até a atualidade, ajudando nas diversas maneiras de produzir a parte principal da peça de prata batida ou tirada no torno. Seus complementos são ligados à parte principal mediante soldagem, atarraxamento, ou então junção por “pernos” que podem ser de cravar como também de virar (ROSA, 2009).

Em relação à decoração que ornamenta a peça, a prata prestou-se muito bem a recebê-la, sendo ressaltados dois tipos. O primeiro, representado pelo movimento da própria peça como forma e pela capacidade de a prata ser repuxada, gravada ou cinzelada ou ainda da filigranagem e granulados, os esmaltes e a composição de aplicações de pedras preciosas, assim como de pérolas. Outro tratamento dado à prata é o douramento por processos vários, com um banho de ouro 24 quilates, denominando-a de prata dourada (ROSA, 2009).

Quanto aos estilos apresentados nesses objetos de prata produzidos na Colônia, sobretudo na Bahia, são os mesmos que aqui chegaram da Metrópole com um espaço de tempo de aproximadamente dez anos. No estilo barroco ou D. João V, ficam evidentes elementos como palmas, conchas, volutas, frisos, acantos. No rococó ou D. José (meados do século XVIII), evidencia-se a decoração de formas assimétricas e flamejantes e, por fim, no estilo neoclássico ou D. Maria I, caracterizado pelas linhas retas, assim

como os perolados e canelados. Com exceção de determinadas peças, que representam particularidades do Brasil, torna-se difícil, mesmo para especialistas, afirmar que determinada peça sem marca é de origem brasileira ou portuguesa, tal o grau de qualidade técnica dos ourives brasileiros (ROSA, 2009).

5.2 RELICÁRIOS DE PRATA: ANÁLISE ICONOGRÁFICA E ICONOLÓGICA

São apresentadas, na sequência, as análises dos relicários que constituem parte do objeto deste estudo.

5.2.1 Busto-Relicário de São Francisco Xavier (Catedral Basílica de Salvador)



Sobre uma base de formato oitavado em madeira escura e coberta por placas trabalhadas em metal prateado repousa um meio-busto representando uma figura masculina. O personagem veste túnica de gola alta e sobre esta um manto, que cai entreaberto dos ombros, confeccionados em metal prateado trabalhado. A cabeça levemente inclinada para a frente destaca-se do conjunto, por ser entalhada em material distinto do busto. A fisionomia, sem maior expressão, é marcada tão somente por um olhar absorto e distante, contrastando com a boca crispada e acentuada de vermelho. Preso por trás da cabeça, eleva-se um círculo raiado em metal prateado com desenhos rebuscados no centro. Na parte central do meio-corpo, em um escrínio ovoide, com tampa de vidro transparente, revestido no fundo por tecido, prende-se pequeno receptáculo circular trabalhado artisticamente em metal amarelo, guardando minúsculo volume revestido de tecido. Todo o conjunto de base e meio-corpo descansa sobre uma caixa retangular confeccionada em madeira escura com enfeites em metal prateado. Observam-se, nas laterais esquerda e direita, datas circundadas por entalhes dourados. Na parte frontal, nota-se uma representação de pássaro de asas abertas segurando faixa com inscrições.

São Francisco Xavier é representado em formato de busto-relicário com 51 cm de altura, 38 cm de comprimento e 20 cm de largura. Guarda, na parte central do tórax, partícula do seu corpo. Este santo jesuíta é um dos fundadores da Companhia de Jesus da Igreja Católica Apostólica Romana. O busto apresenta posição frontal em atitude hierática que caracteriza as representações da imaginária renascentista. É um exemplar raro de preciosa ourivesaria lavrada da segunda metade do século XVII e possivelmente de origem portuguesa. A decoração, em baixo relevo com motivos fitomorfos ressaltados e valorizados sobre a superfície lisa da prata batida, forma desenhos de entrelaços adamascados gravados levemente, de forte influência oriental, mas também realça flores, numa nítida influência holandesa na prataria portuguesa na segunda metade desse século.

Segundo Rosa (2009), a influência oriental dominou mais ou menos todas as artes decorativas portuguesas do século XVII. Na ourivesaria, na parte

ornamental, aparecem cabuchões, aletas, canelados, volutas, entrelaços gravados levemente trabalhados, aves e diversos animais, folhagens, flores, mascarões e cestos de frutas. A ourivesaria portuguesa, apesar da ocupação dos Filipes, tem um caráter independente da espanhola. É uma época de isolamento e austeridade e a influência passa a ser do Oriente. Nos meados do século XVII, depois da Revolução, surge uma nova decoração, na qual predominam as tulipas e outras flores. A influência ainda é, em grande parte, oriental, mas começam a predominar os ornatos idênticos aos que aparecem nos países do Norte da Europa, particularmente na Holanda.

Figura 167 – Detalhes da ornamentação fitomorfa do busto-relicário de São Francisco Xavier



Fonte: Foto do autor (2012).

A cabeça do santo, confeccionada em madeira entalhada e policromada é realçada por barbas e cabelos cacheados escuros, que realçam sua fisionomia.

Figura 168 – Cabeça do busto-relicário de São Francisco Xavier



Fonte: Foto do autor (2012).

Figura 169 – Parte posterior da cabeça do busto-relicário de São Francisco Xavier



Fonte: Foto do autor (2012).

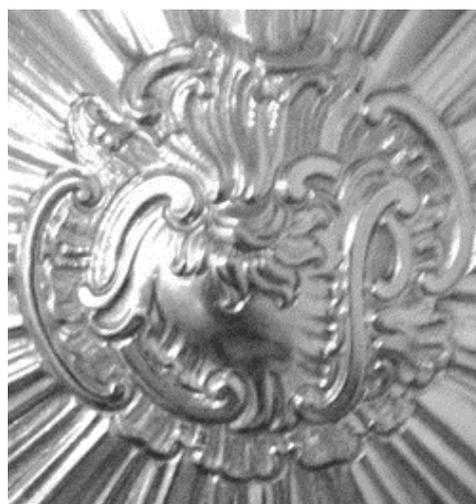
A cabeça é aureolada por grande resplendor raiado de prata da segunda metade do século XVIII com decoração central assimétrica em evidente estilo rococó e colocado posteriormente.

Figura 170 – Resplendor que adorna a cabeça do busto-relicário de São Francisco Xavier



Fonte: Foto do autor (2015).

Figura 171 – Detalhe da decoração central do resplendor



Fonte: Foto do autor (2015).

O busto possui escrínio de prata com discreta decoração no centro do peito, contornando uma pequena cavidade ovalada forrada de veludo vermelho e com tampa móvel envidraçada que protege e expõe outro diminuto relicário circular

provavelmente em ouro trabalhado delicadamente em duas ordens com a primeira em pequenas e a segunda em grandes volutas que circundam uma relíquia mínima do Santo, identificada com a inscrição: “Franc. Xavier”. Segundo Belting (2010), a imagem (busto-relicário), igualmente como a relíquia, personificavam a materialização da presença do sagrado no mundo. Seu revestimento com metais, como ouro e prata, manifestava o pensamento de uma sociedade de regras antigas, em que esses materiais nobres eram valorizados não somente como reserva de capital, mas também como representações de prestígio e poder. O busto não porta nenhum atributo identificador da sua iconografia; apenas o modelo da indumentária, trabalhada em prata, identifica a sotaina e o manto, vestes inconfundíveis, usadas pelos jesuítas.

Figura 172 – Frente da indumentária do busto-relicário



Fonte: Foto do autor (2012).

Figura 173 – Lateral da indumentária do busto-relicário



Fonte: Foto do autor (2012).



Fonte: Foto do autor (2012).

Figura 174 – Cavidade no peito do busto-relicário

Figura 175 – Detalhe do relicário com relíquia de São Francisco Xavier



Fonte: Foto do autor (2012).

A primeira base que sustenta o meio-corpo ou busto é confeccionada em madeira de jacarandá em formato oitavado, com 42 cm de comprimento, 26 cm de largura e 6,5 cm de altura. É decorada com aplicações de oito placas vazadas dispostas na horizontal confeccionadas em prata batida repuxada e cinzelada, com entrelaços de hastes de videira (pâmpano), com parras e também cachos de uva, enquadrados por um delicado friso em torsal, de evidente influência neoclássica. Encontram-se fixadas à madeira por tachas de prata.

Figura 176 – Detalhe do friso em prata da 1ª base do busto-relicário de São Francisco Xavier (parte anterior)



Fonte: Foto do autor (2012).

A placa que decora a parte posterior da base diferencia-se das demais por conter a figura de uma pomba inserida na sua decoração, numa provável alusão à passagem bíblica do Antigo Testamento, referente ao dilúvio, em que a pomba, primeiro animal a sair da arca de Noé, retorna de seu voo sobre a terra inundada com o ramo de oliveira no bico, e/ou por ser um símbolo que consta na bandeira da Bahia.

Figura 177 – Detalhe do friso em prata da 1ª base do busto-relicário de São Francisco Xavier (parte posterior)



Fonte: Foto do autor (2014).

A segunda base, que apoia todo o conjunto, é confeccionada em madeira não identificada, de formato oitavado de 42 cm de comprimento, 26 cm de largura e 20 cm de altura. É ornamentada com dez placas em prata aplicadas alternadas, dispostas na vertical, decoradas com delicados desenhos gravados, formando guirlandas com festões, evidenciando o gosto neoclássico. Também são fixadas à base com tachas de prata. Na parte superior, um estreito friso liso em madeira saliente e circundante serve de elemento divisor entre as duas bases.

Figura 178 – Detalhe do friso da 2.º base do busto-relicário de São Francisco Xavier



Fonte: Foto do autor (2012).

Todo o conjunto está assentado sobre uma charola ou andor processional fabricado no século XIX nas dimensões de 73 cm de comprimento, 1,11 m de largura e 41 cm de altura. Esta charola é confeccionada em madeira envernizada não identificada, em formato de caixa retangular com colunas de fustes lisos arrematando os ângulos arredondados das extremidades. Está apoiada sobre longas varas horizontais que se projetam, necessárias para o seu carregamento em procissões. Sob essas varas, pés em formato de bolas torneadas servem de apoio final da charola, permitindo que se mantenha levemente suspensa. Frisos lisos em madeira abaulada arrematam a parte inferior e superior da caixa, dando-lhes acabamento. As laterais, ornamentadas com dois frisos de prata cada uma e decoração idêntica à da segunda base, possuem enfeites de madeira dourada aplicados entre as placas de prata. Esses enfeites, em forma de coroa de folhas presas por laço central, envolvem as datas de 1686 e 1855 em madeira prateada, alusivas, respectivamente, à peste e à cólera que infestaram a cidade do Salvador nesses períodos.

Figura 179 – Lateral direita da charola com data de 1686



Fonte: Foto do autor (2012).

Figura 180 – Lateral esquerda da charola com data de 1855



Fonte: Foto do autor (2012).

A parte frontal do andor é ornamentada com dois frisos de prata com desenho também semelhante às da segunda base, ladeando figura alada em formato de pomba com asas abertas entalhada em madeira e prateada. Segura nos pés faixa ondulada e dourada, contendo a inscrição em latim *SIC ILLA AD ARCAM REVERSA EST* (Assim ela [a pomba] retornou à arca), alusiva à citada passagem bíblica do Antigo Testamento. Esta frase, que é o lema da cidade do Salvador e consta no seu brasão, assemelha-se ao representado na bandeira dessa cidade instituída oficialmente por projeto de lei municipal sancionado em 2006.



Figura 181 – Detalhe da parte frontal da charola com pomba

Fonte: Foto do autor (2012).

Arremata a parte superior da charola uma grade circundante em madeira, recuada e enfeitada com pequenos elementos ovalados, ladeados por volutas entalhadas e vazadas.

O título de *Apóstolo do Oriente*, dado a São Francisco Xavier, permitiu que a maior parte das suas relíquias, dos atributos e das cenas mais representativas da sua iconografia, da mesma forma que os milagres *in vita* e *post mortum* estão ligados ao Oriente.

Em 1583, o Visitante italiano Alessandro Valignano SJ, atendendo solicitação da Santa Sé, providenciou para que um artista anônimo pintasse dois quadros de São Francisco Xavier em Goa. Esta encomenda marcou o início da iconografia do santo jesuíta. Um dos quadros foi enviado a Roma, servindo, portanto, de modelo para a *vera effigies* de São Francisco Xavier, o qual gerou a gravura do flamengo Theodor Galle (OSSWALD, 2006).



Figura 182 – *Vera effigies* de São Francisco Xavier

Fonte: Osswald (2006, p. 120).

À semelhança da iconografia Xaveriana *latum sensum*, a arte no Oriente define a imagem de São Francisco Xavier de rosto afilado e com os olhos voltados para o céu, cabelo e barba escuros, levantando sutilmente a sua sotaina, segundo a descrição do padre jesuíta Manoel Teixeira, primeiro biógrafo do santo jesuíta, transmitida para a iconografia pela *vera effigies* estabelecida em Goa. Um quadro do século XVII da Escola Japonesa Kano, atribuído ao pintor Pedro Kano e atualmente de propriedade do Museu de Kobe, no Japão, é uma das mais representativas pinturas de São Francisco Xavier.



Figura 183 – Pintura de São Francisco Xavier atribuída a Pedro Kano

Fonte: MENSAGENS... (2012).

Nessa representação, o santo, em meio-corpo, veste a sotaina e o manto, cruza os braços sobre o peito e tem os olhos fitando o céu e proferindo o famoso lema: “*Satis est Domine. Satis est*”. Este quadro, que representa uma cena contrarreformista, consolida o protótipo de uma figura concentrada em profunda oração e êxtase, que, graças à gravura flamenga, com base em Hieronymus Wierix, com São Francisco Xavier recebendo o coração alado do céu, caracteriza as vias de consolação interior. Nos finais do século XVI, o quadro torna-se um dos modelos iconográficos mais importantes do Santo, após ter sido incluído na bula de canonização e ter decorado *Il Gerù* quando das mesmas celebrações.

Figura 184 – Basílica do Bom Jesus de Goa



Fonte: WIKIPÉDIA (2015).

Figura 185 – Túmulo de São Francisco Xavier



Fonte: Braga e Quintas (2012)

Séries narrativas da vida de São Francisco Xavier também são conservadas na Igreja do Bom Jesus em Goa. São, ao todo, 32 relevos do seu túmulo em prata, executado por artesãos indianos entre 1636 e 1637, assim como do ciclo de 27 pinturas que ornamentam a sua tumba de 1655.

O ciclo representado do túmulo em prata é o mais extenso ciclo narrativo da vida de São Francisco Xavier tanto em número de cenas ilustradas como pela extensão cronológica. Ele começa com a primeira passagem vinculada à sua vocação missionária e finda com a cura milagrosa de Marcelo Mastrilli, atribuída à intervenção do santo jesuíta em 1634. Esta passagem manteve-se na origem da execução do túmulo, mandado edificar pelo próprio Mastrilli, em Goa, em substituição ao antigo, que ele achou indigno de guardar o corpo do Santo.

Da mesma forma, está vinculado à pessoa de Marcelo Mastrilli – através de um sonho que teve com São Francisco Xavier – a divulgação das suas principais iconografias no Oriente, principalmente a de peregrino, ilustrada pela sotaina, manto e, às vezes, a escravilha, além dos atributos do bordão e da concha. Outro episódio bastante repetido pela sua iconografia é o da visão que São Francisco Xavier teria tido em um hospital em Roma, em 1537, sobre seus futuros trabalhos no Oriente, representando-o a abrir o seu manto num gesto simbólico em receber seus futuros sofrimentos.

Figura 186 – Milagre da dulcificação da água do mar



Fonte: RIBEIRO ([ca. 2012].

Figura 187 – Milagre do caranguejo



Fonte: SANCTORUM (2011).

Forte representação iconográfica o identifica com o título de “Príncipe do Mar” numa alusão às suas inúmeras viagens marítimas, onde ocorreram alguns dos seus mais

importantes e conhecidos milagres. Em um deles São Francisco Xavier teria transformado, várias vezes, água salgada em água doce. Em 1546 divulgou-se o célebre milagre do caranguejo, que teria devolvido ao Santo o seu crucifixo caído no mar perto da Nova Guiné. O padre Simão de Figueiredo, nos primórdios do século XVII, relata que esses milagres conheceram outras versões em que, segundo ele, o crucifixo teria sido substituído por um relicário e o caranguejo teria tomado a forma de um peixe.

Há ainda outro atributo de São Francisco Xavier bastante conhecido tanto no Ocidente como no Oriente. Trata-se da flor de açucena ou o lírio que vem caracterizar a sua castidade ou pureza. Vemos, portanto, que todos esses fatos contribuíram para que o culto ao Apóstolo das Índias fosse divulgado e tenha se firmado com muita rapidez não só em Goa como também em todas as missões jesuítas no Oriente.



Figura 188 – São Francisco Xavier com a flor de açucena, um de seus atributos

Fonte: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (2014).

A razão de São Francisco Xavier ter sido conhecido como Missionário do Oriente definiu a santificação e a veneração de determinados locais a ele vinculados, assim como a proliferação de várias relíquias suas tanto corpóreas como de contato, em quase toda a Ásia.

No tocante às relíquias, pode-se sintetizar que, nesse período, soavam fortemente os ecos do Concílio de Trento, sobretudo quanto à devoção dos santos e a confirmação da fé em suas relíquias. Sob essa inspiração, representavam o ideal da perfeição cristã cujas relíquias, advindas dos seus corpos e das santas martirizados, assim como daqueles que foram modelos de piedade e santidade sem efusão de sangue, estavam, assim, todos, ao alcance da admiração e imitação dos fiéis. Para que as relíquias fossem admiradas e veneradas, era necessário serem guardadas em

recipientes construídos para esta finalidade. Assim, o fervor ao culto aos santos e a necessária veneração das suas relíquias fizeram com que, desde cedo, a Igreja Católica produzisse imagens próprias em formas de relicários para honrar as relíquias desses heróis da cristandade. As imagens e os bustos carregavam no peito a prova concreta da existência dos santos e santas, pois guardavam objetos ou fragmentos de objetos que a eles pertenceram, ou ainda partículas do seu corpo, como no exemplo que temos do busto-relicário de São Francisco Xavier, objeto desta análise, pertencente, atualmente, à Catedral Basílica do Salvador.

O relato de Osswald (2006) considera que, naqueles idos do século XVI, no caso específico de São Francisco Xavier, verifica-se um crescente interesse pelas suas relíquias, sobretudo por aquelas corpóreas. Em 1553, constata-se a extração de uma parte da carne da coxa direita; uma parte do dedo do santo jesuíta, que a devota Condessa de Villahermosa havia arrancado em 1554, era transportada em procissão em Goa nos fins do século XVII. Entretanto, a distribuição das relíquias corporais e de contato pertencentes ao Santo começou mais especificamente nos anos mais próximos que antecederam a sua beatificação. Destaca-se, em 1614, a retirada do seu braço direito, aquele com o qual São Francisco Xavier batizava a pedido do Geral Cláudio Acquaviva. O antebraço foi levado para *il Gesù* em 1615 onde permanece até hoje. A parte superior do braço foi separada em várias relíquias *ex brachio* e foram distribuídas por casas jesuíticas, inclusive nas missões de Cochim, Macau e no Japão em 1619.

Figura 189 – Relíquia do braço de São Francisco Xavier



Fonte: CONVERSAS COM AVÓ MÁ (2010).

Figura 190 – Igreja *Il Gesù* – Roma



Fonte: ARQUITETURA (2011).

Data dos períodos de 1620 e 1630 a tradição da distribuição das relíquias *ex visceribus*. No referente ao Oriente, em 1637, Francisco Mastrilli ofereceu uma parte da sua relíquia *ex visceribus* à Província das Filipinas que, em 1643, era objeto de especial devoção.

Uma moradora de Goa, chamada Maria Serrão, afirmou, em 1556, que possuía uma pequena relíquia do cordão que o Santo trazia por cima da alba, que teria poderes curativos. Durante os processos de Lisboa (1614-1616), o padre Francisco da Costa ressaltou não só a devoção pelo túmulo de São Francisco Xavier como destacou a veneração pelas suas vestes, em particular pela sobrepeliz que o Santo vestia em vida e com a qual foi enterrado em Malaca.

Os jesuítas locais, tentando evitar excessos de veneração, em 1611 ordenaram a fabricação de um cofre coberto de veludo com placas em prata contendo as vestes de São Francisco Xavier. Este cofre foi substituído na década de trinta do mesmo século pelo relicário em prata atualmente guardado no Museu de Arte Sacra em Velha Goa (OSSWALD, 2006).

Figura 191 – Cofre em prata com a sobrepeliz de São Francisco Xavier



Fonte: Osswald (2006, p. 127).

A medida do cadáver de São Francisco Xavier é outra relíquia dispensadora de milagres. No início do século XVII, o cronista Sebastião Gonçalves SJ, menciona que as mulheres em parto, com dificuldades de terem seus filhos, costumavam colocar a medida em volta da barriga. Em consequência das várias aberturas do seu túmulo em Goa, este tipo de relíquia de contato teve enorme sucesso enquanto tiradas ao corpo do Santo por ocasião da abertura oficial do seu túmulo em 1859.

Com razão, nas primeiras décadas do século XVI, presenciou-se, no Oriente, a proliferação de imagens e medalhas de São Francisco Xavier para o culto privado e público e detentoras de capacidades taumatúrgicas nas várias missões orientais, tendo sido por esta razão um importante instrumento da Companhia de Jesus para promover a beatificação de São Francisco Xavier.



Figura 192 –
Imagem de
São Francisco
Xavier

Fonte: Santos
Santorum (2011).



Figura 193 –
Medalha com
efígie de São
Francisco Xavier

Fonte: CRUZ
TERRA SANTA
(2015).

De fato, a veneração do túmulo de um santo é um dos aspectos principais do seu culto. No caso específico de São Francisco Xavier, a veneração do seu iniciou-se após a sua morte. O seu corpo foi inumado na ilha de Sanchuão, três meses após seu falecimento, mais precisamente em março de 1553, sendo finalmente transportado para Goa em março de 1554. De imediato, o corpo do santo jesuíta iniciou a realizar milagres “[...] pois o seu corpo incorrupto e de bom odor, vertia constantemente sangue e água fresca” (OSSWALD, 2006, p. 136).

Concomitantemente à crescente veneração dos restos mortais de São Francisco Xavier, desenvolveu-se a iconografia da sua morte. No Oriente, essa iconografia parece ter se desenvolvido mais precisamente na Índia e na China. Foi encontrada uma gravura do flamengo Fred Bauttats, datada de 1662, inspirada no protótipo iconográfico da morte do santo, criado em Goa, com a sua morte solitária.

Vemos, portanto, Francisco Xavier, moribundo num tugúrio na Ilha de Sanchuão, com o crucifixo e o rosário nas mãos, um barco simbolizando o sonho não realizado da viagem à China e uma segunda cabana de palha que foi um motivo muito divulgado pela gravura flamenga. (OSSWALD, 2006, p. 138).

Apesar da concepção iconográfica da morte solitária de São Francisco Xavier ter sido criada em Goa no século XVI, ela só começou a se impor na arte oriental no

século XIX. Uma pintura da Casa Professa de Goa, representando São Francisco Xavier moribundo e ainda com os anjos, evoca a pintura do italiano Gaulli, mais conhecido por Il Bacciccia que, com Maratta, foi um dos maiores especialistas da iconografia da morte do santo jesuíta. Outra preciosa pintura é atribuída a Gaspar Conrado dos finais do século XVII, apresenta uma rara representação do Santo deitado com a cabeça à direita do quadro e segurando os três atributos caracterizadores da iconografia da sua morte: o crucifixo, o rosário e o breviário.



Figura 194 – Morte de São Francisco Xavier (Gaspar Conrado)

Fonte: SÃO FRANCISCO XAVIER (2013).

A devoção e a iconografia de São Francisco Xavier no Oriente vão estabelecer o interesse da Companhia de Jesus pelas devoções mais representativas do cristianismo: a devoção cristológica e a devoção mariana. Em um quadro a óleo da Escola Indo-Portuguêsa existente na Casa Professa da Basílica do Bom Jesus em Goa, os dois santos jesuítas – São Francisco Xavier e Inácio de Loyola – estão sob a proteção do *Salvator Mundi*.



Figura 195 – Cristo Salvador do Mundo com santos jesuítas

Fonte: Osswald (2006, p. 140).

Na hagiografia e na iconografia japonesa de São Francisco Xavier multiplicaram-se pinturas desses dois primeiros santos jesuítas em adoração a Nossa Senhora com o Menino. Apesar de São Francisco Xavier ter tido uma morte natural, sua figura foi inserida na arte dos jesuítas no Oriente entre os mártires da Companhia de Jesus. Por esta razão, “[...] ele tornou-se no ideal do missionário, e o seu exemplo inspirou muitos jovens europeus a seguirem os seus passos” (OSSWALD, 2006, p. 142).



Figura 196 – Nossa Senhora com o Menino, São Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola (santos jesuítas)

Fonte: Osswald (2006, p. 141).

Durante a modernidade, São Francisco Xavier adquiriu prestígio como um dos santos mais solicitados e eficazes em casos de peste e epidemias. Este fato está registrado em quadros da Casa Professa de Goa. Sua intercessão era considerada eficaz tanto *in vita* como *post mortem* nesses específicos casos de calamidade. Há registros de que vários moradores de Goa testemunharam em 1556 e 1567 que a peste havia cessado em Malaca logo que o seu cadáver chegou àquela cidade.

Campos (2001) refere que também o Brasil, especialmente a Bahia, conheceu e reconheceu o poder do Santo no ano de 1686, quando irrompeu, com violência, a peste que ficou conhecida como “mal da bicha” ou simplesmente “bicha”, vinda de Pernambuco. Naquele momento, a medicina, completamente limitada e empírica, não conseguiu debelar a praga. Assim, os moradores de Salvador imploraram a intervenção dos poderes celestiais, pedindo a intermediação do Apóstolo do Oriente.²⁵ Abalada com a intensidade do mal, a população acudiu em massa à igreja dos jesuítas,

²⁵ “São Francisco Xavier teria passado na Bahia em 1541. Viajava para a Índia uma frota capitaneada por Martim Afonso de Souza, [...] viajavam alguns jesuítas destinados à propagação da fé de Cristo no Oriente [...] tal nave teve de arribar a este porto. Assim, o famoso jesuíta aqui esteve oito anos antes de fundar-se a cidade. Os melhores autores contestam, porém, semelhante arribada.” (CAMPOS, 2001, p. 319, nota 136).

pedindo a intercessão do santo. Campos (2001, p. 319) transcreve o relato feito por Pedro Calmon, do livro “O Crime de Antonio Vieira” de 1931:

Uma relíquia dele [...] encastoadada no seu escrínio com a forma de um busto de prata damasquinada, e que figurava o apóstolo do Japão e da Índia de barbas encaracoladas e olhar oblíquo – possuía o Colégio de Jesus. A primeiro de maio foi o santo transportado, em andor, sobre os ombros da nobreza, pelas praças e ruas, onde o povo, de joelhos rezava e chorava. Nunca se vira procissão assim, que carregasse após si a Bahia toda, e pusesse de rastros o que ali havia de mais opulento e poderoso.

Segundo Flexor (2010), uma das formas de exterioridade religiosa coletiva era a procissão. Em conformidade com a autora, além das festas oficiais obrigatórias regidas pelas Ordenações do Reino, chamadas procissões “del Rey”, existiam algumas gerais, como a de Nossa Senhora da Conceição, e outras particulares, como a do patrono da cidade ou da vila. Às procissões festivas somavam-se as penitenciais, as quaresmais, as propiciatórias – implorando chuva ou cessação de epidemias. Incluída nessas procissões reais obrigatórias, encontramos aquela propiciatória de São Francisco Xavier, que era organizada e patrocinada pelo Senado da Câmara, de acordo com as Ordenações do Reino ou Ordenações Filipinas. Essas procissões “del Rey” ou reais foram extintas em 1828, mas muitas voltaram posteriormente, como a de São Francisco Xavier em Salvador.

Quanto à procissão realizada para debelar a peste, após serem atendidos pelo Santo jesuíta, os habitantes de Salvador requereram ao Senado da Câmara, em maio de 1686, que ele fosse oficialmente considerado padroeiro da cidade. Esse pedido foi acatado em 20 de julho do ano citado, com a solicitação dos “edis” a El Rei, que confirmasse o voto de Graças. Por Provisão de 3 de março de 1687, o rei de Portugal concordou com a escolha dos baianos, vindo a indispensável confirmação pontifícia solicitada pela Câmara à Sagrada Congregação dos Ritos, no Breve de 13 de março de 1688 (CAMPOS, 2001).

Desde essa época, a Câmara Municipal da Bahia mandou celebrar com solenidade a festa do santo jesuíta padroeiro de Salvador, inscrito no calendário católico a 3 de dezembro, e procedeu-se assim até 1828. Depois a cidade esqueceu o Santo por um longo período, passado o violento surto de 1686. Após anos de esquecimento, em julho de 1855, explodiu o cólera em Salvador. A cidade foi bastante castigada pela força da epidemia, que causou a morte de muitas pessoas. Nesse clima de muito sofrimento, as figuras mais representativas da cidade, encabeçadas pelo vice-presidente da Província, Dr. Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima, requereram, em agosto de 1855, ao diocesano Dom Romualdo Antonio de Seixas, a necessária licença

para fundarem uma confraria sobre os auspícios de São Francisco Xavier, a fim de poderem, daquele dia “[...] para sempre ser renovado e perpetuado o Voto do Povo desta Cidade, no Culto e Devoção do seu Padroeiro, cujo grato dever nos foi legado pelos nossos antepassados” (CAMPOS, 2001, p. 321).



Figura 197 – Dom Romualdo Antonio de Seixas (16º. Arcebispo da Bahia)

Fonte: LUNA (2015).

Obtendo despacho favorável em setembro de 1855, ficou criada canonicamente a agremiação. A Mesa administrativa da Confraria, pelo seu Compromisso, tinha, entre outras obrigações culturais e pias, a de fazer a procissão penitencial do padroeiro São Francisco Xavier no dia 10 de maio, conduzindo, além do seu andor, o da Virgem da Conceição. Esta procissão é realizada até os dias atuais com muita simplicidade, promovida pela Câmara de Vereadores de Salvador.

Figura 198 – Procissão de São Francisco Xavier



Fonte: PADROEIRO... (2013).

Figura 199 – Andor da Virgem da Conceição



Fonte: DIOCESE... (2010).

5.2.2 Busto-Relicário de Santa Luzia



Assentado sobre uma base estreita em madeira escura descansa um meio busto representando figura feminina. Veste uma espécie de farda confeccionada em metal prateado trabalhado artisticamente com detalhes realçados em dourado e decorado com pedraria colorida. A cabeça, ligeiramente inclinada para a direita, destaca-se do conjunto, modelada em material diferenciado da parte inferior do meio busto, encarnada e policromada. A fisionomia, de aspecto sereno e olhar sublimado, é realçada por finas sobrancelhas arqueadas. Possui nariz afilado e boca levemente entreaberta com lábios carnudos, marcados por suave carmim. Uma vasta cabeleira ondulada, com topete frontal, emoldura o rosto longilíneo, deixando à mostra orelhas ornadas com brincos. Sobre a testa proeminente destaca-se um diadema com elementos dourados que se prendem entre as madeixas arrumadas com esmero e enfeitadas na parte posterior da

cabeça com arremates. Está coroada por semicírculo raiado em metal prateado e decorado com desenhos. No pescoço delgado, prendem-se correntes em metal prateado que sustentam pingente. Na parte central do busto, destaca-se uma cavidade, onde se encontra, protegido, pequeno embrulho com inscrições.

O personagem representado é Santa Luzia, conhecida também pelo nome de Lúcia, apresentado na forma de busto-relicário com 52 cm de altura, 27 cm de comprimento, 24 cm de largura, pesando 6.325 g. Está apoiado em base oval com ressaltos em madeira envernizada não identificada e atarraxado por quatro pináculos de prata fundida e torneados em forma de bolas.

Este busto é de autoria do monge beneditino Frei Agostinho da Piedade, feito na Bahia em cerca de 1630, de propriedade do Mosteiro de São Bento da Bahia (SILVA-NIGRA, 1971). O interior do relicário é forrado de veludo vermelho circundado por renda dourada e decorado com duas gemas verdes, uma vermelha e uma pérola, todas encastoadas e dispostas em forma de cruz, tendo no centro relíquia mínima, provavelmente partícula do corpo da santa, envolta em cetim bege e amarrada com fio dourado, contendo aplicada uma fina tira de papel com a inscrição “S. LVCIA M.V.” (Santa Luzia Mártir Virgem).

Figura 200 – Relíquia mínima de Santa Luzia e detalhe



Fonte: acervo do autor.

Do ponto de vista estilístico, o busto-relicário possui, como de costume, nas representações do período da Renascença, a tradicional frontalidade e os arcaísmos que fazem ressaltar sua sobriedade. O delicado trabalho produzido pelo ourives traçou, na

superfície lisa da prata batida da sua vestimenta de corpete em forma de couraça de soldado, entrelaços sutilmente salientes de hastes vegetais, dos quais partem ramos e folhagens que os enchem e se espalham a ligá-los, alastrando-se pelos espaços intermediários que circundam pequenas flores ressaídas do fundo martelado.



Figura 201 – Decoração da vestimenta do Busto-Relicário de Santa Luzia

Fonte: acervo do autor.

Figura 202 – Detalhe da decoração da vestimenta do Busto-Relicário de Santa Luzia



Fonte: acervo do autor.

Destaca-se, em douraduras e sobrepostos à veste prateada, um arremate circular abaixo do pescoço, decorado com formas ovoides repetidas em cadeia e contidas entre dois estreitos frisos torcidos; dragonas sobre os ombros enfeitadas com elementos abaulados em forma de óvalos alongados, pinçados nos centros com presilhas e arrematadas na parte superior e inferior por cordão em torçal sinuoso e circundante. Apresenta, na parte frontal e centralizada, uma cartela de característica maneirista, onde se evidencia estreita moldura circular decorada com folhas de louros

e envolvida por cercadura em formato ovoide com volutas salientes nas extremidades e intercaladas por recortes ressaltados. Um delicado friso retorcido preso a garras alternadas em forma de palmas emoldura o vidro que protege e dá visibilidade à relíquia. Elementos projetados e ornados com volutas nas quatro extremidades são realçados com aplicações de gemas em ressaltado nas cores vermelha e verde, montadas na forma usual dos cabochões, com virola envolvente com pequenas garras.²⁶ Em Moura (2006, p. 153), encontra-se a seguinte descrição:

A colocação sobre o peito do mostruário para a relíquia identificada e visível através do vidro é não apenas o cumprimento das instruções tridentinas como ainda um motivo de versatilidade decorativa. Medalhões, cartelas, micro-arquiteturas e inversões de todo o gênero serão veículo de diversificadas morfologias alusivas, colhidas no crescente manancial de fontes icônicas proporcionado pela gráfica Maneirista e Barroca.

Figura 203 – Arremate ao redor do pescoço do Busto-Relicário de Santa Luzia



Fonte: acervo do autor.

Figura 204 – Dragonas sobre os ombros do Busto-Relicário de Santa Luzia



Figura 205 – Cartela renascentista que envolve a relíquia de Santa Luzia



Fonte: acervo do autor.

²⁶ Esclarece-se que o castor da dragona do ombro esquerdo do busto encontra-se sem a pedra que o decorava.

Sobre a prática de decorar com pedras preciosas objetos religiosos, Valladares ([ca. 1968], p. 98) informa: “No terreno religioso, desde o princípio da colonização que se positivou nosso gosto em ornar com metal e pedras preciosas as imagens do culto.” Silva-Nigra (1971, p. 24), igualmente, faz saber:

No decênio de 1630 e 1640, já existiu na Bahia bons mestres prateiros que, inspirados em peças clássicas de Portugal, procuraram imitar ou produzir trabalhos novos na Colônia. Assim revestiram de prata batida e cinzelada as belas imagens da velha Sé: Nossa Senhora das Maravilhas, Nossa Senhora de Guadalupe e Nossa Senhora da Fé. Um trabalho novo desta época constitui o Relicário-busto de Santa Luzia, feito conforme um dos modelos de Frei Agostinho da Piedade, como provam os diversos trabalhos em barrocozido, ainda existentes.

A prataria deste busto-relicário pesa 1.975 g e tem 26 cm de altura sem a peanha de madeira e sem a cabeça. Quanto a esta última, conforme Silva-Nigra (1971), Frei Agostinho da Piedade primeiramente a modelou em cera e somente depois a fundiu em chumbo maciço. Mede 22 cm de altura e pesa 4.350 g.

Figura 206 – Cabeça em chumbo do Busto-Relicário de Santa Luzia



Fonte: acervo do autor.

Está presa por uma tarraxa ao busto de prata, tratando-se, pois, de um belíssimo trabalho de modelagem e fundição classicamente renascentista, provavelmente o primeiro e, ao mesmo tempo, um dos mais valiosos objetos desse gênero na história da arte de fundição no Brasil. (SILVA-NIGRA, 1971, p. 24).

Chama a atenção, nesta cabeça de cabelos escuros, a forma graciosa e artística do seu elegante penteado, deixando parcialmente à mostra, entre as madeixas frontais, um adereço dourado sobre a testa. Na parte posterior, a volumosa

cabeleireira é contida e enfeitada com lenço de cor azul e estreita fita na cor vermelha, toucado que, no geral, evidencia possível influência oriental.

Figura 207 – Penteado da cabeça do Busto-Relicário de Santa Luzia



Fonte: acervo do autor.

O meio-busto ostenta cordões em prata de cinco voltas no pescoço, sustentando joia do século XIX em forma de laçarote trabalhada em prata e ouro e decorada com crisólitas incolores facetadas e realçadas com folhetas prateadas, servindo de forro refletor. As orelhas à mostra exibem par de brincos articulados, também do século XIX, em prata e ouro, profusamente engastado com crisólitas amarelo-esverdeadas montadas sobre forro refletor.

Figura 208 – Joias do Busto-Relicário de Santa Luzia



Fonte: acervo do autor.

Muito interessante será constatar a abundancia de joias e sua manufactura no Brasil Colonial. Alto fallarão os archivos das irmandades, os acervos das velhas igrejas. Nas igrejas, até o 2.º Reinado, [...] teriam adereços de toda a ordem, para cada imagem! [...] Botavam-lhes vestido novo, arrecadas, broches, laços, pulseiras, afogadeiras, collares de contas confeitadas, tudo com diamantes chrisolitas, rubis ou pedras coradas. (SANTOS, F., 1940, p. 639).

Arremata, coroando a cabeça, um resplendor de prata batida, repuxada e cinzelada, do século XVII, com raios lisos e torcidos, intercalados em *dégradé*. A parte semicircular possui decoração fitomorfa repuxada sobre fundo martelado de evidente labor seiscentista.



Figura 209 – Resplendor que orna a cabeça do Busto-Relicário de Santa Luzia

Fonte: foto do acervo do autor.

A carnação original do rosto do busto-relicário de Santa Luzia, no decorrer do tempo, foi diversas vezes recoberta, como esclarece Silva-Nigra (1971, p. 25):

[...] em 1936, foi [...] habilmente restaurada pelo Irmão Paulo Lachenmayer, que com toda a paciência lhe tirou as diversas camadas de tinta, de diferentes épocas, até encontrar a primitiva encarnação. Nesta mesma ocasião, se fez, além da reforma do busto, a atual peanha.

Informa Sgarbossa (1983) que, após a descoberta, em 1894, de uma inscrição para sepultura, do final do século IV aos primórdios do século V, sobre um sepulcro nas catacumbas de Siracusa, identificando a virgem mártir Luzia ou Lúcia, foram esclarecidas as dúvidas sobre a historicidade da mencionada santa cuja fama e devoção serviram de tributo, em grande parte, para a construção de sua lendária *paixão*, posterior ao século V.

Considerada um dos modelos mais representativos de santidade surgido nos primórdios do cristianismo, é uma santa detentora de grande prestígio na ritualística da Igreja Católica, obtendo, pela sua grandeza espiritual, epígrafes e inscrições por

influência do papa Gregório Magno, que autorizou a introdução do seu nome no *cânon*²⁷ da missa no final do século VI. Desde então, o nome de Santa Luzia foi incluído na lista de memória dos livros litúrgicos que reforçaram a sua antiga devoção, disseminada com força e rapidez não só no Ocidente, mas também no Oriente.



Figura 210 – São Gregório Magno (Papa)

Fonte: CREIO ([2013]).

Os milagres atribuídos à sua intercessão desde o século V, transformaram-na em uma das santas protetoras da população que a invoca nas orações como auxiliadora nas doenças dos olhos ou da cegueira. Esta devoção relacionada aos olhos decorre, provavelmente, da etimologia do seu nome Lúcia, que significa “luz” (SGARBOSSA, 1983).

Varazze (2003, p. 77), além de informar que Lúcia vem de *lux*, “luz”, pontua o que dizia Santo Ambrósio: “A luz é bonita de se ver, porque ela está por natureza destinada a ser graciosa para a visão.” Ainda conforme esse autor, Lúcia também pode vir de *lucis via*, ou seja, “caminho de luz”. Sgarbossa (1983, p. 400) ressalta que o drama da cegueira vinculado ao nome da santa – Luzia (Lúcia) derivado de *lux*, elemento inseparável – está “[...] unido não só ao sentido da vista, mas também à faculdade espiritual de captar a realidade sobrenatural”. Também Butler (1993) informa sobre a possibilidade de que, em virtude do seu nome “Lúcia”, que invoca luz e claridade, ela fosse cultuada durante a Idade Média por aqueles que tinham problemas de visão. Por esse motivo, surgiram diversas lendas como, por exemplo, aquela de que seus olhos foram arrancados pelos pagãos e ainda a que afirmava que ela própria os tinha arrancado para ofertá-los a um pretendente indesejado, encantado

²⁷ Espécie de normativa religiosa.

com sua beleza. Em ambos os casos, reforça a lenda que os olhos foram por milagre reintegrados mais formosos do que antes.

Butler (1993) e Sgarbossa (1983) relatam que Luzia, como se lê nas *Atas*,²⁸ nasceu em Siracusa, cidade da Sicília, Itália, entre os anos de 280 e 290, século este célebre pelas perseguições aos cristãos, sobretudo ao tempo dos imperadores romanos Diocleciano e Maximiliano. Essas *Atas* registram que Lucia pertencia a uma família ilustre, de pais nobres e ricos, e foi educada na fé cristã. A mãe, Eutíquia, ficou viúva e havia prometido dar a filha em casamento a um jovem pagão. As núpcias foram adiadas devido a grave doença da mãe. Luzia, então, a persuadiu a irem até Catânia para orarem junto ao túmulo de Santa Ágata, da qual era devota, para pedirem pela sua cura.

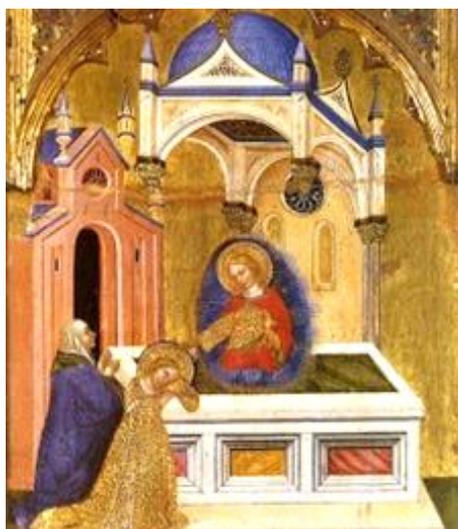


Figura 211 – Visita de Santa Luzia e sua mãe ao túmulo de Santa Ágata

Fonte: SANCTORUM (2010).

Desta peregrinação, Eutíquia voltou completamente curada e, por isso, concordou com o pedido da filha, dando-lhe permissão para seguir a vida que havia escolhido de devoção a Deus e também consentindo que distribuísse aos pobres da cidade os bens do seu rico dote. O noivo rejeitado vingou-se, denunciando Luzia de ser cristã ao cônsul Pascásio. Ameaçada de ser enviada a um prostíbulo, Luzia deu ao cônsul uma sábia resposta: *O corpo se contamina se a alma consente*. Este, passando das ameaças aos fatos, ordenou que para lá fosse conduzida. Entretanto, o corpo de Luzia ficou tão pesado que muitos homens não conseguiram arrastá-lo.

²⁸ Embora as *Atas* de Santa Luzia, que se conservam em diversas edições em latim como em grego, não tivessem valor histórico, a sua ligação com a cidade de Siracusa e o seu culto primitivo não admitem nenhuma dúvida acerca da homenagem de caráter religioso que lhe era prestada. Ela era venerada em Roma, no século VI, entre as mais ilustres virgens-mártires.

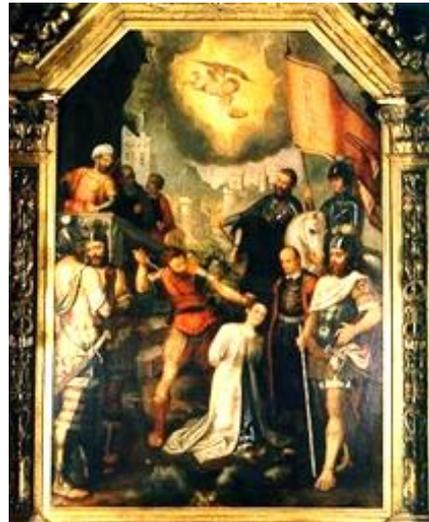
Tentaram submetê-la à morte pelo fogo, mas essa ação também não se concretizou. Por fim, atravessaram-lhe a garganta com uma espada, findando o seu martírio (BUTLER, 1993; SGARBOSSA, 1983).

Figura 212 – Santa Luzia sobre as chamas



Fonte: SANCTORUM (2010).

Figura 213 – Fim do martírio de Santa Luzia



Fonte: AICONOGRAFIA (2010).

Os cristãos de Siracusa, logo após sua morte, elegeram-na sua padroeira. No ano de 310, seis anos após sua morte, no mesmo local do martírio, construíram um santuário em sua honra. O corpo da virgem mártir Luzia fora recolhido e colocado nas catacumbas de Siracusa. Desde então, seu túmulo começou a ser muito frequentado e os milagres a ela creditados começaram a acontecer, até que, no ano de 1039, um general bizantino transferiu seus restos mortais para Constantinopla, livrando-os do perigo da invasão de Siracusa pelos sarracenos. Eles voltaram ao Ocidente no ano de 1204, durante a 4ª Cruzada, para um mosteiro em Veneza. No ano de 1280, foram transferidos para uma igreja a ela dedicada, nessa mesma cidade, onde estão até hoje preservados. Em Siracusa permaneceram pequenas relíquias da santa (SGARBOSSA, 1983).

A santa é representada iconograficamente vestindo a túnica e o manto romanos ou então um majestoso vestido de dama. Sobre a cabeça, com farta cabeleira, uma coroa de flores ou de princesa, como usam as virgens mais ilustres. Frequentemente carrega, em uma de suas mãos, seu atributo pessoal, um pequeno prato com um par de olhos. Informa ainda Sgarbossa (1983) que nem nas antigas representações, nem tão pouco na Legenda Áurea, fala-se da tortura de arrancar-lhe os olhos. Tudo leva a

crer que o atributo tem relação com o nome Lúcia derivado de “luz”. Por esta razão, em determinados países, é vista representada como uma lâmpada ou lanterna acesa. Outros atributos são ainda encontrados, fazendo parte da referência ao seu martírio, como a palma, chamas e punhal cravado no pescoço (ROIG, 1950). Em alguns casos, ex-votos em ouro ou prata, representando olhos, também seus atributos, são amarrados em imagens da Santa, em sinal de agradecimento por graças alcançadas.

Figura 214 – Ex-votos de Santa Luzia



Fonte: BREVIÁRIO (2011).

A devoção a Santa Luzia é cultuada até hoje em muitos países, inclusive o Brasil, especialmente na Bahia, desde séculos passados. No século XIX, Salvador contava com o tradicional e extenso ciclo de festas, na sua maioria de cunho religioso, dentre as quais encontramos a de Santa Luzia, também festejada no dia 13 de dezembro. Quase todas essas festividades religiosas tinham o respaldo de irmandades e associações leigas, que demonstravam, por meio de festas e procissões, a devoção dos fiéis aos seus santos protetores. Além das cerimônias religiosas, havia a parte profana, na qual a participação da população era relevante, constituindo-se numa maneira de celebração da vida entre os baianos de todas as camadas sociais (COUTO; DIAS, 2009).

As comemorações em louvor a Santa Luzia, a padroeira dos olhos na Bahia, ocorrem no largo do Pilar, na Cidade Baixa. As origens remontam ao século XVIII e foi iniciada pelos pescadores. Em meados do século XIX, os festejos aconteciam no solar do Unhão, que, além de uma capelinha com a imagem da santa, possuía uma fonte onde os fiéis banhavam os olhos para protegerem a visão ou curarem os seus males. Posteriormente, foi construída, na zona portuária de Salvador, uma capela dedicada à

santa. Após um incêndio, nos primórdios do século XX, a igreja de Nossa Senhora do Pilar abrigou a imagem da referida santa, assumindo seus festejos até os dias atuais (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, 2013). Por essa razão, a igreja do Pilar também é conhecida como Igreja de Nossa Senhora do Pilar e Santa Luzia.



Figura 215 – Igreja de Nossa Senhora do Pilar e Santa Luzia

Fonte: SANTA LUZIA (2012).

Relato de D. Almerida Silva Ferreira²⁹ informa que, no passado, as festas comemorativas à santa iniciavam-se no dia 13 de dezembro, às 5 horas, com uma alvorada de fogos. Às 6 horas celebrava-se a missa da irmandade, com saudação a Santa Luzia. As missas sucediam-se ao longo do dia e eram assistidas por inúmeros fiéis que também buscavam a fonte natural existente na área contígua à igreja, para lavarem os olhos ou recolher, em garrafas e vasilhames, a água considerada milagrosa que jorra intermitentemente da rocha. Uma procissão saía da Igreja do Pilar às 16 horas e percorria o bairro do Comércio em direção à igreja da Conceição da Praia. O lado profano estava registrado nos festejos realizados no largo com muitas barracas montadas, nele e nas ruas adjacentes, em louvor à protetora da visão, a partir das 17 horas. Atualmente, a festa perdeu muito do seu brilho, mantendo a tradição com alteração do horário da procissão, que hoje sai às 11 horas da Igreja do Pilar. É também significativa a redução do número de barracas armadas nas proximidades da igreja para os festejos.

²⁹ Irmã da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Pilar, hoje com 75 anos. Depoimento prestado em 5 de maio de 2013, às 10h30min, na Igreja do Pilar.



Figura 216 – Procissão de Santa Luzia

Fonte: FIÉIS... (2012).

Nas artes e na literatura, Santa Luzia foi reverenciada, destacada por poetas, celebrada por oradores e representada por pintores, entalhadores e escultores. A arte, de modo geral, foi inspirada na moral cristã desde a Idade Média até o século XVIII. A partir daí o referencial religioso e os episódios sagrados não mais estimularam os artistas. A história dos diferentes estilos que permearam a pintura do medievo ao barroco ressalta os dois elementos identificatórios que mais caracterizam a iconografia de Santa Luzia: a palma, como símbolo do seu martírio; e o par de olhos, algumas vezes apresentados sobre uma bandeja, reforçando a crença popular de que lhe foram arrancados sem confirmação nas fontes canônicas tradicionais, a exemplo das *Actas Martyrum* e a *Legenda Áurea*.

Figura 217 –
Iconografias de
Santa Luzia: palma
e par de olhos



Fonte: SANTA... (2015).



Fonte: OS OLHOS... (2014).

As passagens da sua vida mais utilizadas como fontes de inspiração pictórica são: visita à tumba de Santa Ágata, em Catânia, pela cura de sua mãe; julgamento

pela prática da fé cristã ante o cônsul Pascásio, com destaque para o milagre da sua imobilidade; e, por fim, sua morte por decapitação (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).

Na Europa medieval, a expansão artística baseava-se nas formas conhecidas como românicas e góticas. A arte gótica tende a humanizar as figuras rígidas e impassíveis da arte românica. As cenas inspiradas no Antigo e Novo Testamento vão sendo relegadas em vista da preferência por cenas vinculadas às vidas dos santos, como narrativas de apelo emotivo. No século XIV, um italiano anônimo pintou um quadro denominado “Virgem com o menino entronizada por Santa Luzia e Santo Eloy”. Também em Siena, na Itália, o Maestro di Panzano produziu um quadro com a virgem entronizada com Santa Luzia e Pietro Lorenzetti, que representa a santa na igreja de Santa Maria de Magnoli, em Florença, com atributos identificados como uma lâmpada e os olhos em uma bandeja. Giovanni di Bartolommeo Cristiani produz um retábulo gótico, representando quatro cenas da vida da santa, sendo, uma delas, Santa Luzia resistindo aos esforços para movê-la. Nesta cena, as figuras apresentam as características clássicas do gótico com as figuras hieráticas e desproporção dos corpos dos personagens representados (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).



Figura 218 – Santa Luzia resistindo aos esforços para movê-la

Fonte: BARBÓN GARCÍA;
ÁLVAREZ SUÁREZ (2003).

A pintura italiana do século XIV tem, no “fresco” o elemento dominante. Dois artistas – Jacobo Avanzi e Altichero – pintam, em parceria, a “Morte de Santa Lúcia” em Pádua. No século XV, produz-se na Itália uma mudança na linguagem artística com o advento do Renascimento, que introduziu na pintura, nessas primeiras manifestações do *Quattrocento*, a perspectiva, o volume e a luz. Entre os vários artistas desse período, está Domenico Ghirlandaio, que produziu, entre os muitos afrescos religiosos, uma

“Santa Luzia”. É Francesco del Cossa, porém, quem nos oferece uma representação frontal tridimensional sem precedentes, com detalhes minuciosos da roupa, criando uma impressão de volume, com a santa portando dois dos seus conhecidos atributos principais, a palma e os olhos, estes apresentados como pétalas presas em um pequeno e frágil caule (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).

Figura 219 – Santa Luzia com seus atributos – palma e olhos.
(Francesco del Cossa)



Fonte: BARBÓN GARCIA;
ÁLVAREZ SUÁREZ (2003).

O artista Domenico Veneziano, pintou um retábulo em Florença, hoje fragmentado em cinco partes, cujo tema central é a Virgem entre os Santos Francisco e João Batista, Zenóbio e Lúcia. Também Giovanni Bellini, em Veneza, produziu o retábulo “Sagrada conversão” com São Pedro, Santa Catarina, Santa Lúcia e São Jerônimo (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).



Figura 220 – A Virgem, Santa Luzia e Santos
(Domenico Veneziano)

Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2011).

No século XV, nos países do norte europeu, a exemplo da Itália, iniciou-se uma renovação artística sob a inspiração de uma nova burguesia surgida com os bancos e a indústria. O Naturalismo flamengo cria imagens religiosas acessíveis para animar aos fiéis e estimular a meditação sobre elas com conteúdos essencialmente católicos. Em Brujas, o anônimo conhecido como “Mestre da lenda de Santa Luzia” representa, em um painel, três cenas da sua vida em um estilo ingênuo, porém bastante colorido (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).

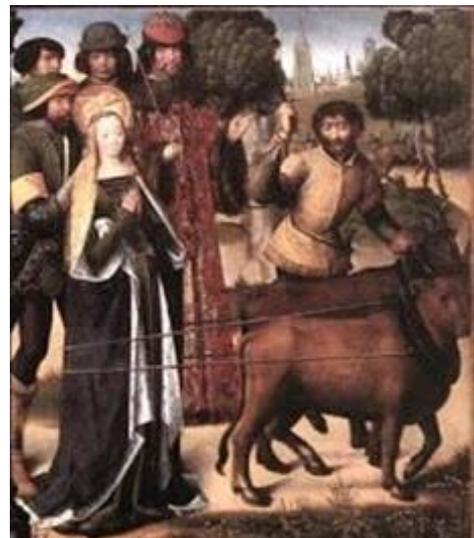
Na segunda metade do século XVI, surge o Maneirismo, como linguagem artística do Renascimento, reconhecida pelo alongamento e idealização das figuras representadas, em um estilo comportado de imitação dos grandes mestres. Ao mesmo tempo, para combater a crítica ao culto dos santos pela doutrina luterana, a Contrarreforma incentiva a devoção de figuras de santos mais populares cuja vida e martírio são retratados em muitas pinturas e esculturas. É nessa fase que Lorenzo Lotto dedica um retábulo à história de Santa Luzia em três passagens: Santa Luzia na tumba de Santa Ágata, Santa Luzia ante Pascásio e Santa Luzia atada aos bois. Também Leandro Bassano compõe, numa pintura, uma cena com figuras musculosas em difíceis posições numa encenação artificial para representar a milagrosa imobilidade de Santa Luzia (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).

Figura 221 – Santa Luzia ante Pascásio



Fonte: A ICONOGRAFIA (2012).

Figura 222 – Santa Luzia atada aos bois



Fonte: A ICONOGRAFIA (2012).

Com o século XVII, os pintores do barroco, frente à beleza e à harmonia da arte do Renascimento, concentram-se em uma arte focada no sofrimento humano com muito realismo. O mestre Caravaggio mostra-nos, em “O enterro de Santa Luzia”, a virgem mártir deitada no chão enquanto cavam sua sepultura. Nesse quadro, o pintor, por uma parte, utiliza a luz para corporificar figuras e, por outra, evita qualquer idealização dos personagens.

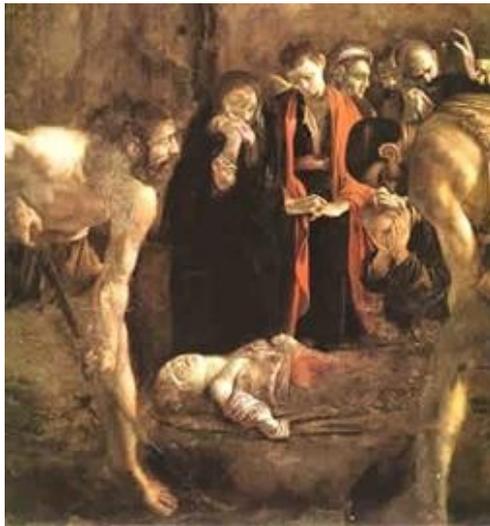


Figura 223 – Enterro de Santa Luzia
(Caravaggio)

Fonte: BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ (2003).

Já Francisco de Zurbarán, pintor conhecido por seus quadros de caráter religioso, representa Santa Luzia vestida com luxo, portando seus atributos principais: a palma e os olhos (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).

No século XVIII, a ilustração, definida por um pensamento racional e laico da sociedade, dá início a um processo de abandono progressivo da prática e da moralidade religiosa. A arte se manifesta, na segunda metade deste século, no estilo rococó, caracterizado por uma decoração refinada, representando o triunfo do prazer. A pintura desse período manifesta-se luminosa e elegante, com personagens formosos e idealizados, a exemplo da tela de Tiépolo “Última comunhão de Santa Luzia”, tendo aos pés um punhal e prato com seus olhos retirados, atributos incontestáveis que a caracterizam iconograficamente (BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ, 2003).

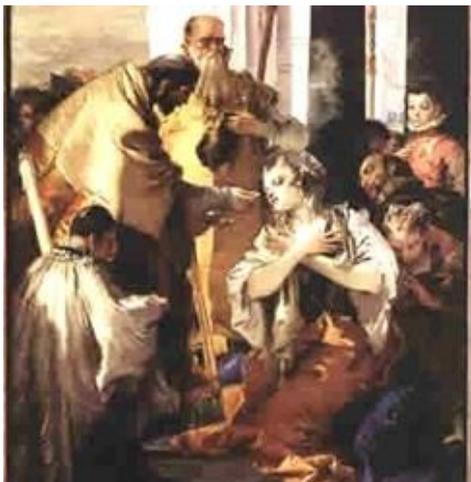


Figura 224 – Última comunhão de Santa Luzia (Tiépolo)

Fonte: BARBÓN GARCIA; ÁLVAREZ SUÁREZ (2003).

Na literatura, Santa Luzia também foi lembrada e homenageada em obras como “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, que a apresenta honrosamente à esquerda de São João Batista, num posto destacado e sublime no céu, atribuindo-lhe a função de “graça iluminadora”. Muitas vezes foi cantada por poetas e celebrada por oradores entusiasmados pela sua história, como, por exemplo, fez Sigebert de Genbloux, que escreveu um poema em latim, de 1400 versos, em homenagem à santa, publicado por E. Dümmler em 1893 (SGARBOSSA, 1983).

Na arte da escultura, Andrea Della Robbia a apresenta em um belo trabalho. Os santeiros, sobretudo no século de ouro, encontraram, na sua fantasiosa criação, inspiração e devoção, uma forma de representar Santa Luzia como uma heroína da fé cristã (SGARBOSSA, 1983).

Entre os inúmeros escultores sacros brasileiros, muitos anônimos, citamos o Mestre Aleijadinho, ao qual é atribuído, por Germain Bazin, em 1963, uma escultura do século XVIII, representando Santa Luzia.



Figura 225 – Santa Luzia

Fonte: OLIVEIRA; SANTOS, O.; SANTOS, A.F. (2002).

5.2.3 Perna-Relicário de Santo Amaro



Assentada sobre uma base circular compacta sem pés, confeccionada em metal prateado decorado, ergue-se uma figura em formato de perna humana. Está encoberta por veste fabricada também em metal prateado trabalhado, assim como a parte inferior do pé coberto por calçado. Todo o revestimento em metal que recobre a perna está ajustado perfeitamente, sem pregas e/ou ondulações. Estreita faixa torcida circunda a perna, próximo ao joelho. No espaço intermediário, existe uma escavação aprofundada e vedada com vidro. Seu interior é revestido por tecido com inscrições em dourado. Observa-se, preso ao fundo do receptáculo, um pequeno embrulho envolto em tecido e amarrado com fios delgados. Externamente, esta cavidade é arrematada por elemento dourado decorado e destacado.

A representação antropoide é tradicionalmente reconhecida e identificada como Perna-Relicário de Santo Amaro (ou Mauro), discípulo de São Bento. É formada de base circular rosqueada com 19 cm de diâmetro, medindo 9 cm de altura. A perna propriamente, em posição frontal, mede 43 cm. Na totalidade, o relicário possui 52 cm de altura. Essa perna-relicário encontra-se revestida de uma espécie de meia litúrgica (cáliga)³⁰ que a cobre até a proximidade do joelho, sendo o pé calçado, possivelmente, com sandália pontifical³¹, identificando componentes da indumentária religiosa masculina.

Figura 226 – Meia litúrgica



Figura 227 – Sandália pontifical



Fonte: THESAURUS (2004, p. 164).

Na parte intermediária da perna, observa-se uma abertura reentrante ovalada e fechada com vidro transparente, deixando à mostra, preservado, pequeno volume retangular medindo 5 cm x 3 cm, coberto por tecido de seda branco amarrado com fios dourados em quadrícula. Este diminuto pacote, preso ao fundo da cavidade revestida de veludo carmesim e contornada por uma liga dourada com estreita tira de papel sobreposta, onde consta a inscrição “S. MAURUS, Ab” (São Mauro Abade), contém pequena relíquia mínima de Santo Amaro, provavelmente partícula de sua perna cujo relicário antropomorfo representa. Cobrindo e decorando esta abertura, presa por pinos

³⁰ “Meias usadas, durante a missa pontifical, pelos prelados que gozem de privilégios pontificais. São de tecido ou malha [...] para atar acima do joelho” (THESAUROS, 2004, p. 164).

³¹ “Sapatos fechados e de tacão raso usados, durante a missa pontifical, pelos prelados que gozem de privilégios pontificais [...] São usadas com cáligas” (THESAUROS, 2004, p. 164).

com extremidades em forma de pequenas bolas nas laterais do mostuário, encontra-se uma estreita moldura sobreposta em prata dourada decorada com folhas de louro e envolvida por cercadura em formato de cartela de volutas salientes nas extremidades e intercaladas por recortes repuxados e ressaltados.

Figura 228 – Detalhe do volume contendo relíquia de Santo Amaro



Figura 229 – Detalhe da moldura em formato de cartela



Fonte: Fotos do autor (2914).

A peça que representa a perna-relicário de Santo Amaro é produzida e trabalhada em prata lavrada, levemente repuxada e cinzelada, ressaltando a decoração realçada pelo precioso labor, infelizmente sem as marcas de identificação do ourives que a produziu, assim como do ensaiador. É um exemplar de rara qualidade, estilisticamente pertencente à ourivesaria do Seiscentos, em estilo renascentista, possivelmente de origem portuguesa ou copiado de peças similares lusas por prateiros baianos.

A parte superior da perna é contornada por decoração de frisos lisos em forma de grandes volutas que se fecham, originando reservas em cadeia, contendo rosetas nas áreas menores dentro de losangos. Nas áreas maiores, volutas de acanto rebatidas, centram feixes de palmas presos por presilha. A decoração é valorizada e destaca-se em razão do contraste entre o brilho da prata lisa do seu desenho e o fosco do fundo martelado.

Figura 230 – Decoração das reservas da parte lateral superior da perna



Fonte: Fotos do autor (2015).

Figura 231 – Decoração das reservas da parte lateral superior da perna



Na parte superior, próximo ao joelho, nota-se um cordão – acessório que prende a meia – em forma de friso abaulado, retorcido, enfeitado com listras lisas e escamadas alternadas, que se ajusta e se prende à perna por nó com pontas, posicionado no lado direito do relicário. Sobre este friso, encontra-se uma estreita faixa com delicada decoração de traçado clássico com volutas e magros enrolamentos de acanto, com borda lisa, arrematando a parte superior da perna.

Figura 232 – Decoração da liga próxima ao joelho



Fonte: Fotos do autor (2015).

A terminação do relicário é vedada por elemento circular abaulado executado em madeira de cedro (*cedrela fissilis*) e revestido com tecido de veludo vermelho contornado por liga dourada provavelmente do século XIX. Este elemento contém, no seu verso, uma inscrição em tinta: “Reformado – 1936”.

Figura 233 – Vedação em madeira revestida de veludo da parte superior da perna (verso)



Figura 234 – Vedação em madeira revestida de veludo da parte superior da perna (anverso contendo inscrição de reforma)



Fonte: Fotos do autor (2015).

Toda a extensão do calçado em direção ao calcanhar é ornamentada igualmente como a parte frontal, contendo desenho com elementos fitomorfos que formam volutas acantiformes e pequenas rosetas. Já a parte frontal, é enfeitada com reservas sequenciadas retangulares separadas, formando um cruzamento de frisos em escamas e possuindo, neste cruzamento, rosetas ou pequenas flores. Na parte superior do pé, próximo à perna, destaca-se uma roseta que possui como diferencial um arremate circular dourado, com dupla borda recortada em lóbulos, tendo no seu centro, sobreposta, uma gema de cor vermelha lapidada em faceta e encastrada em virola de prata com as bordas rebatidas. Esta flor serve de prendedor, abotoando a parte do calçado que contorna o pé na sua parte posterior. Todas as reservas quadriculadas, assim como a parte que recobre o calcanhar, são decoradas com delicados trabalhos cinzelados, formando volutas envolvidas por profusa ornamentação vegetalista sobre fundo liso.

Figura 235 – Decoração da parte lateral do calçado



Fonte: Fotos do autor (2015).

Figura 236 – Decoração da parte frontal do calçado



A base do relicário é dividida em duas partes: um friso liso em anel e outro circundante, logo abaixo, em torçal. A parte inferior com ramagem é enfeitada com uma barra chapada cinzelada com delicadas volutas fitomorfas com hastes acantiformes sequenciadas e sobrepostas a uma cadeia de palmetas abauladas unidas pelas extremidades e dispostas emparelhadas, envolvendo toda a circunferência da base. A parte superior, diretamente sob o pé, é também abaulada e ornamentada com módulos ovoides lisos e intercalados por vergôntees que se fecham, centrando rosetas.

Figura 237 – Detalhe da decoração dos frisos da base



Fonte: Fotos do autor (2015).

Figura 238 – Detalhe da decoração dos frisos da base



A perna-relicário de Santo Amaro pertence ao Mosteiro de São Bento da Bahia, e guarda relíquia de santo cultuado pelos beneditinos. É guardada na capela abacial do Mosteiro, num nicho executado para este fim com moldura dourada do século XVIII em estilo rococó.

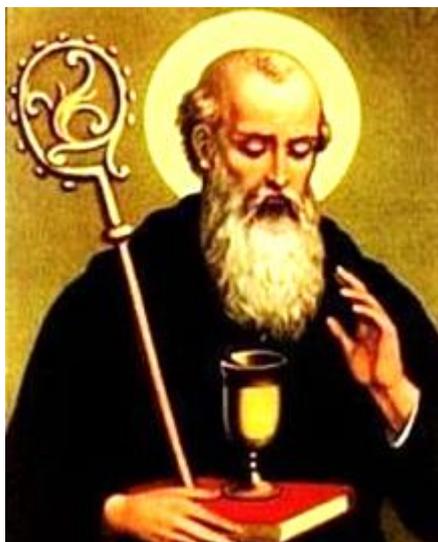


Figura 239 – Nicho da capela abacial do Mosteiro de São Bento que guarda a perna-relicário de Santo Amaro

Fonte: Foto do autor (2015).

Segundo Garbossa (1983), Santo Amaro (ou Mauro) foi um dos discípulos de São Bento juntamente com São Plácido. Tudo o que se sabe dele está contido em dois trechos da vida de São Bento, escrita nos Diálogos de São Gregório Magno.

Figura 240 – São Bento



Fonte: CANCÃO NOVA (2015).

Figura 241 – São Gregório Magno



Fonte: ESPIRITUALIDADE... (2015).

O primeiro trecho faz alusão à oferta, por parte de um senhor chamado Equício, pai de Mauro, um garoto de apenas 12 anos, para São Bento tomá-lo como discípulo, obedecendo a uma tradição em que nobres senhores colocavam seus filhos sob os cuidados de religiosos para serem educados por eles na fé e na ciência. O segundo trecho torna célebre São Mauro na história da ascética cristã, pela incondicional obediência premiada com o milagre de ter salvo São Plácido menino de morrer afogado num lago. Devido a uma premonição de São Bento, Mauro, obedecendo a sua ordem, vai ao encontro de Plácido, retirando-o do lago pelos cabelos, carregando-o para a terra. Só então percebeu haver caminhado sobre as ondas, como o apóstolo Pedro no lago Tiberíades. Ele atribuiu o milagre às orações de São Bento, mas este declarou que Deus havia recompensado a obediência do discípulo. Mauro, entretanto, teve a confirmação da sua dúvida pelo próprio Plácido, que lhe disse que no momento de aflição dentro do lago, teve a impressão de haver estado agarrado à capa de São Bento e parecia que era ele quem lhe tirava da água. Não muito depois, o santo patriarca retirou-se para Monte Cassino e São Mauro talvez tenha sido superior em Subiaco (GARBOSSA, 1983).

Figura 242 – Santo Amaro



Fonte: IMAGENS... (2016).

Figura 243 – São Plácido



Fonte: O SANTO... (2012).

Butler (1993) também informa que tudo o que se sabe acerca de São Mauro são esses dois trechos de São Gregório que se pode citar com alguma

probabilidade. Entretanto, com base na autoridade de uma pretensa biografia escrita pelo pseudo-Fausto, isto é, o abade Odo de Glanfenil, afirma-se que São Mauro, vindo para a França, teria fundado a grande abadia de Glanfenil, graças à liberalidade do rei Teodeberto. Chamada depois Saint-Maur-sur-Loire, esta abadia foi governada por São Mauro até os seus setenta anos de idade. Mauro, então, renunciou ao cargo, passando o restante de sua vida em solidão, preparando sua passagem para a eternidade. Após 2 anos, caiu doente e, motivado pela peste, morreu a 15 de janeiro de 584. Foi sepultado do lado direito da Igreja de São Martinho e em um rolo de pergaminho deixado no seu túmulo estava escrito este epitáfio: “Mauro, monge e diácono, que veio para a França nos dias do rei Teodeberto, e morreu no décimo oitavo dia antes do mês de fevereiro.” Ainda segundo Butler (1993), é bastante provável que esse pergaminho tenha sido encontrado em meados do século IX. Entretanto, não há provas suficientes que permita afirmar-se que o Mauro assim descrito seja o mesmo Mauro que foi discípulo de São Bento e reverenciado como santo pela Igreja Católica.

Até a presente data, uma acirrada controvérsia veio se processando sobre a questão da conexão de Santo Amaro com Glanfenil, considerando alguns autores, entre eles Bruno Krusch, que não se tem motivo para afirmar que tenha havido, na época merovingiana, um tal monge Mauro ou um tal abade de Glanfenil. Outros autores não vão assim tão longe, a exemplo do Pe. Poncelet, que, em muitas notas da “*Analecta Bollandiana*”, afirma apenas que a biografia escrita por “Faustus” não merece confiança.

5.2.4 Braço-Relicário de São Bento



Sobre uma base circular com pés, confeccionada em metal prateado trabalhado, eleva-se uma figura antropomorfa em forma de braço humano. Está revestida com uma veste de pregas também em metal prateado trabalhado com partes em dourado e mangas, sendo a primeira, justa e fechada no punho por botões, e a segunda, mais curta e folgada, formando uma dobra a meio braço. A terminação superior da primeira manga afunila-se e recebe como complemento, na sua terminação, uma mão com dedos em posição específica, produzida em material distinto daquele do braço. Um tecido de cor vermelha e decorado na sua extremidade por estreita faixa dourada serve de elemento limítrofe e de arremate da mão com o restante do membro. Próximo ao punho encontra-se um escrínio oviforme vedado com vidro e revestido internamente por tecido colorido, sobre o qual constam inscrições em tons dourados. Sobreposto e destacado observa-se, fixado ao centro, pequeno receptáculo circular contendo minúsculo fragmento. Essa cavidade é circundada externamente por moldura decorativa trabalhada e dourada.

A figura antropomorfa representada é identificada como Braço-Relicário de São Bento, patriarca dos monges do Ocidente. É composta de peanha circular com 20 cm de diâmetro e 10 cm de altura e com pés em volutas estilizadas com 5,5 cm de altura, braço e antebraço eretos com 46 cm de altura.

Figura 244 – Peanha do Braço-Relicário com pés em volutas



Figura 245 – Braço e antebraço do Relicário



Fonte: Fotos do autor (2015).

O braço está vestido por uma camisa fechada por botões esféricos na lateral direita, cógula sobreposta com pregas em ondas contínuas de sulcos rasos com arestas levemente arredondadas, sugerindo discreto movimento, e mão desnuda encaixada com 16,5 cm de altura.

Figura 246 – Detalhe dos botões da camisa que veste o braço



Figura 247 – Detalhe da cógula sobreposta à camisa que veste o braço



Figura 248 – Mão desnuda que arremata o Braço-Relicário



Fonte: Fotos do autor (2015).

O braço-relicário mede 63 cm de altura na sua totalidade. Próximo ao punho nota-se, uma cavidade em formato ovado fechada por vidro transparente, com seu interior revestido de veludo carmesim contornado por liga dourada. Preso no seu centro, uma pequenina caixa circular, provavelmente de prata, com 2,5 cm de diâmetro, recortada nas bordas em lóbulos e contornada com leves grânulos. Está também protegida por vidro transparente, deixando à mostra, preservada, uma relíquia mínima dita do santo, provavelmente um fragmento do seu braço, pois, segundo Belting (2010) e o Thesaurus (2004), esses relicários antropomorfos reproduziam a parte específica do corpo humano de onde foi retirada a relíquia. Na parte inferior da caixinha e sobre o veludo vermelho do fundo lê-se a inscrição “S. BENTO”, bordada com fios dourados, personalizando a relíquia.



Figura 249 –
Cavidade que
guarda o relicário



Figura 250 – Caixa
circular que contém
a relíquia

Fonte: Fotos do autor (2015).

Externamente, essa cavidade é arrematada com cercadura oval sobreposta e fixada à parte principal com pinos enroscáveis na vertical e destacada em prata dourada decorada com quatro cabeças de querubins nos extremos, alternadas por elementos em forma de pequenas volutas duplas, ladeando semicírculos vasados que contornam o receptáculo.



Figura 251 – Arremate da cercadura que decora a cavidade do relicário

Fonte: Foto do autor (2015).

O braço-relicário de São Bento é confeccionado em prata batida repuxada e cinzelada, realçada em fundo estriado representando particular exemplar da ourivesaria lavrada do século XVII. Estilisticamente, apresenta características renascentistas na sua decoração de influência oriental,³² evidenciada nos elementos entrelaçados fitomorfos levemente gravados – comuns nos bordados e nas estampas de brocados e sedas adamascadas venezianas da época – que decoram as reservas repetidas e limitadas por frisos amarrados por anéis lisos, cobrindo toda a extensão das vestes do braço e do antebraço.

Figura 252 – Tecido bordado com decoração de influência oriental



Fonte: Fotos do autor (2015).

Figura 253 – Detalhe de seda adamascada



³² A ourivesaria portuguesa do século XVII, apesar da ocupação dos Filipes, tem um caráter independente da espanhola, por ser uma época de isolamento e austeridade, passando a ser influenciada pelo Oriente (ROSA, 2009).

A base é circundada por duas faixas: a primeira e menor evidencia sequência de formas ovulares dispostas horizontalmente e intercaladas por sequência de elementos fitomorfos que ladeiam losangos com terminações em cabeças de prego; a segunda, maior, registra sequência de formas ovais, dispostas verticalmente e alternadas por losangos formados por frisos lisos com volutas de curva bifurcada, contendo pequenas flores nos centros. Toda essa decoração é valorizada em fundo martelado.



Figura 254 – Detalhe da decoração da base do relicário

Fonte: Foto do autor (2015).

A mão do Santo, com 20 cm de altura e presa por encaixe no braço, é arrematada na sua base por tecido de gorgorão de seda vermelha enfeitado por liga dourada provavelmente do século XIX. É entalhada em madeira de lei do tipo cedro, da família das meliáceas (*cedrela fissilis*) e encarnada com pigmentos minerais aglutinados provavelmente com cola de origem animal. Apresenta boas proporções e excelente qualidade escultórica, com definição de junção diferenciada com o antebraço. Possui dedos delgados separados e bem torneados, com as falanges proximal, média e digital bem evidenciadas pela conformação óssea presumida, representando expressivo e evidente gestual de bênção.

Figura 255 – Detalhes frontal e lateral da mão do Braço-Relicário



Fonte: Fotos do autor (2015).

Constata-se, em todo o conjunto do braço-relicário de primoroso labor, o completo domínio das técnicas utilizadas e, conseqüentemente, a perícia dos mestres ourives, entalhador e encarnador que contribuíram na sua fatura, dando-lhe expressiva representação.

O braço-relicário de São Bento, de propriedade do Mosteiro de São Bento da Bahia, colocado eventualmente sobre o altar-mor, é um dos relicários sempre presentes na sagração dos monges. Representa um dos objetos sacros do Mosteiro mais cultuados, pelo fato de conter a suposta relíquia do santo criador da ordem beneditina.

Relata Garbossa (1983) que a vida de São Bento transcorreu num século conturbado pelas invasões sucessivas ao Império Romano pelos bárbaros, vindos do Leste a partir de 450. Por volta de 476, morto o último imperador romano, encerra-se em definitivo a dominação do grande império de Roma. É nesse difícil contexto político, tumultuado e decadente que a sobrevivência da cultura romana só aconteceu graças ao empenho religioso e cultural das ordens monásticas. Foi assim que teve início praticamente o grandioso período da vida monástica, tendo como uma das figuras mais proeminentes São Bento, pai do monarquismo ocidental.

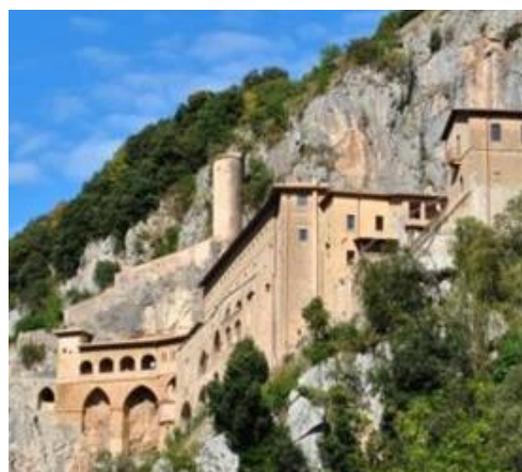
São Bento de Núrsia, Úmbria, Itália, nasceu com o nome de Benedetto da Norcia (c.A.D. 480) e faleceu na Abadia de Monte Cassino na Itália (c.A.D. 547). Foi fundador da Ordem dos Beneditinos, uma das mais importantes e antigas ordens monásticas do mundo. É venerado não só pela Igreja Católica, mas também considerado pelas Igrejas Anglicana, Ortodoxa e Luterana. Sua canonização aconteceu em 1220 e sua comemoração no calendário católico acontece em 11 de julho desde que suas relíquias foram transladadas para a Abadia de Saint-Benoît-sur-Loire, na França, um dos principais templos a ele dedicados, juntamente com a Abadia de Monte Cassino e o Sacro Speco, em Subiaco, ambos na Itália (GARBOSSA, 1983).

Figura 256 – Abadia de Saint-Benoît-sur-Loire – França



Fonte: ABBEY... (2015).

Figura 257 – Sacro Speco – Itália



Fonte: THE MONASTERY... (2015).

Segundo Roig (1950), são atributos iconográficos do santo: cruz, livro da Regra, sino, copo quebrado, serpente (simbolizando veneno), vareta (representando disciplina), corvo e pão. Conforme Garbossa (1983), São Bento, em 534, começou a escrever a *Regula Monasteriorum* também denominada *Regula Monachorum* (Regra dos Mosteiros), também conhecida como a Regra de São Bento, que tinha como lema eficaz: “Ora e trabalha”. É composta por prólogo e 73 capítulos. O autor supõe que ela não seja inteiramente composta por São Bento, mas criada por ele, valendo-se de uma regra mais antiga denominada *Regula Magistri*, de autor italiano desconhecido. A Regra de São Bento foi um dos mais importantes e utilizados regulamentos da vida monástica, inspirando muitas outras comunidades religiosas. O emblema monástico com a cruz e o arado tornou-se a expressão desse novo modo de conceber a ascese cristã – oração e trabalho – para edificar espiritual e materialmente a nova sociedade sobre as ruínas do mundo romano.

São Bento foi designado patrono da Europa pelo papa Paulo VI, em 1964, sendo também patrono da Alemanha. O pouco que se sabe acerca de sua biografia procede dos Diálogos de São Gregório Magno redigidos por volta de 593, baseando-se em fatos narrados por monges que o conheceram pessoalmente.

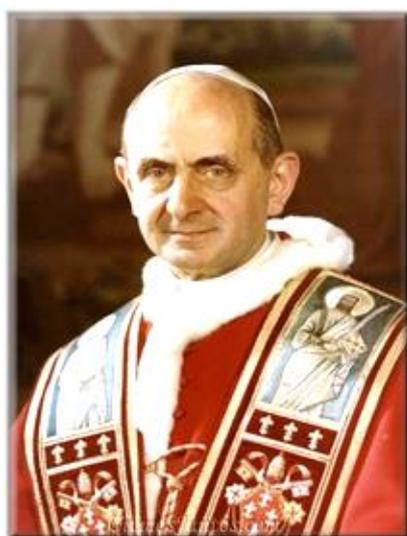


Figura 258 –
Papa Paulo VI

Fonte: PARÓQUIA... (2016).

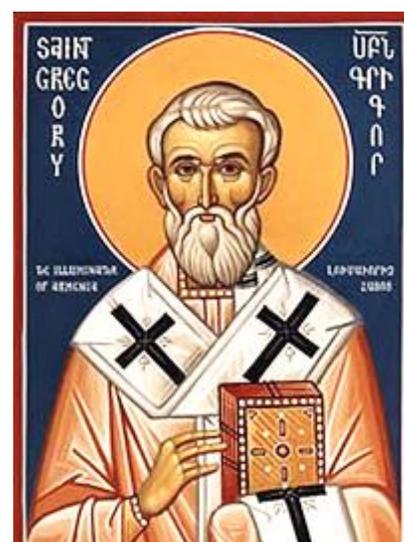


Figura 259 – São
Gregório Magno

Fonte: LA MISIÓN CATOLICA (2015)

São Bento, filho de nobre romano, realizou os primeiros estudos na região da Núscia, na Itália. Mais tarde, foi enviado a Roma, para estudar história e filosofia e decepcionou-se com a decadência moral da cidade, retirando-se para Enside

(atual Affile) no ano 500. Ajudado por Romano, abade da região, instalou-se em uma gruta de difícil acesso e passou a viver como eremita. Depois de três anos de solidão foi descoberto por pastores, que divulgaram sua fama de santidade. Desde então, passou a ser visitado constantemente por pessoas que buscavam conselhos e atendimento espiritual. Sua fama cresceu e foi consultado por um grupo de monges que, com dificuldade, conseguiu elegê-lo abade de um mosteiro em Vicovaro, no Norte da Itália. Por causa do regime de vida exigido por ele, os monges tentaram envenená-lo; no momento em que dava a bênção sobre o alimento, saiu da taça que continha o vinho envenenado uma serpente e o cálice se fez em pedaços. Com isso, São Bento deixou a comunidade e retornou a sua vida solitária de eremita. Em 503 recebeu grande quantidade de discípulos e resolveu fundar doze pequenos mosteiros. Em 529, por causa da inveja do sacerdote Florêncio, mudou-se para Monte Cassino, onde fundou o Mosteiro que viria a ser o fundamento da expressão da Ordem Beneditina (ROIG, 1950).

Figura 260 – Abadia de Monte Cassino, Itália



Fonte: MONTE... (2016).

Os escritos de São Gregório atribuem a São Bento uma série milagres, dentre os quais se destacam 38 histórias milagrosas bastante conhecidas, que lhe conferem grandes poderes sobrenaturais (ROIG, 1950).

A tradição também informa que São Bento servia-se do sinal da cruz para fazer os milagres e vencer as tentações. Daí surgiu o costume muito antigo de representá-lo com a cruz na mão. Através dos séculos, foram cunhadas medalhas

de várias formas com sua efígie. A origem da Cruz-Medalha de São Bento é incerta; sabe-se que ela foi redescoberta em 1647, em Nattrenberg, Baviera, e a partir do século XVII começaram a ser cunhadas medalhas – como amuletos de proteção especial – com algumas variações, tendo, de um lado, a imagem do santo segurando o livro da Regra na mão esquerda e a cruz na mão direita. Ao redor da estampa de São Bento, lê-se a seguinte jaculatória: “Sejamos confortados pela presença de São Bento na hora da nossa morte.” O outro lado da medalha apresenta uma cruz e entre os seus braços estão gravadas as iniciais CSPB (Cruz do Santo Pai Bento). Na haste vertical, leem-se as iniciais CSSML (A cruz santa seja minha luz). Na haste horizontal, as iniciais NDSMD (Não seja o Dragão o meu guia). No centro da cruz está gravada a palavra PAX (Paz), lema da Ordem de São Bento. Às vezes, a palavra Pax é substituída pelo monograma de Cristo (IHS). (MOSTEIRO DA TRANSFIGURAÇÃO, 2013).

Figura 261 – Medalha de São Bento frente e verso



Frente



Verso

Fonte: MOSTEIRO DA TRANSFIGURAÇÃO (2013).

Em 1742, o papa Bento XIV aprovou a medalha, concedendo indulgências a quem a usasse, e estabeleceu a oração do verso da medalha como uma forma de exorcismo que se tornou conhecida como “Vade retro Satana”.

5.2.5 Mão-Relicário de São Sebastião



Assentada sobre uma base circular abaulada e confeccionada em metal prateado trabalhado, ergue-se uma figura antropomorfa em formato de braço humano também trabalhado no mesmo metal. Está revestida com uma espécie de veste de manga longa abotoada no punho e enfeitada com profusa decoração. A parte superior mais estreita tem como arremate final uma mão aberta produzida em material diferenciado do restante, contendo um objeto longilíneo também em metal prateado preso no seu centro. Um tecido de cor rubra e contornado por faixa estreita dourada prende-se ao término da mão, facilitando o seu encaixe no braço

propriamente. Próximo ao punho, uma cavidade vedada com vidro é revestida internamente com tecido contendo inscrições em dourado. No seu centro, em ressalto, observa-se, fixado sobre o tecido, estreito receptáculo alongado, portando pequenino fragmento ósseo. Externamente, esta cavidade é emoldurada por elemento decorativo em douraduras.

A figura antropomorfa é identificada pela tradição beneditina de Salvador como sendo a Mão-Relicário de São Sebastião. É constituída de base circular com 20 cm de diâmetro, com pés em volutas duplas estilizadas com 5,5 cm de altura; braço e antebraço estáticos com 46 cm de altura e vestidos com camisa de manga comprida e presa ao punho por botões esféricos na lateral esquerda.

Figura 262 – Base circular da Mão-Relicário



Figura 263 – Detalhe dos botões que prendem a camisa ao punho



Fonte: Fotos do autor (2015).

O imitativo tecido da camisa é marcado artisticamente por um drapeado que lembra brocado no gênero dos tecidos italianos de época. Colada no braço, evidencia forte anatomia corpórea, acentuando, inclusive, pequenas pregas horizontais com arestas vincadas, criando um efeito de movimentação proposital em contraponto à estaticidade predominantemente vertical do modelo do relicário.



Figura 264 –
Detalhe do
drapeado da
camisa

Fonte: Foto do autor (2015).



Figura 265 –
Brocado no
gênero dos
tecidos de
época

Fonte: ENCOMPASSING... (2007, p. 285)

A mão, com 21 cm de altura, desnuda e espaldada, discretamente contraída, revela um apelo dramático, manifestado e valorizado pela carnação ensanguentada que a recobre, sugerindo sentimento de sofrimento e reação de dor. Encontra-se apenas encaixada no braço, arrematada na sua base por tecido de gorgorão de seda na cor vermelha com liga dourada. Entretanto, fica evidente que, primitivamente, sua fixação ao punho era feita por meio de pinos metálicos. É confeccionada em madeira de cedro – do grego *kédros* e do latim *cedru* – entalhada, policromada e encarnada provavelmente com pigmentos minerais e aglutinante de cola de origem animal. No centro da mão, encontra-se um orifício com flexa cravada, medindo 10 cm de comprimento, de prata fundida, constituída de haste cilíndrica com extremidade posterior achatada e com estrias em ambos os lados.



Figura 266 –
Detalhe da mão
com orifício no
centro

Fonte: Fotos do autor (2015).



Figura 267 –
Detalhe da mão
com flecha
cravada

Na sua totalidade, o relicário mede 63 cm de altura.

Na parte superior, mais próximo do punho, nota-se um escrínio em formato ovoide, fechado com vidro, permitindo distinguir, no seu interior, um revestimento em veludo grená, contornado por liga dourada, vazada, provavelmente do século XIX. Preso ao centro da cavidade, pequeno recipiente longilíneo em metal prateado (possivelmente prata) com bordas onduladas, guarda uma relíquia mínima dita de São Sebastião, indicando ser um fragmento de sua mão em conformidade com a representação do seu relicário. Contorna esse pequeno e estreito recipiente, sobre o veludo do fundo, a inscrição na qual se lê: “S. SEBASTIÃO M.” (São Sebastião Mártir).

Figura 268 – Detalhe do escrínio ovoide



Figura 269 – Detalhe do recipiente contendo a relíquia



Fonte: Fotos do autor (2015).

Circula externamente à cavidade elíptica onde se encontra exposta a relíquia uma moldura em frisos de folhas de louro envolvidos por cercadura em forma de cartela de volutas salientes nas extremidades e intercaladas por recortes repuxados. Esta moldura, em prata dourada, é removível e fixada ao relicário por pinos de metal em forma de bilros enroscados nas laterais.



Figura 270 – Detalhe da moldura que decora a cavidade que guarda a relíquia

Fonte: Foto do autor (2015).

O conjunto que constitui a Mão-Relicário de São Sebastião, na parte correspondente ao braço e ao antebraço, é confeccionado em prata batida, levemente repuxada e cinzelada, sem apresentar os registros das marcas do ensaio realizado por meio da “burilada”, assim como da aplicação do “punção” que caracteriza a marca da localidade que deu origem à peça, nem do “punção” do mestre ourives que define a autoria da peça.

A decoração, ressaltada em fundo martelado, é um singular exemplar da ourivesaria lavrada do século XVII, em estilo Renascença, onde o hábil cinzel do experiente ourives gravou frisos ondulados e amarrados por círculos no formato de anéis estriados, formando reservas decoradas com feixes de elementos fitomorfos e flexa centralizada, amarrados também por anéis estriados. A flexa, introduzida na decoração pelo artista, possivelmente faz alusão ao instrumento utilizado na tentativa de matar o santo, ficando, deste modo, também registrado e identificado elemento essencial da sua iconografia.



Figura 271 – Detalhe da decoração do tecido que reveste o braço

Fonte: Foto do autor (2015).

A base do relicário é circundada decorativamente por faixas duplas abauladas, sendo a superior menor e enfeitada com frisos ovais encerrados em círculos elípticos. A inferior é maior e ornada com formas também ovaladas, interligadas por volutas estilizadas em “S” rebatidas e centradas por botões florais ressaltados e estriados.

Figura 272 – Detalhe da decoração da base do relicário



Fonte: Foto do autor (2015).

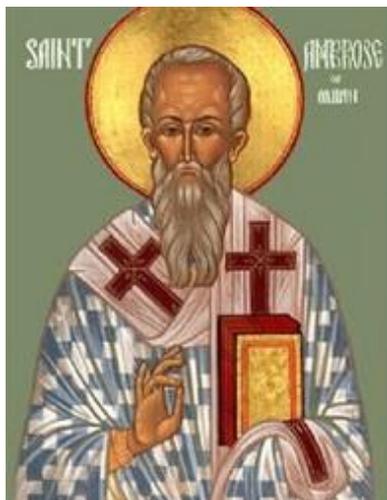
A Mão-Relicário de São Sebastião, de propriedade do Mosteiro de São Bento da Bahia, juntamente com a Perna-Relicário de São Mauro e o Braço-Relicário de São Bento, é relicário obrigatório na cerimônia de profissão dos monges do dito convento, sobretudo o de São Sebastião, por ser o santo padroeiro do Mosteiro.

O nome “Sebastião” vem de *sequens* “seguinte”, *beatitudo* “beatitude”, *astin* “cidade”, e *ana* “acima”, o que significa: “aquele que seguiu a beatitude da cidade celeste e da glória eterna” (VARAZZE, 2003, p. 177). Santo Agostinho costumava afirmar que São Sebastião obteve tal beatitude com cinco moedas: com a pobreza conseguiu o reino; com a dor, a alegria; com o trabalho, o repouso; com a ignomínia, a glória; com a morte, a vida. O nome Sebastião também pode ser originário de *basto* “sela” e, nesta condição, o soldado é Cristo, o cavalo, a Igreja e a sela, Sebastião. Ainda significaria “rodeado”, pois conviveu cercado de mártires a quem reconfortou e, no martírio, foi rodeado de flexas (VARAZZE, 2003).

Em conformidade com as Atas, documento muito antigo cuja autoria é atribuída, sem maiores provas, a Santo Ambrósio, São Sebastião nasceu em Narbona, na Gália, embora seus pais tivessem estado em Milão, onde foi educado. Segundo a tradição, para prestar melhor acolhida aos confessores e aos mártires, teria São Sebastião se dirigido a Roma, entrando no exército, no reinado do Imperador Carino, por volta do ano 283. Foi nessa cidade que, por meio de exortação e fervor ao falar de Deus e

também pela realização de milagres, conseguiu converter alguns romanos, inclusive Cromário, governador de Roma, que, convertido, foi martirizado junto com o filho Tibúrcio (BUTLER, 1993).

Figura 273 – Santo Ambrósio



Fonte: Rádio Rainha da Paz (2015).

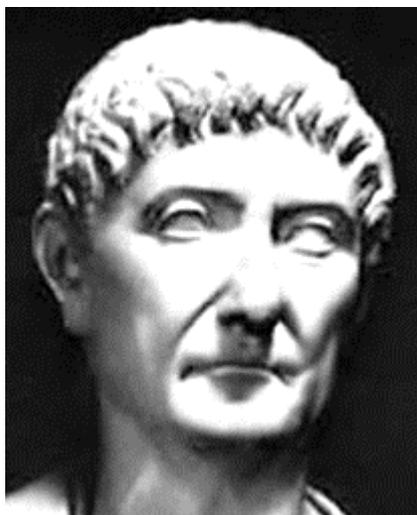
Figura 274 – São Sebastião



Fonte: Paróquia Santo Afonso (2011).

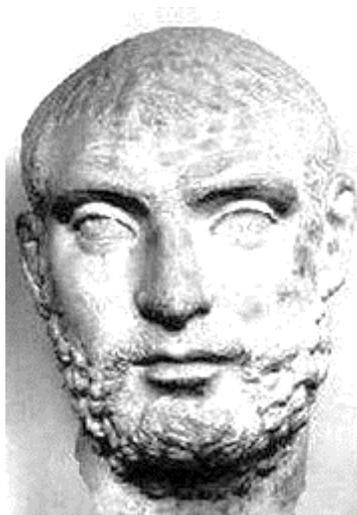
O imperador Carino foi derrotado e morto em Ilíria, por Diocleciano, que continuou, juntamente com Maximiano, na perseguição aos cristãos. Sebastião era querido por esses co-imperadores, que lhe admiravam o caráter e a coragem. Relevando suas crenças religiosas, fizeram-no centurião da guarda pretoriana, dando-lhe o comando da primeira “coorte” que era uma legião de infantaria composta de 6.000 soldados (BUTLER, 1993).

Figura 275 – Diocleciano



Fonte: Infopédia (2015)

Figura 276 – Maximiano



Fonte: Dicionário... (2015).

Figura 277 – Carino



Fonte: CARINO, 2015.

No ano 286, há um crescimento feroz da perseguição com morte e suplício de muitos cristãos. Por ter ajudado vários deles, Sebastião é acusado e denunciado ao imperador Diocleciano que, enfurecido, sumariamente o entrega aos arqueiros da Mauritânia, para que fosse executado. Sebastião teve seu corpo perfurado por flexas e foi dado como morto. Uma mulher de nome Irene encarregou-se do seu sepultamento. Ao iniciar os procedimentos, percebeu que ele ainda se encontrava vivo e cuidou dele, ajudando-o a sobreviver. Curado dos graves ferimentos, recusou-se a fugir, tomando novamente o seu posto em um local onde o imperador costumava circular com frequência. Abordando o soberano, denuncia as atrocidades cometidas contra os cristãos, deixando-o perplexo, por estar convencido de sua morte. Recobrando-se da surpresa momentânea, o imperador ordenou, de imediato, a sua morte e que seu corpo fosse atirado nas cloacas. Uma moça chamada Lucina, por meio de uma visão com o mártir, foi alertada para que procedesse ao sepultamento; secretamente, o depositou num lugar chamado *ad catacumbas*, onde atualmente se encontra erguida a Basílica de São Sebastião (BUTLER, 1993).



Figura 278 – Basílica de São Sebastião

Fonte: WIKIPÉDIA (2015).

Consoante Butles (1993), a história detalhadamente contada é tida, na atualidade, por quase todos os estudiosos, como uma lenda escrita provavelmente antes do século V. O autor acrescenta que tudo o que se pode assegurar com relativa segurança sobre São Sebastião é que foi um mártir, romano, de um período de grande perseguição aos cristãos, ligado, de alguma forma, a Milão, onde era venerado já no tempo de Santo Ambrosio, bispo de Hipona, e foi sepultado na Via Ápia, nas proximidades da atual basílica que leva seu nome, no cemitério *ad catacumbas*.

Nas apresentações iconográficas do primeiro milênio, São Sebastião veste a roupa militar correspondente ao seu cargo no exército romano e é sempre apresentado imberbe. Durante o período gótico, aparece vestindo uma armadura de malha à moda da época, mas também é apresentado às vezes vestido com o rico traje dos nobres de então e geralmente com barba. O antigo traje militar romano reaparece ao surgir o Renascimento, que também o representa, com maior frequência, desnudo e crivado de flexas. O atributo mais antigo que se conhece é São Sebastião portando uma coroa de flores na mão. O atributo pessoal desde a idade média é identificado como uma seta e um arco entre suas mãos. Entretanto, desde o século XV, os artistas vão preferir representá-lo desnudo, jovem e imberbe, com as mãos atadas ao tronco de uma árvore com o corpo traspassado por flexas (ROIG, 1950).

Figura 279 – Iconografias de São Sebastião



Fonte: Gouveia (2013).



Fonte: Oliveira (1967).



Fonte: Oliveira (1967).

Butler (1993) argumenta que, apesar de a arte da Baixa Idade Média e da Renascença representar São Sebastião sempre crivado por flexas ou apenas segurando uma, essa forma de retratá-lo só aparece relativamente tarde. O autor cita como exemplo um mosaico do ano de 680 aproximadamente, existente em San Pietro in Vincoli, expõe uma figura masculina com barba, portando na mão uma coroa símbolo do martírio; também em um antigo vitral da igreja de Estrasburgo, o santo é representado como um cavaleiro empunhando espada e escudo, mas sem vestígios de flexas.

Apoiado na argumentação de escritores renomados, como Mâle e Perdrizet, Butler (1993) refere que a ideia de proteção contra doença contagiosa foi influenciada

diretamente por um fato bastante conhecido do primeiro livro da Ilíada, da coragem de São Sebastião ao enfrentar as inúmeras flechas atiradas contra ele. O autor cita também o padre Delehaye, que acredita que uma determinada cessação de praga, em alguma ocasião em que São Sebastião foi invocado, poderia ter desencadeado fervor suficiente para dar origem à tradição. A escolha do santo como patrono dos arqueiros e soldados em geral também teria surgido e se consolidado devido à propagação da lenda.

5.2.6 Cruz-Relicário



Assentada sobre uma estreita base confeccionada em metal prateado, ergue-se uma figura composta basicamente por dois traços cruzados, executados e decorados no mesmo metal. Todo o conjunto está recoberto por elaborado trabalho ornamental e entremeado nos dois traços que lhe dão forma por diminutos elementos elípticos, alguns deles possuindo cavidades vedadas por vidro.

A figura referenciada representa uma cruz identificada de Cruz-Relicário, objeto litúrgico de devoção da Igreja Católica. É constituída de base retangular com 19 cm de comprimento e 10 cm de largura, sem pé. De altura mede, até o início da cruz, 12,5 cm. A cruz propriamente possui 34 cm de altura, medindo, portanto, na sua totalidade, 46,5 cm. O conjunto foi confeccionado em prata fundida, cinzelada e gravada, de rara e elaborada execução, sem marcas que identifiquem o artista que a produziu. É peça de ourivesaria de qualidade plástica, em estilo maneirista do século XVII, provavelmente de origem portuguesa ou copiada de peças similares lusas por prateiros baianos.

A base retangular é constituída pela superposição de quatro módulos escalonados. O primeiro, de baixo para cima, é convexo e quase totalmente liso, decorado apenas por um pequenino detalhe em forma de losango de lados curvos no centro. O segundo, intermediário e côncavo, é ornamentado profusamente com elementos fitomorfos em volutas, tendo sobreposta e centralizada, uma figura de querubim em prata fundida aplicada sobre esta faixa. O terceiro, estreito e plano, é circundado por uma espécie de duplos *godrons* estilizados com a parte superior, onde se apoia o quarto módulo, profusamente decorado com desenhos de volutas fitomorfas. O quarto módulo, ainda mais estreito, assemelha-se ao primeiro, possuindo reentrância lisa. Nota-se, porém, a figura de pequeno losango idêntico ao do primeiro módulo.

Sobrepostos a esses módulos, plintos decorados com volutas na parte mais larga arrematam a parte inferior da base da cruz; triângulos estilizados, óvalo na parte intermediária e elementos fitomorfos em forma de flor na parte mais estreita. Suas laterais são enfeitadas por quatro estreitas e delicadas volutas escalonadas, sugerindo apoios.



Figura 280 – Detalhe da decoração dos plintos

Fonte: Foto do autor (2015).

O frontal vertical da haste possui cinco reservas ovoides, sendo três vasadas e contornadas com frisos lisos, tendo os centros vedados por vidros removíveis e sem relíquias e duas reservas cegas com os centros lisos em ressalto, ornadas por frisos circundantes em forma de cordão em torçal estilizado. O frontal horizontal ou braços da cruz é decorado com duas reservas também ovoides, vasadas e protegidas por vidros também removíveis, sem relíquias, e envolvidas por frisos lisos.



Figura 281 – Decoração do frontal da cruz-relicário

Fonte: Foto do autor (2015).

Todas as sete reservas são intercaladas nas extremidades por elementos decorativos fitomorfos em volutas. Os quatro pontos de intersecção da travessa vertical com a horizontal são arrematados por pequeninas palmas estilizadas, também formando volutas. O centro da cruz é decorado por elemento circular medindo 4 cm de diâmetro sobreposto e aparafusado com ornato em forma de flor de oito pétalas marteladas.



Figura 282 –
Detalhe da
decoração das
reservas

Figura 283 –
Detalhe da
decoração do
centro da cruz-
relicário



Fonte: Fotos do autor (2015).

As extremidades das três pontas da cruz são finalizadas por plintos decorados com elementos vegetais entre frisos lisos e encimados por ponteiros em forma de volutas fitomorfas vasadas e arrematadas nas extremidades por pináculos.

Figura 284 – Detalhes da decoração das extremidades da cruz



Fonte: Fotos do autor (2015).

A parte posterior da cruz possui seis reservas lisas e cegas alternadas por elementos decorativos com volutas fitomorfas intercaladas por figuras em forma de losangos centralizados com toda a decoração ressaltada sobre fundo martelado.

Figura 285 – Detalhe da decoração da parte posterior da cruz



Fonte: Fotos do autor (2015).

Também essa parte possui um elemento circular medindo 4 cm de diâmetro arrematando o ponto de intercessão das duas travessas. Esse objeto é preso pelo mesmo parafuso que sustenta o elemento similar da parte frontal, mas sua decoração é diferenciada, apresentando desenhos com delicadas volutas pontilhadas envolvendo as figuras de uma mitra e a parte superior de um báculo, símbolos litúrgicos, numa possível referência à Ordem Beneditina proprietária da Cruz-Relicário.



Figura 286 – Detalhe da decoração da parte posterior central da Cruz-Relicário

Fonte: Fotos do autor (2015).

A representação em forma de cruz é um dos símbolos cuja presença é conhecida desde a mais remota Antiguidade, no Egito, na China, em Creta, onde foi encontrada uma cruz de mármore do século XV a.C. Nas tradições judaicas e cristãs, a cruz permeia os rituais primitivos de iniciação. O símbolo crucífero cristão é divulgado já no Antigo Testamento, inclusive na marcação com o sangue do cordeiro nas vergas das portas dos judeus, com um símbolo em forma de cruz. Essa forma foi valorizada ao extremo pela tradição cristã, que concentrou nessa representação a história da salvação e a paixão de Cristo. A cruz, deste modo, simboliza o Crucificado, o Salvador, o Verbo e a segunda pessoa da Santíssima Trindade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993).

Segundo Campos (2015), a cruz, constituída de duas peças, uma vertical, denominada de *stripes*, que significa tronco de árvore, estaca pontiaguda, era fincada

como um poste no monte calvário, aguardando os condenados que chegavam carregando a parte horizontal chamada de *patibulum*. A esta última, primitivamente, era dada a denominação exclusiva de cruz. Posteriormente, passa-se a definir como cruz, o conjunto das duas travessas ajustadas uma à outra.

Uma das formas ornamentais mais antigas e representadas desde a arte pré-histórica, a exemplo da cruz gamada identificada em diversas regiões europeias e americana com a divindade do sol ou das chuvas (TEIXEIRA, 1985). Já Moutinho, Prado e Londres (1999) informam que determinados povos da Antiguidade estilizavam vários tipos de cruz, apenas como objetos ornamentais sem nenhuma significação simbólica. Ainda conforme as autoras, a cruz foi utilizada largamente no império romano como artefato de tortura com a forma de estaca, podendo possuir uma peça cruzada no topo (c. *comissa*) ou mais abaixo (c. *immissa*) para prender as mãos. Ressaltam ainda que a cruz é um dos símbolos maiores do cristianismo e, deste modo, um elemento considerado sagrado no mundo ocidental diretamente vinculado ao martírio de Cristo, e, portanto, símbolo da redenção para os cristãos. Segundo Guimarães (2008, p. 109):

A representação de Cristo preso à cruz foi rejeitada por muito tempo, devido ao significado degradante contido na pena de morte por crucificação. Mesmo depois, quando a pena foi revogada, passaram-se alguns séculos até a aceitação desta representação na iconografia cristã.

Campos (2015) também afirma que, da cruz, artefato de sofrimento, pendeu o Salvador da Humanidade. É muito referenciada, sobretudo no período da Sexta-Feira Maior, com a cerimônia da Adoração da Cruz. Quando em separado do período da Quaresma, era também prestigiada com rituais em: 3 de maio, invocando a Invenção da Cruz; 16 de julho, caracterizando o Triunfo da Cruz; e 14 de setembro, reforçando a Exaltação da Cruz.

A cruz, símbolo da crucificação de Cristo, é representada de duas formas básicas: a latina e a grega. “Usada nas representações funerárias paleocristãs [...] torna-se, a partir do séc. IV, objeto de culto, difundido nas artes plásticas e decorativas até à atualidade, influenciando também as plantas das igrejas.” (TEIXEIRA, 1985, p. 76).

No Ocidente cristão, a cruz adquiriu grande diversidade de formas com destaque, no século VI, para a cruz grega. Do século XI até o período do Renascimento, com a cruz em T (Tau). Foi a partir do século XVII que a cruz latina firmou-se mundialmente, representada muito elevada e exuberante. De diversos formatos, variou muito no tratamento, com decorações diversas das mais sofisticadas às mais simples, como, por exemplo, as cruces que imitavam troncos de árvore (*lignum vitae*), numa alusão à árvore da vida (CAMPOS, 2015).

Como objeto de culto e devoção pública ou privada, a cruz recebe diversas denominações (THESAURUS, 2004):

Cruz de batismo – em pequena dimensão, possui aro de suspensão para ser colocada no pescoço ou presa na veste;

Cruz de confessionário – fixada no vão do confessionário, sobre a grade;

Cruz de púlpito – colocada na parte dianteira do púlpito, sobre o parapeito;

Cruz de sacristia – fixada sobre o armário da sacristia, diante do qual o religioso se inclina ao entrar ou ao sair;

Cruz de temperança – cruz pintada de negro com a palavra TEMPERANÇA pintada de branco sobre o braço transversal;

Cruz de trave triunfal – de grande dimensão, é colocada no centro da trave triunfal da igreja;

Cruz emoldurada – aplicada sobre um fundo recoberto de tecido e envolvido por moldura. É colocada na sacristia da igreja ou em casa particular;

Cruz-relicário – cruz de pousar com cavidade protegida por vidro para relíquia, colocada sobre os altares nos ofícios religiosos;

Cruz processional – levada à frente das procissões, sustentada por uma haste longa;

Cruzeiro – cruz erguida ao ar livre em adros de igrejas, praças, caminhos, encruzilhadas, geralmente sobre uma base com degraus;

Cruz de penitente – conduzida sobre os ombros de um ou mais penitente na procissão da Semana Santa;

Cruz da Paixão – ornada com os símbolos da paixão, utilizada por uma confraria para abrir a procissão da Semana Santa;

Cruz de confraria – levada em procissões diversas por membros de uma irmandade ou confraria.

Como insígnia de dignidade, a cruz também recebe várias denominações (THESAURUS, 2004):

Cruz peitoral – usada como insígnia reservada, desde a Reforma Católica, ao papa, cardeais, arcebispos, bispos e outros altos dignitários eclesiásticos, podendo, inclusive, possuir apenas uma única travessa;

Cruz papal – insígnia pastoral papal em forma de cruz com tripla travessa;

Cruz patriarcal – insígnia pastoral de patriarca em forma de cruz com dupla travessa.

De acordo com Teixeira (1985), este símbolo universal, na sua projeção ornamental, teve a forma reproduzida em vários desenhos, conforme a disposição dos braços e da decoração. A figura a seguir registra sessenta tipos de cruz.

Figura 287 – Tipos de cruz

(Continua)

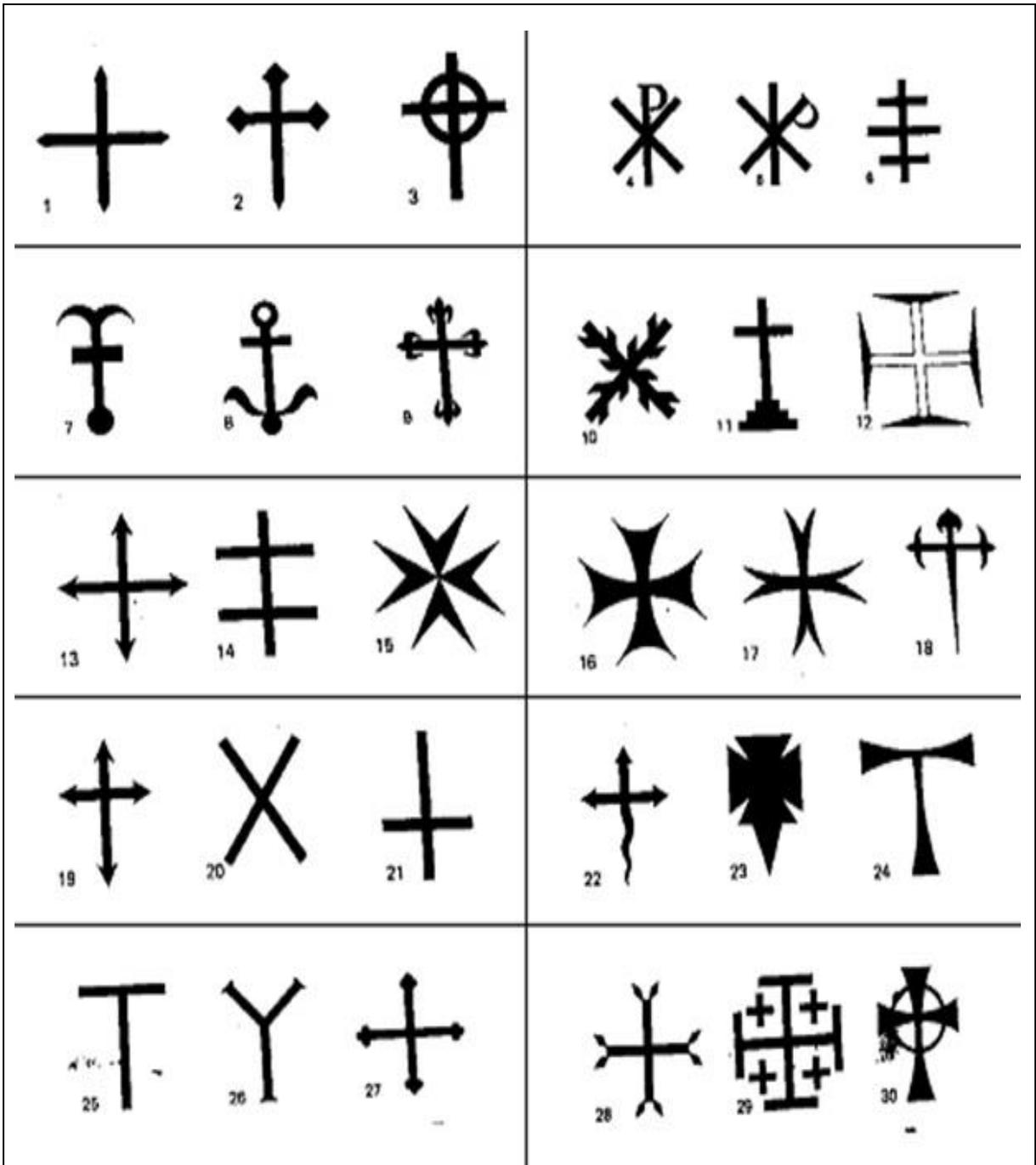
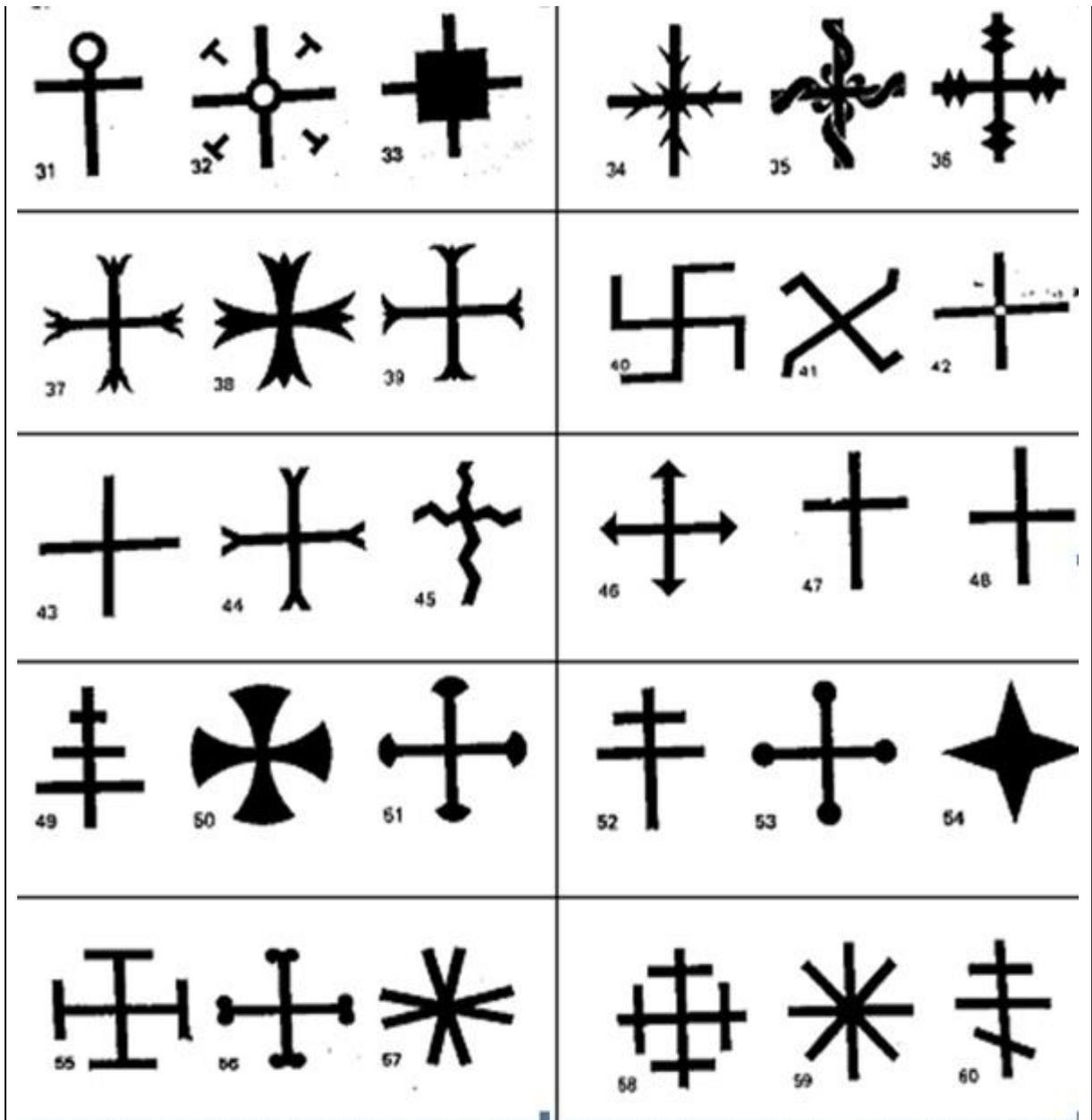


Figura 287 – Tipos de cruz

(Conclusão)



Fonte: Teixeira (1985, p. 76).

Legenda: 1 – aguçada; 2 – apontada; 3 – céltica; 4 e 5 – Crismon; 6 – das catacumbas; 7 e 8 – de âncora; 9 – de Alcântara ou calatrava; 10 – de Borgonha; 11 – do Calvário; 12 – de Cristo; 13 – de Jerusalém; 14 – de Lorena; 15 e 16 – de Malta; 17 – de Molina; 18 e 19 – de Santiago; 20 – de S. André; 21 – de São Pedro; 22 e 23 – de Sobrarbe; 24 e 25 – de Tau; 26 – de Tau bífida; 27 – de trevo; 28 – de Vid; 29 – do Santo Sepulcro; 30 – de Calte; 31 – egípcia; 32 – copta; 33 – enquadrada; 34 – espinhosa; 35 – espiral; 36 – granada; 37 – flor de elisada; 38 e 39 – florenciada; 40 e 41 – gamada; 42 – grega aberta; 43 – grega; 44 – forquilhada; 45 – índia; 46 – lanceolada; 47 – latina; 48 – latina *inmissa*; 49 – papal; 50 e 51 – pátea; 52 – patriarcal; 53 – pomeada; 54 – ponteaguda; 55 – *potétea*; 56 – ressarcelada; 57 – rasgada; 58 – recruzada; 59 – rodeada; 60 – russa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do culto e da devoção aos santos é importante para a compreensão dos vínculos estabelecidos pela Igreja Católica entre os universos material e espiritual. Para tal, entre outros recursos, utiliza suas relíquias como provas incontestes da presença do sagrado entre os mortais, constituindo-se, seu culto, uma vertente cultural de caráter abrangente intrinsecamente ligado ao culto dos mortos.

A devoção a esses “heróis da fé” e a veneração a suas relíquias e a seus relicários como objetos sagrados incorporaram, no decorrer de séculos, um cunho não somente religioso, mas também econômico, antropológico, sociológico e essencialmente artístico. Podemos considerar que o seu estudo permite-nos entender aspectos relevantes e integrais da sociedade cristã no mundo ocidental que, a partir do século XVI, são transformados em valores abrangentes com a evangelização do Novo Mundo conquistado pelos europeus.

A pesquisa realizada teve como objetivo entender como as relíquias e os relicários constituíram-se e incorporaram, respectivamente, valores religiosos e estéticos. As relíquias foram avaliadas como marcos de referência, sob o ponto de vista da fé, do culto e da santidade e sua influência no processo político-religioso na colonização brasileira. Os relicários, nas suas múltiplas representações, como objetos especiais que refletem a importância das relíquias, destacando fatores que contribuíram na sua produção e historicidade no cenário da arte sacra cristã, particularmente em Salvador, Bahia, como estruturas de caráter artístico.

Inicia-se o estudo com a busca do entendimento acerca dos conceitos sobre devoção. Foi compreendida como uma atuação, na concepção cristã, devida em primeira instância à Divindade Suprema, considerando-se que aquelas específicas, que atingem proporções universais, evidenciam as necessidades fundamentais da fé e as necessidades psicológicas do indivíduo e do grupo. É um propósito que transpõe o uso litúrgico, sendo entendido como uma ação habitual e permanente no ser humano, escolhida com liberdade e que, com dedicação e constância, oferece seus préstimos a Deus, manifestados de diversas formas. Nesta dimensão mais abrangente, a devoção aponta a intensidade da fé, a convicção da esperança e a constância da caridade, podendo, inclusive, em situações específicas, estabelecer a renúncia da própria vida.

A devoção, numa dimensão restrita, é uma atuação também destinada à Virgem e aos Santos. O culto que se deve a esses últimos recebe a denominação de “dulia”. Por seus méritos e virtudes, a eles é dado o direito de serem honrados e cultuados como filhos dignos de Deus, na função de mediadores dos seres humanos, por terem, em vida, buscado identificar-se ao máximo com a pessoa de Cristo. São reverenciados desde tempos imemoriais pela Igreja Católica, por meio de festas em sua honra, da celebração de suas virtudes em hinos, da edificação de templos e da consagração de altares com suas invocações, reforçando e dignificando sua santidade.

Na tradição judaico-cristã, a santidade procede da Santíssima Trindade e está vinculada também a anjos e a alguns seres humanos. Percebe-se que a concepção da Igreja Católica de santidade ressalta, com ênfase, a ideia de ligação do terreno com o celestial, assim como a valorização do heroísmo e das virtudes como qualidades indispensáveis para alcançar-se a excelência espiritual.

A vida dos santos e das santas e o conjunto de suas ações milagrosas têm como propósito conduzir os servidores da fé cristã a modelos de santidade. Neste sentido, a Igreja Católica, além dos apóstolos, distinguia duas classes de santos e santas que personificavam o ideal da perfeição cristã: os mártires e as virgens. Os primeiros não hesitaram no sacrifício da própria vida pela fé e devoção a Cristo. As virgens são duplamente dignas, por unirem a virgindade ao martírio. Fica evidente que, desde os primórdios do cristianismo, a santidade, a virgindade e o martírio eram inseparáveis como condições para que seres humanos atingissem a perfeição espiritual e, conseqüentemente, a santificação. Posteriormente, em períodos diferenciados da história da Igreja, encontramos outros exemplos de santidade, conforme as necessidades dos tempos.

Durante quase toda a sua trajetória no mundo ocidental, observa-se uma centralização da Igreja Católica em relação às causas que conduziam à santidade, nos processos de canonização e no reconhecimento público para a veneração de determinado santo, gerando sérias desavenças entre a hierarquia eclesiástica e os fiéis, que desejavam manter o direito de criar e cultuar seus próprios santos.

Indissociáveis no culto dos santos e no ritual de veneração estavam as suas relíquias. Representadas pelos restos mortais e/ou acessórios que entravam em contato com os corpos santificados, eram elas detentoras de imenso poder sobrenatural.

O culto às relíquias garantiu à Igreja Católica o exercício de um domínio sobre os fiéis que buscavam, no seu culto, uma proteção contra as forças do mal. Gerenciando este culto, estavam os religiosos como únicos intermediários entre os mortais e o mundo celestial. O poder imensurável contido nas relíquias como objetos sagrados, pela propaganda mantida pelos religiosos funcionou como estímulo da política e do poder da Igreja Católica por toda a Idade Média.

Por essa aura que as envolvia, as relíquias passaram a representar objetos de desejo e cobiça não só dos religiosos, como também da nobreza, que acumularam grandes quantidades delas, concentrando, desse modo, poder, riqueza e prestígio, além de servirem de fonte de receita para seus donos. Surgem, em consequência, as falsificações, os roubos, a venda e o comércio de relíquias, fazendo a Igreja encaminhar-se a um estágio de decadência moral que desencadeou as primeiras reações fora e dentro dela contra esses abusos.

Os primeiros questionamentos surgiram no século XII, até que, no século XIV, o comércio de relíquias apresentou certo declínio, com elas não mais inspirando o temor, a crença e a veneração de que eram revestidas. Mesmo assim, até o século XV, as coleções de relíquias ainda rendiam uma arrecadação de fundos muito conveniente aos interesses financeiros da Igreja Católica. Nos primórdios do século XVI, devido à corrupção acumulada pelos religiosos, as relíquias ficaram seriamente desacreditadas, promovendo os primeiros instantes da Reforma protestante, com vários contestadores, dentre os quais se destaca Martin Lutero, que criticou duramente a Instituição religiosa, sobretudo quanto ao culto e intermediação dos santos e a devoção às suas relíquias.

A Reforma protestante abalou significativamente a Igreja Católica que, apesar de reagir, saiu do conflito bastante prejudicada, não somente na área de domínio geográfico, como também na perda do número de devotos. A reação caracterizada como Reforma católica já era processada timidamente ao longo dos séculos anteriores em várias localidades da Europa. A forte pressão e crítica protestante deslançaram medidas para a contraposição à nova conjuntura, culminando com o Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, considerado pelos estudiosos como linha divisória da Igreja Católica, numa tomada de posição, reação, resposta e defesa da Instituição.

No que dizia respeito às relíquias, o Concílio reforçou o seu poder milagroso, reafirmando a presença física dos santos e das santas nos fragmentos dos seus corpos, contidos nos relicários. Aos significados anteriormente atribuídos às relíquias

agregou-se uma nova intensidade de militância, porém seu culto não ficou imune à moralidade dos costumes. Desse momento em diante, a sua autenticidade passou a ser reconhecida e controlada por altas autoridades eclesiásticas.

É, portanto, nessa conjuntura histórica de reafirmação e reiteração do poder e do culto das relíquias que a Europa católica se expressa na segunda metade do século XVI, quando se promovem e reforçam as providências de ocupação das terras do Novo Mundo pelos portugueses.

Após o término do Concílio de Trento, no reinado de D. Sebastião, Portugal foi um dos países da Europa cristã a incorporar suas normas, inclusive tornando leis do reino português os decretos exarados pelo referido Concílio. Sem dúvida, foi um dos países europeus que mais colaboraram com a Igreja Católica na consolidação do ideário contrarreformista, particularmente no que tange ao culto dos santos e a devoção às suas relíquias. Portugal concentrava um grande número desses fragmentos sagrados, cercados de particular apreço que, posteriormente às recomendações tridentinas, foram resgatadas e promovidas em grandes procissões e festas públicas, fazendo-as circular não só em território lusitano, mas também em territórios de sua dominação, entre eles o Brasil.

Essa efervescência do culto das relíquias promoveu a sua revalorização e ressaltou a sua necessária ligação à arte, devido à profusão de artísticos relicários produzidos para recebê-las e oferecê-las novamente ao culto com pompa e grandeza em igrejas e conventos portugueses.

As primeiras relíquias transladadas da metrópole para suas possessões, particularmente para Salvador, Bahia, a partir de 1575, chegam já prestigiadas na ressonância dos ecos do Concílio Tridentino, influenciando o “espírito” religioso do povo brasileiro. A Bahia, naquele momento, considerada ponto estratégico da colônia, absorveu progressivamente as práticas da mensagem tridentina e gerenciada pelos missionários, sobretudo os inicianos.

A chegada de relíquias em terras brasileiras está condicionada não só à inauguração de uma contrapartida espiritual, obtida por uma assistência moral e religiosa, mas também pelo traslado desses objetos que personificam o sagrado representado pelas relíquias dos santos e das santas da Igreja Católica.

A conseqüente promoção do culto e da devoção a essas relíquias no Novo Mundo foram estimuladas pela realização de esplendorosas festividades realizadas para recebê-las, contando com a participação maciça da população, comandadas

pelos jesuítas, seus patrocinadores. Eram festas que ocorriam durante as visitas, transladações, passeatas e procissões, reunindo o sagrado e o profano, mas, na essência, incentivavam o reforço moral, a propaganda e a mensagem cristã para os colonizados. Para tanto, eram utilizadas as relíquias, sobretudo aquelas pertencentes às Onze-Mil-Virgens, companheiras de Santa Úrsula, que delas trouxeram os inicianos três cabeças para a Igreja de Jesus de Salvador.

Na tentativa de encontrar algum indício da existência, ainda, dessas relíquias (cabeças) no Colégio dos Jesuítas de Salvador, nos defrontamos com o achado de um crânio. Com a ajuda da ciência, no caso o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, por meio de exames antropológico e antropométrico, nos deu como indicador tratar-se de um crânio possivelmente pertencente a um indivíduo do sexo masculino e de características africanas. Essa conclusão permitiu-nos considerar a possibilidade de fraude de falsas relíquias trazidas de além-mar ou forjadas aqui mesmo, em terras brasileiras, pelos religiosos.

Toda a preocupação dos jesuítas com os costumes dos colonos e dos gentios era, sobretudo, com a formação moral, por eles considerada deplorável quando aqui chegaram. Sabe-se que, na tradição do cristianismo, no que se vincula à sexualidade, sempre foi de caráter ambíguo. Essa tradição, se, por um lado, valorizou e incentivou a condição de pessoas a se manterem castas, por outro, criticava a atitude daquelas que optavam pelo casamento, considerado um sacramento desde o século IX. Em algumas ocasiões, a Igreja demonstrou certa flexibilidade em aceitar o matrimônio, deixando claro, porém, que era condição menos digna do que aquela em que o fiel mantinha-se casto. Na verdade, para os membros da Igreja Católica, o fato de maior relevância não era a constatação do vínculo de pecado com sexo, mas o reconhecimento da santidade com castidade, acreditando que, nessa condição, o ser humano estaria mais apto para alcançar a perfeição espiritual. Nessa condição, fica evidente, no entendimento da Igreja, que o exemplo dos santos e das santas, em estado de castidade, os engrandeceram e os dignificaram numa evidente rejeição ao casamento e, conseqüentemente, ao sexo, confirmando que santidade e sexualidade eram inteiramente incompatíveis. Esse entendimento foi transladado pelos jesuítas para ser implantado como norma comportamental na colônia brasileira.

Na teologia doutrinária cristã, a sexualidade era considerada pecaminosa e por isso foi combatida pela Igreja Católica em terras brasileiras entre colonos e gentios, o que demarcou a prestação da mais determinada assistência moral pelos inicianos aos

brasis. Consolidada com rigor, moralizando os costumes, essa assistência, embasada na doutrina da fé católica, nos fez refletir e considerar que o culto e a veneração das relíquias, particularmente daquelas pertencentes às Onze-Mil-Virgens, foi de extrema eficácia na condenação e rejeição da sexualidade e, conseqüentemente, na promoção e valorização da castidade na colônia naqueles primórdios. Entre todas as relíquias, estas eram as que mais concentravam a atenção e devoção por parte da população nas capitânicas brasílicas. Eram promovidas e cultuadas em apoteóticas manifestações públicas como modelos de santidade e de dignidade, personificando o ideal da perfeição cristã, sobretudo por meio do exemplo, como modelos inabaláveis aos apelos da sexualidade, mantendo-se castas a qualquer custo e, por isso, premiadas com a santificação após a morte, elevadas às honras de culto próprio nos altares da Igreja Católica. Deste modo, apresentadas como heroínas da fé, consolidaram exemplos dignos de imitação por parte das mulheres, sobretudo das índias catequisadas, contribuindo efetivamente para a construção, implantação e consolidação de um modelo de moralidade na então colônia portuguesa.

Assim, considerando-se a importância, o poder das relíquias e seu caráter divino, para que fossem dignamente expostas e cultuadas pelos fiéis nas Igrejas e manifestações públicas, era indispensável que fossem guardadas e protegidas em objetos especiais, no caso, os preciosos relicários, que, pelo contato direto com as relíquias, se tornavam também, eles próprios, objetos sagrados.

Relicários são, pois, escrínios específicos para a guarda de relíquias. Os primeiros relicários da era cristã foram os túmulos dos santos e das santas mártires. Posteriormente, o altar passa a ser valorizado como relicário por conter a pedra d'ara colocada na sua mesa para celebrações religiosas. As relíquias eram também guardadas em caixas e cofres, porém sem visibilidade do fragmento santoral. Em finais da Idade Média, surgiu, na arte escultórica cristã, um tipo de representação caracterizado por figuras antropomorfadas em formato de busto, possuindo uma cavidade no peito, onde se depositava a relíquia, protegida por um vidro, tornando-a, assim, visível aos fiéis.

No início das Cruzadas, em 1095, o Ocidente recebeu do Oriente grande quantidade de relíquias saqueadas que necessitavam ser guardadas e expostas. Foram então produzidos magníficos objetos para recebê-las. Neste estudo, procuramos montar uma tipologia de relicários de diversas épocas. Infelizmente, grande parte desses objetos desapareceu devido aos saques ou sua destruição nos

primórdios do século XVI, quando as relíquias estavam bastante desacreditadas, devido à corrupção e ao seu condenável comércio, iniciado no século XII pelos religiosos. Revigoradas pelo Concílio de Trento, no decorrer do século XVI, as relíquias foram resgatadas e o seu culto e devoção foram reafirmados.

Com a revalorização do culto das relíquias, a Igreja Católica estimulou e promoveu a confecção de relicários em diversos formatos e materiais preciosos, incentivando, deste modo, o colecionismo na fusão devoção e arte cujo representante maior desta prática, o rei Filipe II de Espanha, reuniu por toda a vida uma imensa quantidade desses objetos. No Brasil, no Rio de Janeiro, encontramos um colecionador, o Bispo D. Antonio do Desterro, que, no século XVIII possuía um relicário com 114 nichos conservado até hoje no Mosteiro de São Bento da mesma cidade.

Atualmente, apesar de não terem perdido completamente a aura de importância e devoção em diversas regiões, inclusive no Brasil, a relíquia está longe de representar, entre os fiéis, o que representou no passado. Quanto aos relicários, descontextualizados, hoje são vistos como valiosos objetos pela sua relevância material e qualidade da arte em que foram produzidos.

Devido à importância atribuída ao relicário como receptáculo sagrado e precioso e de grande valor artístico, visto em todos os tempos, inclusive na atualidade, como objetos de arte, escolhemos um grupo representativo de relicários em prata do século XVII de propriedade do Mosteiro de São Bento da Bahia e da Catedral Basílica de Salvador que permitisse a realização de uma criteriosa análise, utilizando como instrumental o método de Erwin Panofsky. A abordagem teórica criada por esse estudioso utiliza um critério científico para descrever e analisar obras de arte segundo níveis de leitura estabelecidos nas perspectivas intrínseca e extrínseca.

Ressaltamos que não se tratou de proceder apenas à mera descrição e classificação de um conjunto de relicários, mas de avançar no sentido de alcançar, por meio de uma metodologia específica, o estudo pormenorizado desses objetos, além de compreender o seu significado como obra de arte na sua condição de documento cultural.

A pesquisa realizada permitiu-nos entender que as relíquias, sob o ponto de vista da fé, da devoção e do seu consequente poder entre os fiéis, controladas pelos religiosos da Igreja Católica, possibilitaram a construção e implantação de uma moralidade dos costumes para combater a suposta degradação moral encontrada na colônia, quando apresentadas como exemplos de conduta e perfeição pertencentes

aos santos e às santas dignificados, inclusive, pela manutenção da castidade. Desse modo, constatamos que influenciaram substancialmente na construção e na consolidação de uma moralidade cristã dos costumes em terras brasileiras nos primórdios da colonização.

Quanto aos relicários, indissociáveis das relíquias, encontrados em quantidade nas suas múltiplas representações em instituições religiosas do Centro Histórico de Salvador, foram registrados em um Inventário. A análise iconográfica e iconológica realizada em um grupo desses objetos considerados especiais, à luz do método Panofsky, revelou seu conteúdo implícito como relevantes objetos de arte detentores de valores estéticos próprios, “reconstruídos” em suas corretas coordenadas de tempo e espaço.

No levantamento realizado nas igrejas e nos conventos soteropolitanos, contabilizamos um total de 223 relicários. Destes, 169 continham relíquias e 54 não as continham. Na sua grande maioria, já não se encontravam em seus locais de origem, estando guardados em depósitos. Em algumas igrejas, a exemplo de São Francisco e Carmo, parte deles ainda permanece em seus possíveis locais originais tão somente por estarem presos em altares, compondo parte de suas ornamentações. No caso específico do Mosteiro de São Bento da Bahia, mantendo a tradição, os relicários com suas relíquias são indispensáveis nas cerimônias dos votos dos futuros monges, permanecendo expostos sobre o altar-mor até o final do ritual, quando são retirados.

As relíquias e os relicários, portanto, despertaram fortes emoções e sentimentos de respeito e profunda veneração vinculados a períodos remotos da história em que o cristianismo imperava absoluto. Evidentemente que, nos tempos atuais, o homem, inserido num contexto de conotação mais pragmática, enxerga esses objetos que personificaram a essência de um mundo transcendental de forte apelo místico e fantasioso de maneira distante e impessoal. Entretanto, mesmo ante esse quadro de desencanto e suposta indiferença, parece-nos que, em conformidade com o que iremos relatar, a crença dos fiéis na essência mística contida nas relíquias ainda se mantém relativamente acesa, e estas parecem não ter perdido totalmente sua sacralidade e condição de intermediárias junto ao mundo celestial.

Corroborar esse entendimento o relato do padre católico Rogério Marcos da Silva, quando pároco da igreja de Nossa Senhora do Rosário em Santo Amaro da Purificação, Bahia, em 2013. Ao assumir o culto religioso da referida igreja, que se

encontrava fechada há algum tempo, preocupou-se com o reduzido número de fiéis que afluíram nos momentos iniciais. Realizou, naquele momento, uma série de atividades participativas com a comunidade, para criar uma dinâmica que despertasse o interesse, de modo a sensibilizar um número maior de pessoas. A falta de sucesso levou-o a pensar na possibilidade de expor uma relíquia de Irmã Dulce. Trouxe-a, então, de Salvador e a colocou num relicário que expôs em nicho protegido por vidro instalado próximo ao altar-mor. A partir daquele momento, percebeu o aumento significativo da presença dos fiéis aos ofícios religiosos.

Surpreendente foi também a afluência de fiéis ao Mosteiro de São Bento da Bahia quando da chegada do busto-relicário contendo a relíquia de Santo Antonio, no ano de 2000. Testemunhamos o expressivo contingente de pessoas que visitaram o local, buscando, por meio de orações, a proteção do santo.

Deste modo, permitimo-nos supor que a crença e a fé no poder sobrenatural das relíquias e seus relicários persistem, ainda que em estado latente, no inconsciente dos fiéis que buscam um anteparo divino de proteção contra as vicissitudes da vida e de seus conflitos existenciais no mundo atual, de grandes carências e frustrações.

A investigação nos fez concluir que, de fato, houve uma efetiva participação do aparato devocional das relíquias no projeto lusitano de conquista, como instrumentos eficazes utilizados pela Igreja Católica na implantação e consolidação da fé católica por meio da evangelização e na estruturação de uma assistência moral entre os brasis, objetivando catequizá-los e, ao mesmo tempo, torná-los súditos cristãos da Coroa portuguesa. Seus relicários, nas suas diversas representações, configuraram-se como estruturas de caráter essencialmente artístico no contexto da arte sacra cristã.

A pesquisa realizada não teve a pretensão de esgotar o tema, nem de fornecer respostas conclusivas para as questões relacionadas ao poder e à influência das relíquias e dos relicários no projeto político-religioso de colonização das terras brasílicas pela Coroa portuguesa. Buscou-se dar uma parcela de contribuição e os resultados obtidos poderão servir para outros pesquisadores tentarem aprofundar a discussão dos aspectos detectados e relacionados à temática.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA TEB. Nova edição revista e corrigida. São Paulo: Paulinas, 1995; São Paulo: Loyola, 1995.

ALBÉRICO, Guisepe. *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

ALEMPARTE, Jaime Ferreira. *La leyenda de la once mil virgenes: sus reliquias, culto e iconografia*. Murcia, ES: Secretariado de Publicaciones, Universidade de Murcia, 1991.

AZEVEDO, Miriam Della Posta. *História da Prata no Brasil*. Diamond News, São Paulo, v. 8, p. 53-54, 2007.

BAHIA: tesouros da fé. Salvador: Bustamante Editores; Barcelona: Esc. Coelba, 2000.

BARBÓN GARCIA, JJ; ÁLVAREZ SUAREZ, ML. Santa Lucía a través de la pintura. *Arch. Soc. Esp. Oftalmol.*, Madrid, v. 78, n. 12, p. 689-692, 2003. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S0365-66912003001200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 abr. 2012.

BELTING, Hans. *Semelhança e presença: a história da imagem antes da era da arte*. Rio de Janeiro: ARS URBE, 2010.

BRAGA, Henrique C.; QUINTAS, Sofia de R. *Novo livro de Nuno Vassalo e Silva*. 2012. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/ourivesariaportuguesa/Home/novo-livro-de-nuno-vassalo-e-silva>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

BRANDON, Samuel G. F. Santidade. In: DICCIONARIO de religiones comparadas. Madrid: Cristandad, 1975. p. 1290-1293.

BRÉZILBAROQUE: entre ciel et terre. Catálogo de exposição realizada no Petit Palais. Paris: Union Latine, 1999.

BROWN, Peter. *The cult of saints: its rise and function in Latin Christianity*. Chicago: University Press of Chicago, 1981.

BUTLER, Alban. *Vida dos santos*. Apresentação do Cardeal Basil Hume (Arcebispo de Westminster); tradução Atílio Brunetta. Edição completa, org., rev. e ampl. por Herbert J. Thurston e Donald Attwater. Petrópolis: Vozes, 1993. v. XII.

CABROL, R. Fernand; LECLERCQ, H. *Dictionnaire d'Achéologie Chrétienne et de Liturgie*. Paris: Letouzey, 1948. p. 2294. Tomo XIV.

CALMON, Pedro. *História da civilização brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. A cruz e crucifixos em acervos mineiros. *Boletim do CEIB*, Belo Horizonte, v. 19, n. 61, p. 1, jul. 2015.

CAMPOS, João da S. *Procissões tradicionais da Bahia*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 2001.

CARTAS Jesuíticas III. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

CASTIÑEIRAS GONZÁLEZ, Manuel Antonio. *Introducción al método iconográfico*. Barcelona: Editorial Ariel, 2008.

CARDIM, Padre Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CONTI, Servilio . *O santo do dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e Normas Complementares. São Paulo: Loyola, 2004.

CORREIA BRANCO, Mário Fernandes. Transtornos e ultrajes. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 81, p. 24-27, jun. 2012.

COSTA, João Paulo Azevedo de Oliveira e. Os discípulos de Xavier. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 81, p. 28-31, jun. 2012.

COSTA, Susana Goulart. A reforma tridentina em Portugal: balanço historiográfico. *Lusitania sacra*, Lisboa, 2^a. série, 21, p. 237-248, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/4542>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

COUTO, Edilece Souza; DIAS, Olivia Biasin. *De “pantomina sem ordem” a “louca bacanal”*: festas religiosas da Bahia oitocentista a partir das perspectivas dos viajantes estrangeiros. Trabalho apresentado no XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, Goiânia, 25-27 maio de 2009. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_COUTODIAS_viajantes_festas_relig_BA.pdf>. Acesso em: 18 maio 2013.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Da guerra das relíquias ao Quinto Império: importação e exportação da história no Brasil. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 44, p. 73-87, mar. 1996.

CYMBALISTA, Renato. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 11-50, jul./dez. 2006.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. v. 1.

_____. *O Cristianismo vai morrer?* Lisboa: Bertrand, 1978.

D'OREY, Leonor. Relíquias e relicários. In: MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA. *Relíquias e Relicários*. Lisboa, 1998. Catálogo. p. 9-15.

DUBY, George. *Heloisa Isolda e outras damas do século XII*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ENCOMPASSING the globe: Portugal and the world in the 16th & 17th Centuries. New York: Jay A. Levenson, 2007.

ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da loucura*. Tradução e organização Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2013.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Da reforma da igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo das Letras, 2000. p. 15-47. v. 2: Humanismos e reformas.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FLEXOR, Maria Helena O. *Igrejas e conventos da Bahia*. Brasília, DF: IPHAN/ Programa Monumenta, 2010.

_____. O Concílio de Trento: as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e a arte religiosa no Brasil. In: CENTRO DE ESTUDOS DA IMAGINÁRIA BRASILEIRA. *Imagem brasileira*, Belo Horizonte, MG, 2009. n. 4. p. 13-20.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Relíquia, Metonímia do Sagrado. *Historiae*, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 9-29, 2010.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATOS. Salvador Cultura todo dia. Festas Populares. *Festa de Santa Luzia*. Salvador, 2013. Disponível em: <<http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/festa-modelo.php?festa=6>>. Acesso em: 18 maio 2013.

GARCÍA, Palma Martínez-Burgos. *Idolos e imágenes: la controversia del arte religiosa en siglo XVI español*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1990. (Serie Historia y sociedad).

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMBRICH, Ernest H. O sentido de ordem: um estudo sobre a psicologia da arte decorativa. Tradução Daniela Pinheiro Machado Kern. Porto Alegre: Bookman, 2012.

GUILLOIS, Abbade Ambrosio. *Catecismo – explicação histórica, dogmática, moral, litúrgica e canônica – com a resposta às objecções extrahidas das sciencias contra a religião*. Traduzida da 12. ed. de Pariz. Porto: Livraria Chardron, 1903.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Dicionário eletrônico.

JABOATAM, Frei Antonio de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasílico ou chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Nota prévia de Antonio Corrêa de Oliveira Parte segunda Vls. I,II,III. Recife: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980. (1. edição de 1859).

JOALHERIA. *Diamond News*, São Paulo, v. 8, p. 44-46, 2007.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KECKEISEN, D. Beda O.S.B. *Missal Quotidiano*. Completo/em latim e português; com o próprio do Brasil. 19. ed. Salvador: Tipografia Beneditina, 1958.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

LIMA, Lana Lage da Gama. *A confissão pelo avesso: o crime de solicitação no Brasil colonial*. 1990. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. 3 v.

LENZENWEGER, Josef et al. (Ed.). *História da Igreja Católica*. Tradução Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2006.

LOYOLA, S. Inácio de. *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1977.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. (Série dicionários).

MARQUES, João Francisco. Sensibilidades e representações religiosas. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2000. v. 2. p. 317-367.

MATTOS, Waldemar. *Registro das marcas dos ensaiadores de ouro e prata da cidade do Salvador: 1725-1845*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1952.

MELLO E SOUZA, Laura (Org.). *História da vida privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1.

MOIOLI, Carlos. Igreja do Rio tem candidatos a santos. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.arquidiocese.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2012.

MONTEIRO, Amanda. Devotos de José de Anchieta contam histórias de milagres no ES. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2014/04/devotos-de-jose-de-anchieta-contam-historias-de-milagres-no-es.html>>. Acesso em: 6 abril 2014.

MONTEIRO DA VIDE, Sebastião. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, 2007.

MORAN, Miguel; CHECA, Fernando. *El coleccionismo em Espana*. De la cámara de maravillas a la galeria de pinturas. Madrid: Cátedra, 1985.

MOSTEIRO DA TRANSFIGURAÇÃO. *São Bento*. Santa Rosa, RS, 2013. Disponível em: <<http://www.transfiguracao.com.br/sbento/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

MOURA, Carlos Alberto Louzeiro de. *A escultura de Alcobaça e a imaginária monástico-conventual (1590-1700)*. 2006. Tese (Doutorado em História da Arte) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006. 2 v.

MOUTINHO, Stella Rodrigo O.; PRADO, Rubia Braz B.; LONDRES, Ruth Rodrigo O. Dicionário de artes decorativas e decoração de interiores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MULLET, Michael. *A Contra-Reforma e a Reforma Católica nos princípios da Idade Moderna europeia*. Lisboa: Gradiva, 1985.

NOBREGA, Manoel da. *Cartas do Brasil (1549-1560)*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931. (Cartas Jesuíticas I).

OLIVEIRA, Myrian Andrade Ribeiro. A imagem religiosa no Brasil. In: AGUILAR, Nelson (Org.). *Mostra do redescobrimento*. São Paulo: Associação Brasil Quinhentos Anos Artes Visuais, 2000. p. 36-257.

OSSWALD, Maria Cristina. *S. Francisco Xavier no Oriente: aspectos de devoção e iconografia*. In: SANTOS, Z. (Org.). *São Francisco Xavier nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier*. Porto, PT: FLUP/CIUHE, 2007. p. 119- 142. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4322.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

PAIVA, José Pedro. A recepção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspectivas. In: GOUVEIA, António Camões; BARBOSA, David Sampaio; PAIVA, José Pedro (Coord.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014. p. 13-40.

PANOFSKY, Erwin. Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. (Série Estudos de Iconologia).

POLÔNIA, Amélia. A recepção do Concílio de Trento em Portugal. In: GOUVEIA, António Camões; BARBOSA, David Sampaio; PAIVA, José Pedro (Coord.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014. p. 41-58.

PEIXOTO, Afrânio. *Livro das Horas*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1947.

QUEIROZ, José, *Cerâmica portuguesa*. Lisboa: [s.n.], 1907.

RÉAU, Louis. *Iconographie de L'Art Chrétien*. Paris: Press Universitaires de France, 1956. Tomo I, cap. III.

RICARD, Robert. Les jésuites au Brésil, pendant la seconde moitié du XVI ème siècle (1549-1597). *Revue d'Histoire des Missions*, Paris, n. 3, p. 321-366, 1937.

ROIG, Juan Ferrando, Pbro. *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones Omega, 1950.

ROSA, Mercedes. *Prata da casa: prataria luso brasileira*. Salvador: Solisluna, 2009.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Tenebrosos mistérios – Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil – capítulos de História Social*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2003. p. 387-426.

SANTOS, Francisco Marques dos. A ourivesaria no Brasil antigo. *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, p. 625-662, maio-jun. 1940.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. As múltiplas faces de uma santidade: reflexões sobre a trajetória do conceito de “ser santo”. *Estudos de História*, Franca, SP, v. 7, n. 1, p. 27-39, 2000.

SARTORELLI, Elaine C. Introdução. In: ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da loucura*. Tradução e organização Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2013. p. 9-30.

SERAFIM LEITE, S.J. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956. v. 1 e 2.

_____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Tomo II (século XVI – A Obra).

SGARBOSSA, Mario. *Um santo para cada dia*. Tradução Onofre José Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 1983.

SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria da. A prataria seiscentista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 241, 1942.

_____. *Imagens: relicários e seu culto*. Salvador, 1950. Manuscrito inédito.

_____. *Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João*. Salvador: UFBA, 1971.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. **A joalheria em Portugal: 1750-1825**. Porto: Civilização, 1999.

SOUZA, Evergton Sales. A construção de uma cristandade tridentina na América portuguesa (séculos XVI e XVII). In: GOUVEIA, António Camões; BARBOSA, David Sampaio; PAIVA, José Pedro (Coord.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014. p. 175-196.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes; CID Centro de Investigação e Divulgação, 1996.

TEIXEIRA, Luís Manuel. *Dicionário ilustrado de Belas-Artes*. Lisboa: Presença, 1985.

THESAURUS: Vocabulário de Objectos do culto católico. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança, 2004.

THOMÁS, Frei Leão de Santo. *Beneditina Lusitana. Notas críticas de José Mattoso*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974. Tomo II.

THOMAS, Keith. A magia da igreja medieval. In: _____. *Religião e o declínio da magia*. Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 35-54.

TUCHMAN, Bárbara W. *Um espelho distante*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. Soldados de Cristo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 81, p. 14-18, jun. 2012.

VALABEK, R.M. Devoção. In: BORRIELLO, L.; CARUANA, E. (Dir.). *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola, 2003.

VALLADARES, José Gisella. *Ourivesaria: as artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Ediouro, [ca. 1968].

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de Santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VAUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques (Dir.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 211-230.

VAUCHEZ, André. Santidade. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. v. 12. p. 287-300.

VIEIRA, Antonio Pe. Carta ânua ao Geral da Companhia de Jesus, de 30 de setembro de 1626. In: _____. *Cartas do Brasil*. Org. e introd. João Adolfo Hansen. São Paulo: Hebra, 2003. p. 77-117.

_____. Sermão de S. Inácio. Fundador da Companhia de Jesus em Lisboa, no Real Colégio de S. Antão, ano 1669. In: _____. *Sermões I*. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 99-118.

VIOTTI, Hélio Abranches S.J. *Anchieta – O Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1966.

WOODWARD, Kenneth L. *A fábrica de santos*. Tradução Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Siciliano, 1992.

ZANINI, Walter. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. v. 1.

ZANON, Dalila. *As indulgências e as devoções aos santos em São Paulo no século XVIII*. In: XVIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O historiador e seu tempo. Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Anais... São Paulo: UNESP, 2006. Cd-rom.

FONTES DAS IMAGENS

ABBEY of Fleury de Saint Benoit sur Loire: Benedictine refinement. France, 2015. Disponível em: <http://www.lumen-terra.com/France-pilgrimage/Monastery/Saint%20Beno%C3%A9t%20sur%20Loire/ABBEY_OF_FLEURY_DE_SAINTE_BENOIT_SUR_LOIRE/>. Acesso em: 13 jan. 2016.

A ICONOGRAFIA em Medicina – Santos Mártires. 10 dez. 2012. Disponível em: <<http://tulacampos.blogspot.com.br/2012/12/a-iconografia-em-medicina.html>>. Acesso em: 18 maio 2013.

ALEX UCHÔA- Fotografia brasileira. *Interior da Igreja Mosteiro de São Bento (1582), Salvador, Bahia*. Salvador, 2015. Disponível em: <<http://alexuchoa.photoshelter.com/image/I0000ScWY0Og3XZE>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

ALGO SOBRE. Biografias. *São Francisco Xavier*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/biografias/sao-francisco-xavier.html>>. Acesso em: 6 nov. 2015

ALTAR das relíquias das Santas Mártires. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://lisboasos.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html>. Acesso em 03 nov. 2015.

ANTÔNIO Conselheiro. 2011. Disponível em: <<http://ongiac.webnode.com.br/conhe%C3%A7a%20a%20historia%20de%20antonio%20conselheiro/>>. Acesso em: 13 maio 2013.

ARQUITETURA Barroca. 2 jun. 2011. Disponível em: <<http://lorystephanye.blogspot.com.br/2011/06/arquitetura-barroca.html>>. Acesso em: 14 maio 2013.

ARQUITETURA E LITURGIA. *A espiritualidade das catacumbas (cont.)*. 9 set. 2007. Disponível em: <<http://arquiteturaeliturgia.blogspot.com.br/2007/09/espiritualidade-das-catacumbas-cont.html>>. Acesso em: 10 maio 2013.

ARTE E RELIGIÃO. *10 de outubro: São Francisco de Borja (Confessor)*. [s.l.], 10 out. 2011. Disponível em: <<http://artereligiao.blogspot.com.br/2011/10/10-de-outubro-sao-francisco-de-borja.html>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

ARTEHISTÓRIA. *Santa Inés*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.artehistoria.com/v2/obras/853.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

ARTES-REAL. Visita de estudo à “Igreja de São Francisco”. *Imagem de São Frutuoso*. [s.l.], 12 abr. 2015. Disponível em: <<http://artes-real.blogspot.com.br/2015/04/voc-visita-de-estudo-igreja-de-sao.html>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

AS PROFECIAS do Papa João XXIII (1935-2033). 24 mar. 2013. Disponível em: <<http://ciclofinal.blogspot.com.br/2013/03/as-profecias-do-papa-joao-xxiii.html>>. Acesso em: 13 maio 2013.

À SANTÍSSIMA Trindade. 17 maio 2012. Disponível em:
<<http://clicaeveja.blogspot.com.br/2012/05/santissima-trindade-trindade-santa.html>>.
Acesso em: 13 maio 2013.

ASSOCIAÇÃO APOSTOLADO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. *Descida das relíquias e procissão de Santa Waldetrudis, princesa fundadora de Mons, na Bélgica*. 8 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.aascj.org.br/home/2012/08/08/descida-das-reliquias-e-procissao-de-santa-waldetrudis-princesa-fundadora-de-mons-na-belgica/>>. Acesso em: 7 maio 2013.

AURUM FINE ARTS. *Santa Apolônia*. [s.l.], 2015. Disponível em:
<<http://www.aurumfinearts.com/selected-works/european/>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

A VERDADE NO MUNDO. *Vaticano, Constantino e seus segredos...* Set. 2012. Disponível em: <<http://averdadenomundo.blogspot.com.br/2012/09/vaticano-constantino-e-seus-segredos.html>>. Acesso em: 9 maio 2013.

BANCO SAFRA S.A. *Museu de Arte Sacra de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

BARROS, Heriberto da Mota de A. *A cidade de Deus: Santo Agostinho*. 2011. Disponível em: <<http://historiabruno.blogspot.com.br/2011/07/cidade-de-deus-santo-agostinho.html>>. Acesso em: 7 maio 2013.

BEATO João Paulo II. 25 fev. 2012. Disponível em:
<<http://capelamusicacaladadetodosossantos.blogspot.com.br/2012/02/beato-joao-paulo-ii.html>>. Acesso em: 13 maio 2013.

BETTENCOURT, Dom Estevão. *Os santos casados*. 7 jun. 2011. Disponível em:
<http://freirodrigodearaujo.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html>. Acesso em: 13 maio 2013.

BREVIÁRIO. *Graças alcançadas por Santa Luzia – depoimentos, testemunhos – agradeça*. 14 nov. 2011. Disponível em:
<<http://rezairezairezai.blogspot.com.br/2011/11/gracas-alcancadas-por-santa-luzia.html>>. Acesso em: 18 maio 2013.

CANÇÃO NOVA Cuiabá. *11 de Julho: dia de São Bento e missa da Campanha de oração*. Cuiabá, 2015. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/cuiaba/11-de-julho-dia-de-sao-bento-e-missa-da-campanha-de-oracao/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

CARINO [ou Marcus Aurelius Carinus]. [s.l.], 2015. Disponível em:
<<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/IRCarinu.html>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

CARRILLO, Miguel Rosell. *Historia de los papas de Roma: La simiente del falso profeta (X)*. Madrid, 2009. Disponível em:
<http://www.centrorey.org/catolicismo/cat_10.html>. Acesso em: 10 maio 2013.

CATOLICISMO E DOCTRINA. *Santo Inácio de Loyola*. 31 jul 2012. Disponível em:
<<http://catolicismo-e-doutrina.blogspot.com.br/2012/07/31-de-julho-santo-inacio-de-loyola.html>>. Acesso em: 7 maio 2013.

CELEBRAÇÃO litúrgica. 2012. Disponível em: <salvemaliturgia.com/2012/12/fotos/missa-tridentina-em-Artoga-pr.html>. Acesso: 2 mar. 2013.

COFRADES. *Fiestas de la Candelaria y San Blas em Alcazar de San Juan – La Mancha*. 2013. Disponível em: <<http://cofrades.pasionensevilla.tv/profiles/blogs/fiestas-de-la-candelaria-y-san-blas-en-alcazar-de-san-juan-la>>. Acesso em: 8 maio 2013.

COMEÇA hoje a Trezena de Santo Antônio; veja programação. 1 jun. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/06/comeca-hoje-trezena-de-santo-antonio-veja-programacao.html>>. Acesso em: 13 maio 2013.

CONSTITUIÇÕES primeiras do Arcebispado da Bahia. 9 jun. 2011. Disponível em: <<http://thalesgayean.blogspot.com.br/2011/06/constituicoes-primeiras-do-arcebispado.html>>. Acesso em: 13 maio 2013.

CONVERSAS COM AVÓ-MÁ. *Santos e relíquias*. nov. 2010. Disponível em: <<http://conversas-com-avo-ma.blogspot.com.br/2010/11/santos-e-reliquias.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

CONVERSA DE MENINA. *Traça de Biblioteca: acervo raro no Mosteiro de São Bento*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<https://conversadememina.wordpress.com/2010/02/22/traca-de-biblioteca-acervo-raro-no-mosteiro-de-sao-bento/>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

COVEN DIGITAL. *Inquisição*. 2013. Disponível em: <<http://covendigital.webnode.com.br/inquisi%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 8 maio 2013.

CREIO. *São Gregório Magno*. [2013]. Disponível em: <<http://jigarodrigues.wordpress.com/santidade/sao-gregorio-magno/>>. Acesso em: 18 maio 2013.

CRUZ TERRA SANTA. *História de Frei Galvão*. 2013. Disponível em: <<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia/frei-galvao>>. Acesso em: 6 maio 2013.

CRUZ TERRA SANTA. São Francisco Xavier. *Medalha São Francisco Xavier – apóstolo das Índias e do Japão*. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.cruzterrasanta.com.br/medalhas-de-santos/sao-francisco-xavier/>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

DESAFIO CRISTÃO: Evangelismo, Religiões, Seitas e Heresias. Equipando cristãos para cumprir a Grande Comissão do Evangelho. *A Missa*. 2012. Disponível em: <<http://desafioscristao.blogspot.com.br/2011/05/missa.html>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

DEVIAJEPORMADRID.NET. *El Monasterio de San Lorenzo de el Escorial*. 2013. Disponível em: <<http://www.deviajepormadrid.net/2013/03/el-monasterio-de-san-lorenzo-de-el-escorial/>>. Acesso em: 8 maio 2013.

DIAS, Lino. *Peregrinação da relíquia de São Teotônio acolhida no arciprestado de Carregal do Sal*. [s.l.], 16 maio 2012. Disponível em:

<<http://www.faroldanossaterra.net/2012/05/16/peregrinacao-da-reliquia-de-sao-teotonio-acolhida-no-arciprestado-de-carregal-do-sal/>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

DICIONARIO MANUEL QUERINO DE ARTE NA BAHIA. *Agostinho da Piedade (Frei)*. Salvador, 2015. Disponível em: <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/?verbete=frei-agostinho-da-piedade-2&letra=&key=santa%20b%C3%A1rbara&onde=tudo>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS. *Maximiano*. Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto. Portugal, out. 2015. Disponível em: <<http://dicionarioportugues.org/pt/maximiano>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

DIOCESE de São João del Rei celebra a Imaculada Conceição de Maria. 9 dez. 2010. Disponível em: <<http://pascomsantuariodematosinhos.blogspot.com.br/2010/12/diocese-de-sao-joao-del-rei-celebra.html>>. Acesso em: 14 maio 2013.

DOMINUS VOBISCUM. *Purgatório888*. 2011. Disponível em: <<http://domvob.wordpress.com/2011/06/27/estudo-sobre-o-purgatorio-o-que-a-igreja-primitiva-falava-a-respeito-do-purgatorio/purgatorio888/>>. Acesso em: 9 maio 2013.

ECCLESIA NEWS. *21 de Maio*: “Santos Constantino e Helena, iguais-aos-apóstolos”. [s.l.], 21 maio 2011. Disponível em: <<http://ecclesia.com.br/news/2011/?p=4279>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

ENCONTRO COM DEUS. *Adoração ao Santíssimo Sacramento*. 30 dez. 2012. Disponível em: <<http://encodeusverdadeiro.blogspot.com.br/2012/12/adoracao-ao-santissimo-sacramento.html>>. Acesso em: 14 maio 2013.

ESPIRITUALIDADE e mística franciscana. [s.l.], 2015. Disponível em: <<http://peregrinofranciscano.com/tag/caminho-de-santidade/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

ESPIRITUALISMO. *Santuários e lugares sagrados*. 2013. Disponível em: <<http://www.espiritualismo.info/Santuarios.html>>. Acesso em: 8 maio 2013.

ESTÓRIAS DA HISTÓRIA. *4 de março de 1777*: D. Maria I demite o Marquês de Pombal e afasta-o de Lisboa. [x.l.], 4 mar. 2014. Disponível em: <<http://estoriasdahistoria12.blogspot.com.br/2014/03/4-de-marco-de-1777-d-maria-i-demite-o.html>>. Acesso em 6 nov. 2015.

ESTUDIO SUD. *GTamadia em Velos, Ropas Y" Altares*. 2 diciembre 2010 Disponível em: <<http://estudiosud.blogspot.com.br/2010/12/gamadia-en-velos-ropas-y-altares.html>> Acesso em: 12 maio 2013.

FIÉIS comemoram o dia de Santa Luzia. Bahia todo dia, Salvador, 13 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.bahiatododia.com.br/index.php?artigo=25075>>. Acesso em: 19 maio 2013.

FLORES, Javier. *10 frases de Erasmo de Rotterdam*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.muyinteresante.es/cultura/arte-cultura/articulo/5-frases-de-erasmo-de-rotterdam>>. Acesso em 4 nov. 2015.

GONÇALVES, António Nogueira. *Estudos de ourivesaria*. Porto: Paisagem, 1984.

GOUVEIA, Thales. São Sebastião: Cavaleiro Cristão e Mártir. *Gaudium Press*, [s.l.], 18 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.gaudiumpress.org/content/43480-Sao-Sebastiao--Cavaleiro-Cristao-e-Martir>>. Acesso em: 18 jan. 2016

GRAÇA E PRÁTICA. *João Calvino*. 2010. Disponível em: <<http://gracaepatica.blogspot.com.br/2010/09/joao-calvino.html>>. Acesso em: 9 maio 2013.

GRÁFICA CATÓLICA. *Santo do dia: São Pantaleão*. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.graficacatolica.com.br/santo-do-dia-sao-pantaleao/>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

GUARDA, Padre Jorge. *Sinais da ternura de Deus*. 2008. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/tvpt/category/oracao-e-vida/>>. Acesso em: 6 maio 2013.

G-UNIT-WASHINMANIA. Alguns heróis. Disponível em: <<http://g-unit-washinmania.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

HEROÍNAS DA CRISTANDADE. Santa Iria de Tomar, Virgem e mártir – 20 de outubro. [s.l.], 2014. Disponível em: <<http://heroinasdacristandade.blogspot.com.br/2014/10/santa-iria-de-tomar-virgem-e-martir-20.html>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

HIEROFANTE DO CHAOS. O Concílio de Trento e a Contrarreforma. Jan. 2011. Disponível em: <<http://www.hierofantedochaos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 7 maio 2013.

IDE E ANUNCIAI. Blog católico. *Frases de Santo Ambrósio de Sena – Bispo*. 2012. Disponível em: <<http://ideeanunciai.wordpress.com/2012/02/15/frases-de-santo-ambrosio-doutor-da-igreja/>>. Acesso 5 mar. 2013.

IGREJA Matriz de São Sebastião do Passe – Ba. 19 jan. 2013. Disponível em: <http://saosebastiaoigrejamatriz.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html>. Acesso em: 13 maio 2013.

IGREJA ORTODOXA ANTIOQUINA. Arquidiocese de São Paulo e de todo o Brasil. *Santo Alexis, homem de Deus*. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.catedralortodoxa.com.br/#!/Santo-Alexis-homem-de-Deus-†-séc-IV-ou-V/c1gsq/5506fa440cf2458597d0a18b>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

IL FARO. *Ostia Antica in festa per Sant'Aurea*. Regione Lazio, IT, 26 maio 2012. Disponível em: <<http://www.ilfaroonline.it/notizie-ostia-3160.html>>. Acesso em 6 nov. 2015.

IMAGENS. 2013. Disponível em:
<http://www.google.com.br/search?q=s%C3%A3o+bernardo+santo&hl=pt-BR&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=-OmGUfqIKITL0QG5kYDoAw&ved=0CD0QsAQ&biw=1280&bih=852> . Acesso em: 2 mar. 2013.

IMAGENS de milagres de Santo Antonio. 2013. Disponível em:
<http://www.redemptionis-sacramentum.com.br/2012/06/santo-antonio-de-padua-o-martelo-dos.html>. Acesso em: 5 mar. 2013.

IMAGENS DE SANTOS CATÓLICOS. *Imagens de Santo Amaro*. [s.l.], 2016. Disponível em: <http://www.imagensdesantos.com.br/imagem-santo-amaro/>. Acesso em: 11 jan. 2016.

IMAGENS.US – Imagens para facebook. *Santo Antonio de Padua*. 2013. Disponível em: <http://imagens.us/datas/dia-de-santo-antonio-de-padua/index.php?imagem=dia-de-santo-antonio-de-padua%20%285%29.jpg>. Acesso em: 6 maio 2013.

INFOPÉDIA – Dicionários Porto Editora. Artigos de apoio. *Reformas de Diocleciano*. Porto, PT, 2015. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$reformas-de-diocleciano](http://www.infopedia.pt/$reformas-de-diocleciano). Acesso em: 18 jan. 2016.

JESUÍTAS BRASIL. *O símbolo da Companhia de Jesus (IHS)*. 2013. Disponível em: <http://www.jesuita.org.br/o-simbolo-da-cia-de-jesus-ihs/> . Acesso em: 10 maio 2013.

JOSE de Anchieta Pictures Picture. 2014. Disponível em:
http://www.picstopin.com/900/jose-de-anchieta-pictures/http://bimg2*mlstatic*com||livreto-jose-de-anchieta-o-santo-que-amou-o-brasil_MLB-F-202373045_4326*.jpg. Acesso em 5 abr. 2014.

JUVENTUDE GORETIANA. *São João da Cruz*. 14 dez. 2012. Disponível em:
<http://www.juventudegoretiana.com/2012/12/sao-joao-da-cruz-14-de-dezembro.html>. Acesso em: 7 maio 2013.

KATIE KING. *San Vitale Martire*. Cesenatico, IT, 2015. Disponível em:
<http://www.katieking.it/santi.asp?ID=353>. Acesso em: 6 nov. 2015.

LA MISION CATOLICA. Santo de Hoy, Lunes Mayo 04, 2015. San Gregorio Iluminador. [s.l.], 2015. Disponível em: <http://www.lamisioncatolica.com/2015/05/santo-de-hoy-lunes-mayo-04-2015/>. Acesso em: 13 jan. 2016.

LEBÉDEL, Claude. *Histoire et splendeurs Du baroque em France*. Paris: Editions Quest-France, 2003.

LIMA, Carl. *O projeto da Companhia de Jesus nas terras brasileiras e sua opção pela educação indígena*. [s.l.], 2013. Disponível em:
<http://ohistoriante.com.br/jesuitas.htm>. Acesso em: 7 nov. 2015.

LISBOASOS. *Igreja de São Roque de Lisboa*. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://lisboasos.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html> . Acesso em: 3 nov. 2015.

LITORAL BRASILEIRO. Ubatuba. História de Ubatuba: Padres Anchieta e Nóbrega. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.litoralbrasileiro.com.br/sp/ubatuba/historia/anchieta-nobrega.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

LIVRES DE TODO MAL. *Oração de cura e libertação de Santo Ambrósio*. jan. 2013. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/livresdetodomal/oracao-de-cura-e-libertacao-de-santo-ambrosio/>>. Acesso em: 7 maio 2013.

LUNA, Rodrigo. *O Arcebispo que coroou Dom Pedro II*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.catolicostradicionais.com.br/2012/11/o-arcebispo-que-coroou-dom-pedro-ii.html>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

MAICÁ, Carla. *Minne di Santa Agata*. [s.l.], 2013. Disponível em: <<http://www.cucinaartusiana.com/2013/02/cassatas-de-santa-agata.html>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

MARQUES, Maria Rosa. *Santa Susana*. [s.l.], 28 mar. 2011. Disponível em: <<http://quadrassoltas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

MENSAGENS Virtuais. *Francisco Xavier*. 2012. Disponível em: <http://www.mensagensvirtuais.xpg.com.br/aniversariantes/Francisco_Xavier>. Acesso em: 25 nov. 2012.

MERCADO LIVRE. Garfo em prata de lei estilo D. João V. 2013. Disponível em: <<http://lista.mercadolivre.com.br/prata-v>>. Acesso em: 14 maio 2013.

MILLER, Rodrigo. *São Carlos Borromeu*. 4 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.gobompastor.com.br/?p=3795>>. Acesso em: 10 maio 2013.

MISSA TRIDENTINA E TRADIÇÃO CATÓLICA. Santa Catarina de Siena. abr. 2013. Disponível em: <<http://www.missatridentinaetradicaocatolica.com/2013/04/santa-catarina-de-siena.html>>. Acesso em: 6 maio 2013.

MOMA, Teresa de Freitas. *Uma visita à Igreja e ao Museu de São Roque*. Lisboa, dez. 2010. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/tvb_uma_visita_ao_museu_de_sao_roque.html>. Acesso em: 7 maio 2013.

MONTE CASSINO. [s.l.], 2016. Disponível em: <<http://www.klickeducacao.com.br/enciclo/encicloverb/0,5977,UNO-12678,00.html>>. Acesso em 13 jan. 2016.

MONTEIRO, Amanda. Devotos de José de Anchieta contam histórias de milagres no ES. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2014/04/devotos-de-jose-de-anchieta-contam-historias-de-milagres-no-es.html>>. Acesso em: 6 abril 2014.

MORALES, Mario. *Los Templarios: 700 aniversario del inicio de su final*. 30 ago. 2007. Disponível em: <http://reflexionesmasonicas.blogspot.com.br/2007_08_01_archive.html>. Acesso em: 14 maio 2013.

MUSEU DO AZULEJO. Cartaz. Exposições. *Santa Auta*. Lisboa, 2015. Disponível em: <<http://www.museudoazulejo.pt/pt-PT/VisiteMNAz/Cartaz/ContentList.aspx>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

MUSEU DO ORATÓRIO. *Cruz com instrumentos da paixão de cristo*. 2013. Disponível em: <http://www.oratorio.com.br/port/colecao_item.asp?id=63>. Acesso em: 7 maio 2013.

MUSEU SÃO ROQUE – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. *Braço relicário de São João Crisóstomo*. Lisboa, 2015. Disponível em: <<http://www.museudesaoaque.com/pt/exposicao-permanente/companhia-de-jesus/braco-relicario-de-sao-joao-crisostomo.aspx>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

OLIVEIRA, Myrian Andrade Ribeiro; SANTOS, Olinto Rodrigues dos Santos; SANTOS, Antonio Fernando Batista dos. *O Aleijadinho e sua Oficina*. Rio de Janeiro: Capivara, 2002.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. São Sebastião verdadeiro herói católico. [s.l.], 19 jan. 1967. Disponível em: <http://www.pliniocorreadeoliveira.info/DIS_SD_19670119_Sao%20Sebastiao.htm#Vp1_XfkrLRY>. Acesso em: 18 jan. 2016.

O SANTO NOSSO DE CADA DIA. *São Plácido*. [s.l.], jan. 2012. Disponível em: <<http://diadossantoscatolicos.blogspot.com.br/2010/01/sao-placido.html>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

O SEMEADOR 2004. *Santo Olavo*. 2013. Disponível em: <<http://osemeador2004.blogspot.com.br/2012/07/santo-olavo-hoje-igreja-nos-convida.html>>. Acesso em: 6 maio 2013.

OS OLHOS de Santa Luzia. [s.l.], Agosto, 2014. Disponível em: <<http://tendimag.com/2014/08/14/os-olhos-de-santa-luzia/>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

OS SETE pecados capitais. 13 set. 2009. Disponível em: <<http://kheops.blog.terra.com.br/tag/gregorio-magno/>>. Acesso em: 13 maio 2013.

O UNIVERSO mágico do barroco brasileiro: São Paulo: SESI, 1998.

PADROEIRO de Salvador é homenageado nesta sexta. A Tarde, 10 maio 2013. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/materias/1502756-padroeiro-de-salvador-e-homenageado-nesta-sexta>>. Acesso em: 14 maio 2013.

PALACIOS, Ariel. Cristina Kirchner privilegia Igreja Católica com nova Lei de Mídia. 10 dez. 2012. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/tv-pro-nobis-cristina-kirchner-privilegia-igreja-catolica-com-nova-lei-de-midia/>>. Acesso em: 13 maio 2013.

PARÓQUIA SANTO AFONSO. *Festa de São Sebastião, padroeiro de Cel. Fabriciano*. Rio de Janeiro, 11 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.santoafonsorj.com.br/site/index.php/ultimas-noticias/349-festa-de-sao-sebastiao-padroeiro-de-cel-fabriciano>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

PARÓQUIA SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO. *Galeria de Imagens de São Domingos de Gusmão*. 2013. Disponível em: <<http://www.paroquiasaodomingostijuca.com.br/PBGaleria.htm>>. Acesso em: 6 maio 2013.

PARÓQUIA SÃO FRANCISCO XAVIER. *Santo Inácio de Loyola*. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://www.psfx.org.br/santo-inacio-de-loyola-2>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

PARÓQUIA SÃO PAULO DA CRUZ. Igreja do Calvário – Religiosos Passionistas. *Santo Atanásio*. 2012. Disponível em: <<http://noticiascatolicas.com.br/wp-content/uploads/2012/05/021-300x300.jpg>>. Acesso em: 6 maio 2013.

PARÓQUIA SÃO PEDRO APÓSTOLO. Papa Paulo VI. Pedra de Guaratiba (RJ), 2016. Disponível em: <<http://www.pspapedra.com.br/pascom/>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

PATRIMÔNIO, ARTES E MUSEUS. *Mosteiro de Alcobaça*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<https://pampatrimonioartesemuseus.wordpress.com/?s=alcoba%C3%A7a&submit=>>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

PHILADELPHIA MUSEUM OF ART: Handbook of the Collections. Philadelphia, Pensilvânia, 1991.

PORTAL PLANETA SEDNA. *Santos y catacumbas: origen y función de estos increíbles laberintos subterráneos*. 2013. Disponível em: <<http://www.portalplanetasedna.com.ar/catacumbas.htm>>. Acesso em: 10 maio de 2013.

PRADO, Ana Carolina. *5 casamentos reais que abalaram o Reino Unido*. 28 abr. 2011. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/5-casamentos-reais-que-abalaram-o-reino-unido/>>. Acesso em: 14 maio 2013.

PROCESSO de beatificação de Frei Damião segue para Roma em junho. 29 maio 2012. Disponível em: <<http://www.renascidosempentecostes.com.br>>. Acesso em: 13 maio 2013.

RADIO DIFUSORA AM. Notícias. Religião. *Igreja Católica Celebra o dia de São Brás*. Ouro Fino, 2015. Disponível em: <<http://www.difusoraourofino.com.br/noticia.php?title=igreja-catalica-celebra-o-dia-de-sao-bras-03-02-2015>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

RADIO RAINHA DA PAZ. Santo do dia: Santo Ambrósio. Patrocínio, MG, 7 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.radiorainhadapaz.com.br/index.php/noticias/evangelizacao/formacao/10071-07-12-santo-do-dia-santo-ambrosio>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

REDE SÉCULO 21. *Santo do dia: Santa Úrsula e companheiras Século IV*. Valinhos, SP, 2013. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/noticias/destaque-pagina-imagens-menores/santo-do-dia-santa-ursula-e-companheiras-seculo-iv/#>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

REDEMPTIONIS SACRAMENTUM. *Santa Paulina*. 9 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.redemptionis-sacramentum.com.br/2012/07/santa-paulina-9-de-julho.html>>. Acesso em: 6 maio 2013.

RELICÁRIO. In: ARTE SUR Historia del Arte 2º. Bachillerato. Califórnia, 2015. Disponível em: <<http://iesaguilarycanoarte.wikispaces.com/R>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. Diocese de Anápolis – Goiás. 2011. Disponível em: <<http://rccanapolisgo.wordpress.com/2011/10/04/sao-francisco-de-assis/>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

REVELACIONES: LAS ARTES EM AMÉRICA LATINA, 1942-1820. México: Fondo de Cultura Económica Carretera Picacho-Ajusco, 2007.

RIBEIRO, Madalena. *São Francisco Xavier no Japão*. [ca. 2012]. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/id_sao_francisco_xavier_japao.html>. Acesso em: 27 maio 2013.

SAMUEL MIRANDA. *Santa Córdula*. 22 de octubre. [s.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.samuelmiranda.com.mx/cordula.html>>. Acesso em 6 nov. 2015.

SANCTAE ARCHITECTURE. *Miniaturas – Notre Dame de Amiens*. 2010. Disponível em: <http://sanctaearchitecture.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html>. Acesso em: 9 maio 2013.

SANCTORUM: Eles não cessam de interceder por nós junto a Deus. *São Francisco Xavier – padroeiro dos missionários*. 2011. Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/2011/12/sao-francisco-xavier-padroeiro-dos.html>>. Acesso em: 5 maio 2013.

_____. *São Vicente Ferrer, Dominicano*. 5 abr 2012. Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/2012/04/sao-vicente-ferrer-dominicano-05-de.html>>. Acesso em: 6 maio 2013.

SANTA Bárbara. [s.l.], 2015. Disponível em: <http://www.tanogabo.it/religione/Santa_Barbara.htm>. Acesso em: 16 dez. 2015.

SANTA LUZIA: Fiéis festejam dia da “protetora dos olhos”. A Tarde, Salvador, 13 dez. 2012. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/materias/1472800-santa-luzia-fieis-festejam-dia-da-protetora-dos-olhos>>. Acesso em: 19 maio 2013.

SANTIAGO, Luana. *Evangélicos comemoram a Reforma Protestante e traz à tona questão: há necessidade de Nova Reforma?* Out. 2012. Disponível em: <<http://portugues.christianpost.com/news/evangelicos-comemoram-a-reforma>>

protestate-e-traz-a-tona-questao-ha-necessidade-de-nova-reforma-13304/>. Acesso em: 9 maio 2013.

SANTO Anselmo. 21 abr. 2013. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/214-santo-anselmo/>>. Acesso em: 13 maio 2013.

SANTOS E ANJOS E ETC. *Dia 5 de abril – São Vicente Ferrer, presbítero*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<http://santoseanjoseetc.blogspot.com.br/2015/04/dia-5-de-abril-sao-vicente-ferrer.html>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

SANTOS NOSSOS. *Missionários do amor. São Nicolau Magno*. [s.l.], 2013. Disponível em: <<http://santosnossos.blogspot.com.br/2013/10/sao-nicolau-magno.html>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

SANTOS E SANTAS DE DEUS NAS APARIÇÕES DE JACAREÍ. *28 de fevereiro: Dia de São Romano*. [s.l.], 28 fev. 2014. Disponível em: <http://santosesantasdedeus.blogspot.com.br/2014_02_01_archive.html>. Acesso em: 6 nov. 2015.

SANTOS SANCTORUM. *Santa Úrsula Virgem e Mártir*. orações, imagens, louvores, relicário – 21 de outubro. [s.l.], 23 out. 2011. Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/2011/10/santa-ursula-virgem-e-martir-oracoes.html>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

_____. *São Francisco Xavier – padroeiro dos missionários – 03 de dezembro*. [s.l.], 1º dez. 2011. Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/2011/12/sao-francisco-xavier-padroeiro-dos.html>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

SANTUÁRIO DAS APARIÇÕES DE JACAREÍ SP BRASIL. *25 de agosto de 2014. Mensagem de Santa Luzia*. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://clicaeveja.blogspot.com.br/2014_08_24_archive.html>. Acesso em: 7 nov. 2015.

SÃO FRANCISCO Xavier. *Rev. Arautos do Evangelo*, São Paulo, n. 47, p. 20-23, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.arautos.org/especial/77/Sao-Francisco-Xavier.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

SEGUNDA UNIÃO NEWS. *Santa Clara de Montefalco, Região da Úmbria, Província Perúgia, Itália – Corpo incorruptível*. 17 ago. 2011. Disponível em: <<http://segundauniaonews.com/2011/08/17/santa-clara-de-montefalco-regiao-de-umbria-provincia-perugia-italia-corpo-incorruptivel/>>. Acesso em: 6 maio 2013.

SHAFE. *Sainte Chapelle, Paris exterior (c. 1243-8)*. 2013. Disponível em: <http://www.shafe.co.uk/art/Sainte_Chapelle-_Paris_exterior_%28c-1243-8%29.asp>. Acesso em: 8 maio 2013.

SKYSCRAPERCITY. *Igreja e Convento de São Francisco – Terreiro de Jesus*. Salvador, 2015. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1026309>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

SLIDEPLAYER. *Exército Brasileiro DECEEx – DEPA – CMF*. Disciplina: História 2º ano do ensino médio assunto: A estrutura político-administrativa colonial. Objetivos a destacar. Slide 4. Dom João III. [s.l.], 2012. Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/353841/>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

SOBRE BUDISMO. *Meditação*. 2012. Disponível em: <<http://sobrebudismo.com.br/>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

SPES ANCORA VITAE. *Concílio de Constança*. Nov. 2012. Disponível em: <<http://savitae.blogspot.com.br/2012/11/em-11-de-outubro-de-1417-o-concilio-de.html>>. Acesso em: 10 maio 2013.

TA CENTRAL.COM. *Time of conversion Gregory the illuminator pagan wars*. 2001. Disponível em: <http://www.tacentral.com/index_search_results.asp?searchstr=martyria&image423322.x=0&image423322.y=0>. Acesso em: 7 maio 2013.

TESCH, Carlos Feitosa. *493 anos da reforma luterana (2010)*. Nov. 2010. Disponível em: <<http://conhecimentointegrador.blogspot.com.br/2010/11/493-anos-da-reforma-luterana.html>>. Acesso em: 9 maio 2013.

THE MONASTERY of San Benedetto. [s.l.], 2015. Disponível em: <http://www.visitlazio.com/en_GB/dettaglio/-/turismo/616142/subiaco-monastero-di-san-benedetto>. Acesso em: 13 jan. 2016.

TOLEDO, Elcio Pe. Os mártires do Brasil. *Beato Inácio Azevedo e companheiros*. São Paulo, 16 jul. 2014. Disponível em: <http://elcio.toledo.zip.net/arch2014-07-13_2014-07-19.html>. Acesso em: 7 nov. 2015.

TORRE DOS ATALAIAS DE JESUS CRISTO (YEOUSHUA). Ano novo, vida velha. *Idade Média: 01 de janeiro abolida*. 2013. Disponível em: <<http://torredosatalaiasdejesuscristo.blogspot.com.br/2013/12/ano-novo-vida-velha.html>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

TRIBO DE JACOB. *26 de Janeiro de 1564*. Os decretos de Trento são aprovados. Jan. 2011. Disponível em: <http://tribodejacob.blogspot.com.br/2011_01_01_archive.html>. Acesso em: 10 maio 2013.

TRIPADVISOR. *Route of Santiago de Compostela*. Disponível em: <http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187427-d1537904-Reviews-Route_of_Santiago_de_Compostela-Spain.html>. Acesso em: 9 maio 2013.

UNIÃO Ibérica. 23 out. 2010. Disponível em: <<http://ostemposdahistoria.blogspot.com.br/2010/10/uinao-iberica.html>>. Acesso em: 14 maio 2013.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO. Pastoral Universitária. *São Francisco Xavier*. Campo Grande, MS, 2014. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/santos-do-dia/sao-francisco-xavier/211/>>. Acesso em 8 nov. 2015.

VARELA NOTÍCIAS. *Missa em memória de Irmã Dulce acontece nesta quarta (13)*. 12 mar. 2013. Disponível em: <<http://varelanoticias.com.br/missa-em-memoria-de-irma-dulce-acontece-nesta-quarta-13/#.UYhVC8qVgdg>>. Acesso em: 6 maio 2013.

VARIEADES 1.COM. *O véu de Verônica – A face de Cristo no véu*. 2013. Disponível em: <<http://www.variedades1.com/2012/09/o-veu-de-veronica-face-de-cristo-no-veu.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

VIA LUMINA. *Menina Izildinha*. 2013. Disponível em: <http://www.vialumina.com.br/produto/menina-izildinha-pacote-c-100/31/3299/pt_BR>. Acesso em: 6 maio 2013.

VICIPAEDIA LIBERA ENCYCLOPAEDIA. Alexandre III (papa). [s.l.], 2015. Disponível em: <[https://la.wikipedia.org/wiki/Alexander_III_\(papa\)](https://la.wikipedia.org/wiki/Alexander_III_(papa))>. Acesso em: 4 nov. 2015.

VIRTUAL MEMORIES. *Retrato de frei Isidoro do Espírito Santo*. 12 maio 2012. Disponível em: <<http://virtualandmemories.blogspot.com.br/2012/05/retrato-de-frei-isidoro-do-espirito.html>>. Acesso em: 13 maio 2013.

WIKIMEDIA COMMONS. *Domenico Veneziano – The Madonna and Child with Saints*. 13 jun. 2011. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Domenico_Veneziano_-_The_Madonna_and_Child_with_Saints_-_WGA06428.jpg>. Acesso em: 18 maio 2013.

_____. *Gian Lorenzo Bernini – Portrait d'Urbain VIII*. [s.l.], 2015. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gian_Lorenzo_Bernini_-_Portrait_d%27Urbain_VIII.jpg>. Acesso em: 6 nov. 2015.

_____. *Papa Sisto V*. [s.l.], 2015. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papa_Sisto_V,_Pau,_Mus%C3%A9_natio_nal_du_ch%C3%A2teau.jpg>. Acesso em: 4 nov. 2015.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. *Basílica do Bom Jesus*. 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_do_Bom_Jesus>. Acesso em: 16 dez. 2015.

_____. *Capela Sistina*. 2013c. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_Sistina>. Acesso em: 9 maio 2013.

_____. *Catedral Basílica Primacial São Salvador*. [s.l.], 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_Bas%C3%ADlica_Primacial_S%C3%A3o_Salvador>. Acesso em: 7 nov. 2015.

_____. *Concílio de Trento*. 2013d. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_de_Trento>. Acesso: 10 maio 2013.

_____. *Igreja Apostólica Armênia*. 2013b. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Apost%C3%B3lica_Arm%C3%AAnia>. Acesso em: 7 maio de 2013.

_____. *Padre Cícero*. 2013a. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Padre_C%C3%ADcero>. Acesso em: 6 maio 2013.

_____. *Papa Leão XII*. [s.l.], 2015. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Le%C3%A3o_XII>. Acesso em: 4 nov. 2015.

_____. *Papa Paulo III*. 2013e. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Paulo_III>. Acesso em: 10 maio 2013.

_____. *Papa Pio IV*. [s.l.], 2015. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_IV>. Acesso em: 4 nov. 2015.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. *Papa Pio IX*. [s.l.], 2015. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_IX>. Acesso em: 6 nov. 2015.

_____. *Prata*. [s.l.], 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Prata>>.
Acesso em: 7 nov. 2015.

_____. *San Sebastiano fuori le mura*. [s.l.], 2015. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/San_Sebastiano_fuori_le_mura>. Acesso em: 18 jan. 2016.

WIKIWAND. *Festa di san Rocco (Palmi)*. [s.l.], 2010. Disponível em:
<[http://www.wikiwand.com/it/Festa_di_san_Rocco_\(Palmi\)](http://www.wikiwand.com/it/Festa_di_san_Rocco_(Palmi))>. Acesso em: 4 nov. 2015.

YOUCAT CATECISMO JOVEM. *Relíquias*. [s.l.], 2013. Disponível em:
<<http://www.catecismojovem.com.br/2013/04/reliquias.html>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

ZVAB.COM. *Canonici Regularis Ordinis Sancti Augustino De Imitatione Christi*. Libri Quatuor. 2013. Disponível em: <<http://www.zvab.com/buch-suchen/titel/de-imitatione-christi/autor/kempis>>. Acesso em: 9 maio 2013.

APÊNDICE A – MODELO DA FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS RELICÁRIOS

Nome da Instituição
Proprietário

Objeto: c/ relíquia <input type="checkbox"/> s/relíquia <input type="checkbox"/>	Nº IPHAN: Nº Inventário:
Título:	

Origem:	Época:
Localização:	Procedência:

Autoria:	
Categoria:	
Matéria/Técnica:	
Dimensões: Alt:_____ Larg:_____ Prof:_____	
Marcas/Inscrições/Legendas:	

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Conservação:					

:Atributos existentes:	Observações:
------------------------	--------------

Data de Elaboração:	Data/Fotógrafo:
Responsável:	Fonte:

**APÊNDICE B – INVENTÁRIO DAS RELÍQUIAS E/OU RELICÁRIOS DAS
INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR E
ENTORNO**

**IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS
MERCÊS**



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Mesa c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia Título: Mesa Relicário	Nº IPHAN: Não Inventariado Nº Inventário:
--	--

Origem: Convento das Mercês Localização: Igreja	Época: Século XX Procedência:
--	--------------------------------------

Autoria: Não consta

Categoria: Mobiliário

Matéria/Técnica:
Mármore/madeira/tecido/vidro

Dimensões (cm):

Marcas/Inscrições/Legendas:



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes:

Observações:

Data de Elaboração: 12.10.2015

Responsável: Francisco P. Guimarães

Data/Fotógrafo: 2015/Francisco Portugal

Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Palma c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia Título: Palma Relicário	Nº IPHAN: Não Inventariado Nº Inventário:
--	--

Origem: Convento das Mercês Localização: 1º. pavimento	Época: Século XIX Procedência:
---	---------------------------------------

Autoria: Não consta

Categoria: Ourivesaria

Matéria/Técnica: Prata/vidro/tecido

Dimensões (cm):

Alt.: 45

Marcas/Inscrições/Legendas:

S, Ursulae V M. / S. Angel. Me V / s. Sabinae
Mar. / S. Pacificae M



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:

Observações:

Data de Elaboração: 12.10.2015

Data/Fotógrafo: 2015/Francisco Portugal

Responsável: Francisco P. Guimarães

Fonte:

CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Caixa c/ relíquia s/relíquia X Título: Caixa Relicário			Nº IPHAN: Nº Inventário:			
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA			Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador			
Autoria: Não consta						
Categoria: Peça de Mobiliário (funerário)						
Matéria/Técnica: madeira policromada						
Dimensões (cm): Alt: 36 Larg: 75 Prof: 28						
Marcas/Inscrições/Legendas: "Corpus S. Felicis Mart"; "Corpus S. Iustini Mart."						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X				
Atributos existentes: Não consta			Observações:			
Data de Elaboração: 09/12/2014			Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte:			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
---	---------------------------------

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Peça de Mobiliário (funerário)
Matéria/Técnica: madeira policromada
Dimensões (cm): Alt: 36 Larg: 75 Prof: 28
Marcas/Inscrições/Legendas: “OSSA SS. MARTYRVM VINCENTTÆ, IVSTINÆ SEVERÆ, CAELESTINÆ, ET ALIORVM.” “Corpus S. Liberatæ Martiris”



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 9/12/2014	Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Caixa c/ relíquia s/relíquia X Título: Caixa Relicário			Nº IPHAN: Nº Inventário:			
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA			Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador			
Autoria: Não consta						
Categoria: Peça de Mobiliário (funerário)						
Matéria/Técnica: madeira policromada						
Dimensões (cm): Alt: 36 Larg: 76 Prof: 28						
Marcas/Inscrições/Legendas: "Corpus S. IVSTI M. cum parte vasis sanguinis" "Corpus S. Felicissimi Mart."						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X				
Atributos existentes: Não consta			Observações:			
Data de Elaboração: 9/12/2014			Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte:			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR	
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador	

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/03-0170.1853 Nº Inventário: não consta
--	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Andar superior da Catedral Basílica de Salvador	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto Funerário	
Matéria/Técnica: Crânio humano, Madeira/metal, tecido e vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 29,5 Larg: 28 Prof: 24	
Marcas/Inscrições/Legendas: Inscrições na parte interna da tampa: Relíquias de vários Santos Mártires cujos nomes [...] não sabem; He do corpo de Sto. Amaro [...]	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
					X

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Imagem Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Gregório Magno	Nº IPHAN: BA/03-0170.1760 Nº Inventário: não consta
--	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra da UFBA	Época: Século XVII Procedência: Antiga Igreja da Sé
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Madeira dourada e policromada
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 45 Prof: 30
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X	

Atributos existentes: Barrete, luvas, capa de asperge e livro.	Observações:
--	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Palma c/ relíquia X s/relíquia Título: Palma Relicário	Nº IPHAN: BA/03-0170.1278 Nº Inventário: MCB.II.0105
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca da Catedral Basílica de Salvador	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Ourivesaria
Matéria/Técnica: Metal dourado/fundição
Dimensões (cm): Alt: 22 Larg: 10 Prof: 6
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014	Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

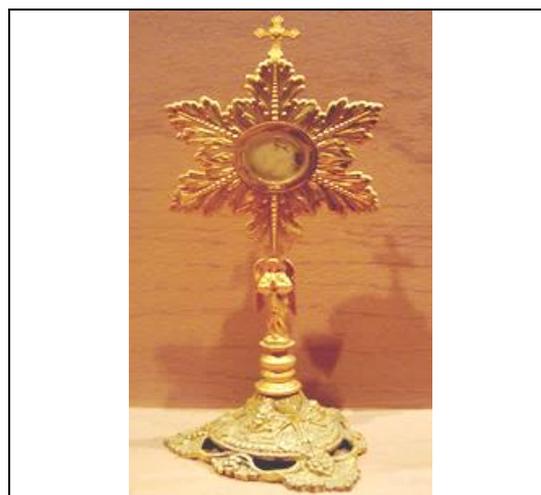
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia relicário	Nº IPHAN: BA/03-0170.1277 Nº Inventário: MCB.II.0107
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca Catedral Basílica do Salvador	Época: Século XIX Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Ourivesaria
Matéria/Técnica: Metal dourado / fundição
Dimensões (cm): Alt: 28 Larg: 11,5 Prof: 11,15
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX.OSSIUS S.M.EUPHTAS TA"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Cruz c/ relíquia X s/relíquia Título: Cruz relicário	Nº IPHAN: BA/03-0170.1241 Nº Inventário: MCB.II.0063
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca Catedral Basílica do Salvador	Época: Século XIX Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Ourivesaria
Matéria/Técnica: Metal dourado / fundição
Dimensões (cm): Alt: 55 Larg: 20 Prof: 16
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Urna Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/03-0170.0871 Nº Inventário: MCG.VIII.0003 .
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca da Catedral Basílica do Salvador	Época: Século XIX Procedência: Catedral Basílica do Salvador
--	---

Autoria: Não consta
Categoria: Peça de mobiliário (funerário)
Matéria/Técnica: Madeira dourada e policromada
Dimensões (cm): Alt: 31,5 Larg: 58,5 Prof: 34
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 17.11.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: c/ relíquia X s/relíquia Título: SÃO FRANCISCO XAVIER	Nº IPHAN: BA/03-0170.0625 Nº Inventário: MCB.I.0062
--	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Sacristia	Época: Século XVII Procedência: Não consta
--	---

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Madeira policromada e prata
Dimensões (cm): Alt: 78 Larg: 44 Prof: 32
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 17.11.2014	Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: São Brás	Nº IPHAN: BA/03-0170.0626 Nº Inventário: MCB.I.0002
---	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVIII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: madeira policromada e dourada, vidro
Dimensões (cm): Alt: 69 Larg: 36 Prof: 19
Marcas/Inscrições/Legendas: "S.Braz", "S.B" e "J.P"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Livro, mitra, capa de asperge, casula	Observações:
---	--------------

Data de Elaboração: 7.11.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte:
--	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Marcos	Nº IPHAN: BA/03-0170.0627 Nº Inventário: MCB.I.0018
---	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca Catedral Basílica do Salvador	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: madeira prateada e dourada
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 22,5 Prof: 14
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Leão	Observações:
----------------------------	--------------

Data de Elaboração: 7.11.2014	Data/Fotógrafo: 2003 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São João Evangelista	Nº IPHAN: BA/03-0170.0628 Nº Inventário: MCB.I.0020
---	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca Catedral Basílica do Salvador	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: madeira prateada e dourada
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 24 Prof: 14
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Conservação:			X		

Atributos existentes: águia	Observações:
-----------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2003 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Lucas			Nº IPHAN: BA/03-0170.0629 Nº Inventário: MCB.I.0019			
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca Catedral Basílica do Salvador			Época: Século XIX Procedência: Não consta			
Autoria: Não consta						
Categoria: Imaginária						
Matéria/Técnica: madeira prateada e dourada						
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 22 Prof: 13,5						
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X		
Atributos existentes: Touro			Observações: Atributo (Cabeça do touro) mutilado.			
Data de Elaboração: 16.11.2014			Data/Fotógrafo: 2003 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR													
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador													
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Mateus	Nº IPHAN: BA/03-0170.0630 Nº Inventário: MCB.I.0021												
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Biblioteca Catedral Basílica do Salvador	Época: Século XIX Procedência: Não consta												
Autoria: Não consta Categoria: Imaginária Matéria/Técnica: madeira prateada e dourada Dimensões (cm): Alt: 52,5 Larg: 21 Prof: 16 Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam													
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 40%; padding: 5px;">Conservação:</td> <td style="width: 10%; padding: 5px; text-align: center;">Ótimo</td> <td style="width: 10%; padding: 5px; text-align: center;">Bom</td> <td style="width: 10%; padding: 5px; text-align: center;">Regular</td> <td style="width: 10%; padding: 5px; text-align: center;">Ruim</td> <td style="width: 10%; padding: 5px; text-align: center;">Péssimo</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">X</td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> </tr> </table>	Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo				X			
Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo								
			X										
Atributos existentes: Anjo	Observações:												
Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2003 / Heraldo												
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA												

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Imagem Relicário c/ relíquia s/relíquia x Título: SÃO FRANCISCO DE BORJA	Nº IPHAN: BA/03-0170.0618 Nº Inventário: Não consta
---	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR	Época: século XVII/XVIII
Localização: Altar do Transepto	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Imaginária	
Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada	
Dimensões (cm): Alt: 162 Larg: 64 Prof: 47	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não consta	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Cruz (inexistente) e caveira nas mãos	Observações:
--	--------------

Data de Elaboração: 7.11.2014	Data/Fotógrafo: 2014 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: VIRGEM MARTIR	Nº IPHAN: BA/03-0170.0746 Nº Inventário: 21-01
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica de Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 52 Larg: 34 Prof: 34
Marcas/Inscrições/Legendas: Não consta



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 7.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Virgem Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0747 Nº Inventário: 21-02
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm):Alt: 54 Larg: 38 Prof: 28
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Virgem Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0748 Nº Inventário: 21-03
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 55 Larg: 37 Prof: 27
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Livro	Observações:
-----------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Ágata	Nº IPHAN: BA/03-0170.0749 Nº Inventário: 21-04
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 34 Prof: 32
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Seios sobre bandeja	Observações:
---	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Virgem Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.750 Nº Inventário:21-05.
--	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 54 Larg: 39 Prof: 28
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR													
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador													
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Virgem Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.751 Nº Inventário: 21-06												
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador												
Autoria: Não consta Categoria: Imaginária Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado Dimensões (cm): Alt: 52 Larg: 42 Prof: 28 Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam													
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 40%; padding: 5px;">Conservação:</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ótimo</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Bom</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Regular</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ruim</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Péssimo</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="text-align: center; padding: 5px;">X</td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> </tr> </table>	Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo		X					
Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo								
	X												
Atributos existentes: Não consta	Observações:												
Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti												
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA												

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Isabel Rainha de Portugal			Nº IPHAN: BA/03-0170.0752 Nº Inventário: 21-07			
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA			Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador			
Autoria: Não consta						
Categoria: Imaginária						
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado						
Dimensões (cm): Alt: 54 Larg: 38 Prof: 33						
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
X						
Atributos existentes: Flores na mão esquerda.			Observações:			
Data de Elaboração: 16.11.2014			Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Teresa de Jesus	Nº IPHAN: BA/03-0170.0753 Nº Inventário: 21-08
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 55 Larg: 36 Prof: 36
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Livro aberto	Observações:
------------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Virgem Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.754 Nº Inventário: 21.09
--	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 55 Larg: 37 Prof: 33
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Livro fechado	Observações:
-------------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Dorotéia			Nº IPHAN: BA/03-0170.0755 Nº Inventário: 21-10			
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA			Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador			
Autoria: Não consta						
Categoria: Imaginária						
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado						
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 41 Prof: 31						
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X				
Atributos existentes: Punhado de frutos			Observações:			
Data de Elaboração: 16.11.2014			Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: SANTA INÊS	Nº IPHAN: BA/03-0170.0757 Nº Inventário: 21-12
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica de Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada
Dimensões (cm): Alt: 54 Larg: 37 Prof: 24
Marcas/Inscrições/Lendas: Não constam

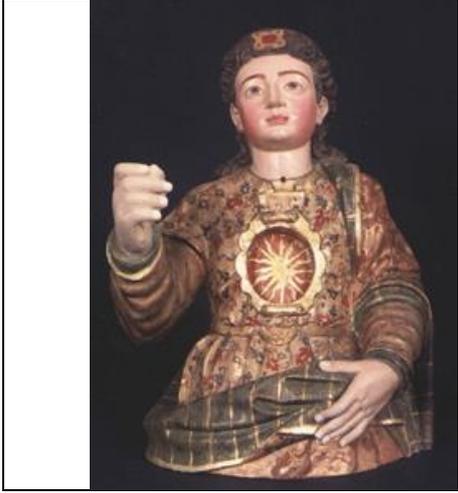


Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Carneiro	Observações:
--------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 7.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR													
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador													
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Virgem Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0758 Nº Inventário: 21-13												
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica de Salvador												
Autoria: Não consta Categoria: Imaginária Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada. Dimensões (cm): Alt: 54 Larg: 41 Prof: 36 Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam													
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 40%; padding: 5px;">Conservação:</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ótimo</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Bom</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Regular</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ruim</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Péssimo</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="text-align: center; padding: 5px;">X</td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> </tr> </table>	Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo		X					
Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo								
	X												
Atributos existentes: Não consta	Observações:												
Data de Elaboração: 7.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti												
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA												

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Catarina de Siena	Nº IPHAN: BA/03-0170.0759 Nº Inventário: 21-14
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: madeira policromada e dourada
Dimensões (cm): Alt: 56 Larg: 42 Prof: 34
Marcas/Inscrições/Legendas: inscrição sob a base da imagem com sua identificação



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Irene	Nº IPHAN: BA/03-0170.0760 Nº Inventário: 21-15
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 55 Larg: 39 Prof: 30
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Punhal	Observações:
------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.761 Nº Inventário: 21-16
---	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 59 Larg: 46 Prof: 36
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.762 Nº Inventário: 21.17
---	---

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 58 Larg: 41 Prof: 37
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Sebastião	Nº IPHAN: BA/03-0170.0763 Nº Inventário: 21-08
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 58 Larg: 48 Prof: 31
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Flexas	Observações:
------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.764 Nº Inventário: Não consta
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 57 Larg: 46 Prof: 38
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0765 Nº Inventário: 21-20
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 59 Larg: 45 Prof: 44
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0766 Nº Inventário: 21-21
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 60 Larg: 44 Prof: 38
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

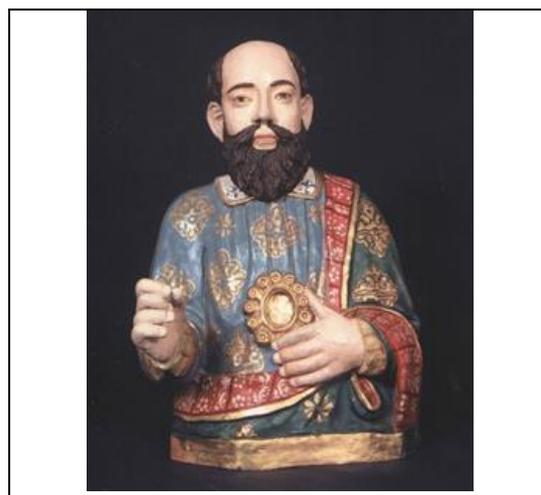
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.1767 Nº Inventário: 21-22
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 57 Larg: 43 Prof: 37
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR													
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador													
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Lourenço	Nº IPHAN: BA/03-0170.0768 Nº Inventário: 21-23												
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador												
Autoria: Não consta Categoria: Imaginária Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada e vidro Dimensões (cm): Alt: 57 Larg: 49,5 Prof: 25 Marcas/Inscrições/Legendas: Inscrição sob a base da imagem com sua identificação.													
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 40%; padding: 5px;">Conservação:</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ótimo</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Bom</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Regular</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ruim</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Péssimo</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="text-align: center; padding: 5px;">X</td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> </tr> </table>	Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo		X					
Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo								
	X												
Atributos existentes: Não consta	Observações: Único busto que está com policromia do século XVIII												
Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti												
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA												

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Estevão	Nº IPHAN: BA/03-0170.0769 Nº Inventário: 21-24
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada
Dimensões (cm): Alt: 57 Larg: 44 Prof: 34
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Pedras	Observações:
------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Luís, Rei de França	Nº IPHAN: BA/03-0170.0770 Nº Inventário: 21-25
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 59 Larg: 42 Prof: 38
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: São Jorge	Nº IPHAN: BA/03-0170.0771 Nº Inventário: 21-26
--	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada
Dimensões (cm): Alt: 77 Larg: 50 Prof: 30
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0772 Nº Inventário: 21-27
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 59 Larg: 40 Prof: 36
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0773 Nº Inventário: 21-28
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 59 Larg: 41 Prof: 34
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Mártir	Nº IPHAN: BA/03-0170.0774 Nº Inventário: 21-29
---	--

Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Barro policromado e dourado
Dimensões (cm): Alt: 56 Larg: 41 Prof: 34
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR													
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador													
Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Eustáquio	Nº IPHAN: BA/03-0170.0775 Nº Inventário: 21-30												
Origem: CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR Localização: Museu de Arte Sacra/UFBA	Época: Século XVII Procedência: Catedral Basílica do Salvador												
Autoria: Não consta Categoria: Imaginária Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada Dimensões (cm): Alt: 75 Larg: 47 Prof: 35 Marcas/Inscrições/Legendas: Inscrição sob a base da imagem com sua identificação.													
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 40%; padding: 5px;">Conservação:</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ótimo</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Bom</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Regular</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Ruim</td> <td style="width: 10%; text-align: center; padding: 5px;">Péssimo</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="text-align: center; padding: 5px;">X</td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> <td style="padding: 5px;"></td> </tr> </table>	Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo		X					
Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo								
	X												
Atributos existentes: Não consta	Observações:												
Data de Elaboração: 16.11.2014	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti												
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: Museu de Arte Sacra/UFBA												

IGREJA DE N.S. DA AJUDA

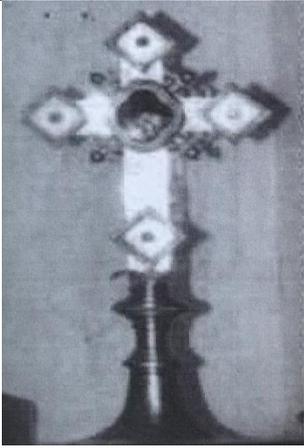


FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Cruz c/ relíquia X s/relíquia Título: Cruz Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0161.0114 Nº Inventário:
--	--

Origem: IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA Localização: Sacristia	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/vidro	
Dimensões (cm): Alt: 33 Larg: 15 Prof: 13	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Peça furtada (inf. Inventário Iphan)
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 09.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

IGREJA E CONVENTO N.S. DA CONCEIÇÃO DA LAPA



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário			Nº IPHAN: BA/01-0163.0060 Nº Inventário:			
Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas			Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa			
Autoria: Não consta						
Categoria: Objeto devocional						
Matéria/Técnica: Metal/vidro/madeira dourada/papel/tecido						
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1						
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. CATHAR V ET M"						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X		
Atributos existentes: Não consta			Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma, indicam a sua primitiva procedência.			
Data de Elaboração: 10.12.2014			Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0061 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal/vidro/madeira dourada/papel/tecido
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: Ilegível



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 10/12/2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2001 - Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0062 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal/vidro/madeira dourada/papel/tecido
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: "OSS. S. ROCH"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 10/12/2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2001 - Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0063 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Vidro//papel/tecido/cera
Dimensões (cm): Alt: 8 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma, indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	--

Data de Elaboração: 10.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0064 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal/vidro//papel/madeira/tecido
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: “VBI. D. AAGEL. VBT NACT. D. e VBI D...”



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 2.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0065 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal/vidro/papel/madeira/tecido
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: Inscrições ilegíveis



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0066 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal/papel/madeira/tecido
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: "SGREGORYM MAGNI."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0067 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Madeira/vidro
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 9 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0068 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Madeira/vidro/metal/papel/tecido
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: "IACOBI: MA: AP".



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0070 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Madeira/vidro/metal/papel/tecido
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: ROSALIA" - "VIRGINEM".



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0071 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal/cera/vidro
Dimensões (cm): Alt: 6 Larg: 5 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: "I.H.S."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0072 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal/vidro/papel/tecido	
Dimensões (cm): Alt: 5 Larg: 4 Prof: 1	
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. ANASTASIA VIRG MART."	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispo de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário			Nº IPHAN: BA/01-0163.0073 Nº Inventário:			
Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas			Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa			
Autoria: Não consta						
Categoria: Objeto devocional						
Matéria/Técnica: Metal/vidro/papel/madeira/tecido						
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1						
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. FRUCTUOSI M."						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X		
Atributos existentes: Não consta			Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.			
Data de Elaboração: 20.12.2014			Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

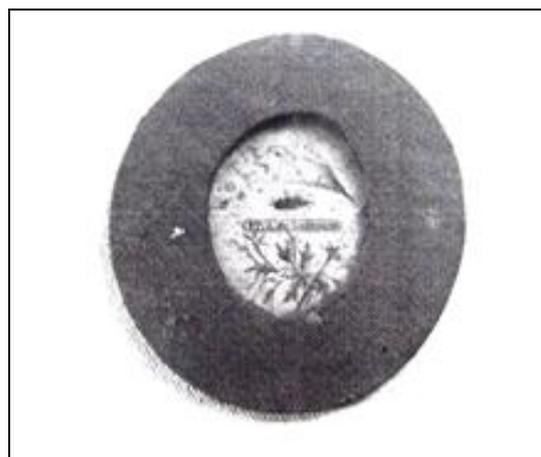
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0074 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: /vidro/tecido
Dimensões (cm): Alt: 9 Larg: 7 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Lendas: "BSE J. DE LOSTONNAC"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0075 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Papel/madeira/vidro/tecido
Dimensões (cm): Alt: 8 Larg: 7 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0076 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Tecido/vidro/cera	
Dimensões (cm): Alt: 8 Larg: 6 Prof: 1	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário			Nº IPHAN: BA/01-0163.0077 Nº Inventário:			
Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas			Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa			
Autoria: Não consta						
Categoria: Objeto devocional						
Matéria/Técnica: Papel/vidro/tecido/cera						
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 6 Prof: 1						
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X		
Atributos existentes: Não consta			Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.			
Data de Elaboração: 20.12.2014			Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0078 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Papel/madeira/tecido/cera
Dimensões (cm): Alt: 12 Larg: 10 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: Inscrição ilegível



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispo de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário			Nº IPHAN: BA/01-0163.0079 Nº Inventário:			
Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas			Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa			
Autoria: Não consta						
Categoria: Objeto devocional						
Matéria/Técnica: Tecido/cera/madeira/papel						
Dimensões (cm): Alt: 12 Larg: 11 Prof: 1						
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. NI COLA VS DE TOLINTINO"						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X		
Atributos existentes: Não consta			Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.			
Data de Elaboração: 20.12.2014			Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

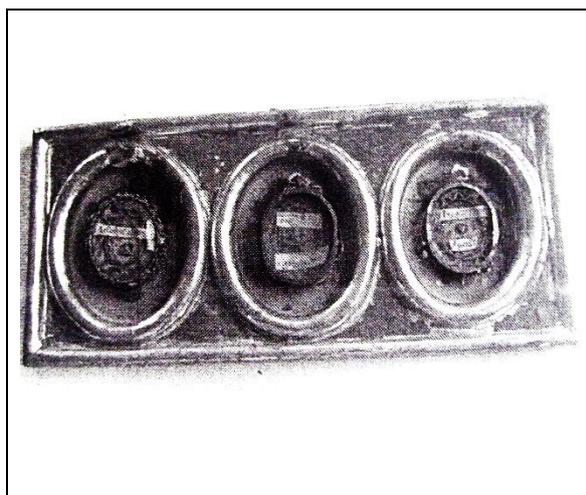
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA
 Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0163.0080 Nº Inventário:
---	--

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas	Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Madeira/metal/vidro/tecido
Dimensões (cm): Alt: 8 Larg: 19 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: Inscrições ilegíveis



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.
----------------------------------	---

Data de Elaboração: 20.12.2014	Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Quadro Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário			Nº IPHAN: BA/01-0163.0081 Nº Inventário:			
Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização: Instituto Bom Pastor - Brotas			Época: Século XVIII Procedência: Convento da Lapa			
Autoria: Não consta						
Categoria: Objeto devocional						
Matéria/Técnica: Madeira/metal/vidro/tecido/papel						
Dimensões (cm): Alt: 8 Larg: 19 Prof: 1						
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX TÚNICA B. ISABELLAE"						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X				
Atributos existentes: Não consta			Observações: Documentos contendo selo do Arcebispado de Roma indicam a sua primitiva procedência.			
Data de Elaboração: 20.12.2014			Data/Fotógrafo: 2001 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

IGREJA DE N.S. DA CONCEIÇÃO DA PRAIA



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA MATRIZ DE N.S. DA CONCEIÇÃO DA PRAIA											
Proprietário: Irmandade do S.S. Sacramento e N.S. da Conceição da Praia											
Objeto: Ostensório c/ relíquia X s/relíquia Título: Ostensório relicário	Nº IPHAN: BA/03-0171.0537 Nº Inventário:										
Origem: Igreja da Conceição da Praia	Época: Século XIX/XX										
Localização: Capela-mor da Igreja	Procedência: Não consta										
Autoria: Não consta Categoria: Objeto de culto Matéria/Técnica: Madeira dourada/vidro Dimensões (cm): Alt: 61 Larg: 36 Prof: 20 Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam											
Conservação:	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="width: 15%;">Ótimo</th> <th style="width: 15%;">Bom</th> <th style="width: 15%;">Regular</th> <th style="width: 15%;">Ruim</th> <th style="width: 15%;">Péssimo</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td style="text-align: center;">X</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo		X			
Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo							
	X										
Atributos existentes: Não consta	Observações:										
Data de Elaboração: 21.12.2014	Data/Fotógrafo: 2003 / Heraldo										
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA										

IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Ostensório c/ relíquia X s/relíquia Título: Ostensório relicário	Nº IPHAN: BA/01-0169.0872 Nº Inventário:
--	--

Origem: Igreja do Desterro	Época: Século XIX
Localização: Capela da Clausura	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta

Categoria: Objeto de culto

Matéria/Técnica: Madeira
dourada/vidro/metal

Dimensões (cm):

Alt: 34 Larg: 17 Prof: 8

Marcas/Inscrições/Legendas:

“Ex. Coenaculo; Ex. Panne D. N.;
Colum Flagel.; Ex Præs D.N.; Domus
Laur.; S. Josephi Sp.; S.Zachar. Pae;
S. Annæ Mair; b. Bened. Labre; S.
Elisab M.; S. Ioannis Ha.; S. Ioachim
Pa.; S. Antonii Pat.”



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta

Observações:

Data de Elaboração: 21.12.2014

Responsável: Francisco P.
Guimarães

Data/Fotógrafo: dez. 2015/Francisco
Portugal

Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Imagem relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Cristo Crucificado	Nº IPHAN: BA/01-0169.0932 Nº Inventário:
--	--

Origem: Igreja do Desterro Localização: Altar-mor	Época: Século XVIII Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Imaginária	
Matéria/Técnica: Madeira policromada/vidro/metal	
Dimensões (cm): Alt: 1,43 Larg: 1,33 Prof: 1,38	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 10.10.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015/Francisco Portugal Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Cruz c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia Título: Cruz relicário	Nº IPHAN: BA/01-0169.1040 Nº Inventário:
--	--

Origem: Igreja do Desterro Localização: Casa forte	Época: Século XVIII/XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Ourivesaria
Matéria/Técnica: Metal/vidro
Dimensões (cm): Alt: 40 Larg: 32 Prof: 14
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: dez. 2015 / Francisco Portugal Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia relicário	Nº IPHAN: BA/01-0169.1041 Nº Inventário: Ficha n. 2.24
--	--

Origem: Igreja do Desterro Localização: Casa forte	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/vidro/papel	
Dimensões (cm): Alt: 37,5 Larg: 13,5 Prof: 9	
Marcas/Inscrições/Legendas: FRANC. ASS.	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: dez. 2015/Francisco Portugal Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0169.1042 Nº Inventário:
--	--

Origem: Igreja do Desterro Localização: 1º. pavimento	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/vidro/tecido	
Dimensões (cm): Alt: 2,5 Diâm: 2 Prof: 0,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX. DOMO. B. M. V S. JOSEPHI S."	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			x		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: fev. 2002/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia	Nº IPHAN: BA/01-0169.1355
Título: Caixa Relicário	Nº Inventário:

Origem: Igreja do Desterro	Época: Século XIX
Localização: 1º. pavimento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta

Categoria: Ourivesaria

Matéria/Técnica: Metal/vidro/papel

Dimensões (cm):

Alt: 5 Larg.: 10 Prof: 1

Marcas/Inscrições/Legendas:

S. Dionysii M.; S. Bartholomaei Ap.;
Soc. S. Ursulae VM.; S. Bernadi Ab.; S.
Bonifacii M.; S. Longini M.”



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta

Observações:

Data de Elaboração: 21.12.2014

Data/Fotógrafo: dez. 2002/Francisco Portugal

Responsável: Francisco P. Guimarães

Fonte:

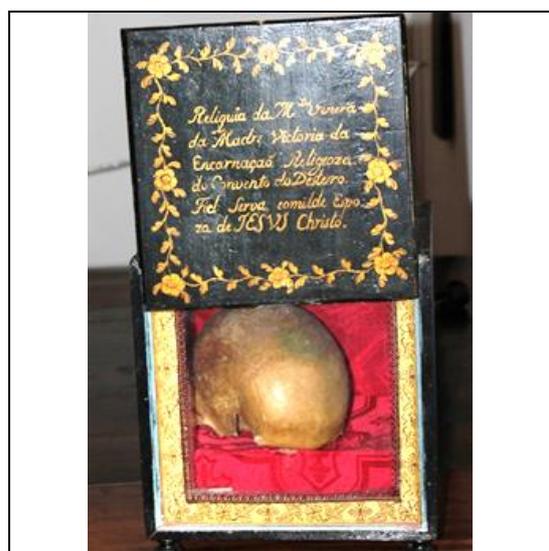
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Crânio de Madre Vitória	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: Igreja do Desterro Localização: 1º. pavimento	Época: Século XVIII Procedência:
--	---

Autoria: Não consta
Categoria: Relíquia
Matéria/Técnica: madeira/tecido/vidro
Dimensões (cm): Alt: 27 Larg: 25 Prof: 24
Marcas/Inscrições/Legendas: "Reliquia da M ^{to} Venerada Madre Victoria da Encarnação. Religioza do Convento do Desterro. Fiel Serva, eomilde Esposa de JESUS Christo."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 12.10.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015/Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: Igreja do Desterro Localização: 1º. pavimento	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: ourivesaria	
Matéria/Técnica: /vidro/metal/tecido/papel	
Dimensões (cm): Alt: 3 Larg: 2,5 Prof: 0,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.12.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: dez. 2015/Francisco Portugal Fonte:
---	--

IGREJA DE N.S. DO ROSÁRIO DOS PRETOS



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Palma c/ relíquia X s/relíquia Título: Palma Relicário	Nº IPHAN: BA/01-0168.0172 Nº Inventário:
--	--

Origem: Igreja do Rosário dos Pretos Localização: Primeiro pavimento	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/madeira/tecido	
Dimensões (cm): Alt: 27,5 Larg: 13 Prof: 8	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: out. 2001/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO
Proprietário: Comunidade Franciscana da Bahia

Objeto: Imagem Relicário c/ relíquia s/relíquia X	Nº IPHAN: BA/05-0180.0991
Título: São Pascoal Bailão	Nº Inventário: Ficha nº. 30

Origem: Igreja de São Francisco	Época: Século XVIII
Localização: Térreo	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Imaginária	
Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada	
Dimensões (cm): Alt: 1,23 Larg: 56 Prof: 41	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014	Data/Fotógrafo: mar. 2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO
Proprietário: Comunidade Franciscana da Bahia

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia relicário	Nº IPHAN: BA/05-0180.1001 Nº Inventário: Ficha nº. 30
--	---

Origem: Igreja de São Francisco	Época: Século XIX
Localização: Térreo	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/vidro/tecido	
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 24 Prof: 17	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014	Data/Fotógrafo: mar. 2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO
Proprietário: Comunidade Franciscana da Bahia

Objeto: Ostensório c/ relíquia X s/relíquia	Nº IPHAN: BA/05-0180.1002
Título: Ostensório relicário	Nº Inventário: 4.13

Origem: Igreja de São Francisco	Época: Século XVIII/XIX
Localização: Sala da Prataria	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/vidro/tecido	
Dimensões (cm): Alt: 50 Larg: 20 Prof: 12	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014	Data/Fotógrafo: mar. 2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO Proprietário: Comunidade Franciscana da Bahia
--

Objeto: Ostensório c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia Título: Ostensório relicário	Nº IPHAN: BA/05-0180.1003 Nº Inventário:
--	--

Origem: Igreja de São Francisco Localização: Sala da Prataria	Época: Século XVIII Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/vidro	
Dimensões (cm): Alt: 47 Larg: 14 Prof: 13	
Marcas/Inscrições/Legendas: "S.FRANCº. A" "S. CILICIO"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: mar. 2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO Proprietário: Comunidade Franciscana da Bahia
--

Objeto: Custódia c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia Título: Custódia relicário	Nº IPHAN: BA/05-0180.1032 Nº Inventário: 4.7
--	--

Origem: Igreja de São Francisco Localização: Sala da Prataria	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal/vidro	
Dimensões (cm): Alt: 38 Larg: 15 Prof: 13	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: mar. 2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO
Proprietário: Comunidade Franciscana da Bahia

Objeto: Frontão relicário c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia	Nº IPHAN: BA/05-0180.0919
Título: Frontão de altar	Nº Inventário:

Origem: Igreja de São Francisco	Época: Século XVIII
Localização: Sala do Capítulo	Procedência:

Autoria: Não consta	
Categoria: Mobiliário	
Matéria/Técnica: madeira dourada/vidro	
Dimensões (cm): Alt: 1,30 Larg: 3,00 Prof: 0,80	
Marcas/Inscrições/Legendas: “S. JOAN”; “S TADDAEI AP”; “EX CINERIBUS” E “S FRANC. ASSIS. C”; “SER CLEMENTINE V.M.”; “S. VICENT. M.”	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 12 out. 2015	Data/Fotógrafo: 2015/Claudia Guanais
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO Proprietário: Comunidade Franciscana da Bahia
--

Objeto: Altar relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Altar do coro	Nº IPHAN: BA/05-0180.0461 Nº Inventário: 01
--	---

Origem: Igreja de São Francisco Localização: Coro da Igreja	Época: Século XVIII Procedência:
--	-------------------------------------

Autoria: Não consta	
Categoria: Mobiliário	
Matéria/Técnica: madeira dourada/vidro	
Dimensões (cm): Alt.: 1,70 Larg.: 1,40 Prof.: 1,20	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 12 out. 2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015/Claudia Guanais Fonte:
---	--

IGREJA DA ORDEM 3ª. DE SÃO DOMINGOS

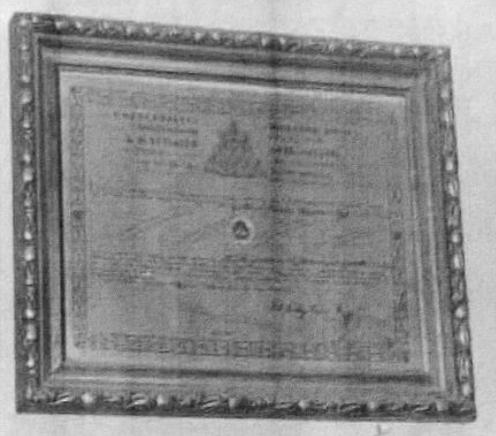


FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DA ORDEM 3ª DE SÃO DOMINGOS
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: BA/01-0164.0113 Nº Inventário:
--	---

Origem: Igreja da Ordem 3ª. de São Domingos Localização: 1º pavimento	Época: Século XIX Procedência: Roma
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Madeira/papel/metal/vidro	
Dimensões (cm): Alt: - Larg: 45 Comp: 35	
Marcas/Inscrições/Legendas: Faixa de papel com inscrição: S. Francis As.	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: jun. 2001/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DA ORDEM 3ª DE SÃO DOMINGOS Proprietário: Arquidiocese de São Salvador da Bahia
--

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: BA/01-0164.0114 Nº Inventário:
--	---

Origem: Igreja da Ordem 3ª. de São Domingos Localização: 1º pavimento	Época: Século XIX Procedência: Roma
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Madeira/papel/metal/vidro	
Dimensões (cm): Alt: - Larg: 45 Comp: 35	
Marcas/Inscrições/Legendas: Faixa de papel com inscrição: S. Dominici C.	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: jun. 2001/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DA ORDEM 3ª DE SÃO DOMINGOS Proprietário: Arquidiocese de São Salvador da Bahia
--

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: BA/01-0164.0115 Nº Inventário:
Origem: Igreja da Ordem 3ª. de São Domingos Localização: 1º pavimento	Época: Século XIX Procedência: Roma

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Madeira/papel/metal/vidro	
Dimensões (cm): Alt: - Larg.: 45 Comp.: 35	
Marcas/Inscrições/Legendas: Faixa de papel com inscrição: Ex Velo B.V. M.	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: jun. 2001/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DA ORDEM 3ª DE SÃO DOMINGOS Proprietário: Arquidiocese de São Salvador da Bahia
--

Objeto: Cruz c/ relíquia X s/relíquia Título: Cruz relicário	Nº IPHAN: BA/01-0164.0330 Nº Inventário:
--	--

Origem: Igreja da Ordem 3ª. de São Domingos Localização: Pavimento superior	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal/vidro	
Dimensões (cm): Alt: 48 Larg: 28 Prof.: 14	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2014 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: jul. 2001/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DA ORDEM 3ª DE SÃO DOMINGOS
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador da Bahia

Objeto: Imagem Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Santa Catarina de Siena	Nº IPHAN: Nº Inventário:
---	---------------------------------

Origem: Igreja da Ordem 3ª. de São Domingos Localização: Sacristia	Época: Século XVIII/XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Imaginária	
Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada	
Dimensões (cm): Alt: 1,70 Larg: 55 Prof.: 32	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Cláudia Guanaes Fonte:
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA DA ORDEM 3ª DE SÃO DOMINGOS
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador da Bahia

Objeto: Imagem Relicário c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia	Nº IPHAN:
Título: São Domingos de Gusmão	Nº Inventário:

Origem: Igreja da Ordem 3ª. de São Domingos	Época: Século XVIII/XIX
Localização: Pavimento térreo	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Imaginária	
Matéria/Técnica: Madeira policromada e dourada	
Dimensões (cm): Alt: 1,50 Larg: 55 Prof.: 33	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.12.2015	Data/Fotógrafo: 2015 / Cláudia Guanaes
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

CAPELA DE S. PEDRO GONÇALVES DO CORPO SANTO



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CAPELA DE SÃO PEDRO GONÇALVES DO CORPO SANTO Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/97-0139.0106 Nº Inventário:
--	---

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LAPA Localização:	Época: Século XX Procedência: Não consta
--	---

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: metal, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 39 Larg: 17	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 19.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 1998 / Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	---

IGREJA E CONVENTO DE SANTA TERESA D'ÁVILA



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE SANTA TERESA D'ÁVILA (MUSEU DE ARTE SACRA DA UFBA) Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Cruz c/ relíquia s/relíquia X Título: Cruz Relicário	Nº IPHAN: BA/97-0152.0866 BA/97-0152.0867; BA/97-0152.0868 BA/97-0152.0869 Nº Inventário:
--	--

Origem: Capela do Santíssimo da Antiga Sé da Bahia Localização: Reserva Técnica do MAS	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal (prata) e madeira.	
Dimensões (cm): Alt: 95 Larg: 28 Prof: 17	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não constam	Observações: Conjunto de quatro palmas-relicário contendo cada uma, na parte inferior, os símbolos: cordeiro místico, arca da aliança, símbolos da paixão, fênix
-----------------------------------	--

Data de Elaboração: 19.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2008 / Sérgio Benutti Fonte: MUSEU DE ARTE SACRA/UFBA
---	---

IGREJA MATRIZ DE N.S. DO BOMFIM



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA MATRIZ DO NOSSO SENHOR DO BOMFIM						
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador						
Objeto: Cruz c/ relíquia X s/relíquia			Nº IPHAN: BA/05-0182.0322			
Título: Cruz Relicário			Nº Inventário:			
Origem: IGREJA MATRIZ DO NOSSO SENHOR DO BOMFIM			Época: Século XIX			
Localização: Museu			Procedência: Não consta			
Autoria: Não consta						
Categoria: Ourivesaria						
Matéria/Técnica: Metal e vidro.						
Dimensões (cm): Alt: 20 Larg: 10 Prof: 5,5						
Marcas/Inscrições/Legendas: "INRI"						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X				
Atributos existentes: Não consta			Observações:			
Data de Elaboração: 19.01.2015			Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

IGREJA E CONVENTO DE N.S. DO CARMO



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Busto relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santo Ignácio de Loyola	Nº IPHAN: BA/99-0153.0888 Nº Inventário:
--	---

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Sacristia	Época: Século XVII Procedência: Não consta
---	---

Autoria: Não consta	
Categoria: imaginária	
Matéria/Técnica: madeira policromada e dourada.	
Dimensões (cm): Alt: 64 Larg: 54 Prof: 35	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X	

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia relicário	Nº IPHAN: BA/99-0153.1128 Nº Inventário: PCSE 716
--	---

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Sacristia	Época: Século XVIII Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: imaginária	
Matéria/Técnica: metal, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 41 Larg: 17	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2000 / Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Templo relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Santa Terezinha do Menino Jesus	Nº IPHAN: BA/99-0153.1341 Nº Inventário:
---	---

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Sacristia	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica. Metal, tecido, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 41 Larg: 45 Prof: 26	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

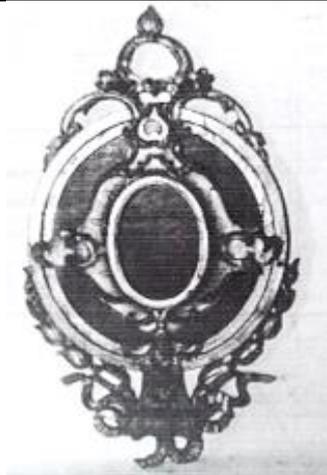
Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: BA/99-0153.1838 Nº Inventário:
--	---

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Pavimento Superior	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2000 / Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	N° IPHAN: N° Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Pavimento Superior	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO
Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Pavimento Superior	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro e tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 95 Larg: 55 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X	

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Pavimento Superior	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia	Nº IPHAN:
Título: Quadro relicário	Nº Inventário:

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Época: Século XIX
Localização: Pavimento Superior	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X	

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Palma c/ relíquia X s/relíquia	Nº IPHAN: BA/99-0153.1840
Título: Palma relicário	Nº Inventário:

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Época: Século XIX
Localização: Pavimento Superior	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira dourada, metal, tecido, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 86 Larg: 46 Prof: 11	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Palma c/ relíquia X s/relíquia Título: Palma relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: 1º pavimento	Época: Século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira dourada, metal, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 86 Larg: 46 Prof: 11	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: BA/99-0153.1841 Nº Inventário:
--	---

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Pavimento superior.	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira dourada e policromada, tecido e vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 68 Larg: 45 Prof: 5	
Marcas/Inscrições/Lendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
				X	

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2015 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Medalhas c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalhas relicário	N° IPHAN: BA/99-0153.1883 N° Inventário:
--	---

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Pavimento superior.	Época: Século XVIII/XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Metal, pedra e vidro.	
Dimensões (cm):	
Marcas/Inscrições/Legendas: “STE URSULE – ROSSOINE V. ISTE AGNES S. JOSEPHES ANTOINE PAUL BARTHE LEMI JEAN BAPT... S. TERE.. V. MA. MA...”	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2000 / Heraldo= Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Altar-mor	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.09.2016 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Proprietário: Província Carmelitana da Bahia
--

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO Localização: Altar-mor (lado esquerdo)	Época: Século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.09.2016 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Época: Século XIX
Localização: Altar-mor (lado esquerdo)	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.09.2016	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Época: Século XIX
Localização: Altar-mor (lado direito)	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.09.2016	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Proprietário: Província Carmelitana da Bahia

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Época: Século XIX
Localização: Altar-mor (lado direito)	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica. Madeira policromada e dourada, vidro.	
Dimensões (cm): Alt: 98 Larg: 56 Prof: 10	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Não consta	Observações:
----------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 20.09.2016	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte:

IGREJA E CONVENTO DE N.S. DA PIEDADE



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Imagem Relicário c/ relíquia x s/relíquia Título: São Brás	Nº IPHAN: BA/05-0198.0250 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Metal, madeira policromada e dourada
Dimensões (cm): Alt: Larg: Prof:
Marcas/Inscrições/Legendas: Não consta



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Mitra, báculo, capa de asperge	Observações:
---	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Cruz c/ relíquia x s/relíquia Título: Cruz Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0397 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal dourado, vidro/fundição	
Dimensões (cm): Alt: 31 Larg: 14,5 Prof: 7,3	
Marcas/Inscrições/Legendas: "INR"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Custódia c/ relíquia s/relíquia X Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0399 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta
Categoria: Ourivesaria
Matéria/Técnica: Metal dourado, pedras coloridas/fundição
Dimensões (cm): Alt: 33 Larg: 17 Diâm: 11,5
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 11.11.2014	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0400 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XX Procedência: Não consta
--	---

Autoria: Não consta	
Categoria: Ourivesaria	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 38 Larg: 15 Diâm: 12,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: "PARIZ"; "S. RITA CAS. VID"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0401 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 0,8 Larg: - Diâm: 0,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0402 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta

Categoria: Objeto devocional

Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, papel.

Dimensões (cm):

Alt: 6,5 Diâm: 6 Profundidade: 1,2

Marcas/Inscrições/Legendas:

"S.IGNASII LON. S. FRANCISS. CAROLI
B. - S. FRANCIS. BOR S. CAROLI SPONSI
B. M.V. - S. FRANCIS C.... ROD. - S.
ALDYSII GONZ."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta

Observações:

Data de Elaboração: 21.01.2015

Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo

Responsável: Francisco P. Guimarães

Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0403 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta

Categoria: Objeto devocional

Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, papel.

Dimensões (cm):

Alt: 5,8 Larg: 5 Profund: 1,2

Marcas/Inscrições/Legendas: "S. FRAN. ASS. B.BERM. CORL. B. IELIE. NIC FELIC. CANT-B. ANGEL AER - B.BERN.OPH - S.FIDEL SIGN - FRANC. A CAMP. - B. CORN. A.PARZ-S JOSEPH LEON - B.DID. J. GAD-BM.MARTINENGO - S. SERAPH ASC. B.BENED URB - B. CRIS P. VII - S. LAUR BRUND - S. VER ON. JUL.



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta

Observações:

Data de Elaboração: 21.01.2015

Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo

Responsável: Francisco P. Guimarães

Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0404 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, papel
Dimensões (cm): Diâm: 5,8 Larg: - Profund: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: "S.FRANC. ASS. - S. IGNAT. LAC. - S. CONR PARZ - S. FELIE. CANT. B.M, MARTINE... - S. VERDN - B. DID. J. GAD - S. FIDCEL. SIGM - B. BENED. URB - ANGEL. ACR. - S. JOSEPH.LEON S. FRANC. GRMP. - B. BERN.CORL. S. SERAPH.ASC. - B. BERN.OPH B. FELIC. NIC. S. LAUR - BRUND. B. CRISP.VIT - B. INNOC. A. BERT".



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0405 Nº Inventário: 0155.1 0155.22
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel.
Dimensões (cm): Diâm: 5,4 Prof: 0,6
Marcas/Inscrições/Legendas: "INSCRIÇÕES DAS RELIQUIAS" "S. FRANC. ASSIS - S. FELICIS - S. FIDELIS-S. IDSEPHI S. SERAPH - S. LAUR - S. CONP. S. IGR.... S. FRANC. M. - S. VERON - BERN.C. B.B. BERN B. ANGEL B. CRISP. B. BENED - B. BENED. B. FELIC - B. DID...BINNOC - B.IGNATII - B. LEOPLDI - B. MARIAEM."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0406 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

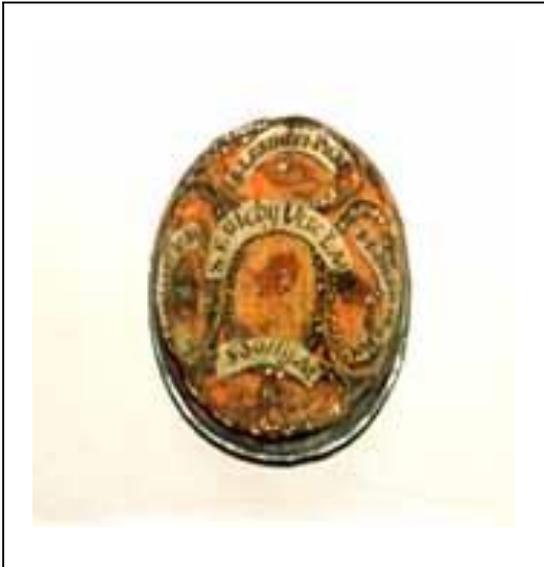
Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Diâm: 0,4 Alt: 0,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 21.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE											
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador											
Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0407 Nº Inventário: Não consta										
Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX										
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta										
Autoria: Não consta											
Categoria: Objeto devocional											
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.											
Dimensões (cm): Diâm: 0,4 Alt: 0,5											
Marcas/Inscrições/Legendas: S.LEANDRI PAN/R.BONAVENTURA POR. S. MARTIN P.V.M/S. SOFFIT.M.S.ENFEBIR VEIC.EM.											
Conservação:	<table border="1" style="margin: auto; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="padding: 2px 10px;">Ótimo</td> <td style="padding: 2px 10px;">Bom</td> <td style="padding: 2px 10px;">Regular</td> <td style="padding: 2px 10px;">Ruim</td> <td style="padding: 2px 10px;">Péssimo</td> </tr> <tr> <td style="width: 20px;"></td> <td style="width: 20px;"></td> <td style="text-align: center; padding: 2px 10px;">X</td> <td style="width: 20px;"></td> <td style="width: 20px;"></td> </tr> </table>	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo			X		
Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo							
		X									
Atributos: Não consta	Observações:										
Data de Elaboração: 21.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo										
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA										

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0408 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Larg.: 4,6 Alt: 6,2
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. SPERINDI E...- S.CIRILLI EP. S. ANGELO M.S. MARIX MAGD. DE PAZA - S. ALBERTI. C. S. JOANI A.C."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0409 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Larg.: 4,3 Alt: 5,6 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Legendas: B.DID. J. GAD...."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0410 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel.	
Dimensões (cm): Larg.: 4,8 Alt: 6,5 Prof: 1,0	
Marcas/Inscrições/Legendas: "S.CLAÚDIO MARTYR" "S.CLEMENTE"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0411 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Diâm: 5.5 Alt: 4
Marcas/Inscrições/Legendas: Ex Carne; B. Bened; Urbin; C



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0412 Nº Inventário: Não consta
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Diâm: 4 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. VERON IUI. A URB-B. ANEACR-S. JOSEPH.LE-B BER A OPER S. SERAP. ASC. B. FELIC. A NIC-B. DID J.A. CAD. S. LAUR ABR. B.CRISP VIT - S. FRAN ASS.S.FIDEL SIE."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0413 Nº Inventário: 0205.1 0205.4
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel.
Dimensões (cm): Alt: 4,5 Larg: 3,2 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Legendas: Ilegível



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0414 Nº Inventário: 0170.1
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 4,1 Larg: 3,1 Prof: 0,9	
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX VESTE J.ANDREX AVE EX OJJ - J.ANT. PATAV - J. ROCCHI"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Np IPHAN: BA/05-0198.0415 Nº Inventário: Não consta
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 5 Larg: 4,3 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX SEPULCRO B.V.M. - S. JOSEPH SPAN - S. AUNA M.V.M - S. PETRI APOSTOLI - S. PAULI APOST S. FIDELIS SUN - S. JOSEPH A LEONIS B. ANGELI A.B. ACRIO - B. LAURENTII BRUN.



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0416 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 5 Diâm: 4	
Marcas/Inscrições/Legendas: Ilegível	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov. 2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0417 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,4 Larg: 2,9 Prof: 1	
Marcas/Inscrições/Legendas: Ilegível	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0418 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Larg: 3 Prof: 1	
Marcas/Inscrições/Legendas: Ilegível	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 22.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0419 Nº Inventário: 0182.1 0182.2
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,3 Larg: 2,4 Prof: 1	
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX OSD....EMYGDII E PET...."	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0420 Nº Inventário: 0182.1 0182.2
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 4,0 Diam: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: Ilegível	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0421 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,0 Diâm: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0422 Nº Inventário: 0181.1 - 0181.2
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 4,2 Larg: 2,5 Prof: 1,0	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0423 Nº Inventário: Não consta
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3 Diam: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: B.J.O.SARCAN.M REF: 0199.1 - 0199.2	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0424 Nº Inventário: Não consta
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3 Diam: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. MARG. CORTON"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0425 Nº Inventário: 0142.1
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta

Categoria: Objeto devocional

Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.

Dimensões (cm):

Alt: 3,5 Larg: 2,7 Prof: 0,8

Marcas/Inscrições/Legendas:

"EX CAPILLIS - JOSEPH ALEON"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta

Observações:

Data de Elaboração: 23.01.2015

Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo

Responsável: Francisco P. Guimarães

Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0426 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Larg: 2,5 Prof: 1
Marcas/Inscrições/Legendas: DE CINAR - J. PATERN.....DE DUIBUS J. FORTUN -CELERIN



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0427 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Larg: 2,7 Prof: 1	
Marcas/Inscrições/Legendas: "DEOFS - B.LAUR. A BRUN".	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0428 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Diam: 2,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX PRACCORDIIS" B.BERU.ABOPH.C REF: 0143-1-0143-2.



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0429 Nº Inventário: 0169.1
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,3 Larg: 2,3 Prof: 0,5	
Marcas/Inscrições/Lendas: "S.ULBALDI EP."	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0430 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Diâm: 3	
Marcas/Inscrições/Legendas: B. INNOC. A BERT.	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0431 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3 Diâm: 2	
Marcas/Inscrições/Legendas: M.VIET.STRD	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0432 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Larg: 2,2 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX.OSSIBUS - S. EMYGDII EP.M."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0433 Nº Inventário: 0139.1 0139.2
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,3 Larg: 2,5 Prof: 0,7	
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. JOS. CALAS"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0434 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 2,5 Larg: 1,8 Prof: 0,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX OSS S. FIDEL A SIG."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0435 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3 Diam: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: Ilegível	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações: Ref: 02191/0219.2.0219.3
-----------------------	--

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0436 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Diam: 2,7 Prof: 0,8
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX. CINERIBUS - B. LAURENT A.BRU.C"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 23.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0437 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Diam: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: REG: 0168.1 - 0168.2	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0438 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3 Diam: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. AMBROSIL EP. B" REF: 0212.1/0212.2/0212.3	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0439 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel.	
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Larg: 2,7 Prof: 0,8	
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX CILICIO - S. SERAPH AB ASC.C."	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0440 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Dimensões (cm): Diâm: 3,5	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Marcas/Inscrições/Legendas: S. Ignatii Lac	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0441 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Diâm: 0,2
Marcas/Inscrições/Legendas: S.VERBA JULIAN - REF: 0225.1-0225.2-0225.3



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0442 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 4,5 Diâm: 2,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: REF: 0215.1/0215.5-0215.3	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0443 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Diâm: 3,5
Marcas/Inscrições/Legendas: S.IGNATTI LAC" - REF: 0217.1-0217.2-0217.3



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro Relicário	Np IPHAN: BA/05-0198.0444 Nº Inventário: Não consta
--	--

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Diâm: 3,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: REF: 0216.1-0216.2-0216.3	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0445 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Diâm: 2 Prof: 0,8	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Cruz c/ relíquia X s/relíquia Título: Cruz Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0446 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade Localização: Museu do Convento	Época: século XIX Procedência: Não consta
--	--

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Madeira, metal, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 3,5	
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: CONVENTO E IGREJA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Proprietário: Arquidiocese de São Salvador

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Quadro Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0198.0447 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: Igreja Nossa Senhora da Piedade	Época: século XIX
Localização: Museu do Convento	Procedência: Não consta

Autoria: Não consta	
Categoria: Objeto devocional	
Matéria/Técnica: Metal dourado, vidro, papel, tecido.	
Dimensões (cm): Alt: 3,5 Larg: 3,5 Prof: 1	
Marcas/Inscrições/Legendas: "B.PIO DA PIETR"	

Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos: Não consta	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 24.01.2015	Data/Fotógrafo: nov./2005/Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO



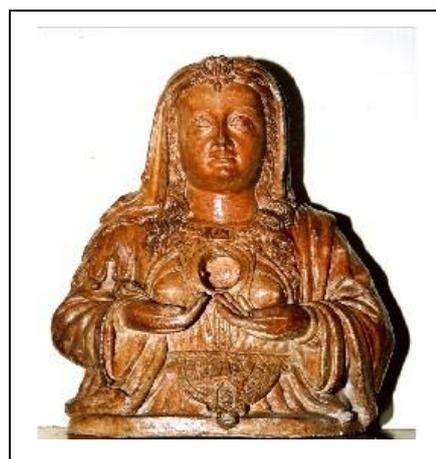
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X	Nº IPHAN: BA/05-0185.0257
Título: Santa Ágata	Nº Inventário: Não consta

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	Época: Século XVII
Localização: Convento	Procedência: Mosteiro de São Bento

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Terracota
Dimensões (cm): Alt: 50 Larg: 38 Prof: 22
Marcas/Inscrições/Lendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Seios à mostra	Observações:
--------------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Bárbara	Nº IPHAN: BA/05-0185.0260 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XVII Procedência: Mosteiro de São Bento
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Terracota policromada e dourada.
Dimensões (cm): Alt: 55 Larg: 41 Prof: 26
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo		Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X			

Atributos existentes: Torre	Observações:
-----------------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X Título: Santa Escolástica	Nº IPHAN: BA/05-0185.0286 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XVII Procedência: Mosteiro de São Bento
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Terracota
Dimensões (cm): Alt: 54,5 Larg: 37 Prof: 30
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Livro	Observações:
-----------------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

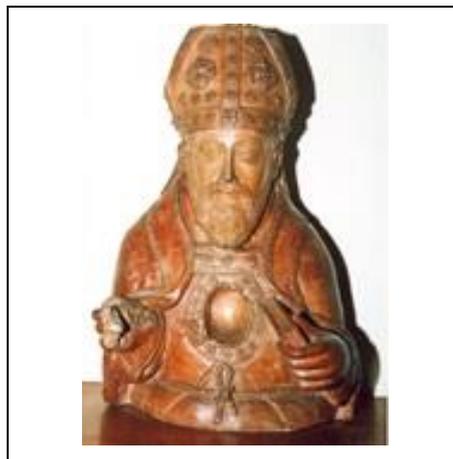
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X	Nº IPHAN: BA/05-0185.0289
Título: Santo Anselmo	Nº Inventário: Não consta

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	Época: Século XVII
Localização: Convento	Procedência: Mosteiro de São Bento

Autoria: Não consta
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Terracota
Dimensões (cm): Alt: 57 Larg: 36 Prof: 23
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Livro.	Observações:
------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X	Nº IPHAN: BA/05-0185.0291
Título: São Gregório Magno	Nº Inventário: Não consta

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	Época: Século XVII
Localização: Convento	Procedência: Mosteiro de São Bento

Autoria: Frei Agostinho da Piedade
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Terracota.
Dimensões (cm): Alt: 59,5 Larg: 26,5 Prof: 36
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes: Livro, tiara.	Observações:
-------------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia s/relíquia X	Nº IPHAN: BA/05-0185.0292
Título: Santa Margarida	Nº Inventário: Não consta

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	Época: Século XVII
Localização: Convento	Procedência: Mosteiro de São Bento

Autoria: Frei Agostinho da Piedade
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Terracota
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 35 Prof: 22
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes: Corrente.	Observações:
---------------------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Busto Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Santa Luzia	Nº IPHAN: BA/05-0185.0372 Nº Inventário: 1.3
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XVII Procedência: Mosteiro de São Bento
---	--

Autoria: Frei Agostinho da Piedade
Categoria: Imaginária
Matéria/Técnica: Chumbo, prata, madeira, tecido, gemas
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 29 Prof: 25
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo Fonte: IPHAN/BA
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Braço Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: São Bento	Nº IPHAN: BA/05-0185.0373 Nº Inventário: 1.1
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XVII Procedência: Mosteiro de São Bento
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Prata, tecido, madeira.
Dimensões (cm): Alt: 61 Larg: 46 Diâm: 17,5 Peso: 1500 g
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Mão Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: São Sebastião	Nº IPHAN: BA/05-0185.0374 Nº Inventário: 1.2
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XVII Procedência: Mosteiro de São Bento
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Prata, tecido, madeira.
Dimensões (cm): Alt: 63 Diâm: 22 Peso: 1550 g
Marcas/Inscrições/Legendas: "345" "1513-0-14" "RP-32"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Perna Relicário c/ relíquia X s/relíquia Título: Santo Amaro	Nº IPHAN: BA/05-0185.0375 Nº Inventário: 1.4
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XVII Procedência: Mosteiro de São Bento
--	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Prata, tecido, gemas, madeira.
Dimensões (cm): Alt: 53 Larg: 20 Diâm: 16 Peso: 1850 g
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
	X				

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Cruz c/ relíquia s/relíquia X	Nº IPHAN: BA/05-0185.0376
Título: Cruz Relicário	Nº Inventário: 1.73

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	Época: Século XVII
Localização: Convento	Procedência: Mosteiro de São Bento

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Metal, vidro.
Dimensões (cm): Alt: 46 Larg: 28 Prof: 10 Peso: 2075 g
Marcas/Inscrições/Legendas: "SB-18"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.0909 Nº Inventário:
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Capela Abacial	Época: Século XVIII/XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Madeira, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 45 Larg: 17 Prof: 10
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.0910 Nº Inventário:
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Capela Abacial	Época: Século XIX/XX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/ Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 54,5 Larg: 22,5 Prof: 14
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.0911 Nº Inventário:
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Capela Abacial	Época: Século XIX/XX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 56 Larg: 26,5 Diâm: 17
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.0912 Nº Inventário:
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Capela Abacial	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, gemas.
Dimensões (cm): Alt: 55 Larg: 25 Prof: 207
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Quadro c/ relíquia X s/relíquia Título: Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1193 Nº Inventário: Não consta
---	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Madeira, vidro, papel.
Dimensões (cm): Alt: 38,5 Larg: 21,5 Prof: 6
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Custódia c/ relíquia X s/relíquia Título: Custódia Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1194 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal e gema.
Dimensões (cm): Alt: 21,5 Larg: 11 Prof: 6,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "E. FLACIDI RICHARO O.S.B" "EX CORPORE"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1195 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Madeira, vidro, tecido, papel.
Dimensões (cm): Alt: 2 Diâm: 3,5
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1196 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Diâm: 3,5 Prof: 2,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. VINCENT DE P"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

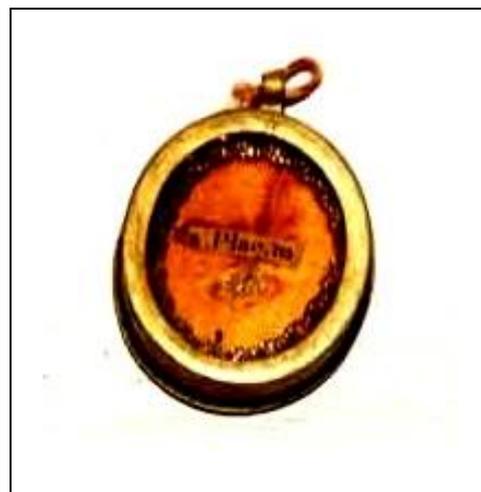
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1197 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, gemas, papel, vidro.
Dimensões (cm): Alt: 1,0 Diâm: 3,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. PLAC. M"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

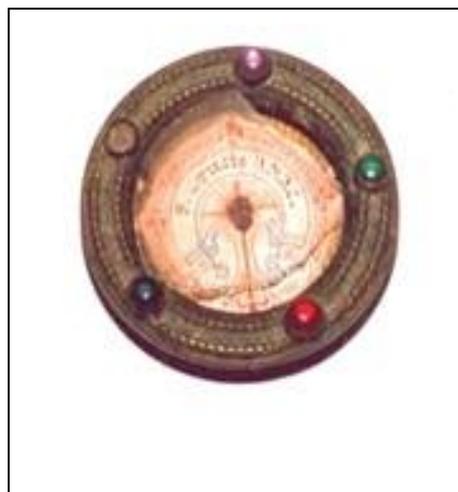
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1198 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, gemas, papel, vidro.
Dimensões (cm): Diâm: 4,5 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia <input type="checkbox"/> Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1199 Nº Inventário: Não consta
---	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, Tecido, papel, vidro.
Dimensões (cm): Alt: 0,8 Diâm: 2,1
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX. CUUIS. D. N."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 26.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia <input type="checkbox"/> Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1201 Nº Inventário: Não consta
---	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro, papel.
Dimensões (cm): Larg: 3 Diâm: 2
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. PII V.PP.C." "S. TLUMAQD"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1202 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro, papel.
Dimensões (cm): Alt: 5,0 Diâm: 3,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. GABARO", e "S. AND. AV."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1203 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro, papel.
Dimensões (cm): Prof: 1,1 Diâm: 3,0
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1204 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro, papel.
Dimensões (cm): Prof: 1,0 Diâm: 4,0
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1205 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro.
Dimensões (cm): Prof: 1,5 Diâm: 3,0
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1206 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro, papel.
Dimensões (cm): Prof: 1,5 Diâm: 3,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. PHILIPPI AP."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1207 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro.
Dimensões (cm): Diâm: 4,0
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1208 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro, papel.
Dimensões (cm): Diâm: 2,0 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. AUGUST E. D".



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1209 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, papel, vidro.
Dimensões (cm): Diâm: 3,0 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. PRILIPPI AP."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1210 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, papel, vidro.
Dimensões (cm): Diâm: 3,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. PRILIPPI AP."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1211 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, papel, vidro.
Dimensões (cm): Alt: 1,0 Diâm: 3,5
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1212 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, vidro.
Dimensões (cm): Diâm: 2,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "FIDEIS"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO	
Proprietário: Ordem Beneditina	

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1213 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, tecido, papel, vidro.
Dimensões (cm): Alt: 1,2 Diâm: 4,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "DOM GELSUILES QUE LA VLI MARGUIRA DE ANGES".



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

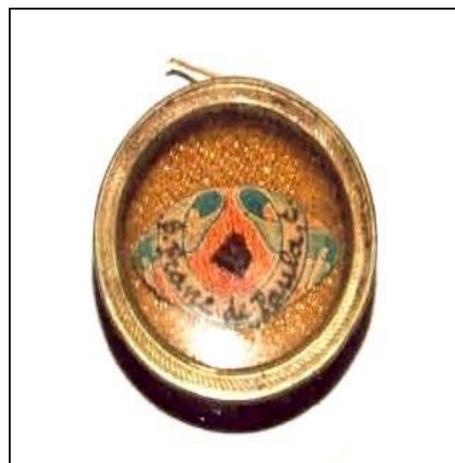
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1214 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, papel, vidro.
Dimensões (cm): Alt: 1,23 Diâm: 4,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. FRANC. DE PAULO C."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

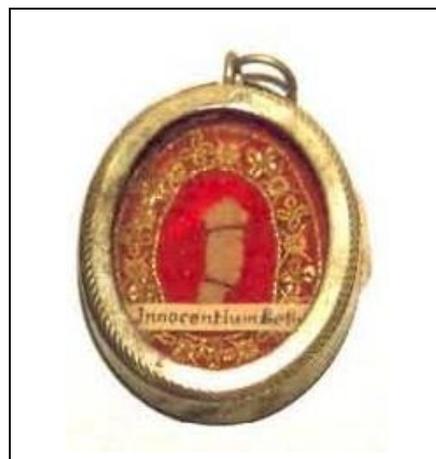
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1215 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, papel, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Larg: 3,0 Diâm: 4,5 Prof: 1,0
Marcas/Inscrições/Lendas: "INNOCENTIUM BETH"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 27.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1216 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Diâm: 3,5 Prof: 0,7
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX EXUVISS REMMDE GALGANI"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1217 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, madeira, papel.
Dimensões (cm): Alt: 5,0 Diâm: 6,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "VBLE. J. F. CLET."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1218 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel.
Dimensões (cm): Larg: 3,0 Diâm: 5,0
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. BENEDICTI. AB."; "S. AMEY F.P.D."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1219 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, papel.
Dimensões (cm): Diâm: 3,0 Prof: 0,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX. SEPUL. D. N."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Medalha c/ relíquia X s/relíquia Título: Medalha Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1220 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, papel.
Dimensões (cm): Diâm: 3,0 Prof: 0,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "EX. SEPUL. D. N."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1221 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, papel.
Dimensões (cm): Diâm: 3 Prof: 0,5 Larg: 3
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

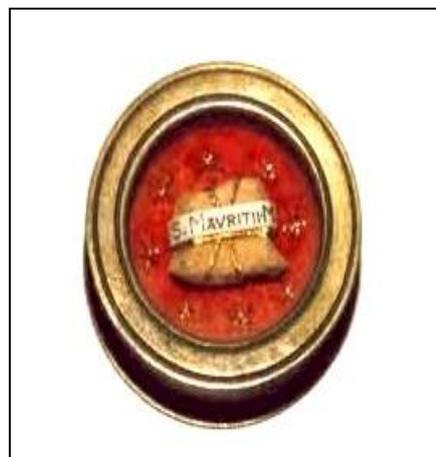
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1222 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido, papel.
Dimensões (cm): Diâm: 4 Prof: 1,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. MAVRITII. M"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO						
Proprietário: Ordem Beneditina						
Objeto: Caixa c/ relíquia <input checked="" type="checkbox"/> s/relíquia			Nº IPHAN: BA/05-0185.1223			
Título: Caixa Relicário			Nº Inventário: Não consta			
Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO			Época: Século XX			
Localização: Convento			Procedência: Mosteiro de São Bento			
Autoria: Não consta						
Categoria: Objeto devocional						
Matéria/Técnica: Madeira, vidro, tecido, papel.						
Dimensões (cm): Larg: 11,5 Compr: 18 Prof: 2						
Marcas/Inscrições/Legendas: "O DOCUMENTO AUTENTICO DA PRESENTE PARTICULA DO SANTO LENHO, DE 12 DE AGOSTO DE 1737, DEVIDAMENTE SELADO E ASSINADO, ESTA GUARDADO NO ARQUIVO DO MOSTEIRO DE S. BENTO. PLÁCIDO NB."						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X			
Atributos existentes:			Observações:			
Data de Elaboração: 29.01.2015			Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Palma c/ relíquia X s/relíquia Título: Palma Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1224 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XVIII Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 27 Larg: 12 Peso: 165g
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. THERESIA JESU V"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1225 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Papel, tecido.
Dimensões (cm): Larg: 4,5 Comp: 5,5 Prof: 1,5
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 29.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1226 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Papel, tecido.
Dimensões (cm): Larg: 4,6 Comp: 5,5 Prof: 1,5
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1227 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, papel, tecido.
Dimensões (cm): Larg: 3,3 Comp: 4,3 Prof: 1,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "ST UNDEIM MILI... DU NOISETCER DE L'APPARETION - ST SABINAE"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
			X		

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.1228 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 6,2 Diâm: 4,8
Marcas/Inscrições/Legendas: "S. BENEDICTI JOPEPH SABRE"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Ostensório c/ relíquia X s/relíquia Título: Ostensório Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.2100 Nº Inventário:
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: 1º. pavimento Mosteiro	Época: Século XIX/XX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 35 Larg: 9,95
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Cruz c/ relíquia s/relíquia X Título: Cruz Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.2101 Nº Inventário:
--	--

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: 1º. pavimento Mosteiro	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Metal.
Dimensões (cm): Alt: 7 Larg: 4 Prof: 0,5
Marcas/Inscrições/Legendas: "INRI"; "IHS" no verso



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.02.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

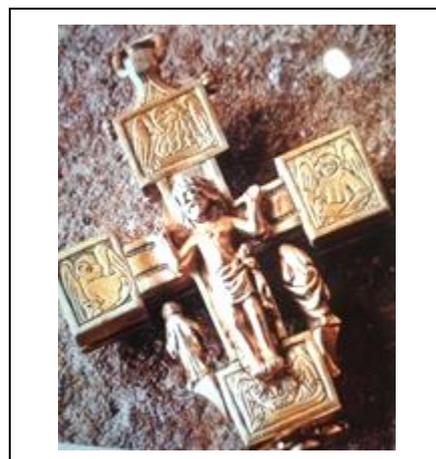
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Cruz c/ relíquia X s/relíquia Título: Cruz Relicário	Nº IPHAN: Nº Inventário:
--	---------------------------------

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: 1º. pavimento Mosteiro	Época: Século XVII Procedência: Mosteiro de São Bento
---	--

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto de devoção
Matéria/Técnica: Metal.
Dimensões (cm): Alt: 10 Larg: 10 Prof: 0,2
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 02.09.2016 Responsável: Francisco P. Guimarães	Data/Fotógrafo: 2016 / Francisco Portugal Fonte:
---	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Palma c/ relíquia X s/relíquia Título: Palma Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.2141 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 27 Larg: 12 Peso: 165 g
Marcas/Inscrições/Lendas: "S. JOANNIS A. CRUC."; "G"



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Urna c/ relíquia X s/relíquia Título: Urna Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.2557 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 32 Larg: 30 Prof: 20
Marcas/Inscrições/Legendas: Não constam



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	
		X				

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO
Proprietário: Ordem Beneditina

Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário	Nº IPHAN: BA/05-0185.2568 Nº Inventário: Não consta
--	---

Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento	Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento
---	---

Autoria: Não consta
Categoria: Objeto devocional
Matéria/Técnica: Metal, vidro, papel, tecido.
Dimensões (cm): Alt: 1,5 Diâm: 3,5 Peso: 35 g
Marcas/Inscrições/Legendas: "DE CRUCE D. NJE..."



Conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X			

Atributos existentes:	Observações:
-----------------------	--------------

Data de Elaboração: 30.01.2015	Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo
Responsável: Francisco P. Guimarães	Fonte: IPHAN/BA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO						
Proprietário: Ordem Beneditina						
Objeto: Caixa c/ relíquia X s/relíquia Título: Caixa Relicário			Nº IPHAN: BA/05-0185.2651 Nº Inventário: Não consta			
Origem: IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO BENTO Localização: Convento			Época: Século XIX Procedência: Mosteiro de São Bento			
Autoria: Não consta						
Categoria: Objeto devocional						
Matéria/Técnica: Vidro, papel.						
Dimensões (cm): Alt: 2,3 Diâm: 6,2						
Marcas/Inscrições/Legendas: "CINERES 200 MARTYRUM ET ALIORUM."						
Conservação:		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
		X				
Atributos existentes:			Observações:			
Data de Elaboração: 30.01.2015			Data/Fotógrafo: 2005 / Heraldo			
Responsável: Francisco P. Guimarães			Fonte: IPHAN/BA			

ANEXO A – LA INVOCACIÓN, VENERACIÓN Y RELIQUIAS DE LOS SANTOS, Y DE LAS SAGRADAS IMÁGENES

Manda el santo Concilio a todos los Obispos, y demás personas que tienen el cargo y obligación de enseñar, que instruyan con exactitud a los fieles ante todas cosas, sobre la intercesión e invocación de los santos, honor de las reliquias, y uso legítimo de las imágenes, según la costumbre de la Iglesia Católica y Apostólica, recibida desde los tiempos primitivos de la religión cristiana, y según el consentimiento de los santos Padres, y los decretos de los sagrados concilios; enseñándoles que los santos que reinan juntamente con Cristo, ruegan a Dios por los hombres; que es bueno y útil invocarlos humildemente, y recurrir a sus oraciones, intercesión, y auxilio para alcanzar de Dios los beneficios por Jesucristo su hijo, nuestro Señor, que es sólo nuestro redentor y salvador; y que piensan impíamente los que niegan que se deben invocar los santos que gozan en el cielo de eterna felicidad; o los que afirman que los santos no ruegan por los hombres; o que es idolatría invocarlos, para que rueguen por nosotros, aun por cada uno en particular; o que repugna a la palabra de Dios, y se opone al honor de Jesucristo, único mediador entre Dios y los hombres; o que es necedad suplicar verbal o mentalmente a los que reinan en el cielo.

Instruyan también a los fieles en que deben venerar los santos cuerpos de los santos mártires, y de otros que viven con Cristo, que fueron miembros vivos del mismo Cristo, y templos del Espíritu Santo, por quien han de resucitar a la vida eterna para ser glorificados, y por los cuales concede Dios muchos beneficios a los hombres; de suerte que deben ser absolutamente condenados, como antiquísimamente los condenó, y ahora también los condena la Iglesia, los que afirman que no se deben honrar, ni venerar las reliquias de los santos; o que es en vano la adoración que estas y otros monumentos sagrados reciben de los fieles; y que son inútiles las frecuentes visitas a las capillas dedicadas a los santos con el fin de alcanzar su socorro. Además de esto, declara que se deben tener y conservar, principalmente en los templos, las imágenes de Cristo, de la Virgen madre de Dios, y de otros santos, y que se les debe dar el correspondiente honor y veneración: no porque se crea que hay en ellas divinidad, o virtud alguna por la que merezcan el culto, o que se les deba pedir alguna cosa, o que se haya de poner la confianza en las imágenes, como hacían en otros tiempos los gentiles, que colocaban su esperanza en los ídolos; sino porque el honor que se da a las imágenes, se refiere a los originales representados en ellas; de suerte, que adoremos a Cristo por medio de las imágenes que besamos, y en cuya presencia nos descubrimos y arrodillamos; y veneremos a los santos, cuya semejanza tienen:

todo lo cual es lo que se halla establecido en los decretos de los concilios, y en especial en los del segundo Niceno contra los impugnadores de las imágenes.

Enseñen con esmero los Obispos que por medio de las historias de nuestra redención, expresadas en pinturas y otras copias, se instruye y confirma el pueblo recordándole los artículos de la fe, y recapacitándole continuamente en ellos: además que se saca mucho fruto de todas las sagradas imágenes, no sólo porque recuerdan al pueblo los beneficios y dones que Cristo les ha concedido, sino también porque se exponen a los ojos de los fieles los saludables ejemplos de los santos, y los milagros que Dios ha obrado por ellos, con el fin de que den gracias a Dios por ellos, y arreglen su vida y costumbres a los ejemplos de los mismos santos; así como para que se exciten a adorar, y amar a Dios, y practicar la piedad. Y si alguno enseñare, o sintiere lo contrario a estos decretos, sea excomulgado. Mas si se hubieren introducido algunos abusos en estas santas y saludables prácticas, desea ardientemente el santo Concilio que se exterminen de todo punto; de suerte que no se coloquen imágenes algunas de falsos dogmas, ni que den ocasión a los rudos de peligrosos errores. Y si aconteciere que se expresen y figuren en alguna ocasión historias y narraciones de la sagrada Escritura, por ser estas convenientes a la instrucción de la ignorante plebe; enséñese al pueblo que esto no es copiar la divinidad, como si fuera posible que se viese esta con ojos corporales, o pudiese expresarse con colores o figuras. Destiérrese absolutamente toda superstición en la invocación de los santos, en la veneración de las reliquias, y en el sagrado uso de las imágenes; ahuyéntese toda ganancia sórdida; evítese en fin toda torpeza; de manera que no se pinten ni adornen las imágenes con hermosura escandalosa; ni abusen tampoco los hombres de las fiestas de los santos, ni de la visita de las reliquias, para tener convitonas, ni embriagueces: como si el lujo y lascivia fuese el culto con que deban celebrar los días de fiesta en honor de los santos. Finalmente pongan los Obispos tanto cuidado y diligencia en este punto, que nada se vea desordenado, o puesto fuera de su lugar, y tumultuariamente, nada profano y nada deshonesto; pues es tan propia de la casa de Dios la santidad. Y para que se cumplan con mayor exactitud estas determinaciones, establece el santo Concilio que a nadie sea lícito poner, ni procurar se ponga ninguna imagen desusada y nueva en lugar ninguno, ni iglesia, aunque sea de cualquier modo exenta, a no tener la aprobación del Obispo. Tampoco se han de admitir nuevos milagros, ni adoptar nuevas reliquias, a no reconocerlas y aprobarlas el mismo Obispo. Y este luego que se certifique en algún punto perteneciente a ellas, consulte algunos teólogos y otras personas piadosas, y haga lo que juzgare convenir a la verdad y piedad. En caso de deberse extirpar algún abuso, que sea dudoso o de difícil

resolución, o absolutamente ocurra alguna grave dificultad sobre estas materias, aguarde el Obispo antes de resolver la controversia, la sentencia del Metropolitano y de los Obispos comprovinciales en concilio provincial; de suerte no obstante que no se decrete ninguna cosa nueva o no usada en la Iglesia hasta el presente, sin consultar al Romano Pontífice.

ANEXO B – LAUDO DE EXAME ANTROPOMETRICO**LAUDO DE EXAME ANTROPOMÉTRICO 3868.2014**

ÓRGÃO REQUISITANTE: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
AUTORIDADE REQUISITANTE: FRANCISCO DE ASSIS PORTUGAL GUIMARÃES
ÓRGÃO DESTINO: MUSEU DE ARTE SACRA
PERICIANDO: IGNORADO
DATA DO EXAME: 12.05.2015
LOCAL DO EXAME: INSTITUTO MÉDICO LEGAL NINA RODRIGUES - IMLNR
PERITOS: Dr. PAULO SERGIO PEIXOTO DE ARAUJO

PREÂMBULO

No dia acima referido, os peritos: Paulo Sergio Peixoto de Araujo e Liz Magalhães Brito, analisaram a peça pericial registrada neste Instituto sob nº 3868.2014.

HISTÓRICO

No Ofício nº 077/2014, emitido pela Universidade Federal da Bahia, Museu de Arte Sacra UFBA/MAS, assinado pelo Sr. Diretor Francisco de Assis Portugal dirigido a Sra. Diretora do IMLNR Dra. Ana Maria Rolim, consta que :

“Foi encontrado entre os objetos sacros deste Museu de Arte Sacra da UFBA, uma pequena caixa, contendo um crânio, tido como uma relíquia santoral secular. Deste modo, trata-se de um objeto de valor não só religioso como de relevância científica, histórica e cultural.

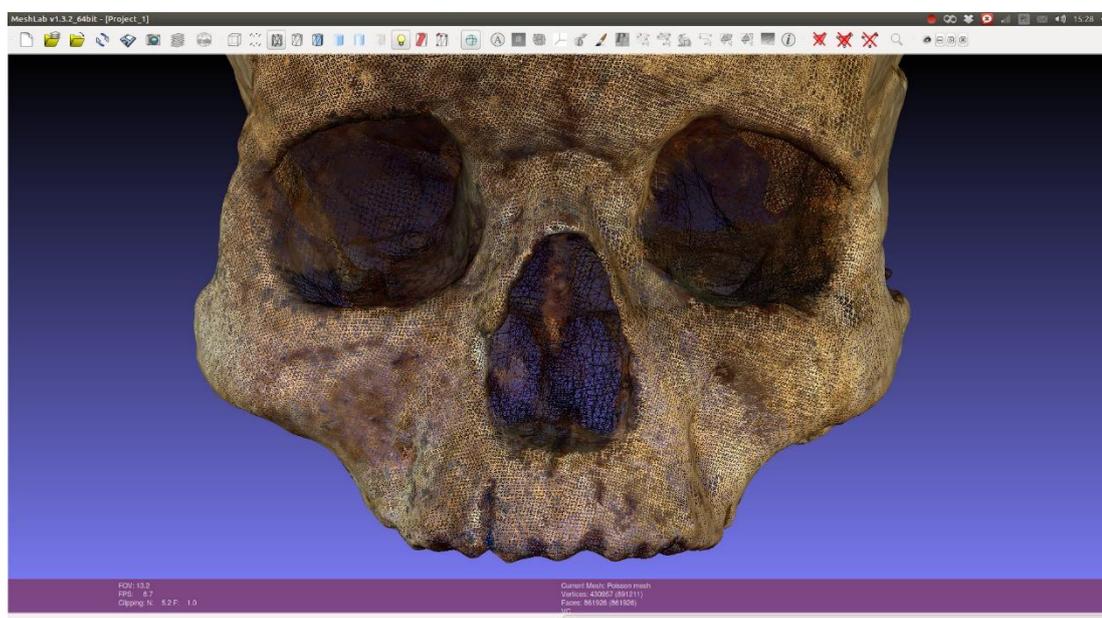
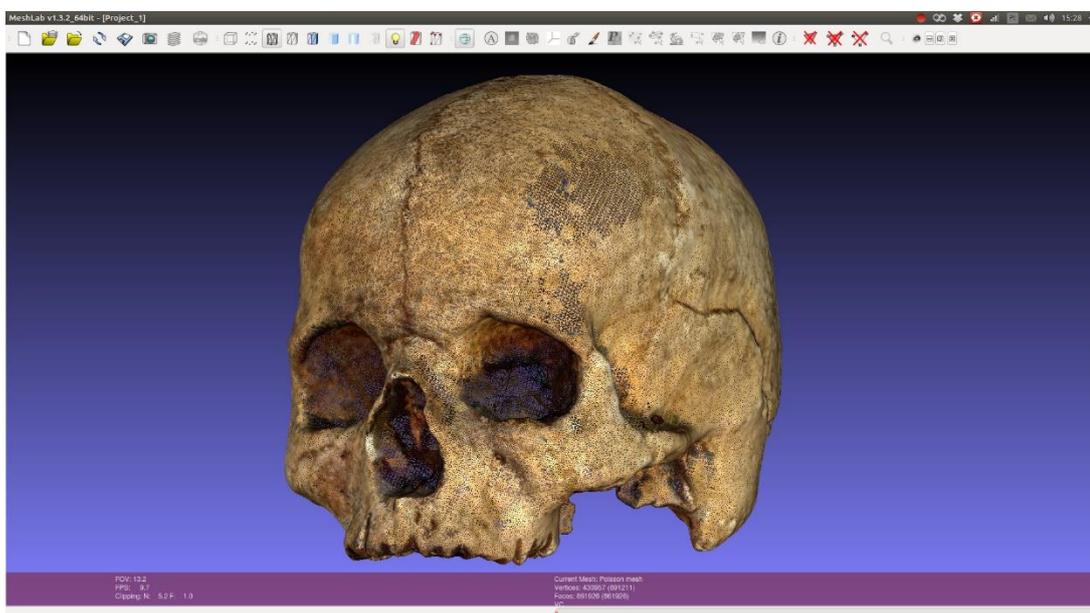
Por esses motivos considerados, torna-se importante aprofundarmos algumas informações acerca do crânio, sobretudo o de se detectar o sexo do indivíduo ao qual pertencia.

Assim, solicitamos a V. As. os préstimos deste conceituado Instituto, por meio do seu setor de antropologia, para que se proceda as análises necessárias à elucidação da questão”.

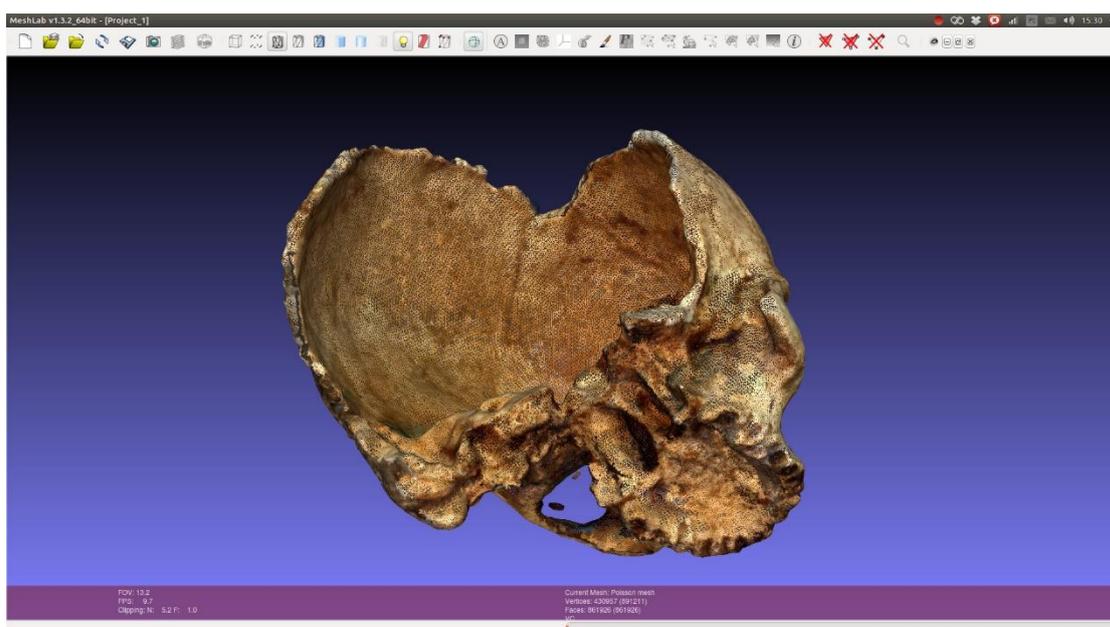
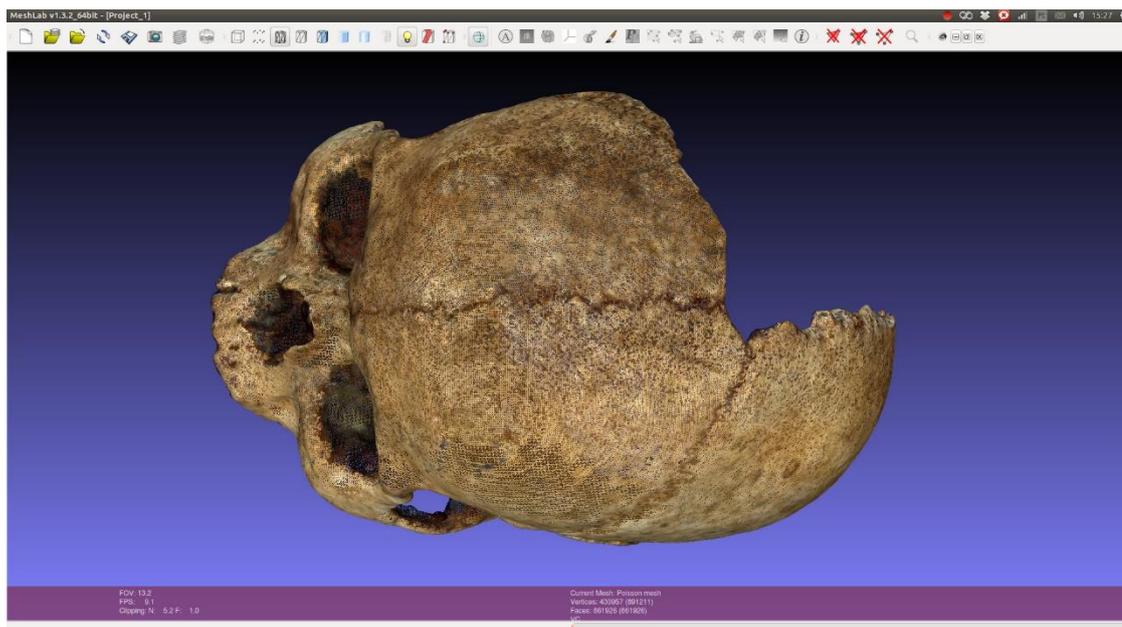
RECEPÇÃO DO MATERIAL DE PERÍCIA

Foi recepcionado pelo Setor de Antropologia do IMLNR, procedente do Museu de Arte Sacra, um crânio esqueletizado, parcialmente destruído em razão da desmineralização óssea, possivelmente produzida pela ação do tempo, para determinação de sexo.

Fotografias do crânio escaneado 01 a 06.







PREPARAÇÃO DO MATERIAL PARA EXAME

Alíquotas para Exames Complementares

Foi preservado material (in natura) e recolhido fragmento da tábua óssea parietal esquerda, para exame de DNA (confirmação de sexo), e enviado ao Laboratório Central de Polícia Técnica – LCPT, na data de 26.08.2014.

Registro nº 3868.2014

A efetiva identificação do sexo da ossada ora em exame poderia ser concretizada através de exame pelo Estudo do DNA. Foi solicitado estudo para identificação do sexo ao LCPT, mas não obtivemos resposta do exame solicitado (Laudo não fornecido).

Critérios para Preparação das Peças Anatômicas

As peças anatômicas, para estudo antropométrico, foram preparadas obedecendo aos seguintes critérios:

Lavagem

Secagem

O crânio foi escaneado para ensaio de reconstrução facial.

Em razão da não realização do exame de DNA solicitado ao LCPT, passamos a examinar o referido crânio pela metodologia antropológica e antropométrica usuais.

ESTUDO MORFOLÓGICO PARA DETERMINAÇÃO DA ESPÉCIE

Crânio de adulto, normalmente constituído, sem deformidades anatômicas. Os ossos exibem características anatômicas próprias e incontestáveis, compatíveis com ossos da espécie humana, não carecendo de maiores análises técnicas.

AVALIAÇÕES ANTROPOLÓGICAS

ESTUDO MORFOLÓGICO DOS OSSOS DO CRÂNIO E FACE

Trata-se de crânio de adulto, normalmente constituído.

Osso frontal com dismorfismo pela persistência da sutura metópica. Apresenta, em suas três dimensões, escama frontal, glabella, margem supra-orbital, incisura frontal e supra-orbital, suturas fronto-nasal, fronto-maxilar e inter-nasal.

Osso parietal esquerdo apresentando em suas três dimensões: linha temporal superior, margem sagital, occipital, frontal e escamosa conservados.

Osso temporal esquerdo apresentando em suas três dimensões: parte escamosa, meato acústico interno, processo zigomático.

Dois maxilares apresentando em suas três dimensões: processo frontal, zigomático, palatino e alveolar, espinha nasal anterior, abertura piriforme e fossa canina conservadas.

Vômer, palatinos, malares, nasais, lacrimais, conchas inferiores com alterações dignas de registro em razão de desmineralização natural avançada consequente a exposição do material ao tempo e meio ambiente. Ausênciado osso hioide, mandíbula ausente.

Na visão tridimensional apresenta:

Pela norma superior:

Arcos zigomáticos visíveis. Crânio de forma brissóide.

Pela norma basilar ou inferior:

Ausência dos condilos occipitais.

Pela norma frontal ou anterior:

Fronte vertical, glabella pouco proeminente, discreta, arcos superciliares discretos, curva naso-frontal suave, rebordos supra-orbitários cortantes.

Pelas normas laterais:

Apófise mastóide proeminente. Inserções musculares rugosas e ásperas.

Pela norma posterior:

Ausência do osso occipital.

Estudo das Suturas Cranianas

Observam-se, nesta perícia, as seguintes características nas sinostoses das suturas cranianas: Médio-Frontal – Persistente, sugerindo caso de dismorfismo.

ESTUDO ANTROPOMÉTRICO PARA ESTIMATIVA DO SEXO

Estimativa do sexo de crânios pode ser feita utilizando a análise da função discriminante e de traços visualmente acessados (Walker 2008) comparados aos padrões amplamente usados para coleta de dados do sistema de classificação de traços de crânios de restos esqueléticos humanos (Buikstra e Ubelaker, 1994).

A análise de características cranianas e a avaliação ordinal desses traços de dimorfismo sexual foram utilizadas para calcular funções discriminantes da determinação do sexo. Nesse particular foram examinados:

CRISTA NUCAL

Através do perfil lateral do occipital e comparação com diagramas.

O crânio, objeto de perícia, foi apresentado sem o osso occipital prejudicando essa avaliação.

PROCESSO MASTÓIDE

Fornece características de comparação de seu tamanho com o de estruturas adjacentes, tais como, meato auditivo externo e processo zigomático do osso temporal.

Processos mastoídes variam consideravelmente em suas proporções. A variável mais importante em marcar essa característica é o volume do processo mastoide.

1. Um processo mastoide muito pequeno que projeta apenas uma pequena distância abaixo das margens inferiores do meato auditivo externo e do sulco digástrico é considerado como:

- Mínima expressão (avaliação = 1)

2. Um processo mastoide maciço com comprimentos e larguras várias vezes maior do que a do meato auditivo externo é considerado como:

- Máxima expressão (avaliação = 5)

Nesse caso a variação = 4/5

MARGEM ORBITAL

Processo comparativo utilizando-se a margem da órbita na área lateral ao forame supra-orbital.

1. Margem extremamente afiada, quando a borda parece a ponta de uma faca cega

- Mínima expressão (avaliação = 1)

2. Margem espessa e arredondada com uma curvatura que se aproxima a de um lápis

- Máxima expressão (avaliação = 5)

Nesse caso a variação = 4/5

ÁREA DA GLABELA

1. Visão do crânio desde sua lateral comparando-se com o perfil de glabella / supra-orbital.

- Mínima expressão (avaliação = 1)

2. Glabella e / ou crista supra-orbital enorme e de uma projeção em forma de pão arredondado.

- Máxima expressão (avaliação = 5)

Nesse caso a variação = 1/2

EMINÊNCIA MENTAL

Comparação entre a suavidade da eminência mental sua pouca projeção e uma eminência mental mais massiva que ocupa maior parte da porção anterior da mandíbula.

O crânio, objeto de perícia, não foi apresentado com o osso mandibular.

A regressão logística tem sido utilizada para derivar funções discriminantes para uso na identificação de crânios de populações com padrões de dimorfismo sexual craniano. Utilizando-se os parâmetros descritos acima, obtidos através do processo comparativo dos traços cranianos, e aplicando-se as equações propostas pode-se distinguir utilizando-se 0 (zero) como ponto de corte, homens de mulheres. Crânios com valores de função discriminante calculados em menos de 0 (zero), são mais propensos a serem de homens e crânios com valores de 0 (zero) são mais propensos a serem de mulheres.

No caso em questão os valores calculados por essa metodologia indicam indivíduo do sexo masculino.

A avaliação antropométrica, pela apófise mastóide, quando submetida aos critérios de análise da função discriminante contidos nos trabalhos de Galvão, L C 1998, revelou:

Medidas do Crânio – Galvão L.C.C 1998 – II

APÓFISE MASTÓIDE	APOMAST	37 mm
------------------	---------	-------

CURVA FRONTAL	CF	130 mm	
DADOS ESTATÍSTICOS	Nº MEDIDAS / PROBABILIDADES	CONFIANÇA / ACERTO	
	MASCULINO	FEMININO	%
MÉDIA E INTERVALO CONFIANÇA	1	0	95,00 %
ANÁLISE FUNÇÃO DISCRIMINANTE	PROVÁVEL		69.15 %
REGRESSÃO LOGÍSTICA	99,90 %		80.30 %

A avaliação antropométrica, pela medida da fossa incisiva e distancia do forame palatino maior, contidos nos trabalhos de Adas, Saliba C. (1999) revelou:

Medidas do Crânio – Adas, Saliba, C. 1999

FOSSA INCISIVA / ESP. NASAL POSTERIOR	FI / ENP	44 mm
DISTÂNCIA SUTURA FRONTO ZIGOMÁTICA D / E	STZD / STZE	ZERO
DISTÂNCIA BREGMA / LÂMBDA	B / L	ZERO
DISTÂNCIA FORAME PALATINO MAIOR D / E	PALMD/PALME	36 mm

FOSSA INCISIVA / ESP. NASAL POSTERIOR

F = 40.43 a 42.10

M = 43.09 a 44.72

DISTÂNCIA FORAME PALATINO MAIOR D / E

F = 33,22 a 34.47

M = 35.38 a 36.51

ESTUDO PARA ESTIMATIVA DA ANCESTRALIDADE

As metodologias empregadas permitiram a estimativa de que o material tenha pertencido a indivíduo de características Africana.

Fenótipo – Cor da Pele – Índice Nasal

	VALORES	INDICES	LEUCODERMA	MELANODERMA
--	----------------	----------------	-------------------	--------------------

	MEDIDOS	REFERENCIAS		
LARG PIRIF/NÁSIO-ENA	25/47	INDICE NASAL	Até 47,9	> 53,0

Indivíduos negros possuem maior ângulo de convexidade, devido ao posicionamento anterior do arco basal. O grau e a natureza do chamado prognatismo, atribuído aos negros, na verdade constitui-se numa protrusão maxilar.

ESTUDO PARA ESTIMATIVA DA IDADE

Suturas Cranianas

Nos casos de dismorfismo as suturas não são fidedignas e se tornam inviabilizadas para avaliação e interpretações, devido a permanência atípica da sutura metópica que geralmente se fecha aos 08 anos de idade

Somente para ensaio e em caráter estritamente experimental, (atribuindo-se tratar de um indivíduo com características morfológicas do sexo feminino), foi realizado um estudo desse crânio sobre a ótica da Reconstrução Facial Forense, tendo sido o mesmo avaliado pela metodologia de Reconstrução Facial Digital utilizando-se dos SOFTWARE ABERTOS: BLENDER, PPT-GUI E MESHLAB a partir do modelo efetuado em scanner 3D pelos Drs. Cicero Moraes e Paulo Miamoto, com a seguinte projeção adiante. Posteriormente, os estudos antropométricos constataram indivíduo de características masculinas.



COMENTÁRIO FORENSE

Fundamentados nas avaliações morfológicas, e nos dados técnicos obtidos, os peritos oferecem as seguintes comentários:

1. No que pese apresentar algumas características morfológicas de comparação predominantemente femininas, no contexto métrico, trata-se de crânio masculino.
2. Valorizando-se todos os achados antropométricos a condução nos leva a indivíduo de características masculinas.
3. Trata-se de crânio com características masculinas se analisado nos aspectos antropométricos oferecidos pelos trabalhos de Galvão, L C
4. Trata-se de crânio de indivíduo negro.

E, para constar, lavrou-se o presente laudo, que vai rubricado e assinado pelo perito.



Dr. Paulo Peixoto
CRM - 3794

ANEXO C – LAUDO PERICIAL CGEN 2015 000644

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA TÉCNICA
LABORATÓRIO CENTRAL DE POLÍCIA TÉCNICA**

OF. Nº. 1378/2015/L.C.P.T.
Salvador, 21 de outubro de 2015.

Universidade Federal da Bahia
Museu de Arte Sacra
Francisco de Assis Portugal Guimarães
Diretor
Salvador/BA

Assunto: Análises em fragmento de crânio.

Senhor Diretor,

Em atendimento ao Ofício nº. 130/2014, datado de 31/10/2014/MAS/UFBA, estamos encaminhando o Laudo Pericial CGen 2015 000644.

Atenciosamente,

Dr. Paulo Sérgio Portela de Oliveira

Diretor do L.C.P.T.





GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
 Secretaria da Segurança Pública
 Departamento de Polícia Técnica
 Laboratório Central de Polícia Técnica
 Coordenação de Genética Forense



LAUDO PERICIAL CGen 2015 000644

No dia 27/08/2014 foi recebida na Coordenação de Genética Forense do Laboratório Central do Departamento de Polícia Técnica da Bahia (DPT/SSP-BA), procedente do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues - IMLNR, a Requisição de Exame Pericial nº 3868/14, datada de 26/08/2014 e assinada pelo Perito Médico Legista Paulo Sergio Peixoto de Araújo, encaminhando como amostra questionada: 01 (um) fragmento de crânio coletado de indivíduo de identidade ignorada – **SISAP 2014 022247, protocolo LCPT 12298/14**.

OBJETIVO DA PERÍCIA

Identificar sexo do indivíduo de identidade ignorada amostrado pelo fragmento de crânio (**Req. 3868/14 – SISAP 2014 022247**).

EXPOSIÇÃO

Os Peritos signatários, designados pelo Sr. Diretor deste Laboratório para realização da perícia acima mencionada expõem a seguir as análises realizadas e os resultados de seus trabalhos.

ANÁLISES REALIZADAS

A amostra questionada (**Req. 3868/14 – SISAP 2014 022247**) foi submetida a procedimento de extração do DNA nuclear, adotando-se as metodologias de extração automatizada e, em seguida, orgânica. Foram realizadas amplificações para *loci* de STRs autossômicos. Os perfis das seqüências do DNA foram pesquisados por Reação em Cadeia da Polimerase¹ (PCR), utilizando-se de seqüências iniciadoras marcadas com

¹ Produção de cópias de fragmentos de DNA em razão exponencial a partir de uma quantidade inicial.

substâncias emissoras de fluorescência detectadas mediante a leitura óptica a laser em seqüenciador automático. As informações dos *loci*² de Repetições Curtas Consecutivas ou STRs de cromossomos autossômicos foram pesquisadas utilizando-se de sistemas ou produtos comercializados em *multiloci*, metodologias recomendadas pelo fornecedor e validadas para análise forense de DNA.

RESULTADOS/CONCLUSÕES

Do que fica exposto, conclui-se que:

1. Não foi possível obter perfil genético a partir da amostra encaminhada: fragmento de crânio (**Req. 3868/14 – SISAP 2014 022247**).
2. Não foi possível determinar o sexo do indivíduo amostrado pelo fragmento de crânio (**Req. 3868/14 – SISAP 2014 022247**).

Todo material foi utilizado para realização das análises.

Salvador, 20 de julho de 2015.


Luis Rogério Gomes Machado da Silva
Perito Criminal
Cad.: 20.452.715-3


Alessandro dos Santos Carvalho
Perito Criminal
Cad.: 20.446.511-5

² Local ou região da seqüência do DNA estudada (*Loci* – plural, *Locus* – singular).